Minha vida é uma mentira.
Tudo o que me restou foi
um nome.

CAT PATRICK



intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Recomeço

CAT PATRICK

TRADUÇÃO DE RACHEL AGAVINO



Copyright © 2012 by Cat Patrick. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
Revived

PREPARAÇÃO
Sheila Louzada

REVISÃO
Suelen Lopes
Marcela Lima

FOTO DA CAPA
© Jessica Neuwerth

ADAPTAÇÃO DA CAPA
Julio Moreira

REVISÃO DE EPUB
Fernanda Neves

GERAÇÃO DE EPUB
Simplíssimo Livros

E-ISBN
978-85-8057-476-0

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube

» » »




intrínseca

»

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Epígrafe
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29

Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Epílogo
Agradecimentos
Sobre o autor
Conheça outro título da autora

Para Noah…
Você está sempre ao meu lado,
segurando minha mão.

Eu vi um remédio
Capaz de insuflar vida em uma pedra,
Despertar uma rocha e fazer você dançar a canária
Em grande fervor e celeridade; seu simples toque
Teria o poder de levantar o rei Pepino, e mais que isso,
De fazer o grande Carlos Magno empunhar uma pena
E lhe escrever um verso de amor.

WILLIAM SHAKESPEARE, *TUDO BEM QUANDO TERMINA BEM*

1

Estou estirada no chão, debatendo-me na pista de corrida aquecida pelo sol, ao lado do campo de futebol americano. Parecia feita de asfalto, mas agora, deitada aqui, percebo que, na verdade, é uma imitação esponjosa. Tem um cheiro forte, como se fosse recém-instalada. Há uma mulher ajoelhada junto ao meu ombro direito, gritando ao celular:

— O nome dela é Daisy… hum… — Ela inspira com força. — Não sei o sobrenome!

Por uma fração de segundo, também não sei.

— Appleby — berra outra professora.

— Appleby — repete a mulher para o atendente do serviço de emergência. — Parece que ela está tendo uma reação alérgica.

Abelha, tento falar, mas não consigo respirar. A palavra não sai.

Meus braços e minhas pernas em espasmos parecem cobras venenosas para os alunos que formam um círculo à minha volta: eles pulam para trás, assustados. Arquejo desesperadamente, mas só consigo inspirar uma mísera porção de ar. Sei que não tenho muito tempo.

Quando a professora de educação física nos mandou correr na pista externa a fim de nos aquecermos para o jogo de vôlei, a ideia de ficar ao ar livre me deixou animada. Talvez meu rosto ficasse um pouco mais corado. Mas então uma ameaça preta e amarela veio zunindo para perto de mim e ainda achou que seria uma boa ideia convidar algumas amigas. Apertei o número um da discagem rápida no instante em que senti a familiar ferroada; só espero que Mason chegue a tempo.

Uma onda de tranquilidade percorre meu corpo: não vai demorar muito agora. Tudo, da cabeça aos dedos dos pés, relaxa. Quando o risco de levar um chute desaparece, o círculo de curiosos volta a se formar. Meus olhos percorrem cada rosto acima de mim. São todos estranhos; comecei o ensino médio ontem, e nenhum conhecido do ensino fundamental faz a aula de educação física.

A maioria das pessoas está com cara de apavorada. Algumas garotas estão chorando. O diretor chega e tenta controlar a multidão de alunos, mas a excitação da desgraça alheia parece exercer uma atração magnética sobre eles.

— Afastem-se — grita ele. — Deixem os paramédicos passarem!

Mas ninguém presta atenção. Ninguém se afasta. Em vez disso, sem perceber, as pessoas formam um bloqueio entre mim e a ajuda.

Encontro os olhos de uma garota negra bonita cujo armário fica perto do meu. Ela parece amigável o bastante para ser a última pessoa que verei. Não está chorando, mas a expressão em seu rosto é de pura agonia. Talvez nos tornássemos amigas.

Olho fixamente para ela, que me observa até minhas pálpebras se fecharem.

A multidão prende o ar.

— Ah, meu Deus!

— Façam alguma coisa!

— Ajudem! — implora a voz de um garoto.

Ouço sirenes se aproximando. Pés calçados de tênis se afastam de mim às pressas, provavelmente abrindo caminho para os paramédicos. Será que são Mason e Cassie ou paramédicos de verdade?

Meus braços ficam completamente inertes.

— Daisy, aguente firme! — grita uma garota.

Gosto de pensar que foi minha quase amiga, mas não abro os olhos para conferir. Em vez disso, minha mente fica em branco. Os sons perdem a clareza. O mundo se reduz a nada e, antes que eu possa ter outro pensamento,

já estou morta.

2

— Pegou tudo? — sussurra Mason na escuridão, enquanto andamos depressa até o utilitário à nossa espera.

É madrugada em Frozen Hills, Michigan, e em poucos minutos partiremos para a próxima cidade.

— Sim — respondo, certa de que não deixei nada para trás, além de móveis e roupas fora de moda; já passei por isso antes, conheço o processo.

— Pode deixar que eu levo isso — diz Mason, apontando para a mala que arrasto pelo caminho de pedra.

Aceito porque o procedimento me deixou um pouco zonza. Ainda não voltei ao normal. Mason pega a mala, e o que pareciam tijolos para mim se reduz a penas em suas mãos. Ele a joga em cima de outras e fecha o porta-malas do carro silenciosamente.

Sento-me no banco traseiro. Cassie se vira por um momento e olha para mim do banco do carona, depois volta a se concentrar em seu trabalho. Ela ainda está usando um uniforme falso de paramédico, mas jogou um casaco cinza-claro por cima. O cabelo louro-avermelhado está preso em um rabo de cavalo firme e eficiente. Ela ajeita os óculos de aro fino, que a fazem parecer mais velha, empurrando-os para cima do nariz enquanto lê em seu supercomputador disfarçado de smartphone.

Observo Mason entrar mais uma vez para a inspeção final e fico admirando o exterior da casa na qual me acostumei a morar durante os últimos três anos. É uma casa de dois andares, feita de tijolos vermelhos com venezianas pretas, construída na época em que ainda se usava telégrafo; vou sentir falta de seus rangidos e sua personalidade. A poucos minutos de deixá-la para sempre, percebo que talvez essa casa tenha sido a minha favorita. Se bem que a próxima pode ser ainda melhor.

Começo a pensar em como vou decorar meu quarto novo até que vejo faróis se aproximando. Fico animada quando um sedã preto encosta e dois homens de preto saltam de dentro dele; é sempre meio eletrizante ver a equipe de limpeza chegar. Embora eles provavelmente nunca tenham estado aqui, passam pelo portão baixo de ferro preto e sobem os degraus da entrada sem hesitar. Mason sai bem na hora em que um dos agentes estende a mão para a maçaneta. Eles se

cruzam sem falar nada, cumprimentando-se apenas com um rápido aceno de cabeça.

Vejo a porta se fechar atrás dos agentes. Como uma coruja caçando na noite, arregalo os olhos em busca de movimento dentro da casa, mas as janelas continuam escuras; a noite, silenciosa. A menos que sejam flagrados entrando, não se tem como saber que estão lá. Discretos como ninjas e usando casacos de *fleece* e calças pretos, eles apagarão todos os vestígios de minha família falsa, deixando a casa tão genuinamente vazia que o corretor que vier vendê-la não suspeitará, nem por um minuto, que ninguém além de um jovem casal amigável e sua malfadada filha adolescente moraram ali.

Depois de pôr a casa em ordem, a equipe vai se infiltrar na vizinhança pelo tempo que for necessário para acalmar os ânimos, espalhando boatos sobre a triste família que voltou para o Arizona ou a Geórgia ou o Maine a fim de superar a perda. Os boatos sempre começam com o cara de rosto comum no posto de gasolina ou a jovem tímida usando o computador na biblioteca.

Os agentes — os *discípulos* — são treinados como médicos, cientistas, detetives e guarda-costas, mas sempre achei que a maioria também poderia fazer carreira em Hollywood.

Mason, em seu papel recorrente de pai devotado, enfim se acomoda no banco do motorista. Está usando uma calça jeans gasta, mocassins e um suéter marrom confortável. Com seus olhos verdes cansados e o cabelo escuro (já com alguns fios brancos) despenteado, ele se encaixa perfeitamente no papel que vem representando há onze anos.

— Para onde vamos? — pergunta ele a Cassie.

Ela responde com seu carregado sotaque sulista sem tirar os olhos do computador minúsculo:

— Omaha, no Nebrasca.

Mason assente e engata a ré. Olho mais uma vez para minha antiga casa, em busca de sinais da presença de agentes do governo lá dentro, em vão. Então expiro profundamente, deixando para trás este dia e esta cidade, e ponho um travesseiro entre minha cabeça e o vidro frio da janela. No momento em que saímos da garagem e pegamos a rua, já estou dormindo.

* * *

Quando abro os olhos, está claro lá fora. Muito claro. Do tipo que me faz ter

vontade de jogar uma pedra no sol. Estou com torcicolo e um gosto horrível na boca. Olho para Mason pelo retrovisor; ele sente que está sendo observado e diz:

— Bom dia.

Como está usando óculos escuros, não sei se ele está olhando para mim ou para a estrada.

— Oi — murmuro.

— Como se sente? — pergunta ele.

— Dor de cabeça.

— Isso é normal.

— Eu sei.

— Água? — oferece Cassie, me estendendo uma garrafa sem olhar na minha direção.

Pego a garrafa e tomo metade em dois segundos, em seguida olho pela janela, para a paisagem irreconhecível que passa zunindo a cento e vinte quilômetros por hora.

— Onde estamos? — pergunto.

— Illinois — responde Mason.

— ILLINOIS?!

Cassie tem um leve sobressalto, mas não olha para mim. Respiro fundo, o que por alguma razão me faz bocejar alto. Esfrego os olhos para espantar o sono e, em um tom mais moderado, pergunto:

— Por quanto tempo eu dormi?

Mason olha rapidamente para Cassie e então confere o relógio de pulso.

— Eu diria que umas oito horas — diz ele, em tom tão casual como se estivesse comentando sobre o tempo.

— *Oito* horas? Como é possível?

— Eles adicionaram um calmante… para minimizar os efeitos colaterais — explica Mason.

Assinto, ainda um pouco tonta.

— Talvez devessem diminuir a dose. A menos que estejam planejando me nocautear.

— Vou informar isso — diz Cassie, os olhos cravados na telinha do telefone.

Entre nós, ela pode assumir sua personalidade de robô viciado em trabalho.

— Qual será nosso novo sobrenome? — pergunto.

Toda vez que nos mudamos, ganhamos um sobrenome novo. Os nomes

continuam os mesmos, para evitar confusão.

— West — responde Mason.

— Hum… — murmuro, experimentando mentalmente meu novo sobrenome.

Daisy West. Muito mais legal que Daisy Johnson, de Palmdale, mas talvez meigo demais. Embora nem de longe tão ruim quanto Daisy Diamond, meu nome em Ridgeland.

— Acho que o melhor até hoje foi Appleby — concluo em voz alta.

— Você só estava acostumada — retruca Mason. — West é um bom nome.

Dando de ombros, começo a pensar em como passar o tempo.

— Queria que pudéssemos ir de avião — resmungo para mim mesma, mas Mason escuta.

— Seria bom mesmo — concorda ele.

Infelizmente, nosso quarto passageiro, Recomeço — o composto ultrassecreto que traz os mortos de volta à vida — torna isso impossível. O medicamento é precioso demais para ser despachado e muito secreto para embarcarmos com ele como bagagem de mão. Então, sempre que nos mudamos, temos que ir de carro; e toda vez que viajamos de carro, não tenho muito o que fazer para me distrair. Queria poder ler, mas fico enjoada, e, como fomos embora muito de repente, meu iPod está descarregado. Por fim, começo a contar as placas de quilometragem até estar a ponto de fazer xixi nas calças. Peço a Mason para parar em um posto de gasolina e, como já é quase meio-dia, aproveitamos para almoçar na lanchonete de lá também.

* * *

Depois de uma ida ao banheiro — surpreendentemente inofensivo —, vou ao encontro de Mason e Cassie, sentados a uma mesa nos fundos do lugar. Eles estão um de frente para o outro, em silêncio, parecendo típicos marido e mulher. Em uma fração de segundo, tomo minha decisão e me sento ao lado de Cassie, escolhendo fingir ser a garotinha da mamãe. Ela olha para mim e abre um sorriso caloroso.

Estamos em público agora, então ela parece humana.

— Você é a cara da sua mãe — diz a garçonete quando vem anotar nossos pedidos.

Já ouvimos isso antes, mas a comparação não é verdadeira. O cabelo louro

de Cassie é liso e tem várias mechas avermelhadas, ao passo que o meu é ondulado e tão mais escuro que é praticamente castanho-claro. Os olhos de Cassie são redondos e azul-escuros como o oceano, enquanto os meus são mais claros que o céu ao meio-dia, além de um pouco afastados e amendoados. Ela tem quase um metro e oitenta de altura, e eu não chego a um e setenta. Ela é cheia de curvas; e eu preciso comprar calça jeans na seção masculina.

Mas o que torna esse comentário ainda mais absurdo é que Cassie é apenas treze anos mais velha que eu.

Ainda assim, entramos no jogo.

— Obrigada! — diz Cassie, levando a mão ao peito como se estivesse muito lisonjeada.

— Hum… é, valeu — resmungo, torcendo para parecer uma adolescente comum que não faz questão de ser parecida com a mãe.

Na verdade, tirando o fato de ela mal ter personalidade, Cassie é bonita. Gosto que as pessoas digam que me pareço com ela.

— De nada — responde OI, MEU NOME É BESS. — Então, o que vão querer?

Peço um hambúrguer vegetariano e um milk-shake de chocolate. Mason pede café e omelete à espanhola. E Cassie pede ovos cozidos, torrada integral e fatias de melão.

Bess anota tudo em seu bloquinho e se afasta. Então, quase rápido demais para ter sido preparada após os pedidos, a comida chega nos braços estendidos da garçonete. Ela rapidamente serve os pratos, enche xícaras de café e pega sachês de ketchup do bolso do avental.

— Desejam mais alguma coisa? — pergunta.

Nós três balançamos a cabeça em negativa, e ela se afasta.

Comemos em silêncio. Engulo meu almoço como se nunca tivesse visto comida na vida e me pergunto se, além do calmante, os cientistas do laboratório principal também acrescentaram ao Recomeço alguma substância para acelerar o metabolismo. Sei que é bobagem, então não pergunto nada a Mason. Mas não posso deixar de notar que os pratos dele e de Cassie ainda estão pela metade enquanto no meu praticamente só restam migalhas.

— Por que Omaha? — pergunto a Mason no momento em que ele enfia na boca um pedaço de omelete.

Vejo sua mandíbula se mexer enquanto ele mastiga devagar e deliberadamente. Depois de engolir, ele responde:

— É uma das cidades preferidas dele.

Mason está se referindo ao mentor do projeto Recomeço. Praticamente invisível e à frente de um programa que revive os mortos, ele ganhou o apelido de Deus.

— Por quê?

— Porque é discreta, imagino. Nem pequena nem grande demais. Quase não aparece nos noticiários. Amigável. Recentemente revitalizada. Sabe o que isso significa, não sabe?

Reviro os olhos em resposta.

— Então, de modo geral, seria um bom disfarce. Desde que…

— O quê? — pergunto.

Mason observa as mesas à nossa volta e depois responde em voz baixa:

— Desde que não aconteçam mais *incidentes*.

— Não foi de propósito, você sabe — digo baixinho.

— Nunca é — retruca Mason, me encarando. — Mas você não estava com a sua injeção de epinefrina.

— Esqueci em casa — falo depressa.

É mentira.

Na verdade, perdi tanto tempo decidindo o que vestir que me sobraram apenas cinco minutos para arrumar o cabelo de um jeito que pelo menos parecesse estiloso. Saí correndo para a escola e só meio quarteirão depois me lembrei da injeção que poderia ter salvado minha vida. Eu não estava tão atrasada a ponto de não poder voltar para buscá-la, mas por algum motivo não voltei.

Mason foi treinado para saber quando as pessoas estão mentindo e estreita os olhos para mim. Imagino que Cassie esteja fazendo o mesmo, mas não olho na direção dela para conferir. Por um momento acho que Mason vai me confrontar, mas por sorte ele muda de assunto.

— Daisy, acho que você deveria saber que quase não conseguimos trazê-la de volta dessa vez — diz ele, tão baixinho que as palavras parecem estar sendo sopradas.

Seu jeito direto não me intimida, estou acostumada — Mason me trata como uma agente, não como filha —, mas fico surpresa com a ideia da morte definitiva.

— O medicamento estava ruim?

— Não, estava normal. Foi… você.

— Ele quase declarou a hora da morte — intervém Cassie.

Chocada, olho para ela, depois de volta para Mason.

— Sério?

— Foi muito estressante — diz Mason.

Algo parecido com preocupação lampeja rapidamente em seus olhos verdes e então desaparece. Penso por um instante, logo chegando ao que considero uma conclusão bastante racional:

— Mas deu tudo certo no fim, então está tudo bem.

— Mas talvez não haja uma próxima vez — insiste ele. — Estou apenas pedindo para que tome cuidado. Lembra o que aconteceu com Chase?

Sinto um embrulho no estômago com essa recordação: sete anos depois do acidente de ônibus que deu início a tudo isto, Chase Rogers morreu de novo, subitamente. Foi reanimado várias vezes, mas — pelo que Mason me disse — seu organismo parecia ter desenvolvido resistência ao medicamento. Então, morreu de verdade.

— Não sou como ele — digo baixinho.

Bess traz a conta, e por isso ficamos em silêncio por alguns minutos.

— Não sou como ele — repito quando a garçonete se afasta de novo.

Mason olha bem no fundo dos meus olhos.

— Espero que não. Apenas tome mais cuidado, está bem?

— Ok — concordo.

Outra família é conduzida para a mesa bem atrás da nossa, então a conversa termina, pelo menos por enquanto.

— Minhas lindas mulheres já terminaram? — pergunta Mason, erguendo a voz para que os outros escutem.

A mãe na mesa atrás de nós suspira. Mason sabe ser encantador quando quer.

Baixo os olhos para o meu prato, onde só sobraram as partes de que não gosto: cebolas cruas, alface murcha e um pedaço de picles.

— Hum… já — falo, com minha melhor imitação de voz de adolescente entediada.

— Com certeza — diz Cassie, dando um tapinha em sua barriga reta. — Estou empanturrada.

— Ótimo — diz Mason. — Então vamos nessa.

Seguimos até o balcão. Enquanto esperamos que Mason pague a conta, Cassie ajeita uma mecha rebelde do meu cabelo comprido, daquele jeito automático e distraído que as mães fazem. Ela me olha com amor. Eu reviro os

olhos e afasto sua mão.

Depois de Mason deixar cinco dólares de gorjeta para Bess na mesa, ele abre a porta da lanchonete, fazendo um sininho tocar, e a segura para sua esposa e filha passarem. No estacionamento, enquanto os outros ainda podem nos ver, cravo os olhos no chão e sigo três passos atrás de meus pais, que caminham de mãos dadas, e Cassie solta uma risada alta.

Então entramos no carro e partimos.

3

Talvez seja por crescer fazendo parte de uma elaborada experiência científica, mas não consigo abandonar um lugar sem fazer uma espécie de avaliação. Por isso passo as últimas horas da viagem relembrando os últimos três anos em Frozen Hills: uma análise mental de Daisy Appleby executada pela recém-batizada Daisy West.

Fomos morar em Frozen Hills quando eu estava prestes a começar o sétimo ano, depois que morri por asfixia em Ridgeland, Mississippi. Quer dizer, nos arredores de Ridgeland, para ser mais precisa: eu estava nadando perto de algumas casas flutuantes no lago e me intoxiquei com monóxido de carbono por causa de um barco sendo acelerado em ponto morto.

Se era para morrer de novo, acho que foi uma sorte ter acontecido no verão, antes do início das aulas. Mais que isso: o ensino fundamental em Frozen Hills ia do sétimo ao nono ano, então eu iria para uma nova escola junto com todos aqueles garotos e garotas de aparelho e cheios de espinhas. Dias depois de eu ter terminado de decorar meu quarto, com inspiração no filme *Juno*, as aulas começaram.

— Pensando nos últimos anos? — pergunta Mason, interrompendo meus pensamentos.

Ele sorri para mim pelo retrovisor. Já sabe como meu sistema funciona.

— Sim — admito. — Estou me lembrando de uma festa de aniversário.

— Ah… — Ele assente. — Da Nora…

— Fitzgerald — completamos Cassie e eu ao mesmo tempo.

— Essa mesma — falo, antes de mergulhar novamente em minhas lembranças.

Nora Fitzgerald.

Ela morava na nossa rua, em uma casa pintada de um tom chamativo de amarelo, com venezianas verde-escuras e uma placa de bem-vindo na porta. A mãe dela era aquele tipo de mulher excessivamente alegre que aparece à sua porta com biscoitos recém-saídos do forno no exato momento em que o caminhão de mudança estaciona na rua. Aquela vontade da Sra. Fitzgerald de descobrir tudo sobre nossa vida irritava Cassie. Paranoica, ela comentou várias vezes que era bem capaz de a Sra. Fitzgerald ser, na verdade, uma espiã de

algum governo estrangeiro tentando roubar a fórmula do Recomeço. Dizia que "dona de casa do subúrbio" seria o disfarce perfeito.

Duas semanas depois de nos mudarmos, Nora apareceu à nossa porta, sem dúvida forçada pela mãe, com um convite de aniversário na mão.

"Oi", disse ela. "Meu nome é Nora."

"Eu me lembro… vocês nos trouxeram biscoitos", falei. "Eu sou Daisy."

"Legal."

Ficamos nos encarando em silêncio, eu pensando que Nora parecia uma Barbie e me perguntando se ela teria alguma roupa que não combinasse desde a presilha do cabelo até os sapatos, e ela olhando para meus shorts de barra desfiada e minha camisa listrada de vermelho e branco como se eu fosse uma alienígena.

"Aqui", disse ela por fim, me estendendo um pequeno envelope roxo. "É o convite para minha festa de aniversário no próximo fim de semana."

"Ah, valeu."

"De nada", disse ela. "Até lá."

No fim de semana seguinte, inventei que estava doente e, sentada à janela do meu quarto coberto de pôsteres, vi os convidados chegarem à casa de Nora. Pensando bem, aquele provavelmente foi o momento que definiu Daisy Appleby. Naquelas primeiras semanas de aula, as pessoas só falavam do aniversário de Nora: foi uma festa mista, e quem não foi não era ninguém. Pelo resto do ano Nora foi simpática comigo nos eventos do bairro e corredores da escola. Mas, no oitavo ano, ela tirou o aparelho, já precisava usar sutiã e estava a caminho de se tornar a rainha da escola. E eu não era nada além da vizinha esquisita e antissocial. Sem perceber, eu havia esnobado a garota mais popular do colégio.

Isso me tornou invisível.

Não que eu me importasse.

O programa Recomeço é secreto, portanto ser invisível na escola não era ruim. Mesmo que eu faça amigos, não posso ficar muito próxima deles. Minha família é uma fachada, e podemos nos mudar a qualquer momento.

Mesmo assim, eu não me sentia sozinha em Frozen Hills. Participava de um grupo de estudos depois da aula e, de vez em quando, saía com um ou outro colega. Além do mais, não sou o tipo de pessoa que fica constrangida por ir sozinha ao cinema ou a shows. Não sei quando as outras crianças começam a ter vergonha desse tipo de coisa, mas, felizmente, não aconteceu comigo.

* * *

Depois de catalogar minuciosamente três anos de lembranças, quando chegamos à nossa nova cidade — Omaha, no Nebrasca —, às nove da noite, cheguei à conclusão de que minha estadia em Frozen Hills tinha sido um sucesso. Terminei o ensino fundamental sem grandes problemas. Mantive o disfarce, não levantei suspeitas nem fiquei muito íntima de ninguém que precisasse abandonar depois.

Pronta para focar no futuro, presto atenção à cidade pela janela do carro.

— É maior do que eu imaginei — digo.

— É a cidade mais populosa do Nebrasca — informa Mason.

— Quantos habitantes? — pergunto, pois tenho certeza de que ele sabe. Mason é uma Wikipédia ambulante.

— Quase meio milhão — responde ele. — Aliás, existem diversas empresas de grande porte por aqui…

Esse é o perigo de apertar o botão de busca de Mason: se ele estiver no clima, vai começar a despejar informações sem nem parar para respirar.

Inevitavelmente eu me desligo, mas, para minha surpresa, meus pensamentos voltam a Frozen Hills. Normalmente faço a avaliação e depois deixo para lá. Mas, desta vez, algo me incomoda.

Houve uma oportunidade que não percebi?

— Está tudo bem? — pergunta Mason, percebendo minha distração.

— Sim. Só acho que talvez, se receber algum convite para uma festa de aniversário em Omaha, eu acabe aceitando.

4

Paro de decorar meu quarto novo quando ouço o alerta de mensagens do celular. É Megan, uma das crianças que morreram comigo em Iowa, há onze anos. Uma das catorze “crianças do ônibus” que fazem parte do grupo de teste do programa Recomeço. Megan mora em Seattle, mas mantemos contato. No início, o que nos unia era o programa. Mas ficamos cada vez mais próximas, como irmãs que acabam percebendo que também são amigas.

Toco na tela para ler a mensagem.

Megan: Você não postou nada… Tudo bem?

Sob os pseudônimos de Florzinha e Fascinante, Megan e eu escrevemos juntas um blog chamado *Autópsia Geral*, no qual dissecamos músicas, livros, moda, culinária e o que mais tivermos vontade. A ideia do blog é fazer um debate, com um estilo meio ela disse/ela disse — ou ela disse/ele-ela disse, pois Megan é transgênero —, e, se uma de nós não posta, não fica tão legal.

Respondo:

Daisy: Desculpe, tivemos que nos mudar.

Há uma pausa. Imagino os olhos sempre delineados de Megan se arregalando até quase saltarem das órbitas, e essa imagem me faz rir bem alto.

Megan: De novo???!!!???

— Infelizmente — digo, mesmo que ela não possa me ouvir. Depois digito:

Daisy: De novo. Abelhas.

Megan: Acho que vou começar a chamar você de Docinho.

Daisy: Por favor, não. Prometo que vou postar duas vezes esta semana. Estou arrumando meu quarto. A gente se fala mais tarde.

Megan: Amo muito você, amiga.

Daisy: Eu amo mais.

Deixo de lado o telefone e pego o rolo de pintura.

As pessoas devem achar que é uma estupidez perder tempo decorando um lugar que provavelmente terei que abandonar em breve, mas, para mim, deixar a minha marca em cada novo quarto é parte fundamental de qualquer mudança. Afinal, convenhamos: eu moro com agentes secretos obcecados por ciência; o quarto é meu refúgio. E, mais do que isso, faz parte do disfarce. Se algum dia alguém quiser visitar meu quarto, ele tem que combinar com minha personalidade. Tem que parecer legítimo.

Durante os três primeiros dias em Omaha, enquanto Mason e Cassie instalam o laboratório no porão, faço de conta que sou uma decoradora de um daqueles programas de tevê e crio meu espaço perfeito. Como ainda não tenho carteira de motorista, preciso que Mason me leve ao Target, um mercado de móveis no Nebrasca que é uma loucura, e à loja de tinta. Mas, depois disso, somos só eu e minhas ideias.

Nesta casa, opto por um estilo neutro. Pinto as paredes de um tom suave de cinza e com um tapete felpudo cubro a maior parte do piso de madeira, que precisa ser encerado urgentemente. A nova estante branca ocupa uma parede inteira, então posiciono o criado-mudo e o estrado da cama de Frozen Hills, também brancos, no pequeno recuo em L. Coloco a escrivaninha marrom que tenho desde os dez anos junto à maior janela, mas acho que não combina, então pinto o móvel de lilás.

Depois acrescento os pequenos detalhes que fazem toda a diferença. Organizo os livros pelas cores da lombada e os empilho horizontalmente nos pequenos nichos da estante: o pior pesadelo dos bibliotecários. Emolduro e penduro apenas as ilustrações e os pôsteres em preto e branco; enrolo todos os outros e os guardo embaixo da cama. Pechincho na internet e compro um adesivo de um D gigante, um espelho para pendurar na parede acima de minha nova penteadeira preta do Target, cortinas brancas transparentes e um pufe listrado de cinza e branco.

* * *

— Cadê o grampeador elétrico? — pergunto a Mason na véspera do primeiro dia de aula na Omaha Victory High School.

Ele está no escritório gesticulando comandos diante de uma tela enorme

ligada a um dos três minúsculos computadores da casa.

— Para que você quer isso?

— Estou trocando o estofado da minha cadeira — explico.

Não digo que estou cobrindo o assento com o tecido do meu antigo edredom. Embora, sejamos justos, eu esteja reciclando, então ele deveria ficar orgulhoso.

— Na garagem — diz Mason, esfregando os olhos. — Terceira gaveta à esquerda. E tome cuidado.

— Um grampeador não mata ninguém.

— Provavelmente não, mas o que acha de ficar cega?

— Vou usar óculos de proteção — digo.

Mason balança a cabeça para mim e volta ao trabalho.

Desço as escadas em busca das ferramentas.

* * *

Quando meu quarto está pronto, eu me sento e o aprecio por uns cinco minutos; depois fico ansiosa. Desço dois lances de escada, até o laboratório no porão, para ver como está ficando.

— Caramba, quanta luz! — exclamo, estreitando os olhos sob as lâmpadas fluorescentes que cobrem cada centímetro do teto.

— Precisamos enxergar o que estamos fazendo — retruca Cassie.

— Missão cumprida, pode ter certeza — falo.

Mason ri baixinho.

Corro os olhos pelo grande aposento, observando cada detalhe. Não é nada comparado ao laboratório principal, na Virgínia. Mas ainda assim é impressionante. Há duas estações de trabalho, ambas com os mesmos minicomputadores e monitores enormes do escritório no andar de cima. Tem também a máquina de PCR, usada para replicar DNA, que parece o cruzamento entre um aparelho de fax e um frigobar. Há centrífugas, agitadores e homogeneizadores, também conhecidos como secadoras de roupa. Há uma placa aquecedora e gelo-seco; uma máquina de banho-maria e uma balança. E, claro, dezenas de ratinhos barulhentos.

Todos os discípulos têm tarefas a cumprir, mas não são muitos os que possuem laboratórios como o nosso em casa. As missões variam desde monitorar

outros países em busca de descobertas similares ao Recomeço até gerir pesquisas de novas tecnologias e coordenar relocações e programas de vigilância. Os agentes que trabalham no laboratório principal tentam aprimorar a fórmula — fazendo testes de interações medicamentosas —, enquanto agentes como Mason e Cassie são responsáveis por manter saudáveis as pessoas que receberam a versão original do remédio. Dentro do programa, o trabalho dos meus pais de mentira é fazer testes e análises recorrentes com as crianças do ônibus. Para o resto do mundo, porém, Mason é psicólogo, e Cassie, dona de casa.

Como sempre, fico impressionada com o laboratório ultramoderno que surge do nada em um mero porão sem graça.

— Vocês estão indo muito bem — falo.

— Obrigado — diz Mason, sorrindo. — O espaço é maior que o de Michigan, o que já ajuda muito.

— É — concordo, dando mais uma olhada ao redor. Então meus olhos encontram os de Mason novamente. — Bem, meu quarto está pronto. Estou a fim de sair.

Ele ergue as sobrancelhas, espantado.

— Você precisa de alguma coisa?

— Não — respondo. — Quero me cadastrar na biblioteca. Ver se tem alguma loja de sapatos legal em Omaha. Talvez pegar um cineminha. Preciso fazer *alguma coisa* para me ambientar. As aulas começam amanhã, e eu não conheço nada nesta cidade.

Mason inclina um pouco a cabeça, refletindo.

— Tudo bem — fala, levantando-se e limpando as mãos na calça jeans. — Eu levo você.

Cassie olha para ele: se Mason sair, ela terá que terminar de arrumar o laboratório sozinha.

— Vamos todos — diz Mason a ela. — Daisy tem razão. Vai ser bom para todos nós conhecermos Omaha.

Cassie o encara por alguns segundos, então cede. Afinal, Mason é chefe dela.

— Pelo menos me deixe trocar de roupa.

* * *

Uma hora depois, estou parada no meio do deserto imaginando como seria não

ter água.

— Você acha que o Recomeço funcionaria se eu morresse de sede? — pergunto baixinho a Cassie, olhando para cima, na direção da cobertura do Domo do Deserto no zoológico de Omaha.

— Acho que sim — responde ela, observando um cacto. — Fizemos testes de desidratação em ratos. O índice de sucesso é de setenta e dois por cento.

— É melhor do que em casos de asfixia — digo.

— E afogamento — acrescenta Mason.

Pensar em água me faz lembrar uma parte do zoológico que eu quero ver.

— Vou visitar o aquário.

— Encontre a gente na entrada às três — diz Mason antes de se virar e se dirigir à casa dos morcegos.

Cassie parece hipnotizada pelo cacto, então decido ir sozinha para a experiência submarina.

* * *

— Sabe, eles são mais antigos que os dinossauros.

Desvio os olhos dos tubarões para o homem, dou um sorriso educado e volto a olhar para o tanque. Pelo canto do olho, percebo que ele também voltou a olhar para a água.

— Criaturas incríveis — acrescenta ele com a língua presa.

Sinto-me à vontade para responder.

— Prefiro as tartarugas-do-mar — falo, distraída, quando vejo uma passar nadando. Meu rosto está iluminado pelo brilho tremeluzente do mar.

— Hum… — murmura o homem. — Você tem razão… Elas também são espetaculares.

O homem e eu somos duas das talvez cinco pessoas no túnel que atravessa o aquário. Estamos sob o oceano, ou, pelo menos, uma versão artificial dele. É lindo e relaxante: um inferno claustrofóbico na Terra. Por um segundo me pergunto o que aconteceria se o vidro acima de nós rachasse. Eu acho que me afogaria. De novo.

— Não tem aula hoje? — pergunta o homem.

— Não — respondo. — Acabamos de nos mudar. As aulas começam amanhã.

— Mudanças podem ser difíceis — diz ele, em um tom de voz baixo e reconfortante.

— Aham.

— Em que ano você está?

— Vou começar o segundo ano do ensino médio.

— Ah, o ensino médio — diz ele baixinho, no momento em que outro tubarão passa. — Bem, espero que goste da cidade.

Fico apreciando os desenhos que o reflexo da água forma em meu rosto por um instante, e então falo:

— Obrigada. Tem alguma dica de bons lugares por aqui?

— Com quem está falando? — pergunta Cassie, surgindo ao meu lado.

Sobressaltada, desvio os olhos do mundo subaquático para fitá-la. Então olho para a direita, onde o homem estava. Não há nem sinal dele. Confusa, volto a encarar Cassie.

— Eu estava conversando com um cara, mas ele sumiu.

— Como ele era? — pergunta ela, de modo automático.

Estou acostumada com essa pergunta. Mason e Cassie estão sempre tentando me dar lições de vida, como me ensinar a ser uma boa observadora, por exemplo. Em geral, sou ótima nesse jogo, mas, quando penso no homem, a única palavra que me vem à mente para descrevê-lo é *comum*. Tento me lembrar da cor de seu cabelo ou de suas roupas. Tento lembrar se ele usava chapéu ou sapatos chamativos. Nada.

— Não lembro — digo, sendo sincera.

Cassie olha bem no fundo dos meus olhos por um momento, provavelmente esperando a usual lista de cores, texturas e trejeitos. Por fim, quando percebe que não vou dizer mais nada, toca em meu braço.

— Mason está esperando. Vamos.

A caminho do carro, eu me lembro de um detalhe sobre o homem: tinha a língua presa, e isso ficava aparente ao dizer certas palavras, como *criaturas.* Animada, olho para Cassie, querendo contar isso a ela.

Mas, como sempre, ela está falando ao telefone.

5

A Omaha Victory High School é uma instituição nova e funcional, com arquitetura moderna, pátios bem-cuidados e tecnologia de ponta. As aulas começam às 7h45 da manhã, mas Mason, Cassie e eu chegamos às sete para fazer a matrícula e pegar meu horário e a combinação do armário. Seguimos as placas pelos corredores quase desertos que têm cheiro de novo. Uma mulher de cabelo escuro e aparência surpreendentemente jovem usando calça jeans e blazer está à nossa espera na recepção.

— Sou a vice-diretora, Erin Waverly — diz ela, estendendo a mão.

— Mason West — cumprimenta Mason com um sorriso, apertando a mão da Sra. Waverly.

— Eu sou Cassie West. É um prazer conhecê-la. — Sua voz é mais açucarada do que um donut.

— E essa deve ser Daisy — diz a Sra. Waverly, olhando para mim com um sorriso amistoso. — Bem-vinda à Victory.

— Obrigada — respondo.

Seguimos a Sra. Waverly até a sala dela. Nós nos sentamos em um sofá pequeno em frente à mesa da vice-diretora enquanto ela examina minha certidão de nascimento ligeiramente alterada, meu histórico escolar forjado pelo governo, minha carteira de vacinação falsificada, mas com informações legítimas, e o comprovante de residência falso.

— Você era de uma turma especial em sua última escola — diz a Sra. Waverly antes de deixar o papel na mesa.

— Sim.

— Ela é espertinha — brinca Cassie, afagando meu cabelo.

— Mãe! — protesto baixinho, revirando os olhos para ela e fingindo constrangimento.

— Dá para ver que Daisy é uma boa aluna — diz a Sra. Waverly —, mas infelizmente as turmas do segundo ano estão mais cheias do que o normal por conta de algumas renovações do convênio; e todas as turmas especiais estão lotadas.

Mason se remexe desconfortavelmente no sofá.

— Mas você não conseguiria mais uma vaga?

A Sra. Waverly ergue uma das mãos.

— Antes que o senhor fique muito preocupado, acho que tenho uma solução.

— Ah, é?

— Sim. Com base nas notas de Daisy, acredito que ela vai acompanhar bem as aulas de matemática, biologia e inglês do terceiro ano.

Sinto algo esquisito no estômago: uma pontada de nervosismo. Já estou começando em uma escola nova em uma cidade que mal conheço; e, para piorar, agora estou prestes a ser empurrada para as turmas do terceiro ano? Se bem que, por outro lado, é melhor que o currículo do segundo ano.

É demais para mim.

Mas todos concordam com a proposta, e logo deixamos a sala sorridentes e otimistas. Eu me despeço de Mason e Cassie na entrada da escola, então vou procurar meu armário, abrindo caminho por entre vários alunos. Mestre em ser a "garota nova", observo o que eles vestem e percebo que minha camiseta vermelha na altura do quadril e minha calça jeans skinny desbotada foram a escolha certa para esta manhã.

Como um camaleão, eu me misturo aos estudantes.

* * *

— Belos sapatos — diz uma voz, acho que para mim.

Eu me afasto do armário para averiguar a fonte do comentário. Algumas portas adiante, uma garota bonita está apontando para minhas sapatilhas prateadas com glitter.

— Obrigada — digo, mexendo os dedos dentro dos sapatos. Lembranças de convites para festas de aniversário invadem minha mente, e decido manter a conversa: — Gostei do seu cabelo.

A garota passa a mão pelos fios em dois tons — louro-dourado na raiz e preto nas pontas —, e seu rosto se abre em um sorriso, desde o queixo digno de uma atriz de Hollywood até os olhos castanhos. Ela veste um vestido azul-turquesa leve e botas de cano baixo. Tenho certeza de que é a garota mais popular da escola. Tudo nela grita "descolada".

— Obrigada — diz ela. — Minha mãe acha horrível.

— Minha mãe detesta estas sapatilhas — falo, dando de ombros.

É uma meia verdade. Cassie detesta qualquer coisa remotamente brilhante

ou chamativa.

A garota ri.

— Meu nome é Audrey McKean.

— Daisy West — digo, sorrindo.

— Você deve ser nova por aqui. Eu conheço todo mundo.

Não falei? Popular.

— É o meu primeiro dia. Acabamos de nos mudar de Michigan.

Um garoto se aproxima de um dos armários e fica entre mim e Audrey, de forma que não conseguimos mais nos ver. Audrey espia por detrás dele e faz uma careta para mim, depois bate a porta de seu armário e se aproxima.

— E aí, qual é a sua primeira aula?

— Inglês — respondo. — Com o Sr. Jefferson, eu acho.

— Você é do terceiro ano?

— Segundo.

— Não acredito.

Ergo as sobrancelhas interrogativamente.

— Você parece mais velha — explica ela. — Deve ser muito nerd.

Encaro Audrey, surpresa.

— Brincadeira! — diz ela, dando um tapinha de leve no meu braço, como se nos conhecêssemos há anos. — Vou levar você até a sua sala. Minha aula de espanhol é bem perto.

— Puxa, obrigada. É muito legal da sua parte.

— Não é nada de mais — diz Audrey. — Venha, é por aqui.

* * *

Audrey e eu conversamos sobre nosso gosto em comum por sapatos do dia a dia durante todo o caminho até as salas de aula. Ela fala com entusiasmo sobre um novo tênis de corrida sem cadarço, e eu tagarelo sobre sapatilhas de bico fino *versus* redondo. É uma conversa quase tão natural quanto meus papos com Megan, tanto que, devo confessar, quando chego à sala fico desapontada.

— Ei, quer ir almoçar comigo lá fora? — pergunta Audrey.

— Eu… — começo, confusa por receber atenção de uma garota que *com certeza* tem amigos fazendo fila para sair com ela. Canalizo um pouco da paranoia de Cassie e olho para Audrey com desconfiança. — Hum…

— Ah — lamenta Audrey, seu rosto mostrando uma decepção tão leve que eu mal noto. — Tudo bem se você tiver outros planos. Só pensei que, como você é nova…

— Não — digo depressa, sem hesitar. — Não tenho planos. Eu adoraria ir. Podemos nos encontrar perto dos armários?

Audrey dá um sorriso radiante.

— Perfeito. Vejo você mais tarde!

* * *

O Sr. Jefferson me dá as boas-vindas à Victory, me entrega um livro com cheiro de sopa e a ementa da matéria impressa em papel amarelo e me encaminha para uma carteira vazia bem distante da porta. Sorrio para uma menina que me observa, mas ela desvia o olhar. Feliz por estar próxima à janela, me sento na carteira, que o sol da manhã já aqueceu. Pego um caderno e uma caneta na mochila e começo a ler a ementa enquanto os outros alunos vão chegando.

Sei quando o sinal está para tocar porque o Sr. Jefferson se levanta, vai até o tablado e pigarreia algumas vezes. Deixo a ementa de lado e observo a sala, notando com satisfação que ninguém parece muito intimidador.

Quando o sinal toca, dou um pulo no assento: é bem diferente do de Frozen Hills. Aqui o som parece uma versão mais longa do bipe mais grave de um teste de audição. Quando ele para, eu me endireito na cadeira e pego a caneta, pronta para anotar tudo. O Sr. Jefferson pigarreia outra vez — fico me perguntando se ele está gripado ou algo assim — e abre a boca para começar a aula.

Neste exato momento, um aluno entra correndo na sala e se senta na carteira vazia perto da porta. Curiosa, fico observando o garoto até o Sr. Jefferson pigarrear de novo. Talvez seja um tique. Olho para o tablado; o professor encara o aluno que acabou de entrar, mas não fala nada. Em vez disso, ele me apresenta.

— Turma, temos uma aluna nova começando hoje. — E faz um gesto na minha direção. Como peças de dominó tombando em sequência, as cabeças começam a se virar para mim. O Sr. Jefferson continua: — Esta é Daisy West, ela veio de Michigan. Vamos todos dar a ela calorosas boas-vindas à Victory.

Algumas pessoas murmuram “oi”; outras sorriem ou acenam. Dou um sorriso educado e espero que a atenção se desvie de mim.

Após alguns segundos, o Sr. Jefferson pigarreia, provavelmente pela

centésima vez, e começa a aula. Os dominós se viram, e eu solto o ar baixinho.

Mas fico com aquela sensação estranha de que há alguém me observando.

Com cautela, percorro a sala com os olhos. Todos na minha fileira e na fileira ao lado estão prestando atenção no que o Sr. Jefferson diz. Mas, quando chego à fileira junto à porta, vejo que o garoto que chegou atrasado está olhando para mim. E é aí que percebo algo que não tinha notado antes:

Ele é inegável e inacreditavelmente gato.

Em um gesto casual, ele afasta uma mecha do cabelo despenteado da testa. Nisso o restante, antes preso atrás das orelhas, se liberta, daquele jeito charmoso em que é impossível dizer se ele acabou de cortá-lo ou se precisa justamente fazer isso. Ele tem sobrancelhas escuras — como os vilões mais lindos da tevê — e os olhos castanhos amendoados lhe dão um ar de mistério, como se escondesse um segredo. Está sentado meio largado na carteira, usando camiseta verde desbotada e calça jeans surrada, e sorri para mim de um jeito que é quase… familiar. Então se vira para a frente, e eu sinto que caí das nuvens.

Passo o resto da aula observando-o, mas ele não olha mais para mim. Quando o sinal toca, eu desvio os olhos por alguns segundos, apenas o tempo de guardar minhas coisas e pegar a mochila, e, quando volto a olhar na direção da porta, ele já se foi. Fico decepcionada até me dar conta de que o verei de novo amanhã, e todos os dias até o final do ano.

Isso me faz agradecer muito à vice-diretora Waverly.

* * *

No almoço, Audrey e eu nos encontramos no lugar combinado.

— Oi! — digo ao me aproximar.

— Oi, Daisy! — responde Audrey, com um sorriso tão largo quanto o meu. — Como está indo?

— Muito bem, na verdade.

Desvio os olhos, sem graça.

— O que foi? — pergunta ela, percebendo minha vergonha.

— Nada. É só que tem um cara bonitinho na minha aula de inglês.

— Ahhh, sério? Quero saber tudo sobre ele… mas no caminho. Só temos quarenta e cinco minutos.

Fechamos nossos armários e nos viramos para sair bem no momento em que duas garotas passam por nós. Elas me lançam olhares curiosos, depois dão

um aceno rápido para Audrey, como se fossem obrigadas a falar com ela, mas não estivessem com vontade. Audrey as cumprimenta com a cabeça e depois volta a se concentrar em mim.

— Está com fome?

— Sempre.

— Então vamos.

* * *

Audrey me conduz habilmente pelos corredores apinhados de alunos e me mostra alguns atalhos do caminho até o estacionamento dos alunos. Em poucos minutos estamos em seu Mini Cooper amarelo.

— Amei seu carro — digo.

— Obrigada. Também amo. Só a entrada acabou com o dinheiro que eu ganhei trabalhando como babá durante dois verões, mas valeu a pena.

— Você deve ter trabalhado muito.

— Meus pais pagaram metade. — Ela parece um pouco constrangida.

— Eles parecem legais.

— Qual é o seu carro? — pergunta Audrey, saindo do estacionamento e pegando a rua principal.

— Nenhum… ainda. Faço dezesseis anos mês que vem, ainda não posso tirar a carteira.

— Fala sério! — diz Audrey, balançando a cabeça.

— Sério.

Nós duas rimos.

Audrey liga o rádio. Aperta alguns botões e sintoniza em uma estação que está tocando música alternativa. Então começa a tamborilar com os polegares no volante seguindo o ritmo da música.

— Gosta? — pergunta ela.

— Claro — respondo, sorrindo. — Ei, você já teve aula com a Sra. Chang?

— Geografia ou artes?

— Geografia. Existem duas senhoras Chang?

— Aham — responde Audrey, abrindo o vidro para uma brisa entrar no carro.

Coço um ponto da testa em que um minúsculo fio de cabelo estava fazendo

cócegas.

— Não, espere aí. Acho que a professora de artes é Chung, não Chang — diz Audrey.

— Bem, ela parece brava.

Audrey dá de ombros.

— Não sei. Não tive aula com nenhuma das duas.

Ela então sorri de um jeito engraçado, e não tenho como não rir também.

Audrey aumenta o volume quando começa a tocar uma música famosa, e seguimos sem conversar, balançando a cabeça e tamborilando no ritmo da melodia. Chegamos a uma pizzaria, e Audrey enfia o Mini em uma vaga como se a estivesse disputando com alguém. Lá dentro, nós duas pedimos o especial do dia: uma fatia de pizza e salada do bufê. Quando terminamos de comer, ainda temos algum tempo sobrando, então participamos de um jogo de perguntas e respostas e vencemos um trio de executivos metidos que usam calça de pregas da época da minha avó.

— Não acredito que você sabe que Iowa é o estado do falcão — diz Audrey quando estamos voltando para o carro, empanturradas de pizza e futilidades.

— O estado do *gavião* — corrijo.

— Ah, me desculpe, senhora especialista em Iowa — brinca Audrey.

— Olhe quem fala! Você sabe o nome todo do Eddie Vedder!

— Edward Louis Severson Terceiro — dizemos ao mesmo tempo, caindo imediatamente na gargalhada.

— Sério, *como* você sabe disso? — pergunto. — Você é uma grunge enrustida ou o quê?

— Minha mãe é louca por ele — diz Audrey, jogando para trás o cabelo do ombro. — Ela vive contando para a gente sobre os shows incríveis do Pearl Jam da época em que era jovem.

— A gente? — pergunto. — Você tem irmãos?

— Só um — diz Audrey. — Ele é do terceiro ano, lá da Victory. Vocês vão acabar se conhecendo.

— Ah, legal — digo, lisonjeada por Audrey presumir que vou conhecer a família dela.

Entramos no carro e, no instante em que ela gira a chave na ignição, caímos na gargalhada de novo: está tocando uma versão acústica de “Jeremy”, do Pearl Jam. Audrey começa a cantar, e não posso deixar de acompanhá-la; é claro que conheço a letra. Com as janelas abertas, assustando os pedestres pelos quais passamos, gritamos/berramos/cantamos bem alto durante todo o caminho de

volta à escola, como se fôssemos fãs da banda.

Como se nos conhecêssemos há muito tempo.

Só de noite, depois de postar no blog uma análise do álbum *Ten*, do Pearl Jam — que é velho à beça, mas ainda arrebenta —, paro e reflito sobre o dia.

Aceitei o convite metafórico para a festa de aniversário de Audrey: mergulhei de cabeça. E, no fim das contas, devo admitir que foi divertido. Mas, tendo crescido com agentes secretos, não consigo deixar de questionar meus próprios motivos. Fiz uma amiga hoje ou Daisy West estava apenas fingindo?

O alerta de mensagens do celular toca: é Megan.

Megan: Qual foi a do post? Sou eu que vivo na capital grunge dos Estados Unidos.

Daisy: Nossos seguidores não sabem disso.

Megan: Nenhum dos 372 ☺

Eu sorrio e digito:

Daisy: Imagino que em seu post você vá rebater tudo o que escrevi.

Mesmo quando concorda comigo, Megan se esforça para ser do contra.

Megan: Pode crer.

Pausa. Então ela pergunta:

Megan: O seu primeiro dia foi tranquilo?

Daisy: Acho que sim. Você já se perguntou se tem amigos de verdade mesmo tendo que mentir para eles sobre a sua vida?

Megan: Não. Você fez um AMIGO?

Daisy: Talvez.

Megan: Não é nenhum nerd de um grupo de estudos, é? Um amigo de verdade, de carne e osso?

Daisy: Os nerds eram meus amigos.

Megan: Você entendeu.

Daisy: Entendi… Não, ela é legal. Se chama Audrey.

Megan: Ei, D?

Daisy: O que foi?

Megan: Não se martirize por isso, ok?

Daisy: Vou tentar.

Megan: Ok, bom. Tenho que provar que você está errada no blog. Amo muito você.

Daisy: Eu amo mais. Tchau.

6

— Algum plano para hoje? — pergunta Mason quando me arrasto cozinha adentro, depois de não dormir quase nada.

Ontem à noite eu caí na besteira de pegar o último livro de uma série de ficção científica às oito e meia. Às dez eu estava arrebatada demais para largá-lo. Acabei indo dormir às duas da manhã.

— Não, nenhum — resmungo, me acomodando em uma cadeira. Mason vira uma panqueca na frigideira. — Você está cozinhando.

Na verdade, ele cozinha muito bem, só que raramente pratica.

— Você precisa de um café da manhã reforçado — diz ele. — Vamos fazer o teste anual hoje.

— Sério? — pergunto, em tom de protesto. — Sem aviso? E em pleno sábado?

— Sinto muito, Daisy — diz Mason, compreensivo. — Acho que é melhor quando você não fica sabendo antes. Assim não tem tempo para se preocupar.

— Mas por que agora? Os testes só costumam ser feitos próximos à data do acidente.

O ônibus caiu da ponte em um lago congelado, matando vinte e uma pessoas — sete delas para sempre — no início de dezembro. Normalmente, os testes são feitos uma vez por ano e próximos ao dia cinco de dezembro.

Mason está com uma expressão estranha.

— Deus pediu que eles fossem adiantados.

— Que esquisito — digo. — Não me lembro de isso ter acontecido antes… Já aconteceu?

— Não — responde ele.

— Bizarro.

— Também acho, mas sem dúvida ele tem seus motivos.

Mason joga três panquecas no meu prato.

— Pode ser no próximo fim de semana? — choramingo, antes de dar uma garfada. — Estou cansada — digo de boca cheia. Depois de engolir, continuo insistindo: — Não tem sentido fazer o teste tão cedo.

Mason olha para mim, a frigideira e a espátula nas mãos.

— Não importa o que você acha, isso não é opcional. — Seu tom áspero me surpreende. Geralmente Mason é mais calmo. Ele se vira para a pia e, quando se afasta, acrescenta, alto: — Vamos fazer o teste hoje. Fim de papo.

* * *

Certa vez li sobre os vários testes pelos quais os astronautas passam antes de receber a licença para ir ao espaço. Na minha humilde opinião, o exame anual do Recomeço é ainda mais rigoroso.

Primeiro há um exame, mas não exatamente “de rotina”. Claro, eles examinam meus olhos, ouvidos, os reflexos e o coração, mas depois fazem um exame neurológico completo e uma avaliação de equilíbrio e coordenação motora. Amostras de tecido e cabelo são colhidas para análise no laboratório; mesmo quando minha garganta está bem, é feita uma cultura. Fazem também um escaneamento da pele, registrando minuciosamente todos os meus sinais de nascença e qualquer outra marca. Reveem meus registros diários de saúde e alimentação, avaliam a gordura corporal e, então, passo por um teste pesado de resistência física.

Não é bem o que acontece nos consultórios médicos normais.

Então vem o teste de memória. É divertido, porque normalmente termina com uma discussão entre mim e Mason, e eu sempre ganho. No ano passado, ficamos uma hora discutindo se minha escola em Palmdale, na Flórida, ficava na avenida ou na rua Connecticut.

“Avenida”, falei.

“Errou”, disse ele.

“Não errei nada.”

“Você só tinha cinco anos. Não é possível que se lembre.”

“Tanto é possível que eu lembro. O ônibus da escola parava na esquina da avenida Connecticut com a rua Um.”

“Como você sabe essas coisas?”

“Sabendo.”

Eu não queria dizer que lembrava por causa dele; não queria dizer que olhava para aquela placa e desejava estar em Connecticut, e não na *avenida* Connecticut — tamanho era meu pavor de pegar o ônibus da escola. Só quando tive um acesso de choro certa manhã é que Mason percebeu que eu estava completamente traumatizada.

Depois disso ele passou a me levar de carro.

Após o teste de memória vem uma avaliação psicológica, que é um pouco constrangedora porque é conduzida pela minha figura paterna, mas até hoje sempre correu tudo bem. Depois faço um teste de QI, seguido por provas de matemática, biologia, inglês e interpretação de texto; o conteúdo das matérias varia de acordo com a idade.

Embora toda a sessão de testes seja uma tortura, às vezes até brutal, reconheço sua importância para o programa, por fornecer informações vitais sobre as crianças do ônibus. Mas tem uma parte que eu odeio: a coleta de sangue. Amostras de tecido são uma coisa — uma picada rápida na pele anestesiada —, mas ter quinze tubos de sangue retirados em um único dia é como ter sua vida sugada aos poucos. Começa com uma picada e termina com tontura.

É a pior parte.

Embora eu reconheça os benefícios dos testes do Recomeço — inclusive daquela terrível coleta de sangue —, o processo todo me leva à exaustão. Como moro com dois agentes e sou basicamente o ratinho de laboratório deles, meus testes duram apenas um dia, enquanto os dos outros convertidos levam quatro, às vezes cinco dias. Não há intervalo entre as sessões. Por exemplo, eu não tenho tempo para descansar a mente entre a avaliação psicológica e o teste de QI.

Depois que tudo termina, eu, exausta e confusa, assino meu nome — o original, Daisy McDaniel — na última página de um juramento que me prende a uma vida de eterno silêncio e faz de conta. Então, em vez de me arrumar e me enfeitar para uma festa, como todo mundo da minha idade faz em uma noite de sábado, eu visto o pijama e tento ficar acordada enquanto escovo os dentes.

Porque o solstício de verão não é nada comparado a isso; o dia mais longo do *meu* ano é o dia dos testes.

7

No domingo, acordo ao meio-dia, desorientada e com sede. Arrasto-me para fora da cama depois de me espreguiçar. Não sei bem por quê, mas dou uma olhada no celular antes de fazer qualquer outra coisa. Há uma mensagem de Audrey:

Audrey: Quer vir aqui em casa?

Ponho um sutiã, passo no banheiro e desço para falar com Mason. Ele não está na cozinha, então vou checar o porão.

No meio da escada, eu paro.

— … assim, do nada — diz Mason.

— Mas por que ele entraria em contato com Sydney? — pergunta Cassie. — Ela nem está ativa.

Prendo a respiração ao ouvir o nome de Sydney.

Cassie nem sempre foi a parceira de Mason. Sydney ficou conosco por cinco anos, até eu ter quase dez. Eu a amava como a mãe que nunca tive, mas ela se apaixonou por outro discípulo, ficou grávida e deixou o programa, trocando a família falsa por uma de verdade. Desde então, nunca mais falei com ela.

De acordo com as regras, quando você sai, é para sempre.

Mesmo sabendo disso, depois que Sydney partiu, eu passei meses me escondendo pela casa, fingindo que tudo estava bem, mas chorava à noite no travesseiro e implorava a Mason, em segredo, que a trouxesse de volta. Por mais que conhecesse as regras, me senti descartada como um sapato velho.

Me sentindo suja por ouvir às escondidas, termino de descer as escadas, mas desta vez piso forte, para alertá-los. Mason me repassa quase todas as informações relacionadas ao programa, mas sua expressão quando entro no laboratório me diz para não fazer perguntas. Pelo menos não agora.

— Posso ir à casa da Audrey?

Mason ergue as sobrancelhas, e Cassie, em geral inexpressiva, me olha surpresa.

— É a menina com quem você tem almoçado? — pergunta Mason.

— É.

— Ela convidou você?

— Não, vou aparecer lá do nada — respondo, sarcástica. — Claro que ela me convidou!

— Está bem — diz Mason, olhando para o amontoado de papéis e instrumentos científicos em sua mesa de trabalho. — Que horas?

— Agora.

— Pode esperar vinte minutos?

— Tudo bem.

Subo para o meu quarto e mando uma mensagem para Audrey, depois tomo um banho rápido, sem lavar o cabelo. Coloco um short, uma camiseta meio amassada e calço chinelos, porque parece que Omaha ainda não percebeu que já estamos no outono.

Mason me convence a comer antes de sairmos, então engulo meio sanduíche e belisco algumas cenourinhas. Antes de sair, pego um punhado de uvas. Estão doces e deliciosas; não resisto à tentação de enfiar todas na boca enquanto Mason me leva de carro até a casa de Audrey. Não estou muito a fim de conversar — não que eu pudesse, de qualquer modo —, então deixo minha mente vagar. Com as uvas na boca, acabo me lembrando da terceira vez que morri.

Eu tinha cinco anos e meio e frequentava um jardim de infância em horário integral, porque Mason tinha lido em algum artigo que isso era bom para o desenvolvimento infantil. Enfim, eu estava no refeitório, e talvez tenha pulado o café da manhã, ou gastado toda a minha energia no recreio, ou quem sabe eu fosse apenas uma criança esquisita. Só sei que eu estava faminta na hora do almoço. Engoli o sanduíche de geleia com manteiga de amendoim, peguei um punhado de uvas e enfiei todas na boca de uma vez.

Uma uva gigantesca ficou entalada na minha traqueia.

Como eu estava sozinha à mesa — minha única semiamiga tinha faltado naquele dia —, ninguém percebeu. Aparentemente, os ruídos de uma garotinha engasgando não são páreo para um refeitório cheio de crianças. Eu já estava no chão quando um aluno do quinto ano, por acaso, passou por mim.

Sydney chegou usando um uniforme de paramédico e me levou para a ambulância alugada, onde Mason estava à espera, pronto para me reanimar. É claro que não me lembro de quase nada dessa parte.

Acordei ofegante e morrendo de frio, sem contar que minha garganta doía por conta de um instrumento que Mason usara para desentalar a uva. Meus pulmões ardiam com o súbito retorno do oxigênio, e, durante os primeiros minutos, fiquei muito confusa, sem entender o que havia acontecido. Ao me

contar que eu tinha morrido de novo, Mason me abraçou pela primeira vez.

E é por isso que, por mais estranho que pareça, me lembro da minha terceira morte com uma pontinha de ternura.

— Acho que nem preciso dizer isso, mas você tem que tomar certo cuidado ao fazer novos amigos — diz Mason, interrompendo meus pensamentos.

— Já sei — murmuro, ainda com as uvas na boca.

— Ela vai querer saber sobre o seu passado… seus pais… onde você morava antes.

Engulo as uvas.

— Eu sei o que dizer.

— Sei que você sabe.

— Não se preocupe. Não vou entregar o programa.

Mason vira o rosto para mim por um momento e dá um sorriso sincero, depois volta a se concentrar na direção. Olho pela janela e observo as casas do subúrbio passarem lentamente. Embora não sejam assim tão novas, elas são enormes, com jardins vastos e árvores tão altas que é quase impossível não querer escalar. Em uma entrada de garagem, vejo uma família embarcando em uma minivan: os pais estão usando roupas casuais, a filha mais velha vestida como uma princesa, e o bebê ainda de pijama. No quarteirão seguinte, ao pararmos no sinal fechado, três garotas de maria-chiquinha atravessam a faixa de pedestres em suas bicicletas, enfileiradas como patinhos.

Quando a voz feminina do GPS diz “Você chegou ao seu destino”, sinto um frio inesperado na barriga, que logo percebo ser nervosismo. Antes que eu possa ignorar a sensação, Mason para na entrada da garagem de uma casa de tijolos marrons em estilo colonial. É uma construção impressionante, com colunas ladeando a varanda e tudo. Quero continuar olhando, mas Mason logo abre a porta do carro e sai, então faço o mesmo. Audrey devia estar nos esperando, pois abre a porta na mesma hora.

— Oi! — diz ela.

— Oi, Audrey!

Mason chega à varanda antes de mim.

— Este é meu pai, Mason — digo quando ele abre a boca para se apresentar.

— Oi, pai da Daisy — cumprimenta Audrey.

A mãe dela surge atrás da filha na porta, e parece até que Audrey e eu vamos nos casar, tantos são os cumprimentos trocados.

— Joanne McKean — fala a mãe de Audrey, segurando a minha mão. — É

um prazer conhecê-la, Daisy.

— O prazer é meu.

A Sra. McKean tem as unhas pintadas, a pele macia e cheira um pouco a mel. Ela usa um crucifixo dourado no pescoço e veste cardigã azul, calça jeans surrada e sapatilhas. Seu cabelo louro está na altura dos ombros e é escovado. A foto dela deveria aparecer no dicionário ao lado do verbete *mãe*. Embora elas não sejam nem um pouco parecidas, a Sra. McKean me faz sentir saudade de Sydney.

Conversamos até Mason enfim sacar minha (discreta) deixa para ele ir embora — "Pai, você não tinha um compromisso?" —, então Audrey e eu entramos. Antes de irmos para seu quarto, ela me mostra rapidamente o primeiro andar da casa, que é um misto de galeria de arte com catálogo de loja de decoração.

* * *

Gosto ainda mais de Audrey quando entro em seu quarto.

A parede onde está encostada a cama de cabeceira amarela é pintada com tinta de quadro-negro e está coberta de rabiscos e desenhos, citações e notas, do chão ao teto. O edredom é de um branco minimalista, mas o travesseiro jogado em cima dele tem um bordado estilizado do mapa de Nebrasca.

O resto do quarto é branco. Na parede oposta à cama há uma penteadeira preta, baixa e moderna; na parede da porta fica uma pequena escrivaninha branca e, acima dela, algumas prateleiras. Também há fotos, mas a maioria é de Audrey e sua família; os poucos retratos de amigos mostram rostos que não reconheço. Mais uma vez me pergunto por que Audrey não tem mais amigos. No entanto, feliz por estar aqui, logo esqueço isso.

No canto perto da maior janela há uma pequena área com um futon e uma poltrona listrada de amarelo, vermelho e preto. Entre os dois assentos uma mesa de centro transparente dá a impressão de que uma pilha de revistas está flutuando.

— É de acrílico? — pergunto, apontando para a mesa antes de me sentar em frente à Audrey.

— Deve ser.

— É tão bacana — murmuro. — Foi você que decorou o seu quarto?

Audrey assente, toda orgulhosa e sorridente.

— Também gosto de fazer isso — digo.

— Legal.

Há uma pausa na qual tento pensar no que dizer. Será que em apenas poucos dias já esgotei todas as minhas ideias para puxar assunto?

Felizmente, Audrey mantém a conversa fluindo:

— O seu pai parece interessante.

Ergo as sobrancelhas.

— Sério?

— Claro. Ele fala com você como se você fosse adulta.

— É.

— E não quero fazer você vomitar, mas ele é gato.

— Onde é o banheiro? — brinco, me levantando ligeiramente.

Audrey ri, e eu volto a me sentar.

— Tenho certeza de que todo mundo diz isso — continua ela. — Ele parece o George Clooney… só que mais novo.

— Eu nunca tinha pensado nisso, mas você tem razão. Ele meio que parece mesmo.

— Fato. Mas você é muito mais clara. Deve ter puxado à sua mãe — diz Audrey.

— Talvez — falo, antes de me dar conta do que estou dizendo.

Quando Audrey me lança um olhar confuso, decido ter mais cautela. Há coisas que posso contar e outras que não posso.

— Eu sou adotada — confesso, o que é quase verdade.

O que não digo é que fiquei órfã quando morri em um acidente de ônibus; que depois que o governo me trouxe de volta à vida, eles não sabiam muito bem o que fazer comigo; que no fim das contas optou-se por dar a Mason a missão vitalícia de criar uma menina… ou pelo menos até eu completar dezoito anos. E que, tecnicamente, a adoção não era legalizada, porque a verdadeira Daisy morreu em Bern, Iowa, onze anos atrás.

— Sério? — pergunta Audrey, claramente intrigada com essa questão da adoção. Seus olhos castanhos estão arregalados e brilhando.

— Aham.

— Não conheço ninguém que seja adotado. Você sempre soube ou eles enganaram você a vida toda e a surpreenderam quando sua mãe biológica precisou de um transplante de rim ou algo assim?

— Eu sempre soube — respondo, rindo. — Como você disse antes, meu pai

me trata como uma adulta. E minha mãe também. Não temos muitos segredos.

Pelo menos não entre nós. Coço o nariz, mas logo lembro que alguns agentes classificariam esse gesto como “denunciador”. Ponho a mão de volta no colo.

— Entendi — diz Audrey, parecendo não ter notado. — Mas você não tem vontade de saber quem são seus pais biológicos?

— Na verdade, não — digo, com sinceridade.

— Sério? Acho que eu ia querer descobrir.

— Eu penso o seguinte: não quero conhecer alguém que não deseja me conhecer. Sei que parece ressentimento, mas tenho certeza de que eles tiveram seus motivos. O que estou querendo dizer é que não pretendo gastar energia me preocupando ou pensando em pessoas que não fazem parte da minha vida.

— Acho que é uma boa maneira de encarar as coisas — diz Audrey. — Você parece muito bem-resolvida com toda essa história.

— Obrigada, acho — digo, rindo. Inclino de leve a cabeça para o lado. — Acho que nunca fui chamada de “bem-resolvida”.

Audrey também ri, e, apesar de eu ficar um pouco preocupada sobre estar ou não seguindo o roteiro, é bom ter alguém perguntando sobre meu passado. Estou tão entretida na conversa que, quando Audrey pergunta com quantos anos fui adotada, deixo escapar a verdade:

— Quatro.

— Onde você morava antes disso?

O barulho de pneus derrapando e sirenes ecoa em minha mente; percebo que meus dedos estão apertando os braços da poltrona. Por motivos práticos, como precisar ser levada para um hospital e meu tipo sanguíneo não ser compatível com o dos meus pais, não tem problema eu dizer que sou adotada. Mas a história é que fui adotada quando nasci. Onde eu morava antes disso não faz parte do dossiê.

— Ainda não acredito que sua mãe deixou você transformar toda a parede em um quadro-negro — comento, olhando por cima da cabeça de Audrey.

Me obrigo a pôr as mãos de novo no colo. Sem se importar com a mudança de assunto, Audrey se vira no futon e também admira a decoração.

— Minha mãe me deixa fazer qualquer coisa — diz ela, de um jeito esquisito que não soa como alguém que está se gabando. Parece estranhamente… triste.

Audrey desvia o olhar da parede para seus pés; há uma breve pausa na conversa. Então, quando começo a me sentir desconfortável, ela levanta a cabeça

e me encara.

— Ei, quer um refrigerante?

— Quero — respondo, aliviada por ela não fazer mais perguntas sobre minha adoção.

— Normal ou diet?

— Normal.

— Tudo bem, já volto. — Ela se levanta para sair, mas para no meio do quarto. — Quer ouvir música?

— Claro.

Audrey vai até a escrivaninha e, ao chegar lá, bufa e balança a cabeça. Fico imaginando o que pode tê-la aborrecido, mas não pergunto, porque parece invasivo. Em vez disso, observo o quarto mais uma vez enquanto ela abre o iTunes no laptop, seleciona uma playlist e aumenta o volume dos pequenos alto-falantes.

— Que tal esta?

— Está ótima.

— Ok. Já volto.

Audrey me deixa sozinha no quarto. Enquanto relaxo, não consigo parar de pensar em como é aconchegante estar aqui, nesta poltrona, nesta casa. E, para alguém que está sempre se mudando, aconchegante é o mais próximo que já cheguei de um lar.

Uma de minhas músicas favoritas começa a tocar, e me sinto tão bem que canto junto.

8

Percebo um movimento próximo à porta. Paro de cantar no meio de uma nota (desafinada) e deixo os braços caírem ao lado do corpo. Eu me viro, esperando ver Audrey, mas, em vez disso, quem está ali é ninguém menos que o garoto da aula de inglês por quem fiquei babando a semana inteira; Matt alguma coisa.

— Arrebentou na bateria imaginária — provoca ele, abrindo um meio sorriso que me dá frio na barriga.

Seus olhos de vilão estão brilhando. Divertidos. Ele parece feliz em me ver.

— Obrigada — digo sem pensar, porque ainda não entendo a presença dele aqui.

Será que ele é namorado da Audrey? Um amigo que também veio passar o dia com ela? Então reparo que ele, além de descalço, está encostado no batente da porta como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo. Meu cérebro tem um estalo. Ele mora aqui.

Dã!

Matt é irmão da Audrey.

— Você precisa me ver tocando uma guitarra imaginária — brinco, feliz por ter resolvido o mistério. — Imperdível.

— Na verdade, o que eu mais gostei foi da cantoria — diz Matt, com um sorriso escancarado desta vez. — A nota aguda no final foi puro talento.

Ele coça o queixo bem-definido com o nó do dedo indicador. É um gesto estranhamente sexy.

— Incrível, não é mesmo? — respondo, esperando parecer mais casual do que de fato me sinto.

Ele ergue os dois polegares para mim e abre um sorriso debochado.

— Você está a dois passos de um contrato com uma gravadora.

Nós dois rimos e, quando paramos, ficamos quietos por alguns segundos.

— Meu nome é Daisy — digo, para o caso de ele não ter me reconhecido. — Estamos na mesma turma de inglês.

— Eu sei. — Ele desvia os olhos por um segundo, sorrindo de leve para si mesmo, como se estivesse sem graça por ter respondido tão depressa. Então seus olhos estreitos voltam a fitar os meus. — Não sabia que você era amiga da minha irmã.

— Nossos armários ficam no mesmo corredor — explico. — Foi assim que nos conhecemos. Ela comentou que tinha um irmão, mas não sabia que era você.

— Sou eu.

Matt assente, enfiando as mãos nos bolsos do jeans surrado. Ele parece indeciso, como se quisesse ficar mas achasse que não devia.

— Audrey foi buscar refrigerante — falo, só para ter o que dizer, na esperança de que ele permaneça aqui se eu continuar falando.

Funciona — pelo menos por um minuto.

— Como você foi naquele teste? — pergunta ele.

— Bem. Tirei dez.

Ele assente de novo.

— Eu também.

Nós nos encaramos por um momento um tanto desconfortável, mas ainda assim glorioso. Eu me sinto como naquela vez em que tive que apresentar meu projeto de biologia na frente da turma inteira do primeiro ano: animada e nervosa ao mesmo tempo.

Matt tira um iPhone do bolso direito e entra no quarto apenas o suficiente para colocá-lo para carregar sobre a escrivaninha. O fato de ele estar tão perto faz com que eu me remexa na poltrona.

— Não conte a Audrey, ok?

— Ok — respondo, confusa. — Você não tem celular?

— Tenho, mas o dela tem músicas melhores. Uma vez eu sem querer… — Mas ele não termina a frase, como se lembrasse que precisa ir a algum lugar. — Esquece. É uma história longa e chata.

Tenho vontade de dizer que eu escutaria qualquer história que ele quisesse contar, mas consigo me conter. Ele vai para o corredor.

— A gente se vê na aula — comenta ele, hesitante, antes de dar um breve aceno e se virar para ir embora.

— Tchau — digo baixinho.

Justo nesse momento, como se a playlist fosse a trilha sonora da minha vida, começa a tocar uma canção romântica. Mas, antes que eu tenha muito tempo para viajar no mundo da imaginação, Audrey volta.

— Desculpe a demora — diz ela, entrando no quarto um pouco sem fôlego. — Meu pai me ligou do trabalho e ficou me enchendo por causa do dever de casa. Eu não queria deixar você sozinha por tanto tem… — Ela para e me olha com curiosidade. — Qual é a desse sorrisinho bobo?

— Ah, eu estava pensando em um garoto — respondo, enigmática; mantenho minha queda pelo irmão dela em segredo por enquanto.

— Ele é tipo o Jake Gyllenhaal? Porque Jake é o cara mais gato do mundo.

— Não — respondo, balançando a cabeça de leve.

Para mim, Matt é muito melhor.

* * *

Audrey e eu lemos revistas de fofoca e conversamos sobre as celebridades com as quais gostaríamos de jantar. Ela me mostra os tênis sobre os quais me falou no primeiro dia de aula, e eu desenho margaridas em sua parede de quadro-negro. Depois de um tempo, a mãe dela nos chama para comer cookies lá embaixo, o que faz Audrey revirar os olhos e minha barriga roncar. Ninguém lá em casa faz cookies. Descemos os degraus correndo e vamos até a cozinha, onde nos sentamos nos bancos perto da mesa de madeira rústica. A Sra. McKean dá dois cookies para cada uma de nós, dizendo:

— Não se preocupem, fiz a receita com baixo teor de gordura, e o leite é desnatado.

Audrey assente, e começamos a comer.

Então cada músculo alegremente relaxado do meu corpo se retrai quando Matt entra.

— E aí? — cumprimenta ele.

— Oi, Mattie — fala a Sra. McKean, ficando na ponta dos pés e dando um beijo no rosto dele.

Ele não se afasta, mas parece um pouco constrangido quando nossos olhares se encontram. Não sei se é por causa do beijo, por ser chamado de Mattie ou pelos dois.

Matt vai até o armário e pega uma caneca, depois se serve de café do bule e acrescenta um pouco de leite. Sem açúcar. Então pega um cookie e se senta conosco à mesa.

Sinto um frio na barriga ao ver os fios curtos de cabelo atrás de suas orelhas. Observá-lo é a minha distração durante as aulas de inglês. Agora que ele está tão perto, tenho que lutar contra o impulso de estender a mão e tocá-los. Como se pudesse ler minha mente, ele me olha com curiosidade; parece se perguntar se vou mesmo fazer isso.

— Mattie, você dormiu o dia inteiro — diz a Sra. McKean do outro lado da

cozinha.

— Porque ele ficou fora até muito tarde ontem — sussurra Audrey.

Os dois olham para a mãe, verificando se ela ouviu.

— Fiquei lendo até tarde — justifica Matt.

Ela nos dá as costas para pegar mais cookies. Quando abre a porta do forno, o calor toma a cozinha.

— O show foi longo — murmura Matt para Audrey. — Eu não queria perder o bis.

— O que vocês estão aprontando aí, crianças? — pergunta a Sra. McKean, com a espátula na mão.

— Nada — dizem os dois ao mesmo tempo.

Comemos em silêncio por um momento, antes de Audrey voltar a implicar com o irmão. Ela apoia os cotovelos na mesa e se inclina na direção dele, os olhos estreitos, os lábios comprimidos.

— A propósito, eu sei que você usou meu celular de novo. Só porque é preguiçoso demais para carregar o seu não quer dizer que pode usar o meu quando bem entender. Pare de pegar as minhas coisas.

Matt revira os olhos para ela e depois me encara com uma expressão que fica entre o aborrecimento e a diversão.

— Puxa, valeu mesmo — comenta ele, em um tom que poderia ser sarcástico, mas não o conheço muito bem para ter certeza.

Justo quando concluo que ele está brincando, ele se levanta da mesa.

— Até mais — diz ele para ninguém em particular.

— Tchau — falo baixinho, desejando poder fazê-lo ficar.

* * *

Audrey e eu decidimos ir a um shopping recém-inaugurado que ela diz ser o paraíso das compras. Falamos com a mãe dela e com Mason, depois saímos em seu carro amarelo-ovo. No caminho, tento controlar o desejo devastador de perguntar sobre Matt, Matt e mais Matt e decido me concentrar em conhecê-la melhor. Não quero que ela ache que só estou interessada em seu irmão, então, quando atravessamos as portas automáticas e adentramos o átrio com ar-condicionado, decido que vou me limitar a apenas três perguntas sobre ele.

Perambulamos pelos corredores das lojas Von Maur, GAP, Abercrombie &

Fitch e Hot Topic, conversando à vontade sobre tudo e sobre nada. Depois de apenas meia hora já descobri que Audrey pinta o cabelo no salão do primeiro piso, que adora elevadores panorâmicos, que quer visitar Paris algum dia mas optou pelo espanhol na escola, que prefere cachorro-quente com linguiça em vez de salsicha e que é uma nerd enrustida em história.

— Eu teria abalado na era vitoriana — diz ela quando estamos na Anthropologie, deslizando os dedos por uma camisa com babados inspirada na moda daquela época.

— Tem razão. Mas espartilhos? Não, obrigada.

— Aposto que não deviam ser tão ruins assim depois de um tempo.

Olho para Audrey como se ela fosse louca e vou para o outro lado da arara.

— Adoro esta música!

Canto baixinho enquanto olho calças que não tenho dinheiro para comprar; usei toda a minha mesada decorando meu quarto.

— Eca — diz Audrey. — Não suporto essa banda. Você e *Matt*.

Prendo a respiração, esperando que ela continue falando sobre seu irmão. Mas ela não diz mais nada, então decido fazer a pergunta número um.

— Que show ele foi ver ontem? — Meu tom é casual.

— Crunch Toast.

— Também adoro.

— Tudo bem, essa banda é incrível. Uma vez…

Audrey conta a história, e eu tento prestar atenção, mas acabo me distraindo pensando no cabelo de Matt. Em seus braços bronzeados e seu relógio grande, que parece ter sido feito sob medida para ele. Lembro que ele cheirava a menta e pepino — devia ser o xampu. Penso no barulho que ele fez ao tomar o café: não um ruído grosseiro, mas tampouco imperceptível. Como uma inalação curta. Penso em seu sorriso. No modo perfeito como sua calça jeans surrada pende de seu quadril. Penso que ele é o garoto com os pés mais bonitos que já vi… Embora eu não tenha visto tantos pés assim.

Imagino o que ele está fazendo neste exato momento.

Então me pergunto se ele está chateado por causa do iPhone.

Então imagino se ele está pensando em mim.

— Oi? — diz Audrey. — Está me ouvindo?

Pisco, confusa.

— Ah, me desculpe. O que foi?

— Quer… tomar… café? — pergunta ela, dizendo cada palavra

pausadamente. De repente ela parece muito cansada.

— Ah, sim, claro — respondo, colocando a camisa que eu nem tinha percebido que estava segurando de volta na arara.

* * *

Pegamos a escada rolante até o segundo piso, onde fica a cafeteria. Audrey pede um café com leite desnatado e calda de caramelo que parece delicioso, então peço o mesmo. Quando nos sentamos a uma mesa perto da janela, ela confere seu iPhone.

— A que horas você tem que chegar em casa? — pergunta Audrey.

— Às cinco — respondo, tomando um gole do café.

— Ok, então ainda temos tempo.

Ela ainda está olhando para o telefone. Aproveito a oportunidade para voltar a falar sobre Matt.

— Por que o seu irmão pegou o seu celular?

Ela revira os olhos.

— Porque é um idiota.

Arqueio as sobrancelhas, e ela continua:

— Ele colocou todas as músicas dele no meu telefone sem querer, e demorou um tempão, então está com preguiça de fazer tudo de novo no dele. Por isso ele pega o meu sempre que tem a chance. É muito irritante.

— Eu vi quando ele devolveu o seu iPhone hoje. Ele deve ter achado que eu o dedurei.

— Eu já sabia mesmo. Ele nunca põe no lugar certo.

— Acho que ele ficou com raiva de mim.

— Duvido.

— Foi o que pareceu.

Audrey toma um gole do café.

— Está dizendo isso por causa do “Valeu mesmo”?

— Sim.

— Ah, ele só estava brincando. Pelo menos eu acho. Ultimamente não tenho tido muita certeza.

— Como assim? — pergunto, percebendo que esta é a última do dia.

— Ah, nada — diz Audrey, e sua resposta me desaponta. — Ele só está

preocupado com algumas coisas.

Então ela fica em silêncio, e está claro que já cansou de falar sobre o irmão. Xingando a mim mesma por já ter esgotado minhas três perguntas sobre Matt, olho pela janela e fico observando as pessoas passando com sacolas e carrinhos de bebê. Um movimento perto de um canteiro chama minha atenção: um homem de calça jeans e camisa social azul de pé ali, esperando alguém. O estranho é que ele olha diretamente para mim quando o encaro. Ele me observa por um segundo, como um desconhecido curioso, depois desvia o olhar, pega o telefone e começa a digitar. Deve estar mandando uma mensagem para a esposa ou a namorada que não chega nunca, só que algo nele me incomoda. Ele tem o mesmo jeito robótico de Cassie e dos agentes das equipes de limpeza.

De repente meu celular toca. É Mason.

— Está tudo bem? — pergunta ele.

— Sim. Por quê?

— Por nada. Está com o seu cartão?

— Sim.

Ele se refere ao cartão de débito da conta pela qual recebo minha mesada.

— Que bom. Divirta-se.

Clique.

9

Durante exatos cinco dias minha vida segue com tamanha normalidade que quase esqueço que ela é de mentira. Na segunda-feira, Matt acena para mim no começo da aula de inglês. Na terça ele fala “E aí, tudo bem?” do outro lado da sala, fazendo pelo menos três garotas sentadas entre nós suspirarem de inveja. Todos os dias almoço com Audrey no refeitório ou fora da escola, menos na quarta-feira, quando ela tem um compromisso ao meio-dia. Embora muitas pessoas lhe digam “oi” nos corredores, pareço ser a única amiga dela aqui. Trocamos mensagens de texto todas as noites, e ela até passou a ler meu blog.

Quinta à noite, ela escreve:

Audrey: Adorei sua análise sobre as multidões nos shoppings.

Daisy: Obrigada!

Audrey: De nada. E sua amiga, Fascinante, é hilária.

Daisy: É a Megan. Você ia gostar dela.

Minha vida começa a parecer uma novela do horário nobre.

Então, na sexta, tudo começa a desandar.

A manhã corre bem, mas as coisas ficam esquisitas durante o almoço. Audrey e eu vamos ao restaurante mexicano no final da rua para o especial de sexta: dois tacos crocantes, batatas chips com salsa e uma bebida. Assim que acabamos de comer, Audrey corre para o banheiro e vomita (consigo ouvir porque estamos sentadas próximas aos banheiros). Mas, quando volta, ela mente sobre o que aconteceu.

— Meu Deus, você está bem? — pergunto quando ela volta a se sentar.

Seus olhos estão lacrimejando, e seu rosto está quase transparente de tão pálido.

— Ótima — diz ela, tomando um gole de refrigerante. — Achei que fosse fazer xixi nas calças.

— Tem certeza? — pergunto. — Porque eu achei que tivesse ouvido você…

— Vomitar? — completa ela. Então se inclina para mim e sussurra: — Tinha uma garota lá botando os bofes para fora. Deve ser bulímica ou algo assim.

Olho para a porta, querendo acreditar em minha nova amiga, esperando que alguma garota magérrima com o rosto inchado e um ar de culpa saia do banheiro. Só que não acredito em Audrey, nem um pouco. A história fazia sentido — era até boa —, mas, quando ela se inclinou para sussurrar, seu hálito a entregou.

Vômito.

De volta ao pátio da escola, um garoto louro e alto se aproxima de nós, olhando para Audrey. O modo como ele a encara não é nem um pouco típico de um adolescente observando outro: ele parece triste. Talvez mais do que triste. Arrasado. Ele para na nossa frente e abre a boca para falar com ela. A dor em seus olhos me faz querer ouvir, mas Audrey pega meu braço, me puxa para longe dele e aperta o passo. Os alunos à nossa volta assistem à cena com expressões estranhas enquanto abrimos caminho por entre a multidão que volta do almoço.

— O que foi aquilo? — pergunto baixinho quando chegamos ao corredor dos armários.

— Só um ex-namorado.

— Uau, ele é lindo.

Audrey fica em silêncio por um segundo. Em seguida diz:

— Ele era.

O sinal toca, então não tenho chance de perguntar o que ela quer dizer com isso.

* * *

Depois da escola, no caminho para casa, Audrey me convida para ir ao cinema à noite. A ideia me parece uma boa forma de recuperar a normalidade depois de uma tarde bem confusa. Mas então chego em casa, largo a mochila e desço as escadas para cumprimentar Mason. E ele estraga tudo de novo:

— Vamos a Kansas City este fim de semana — diz, mal tirando os olhos do trabalho.

— Eu sei — respondo. — Você me falou esta manhã. Está com Alzheimer?

Rio da minha própria piada, mas Mason finge não ouvir. Ele parece estressado. Seus olhos encontram os meus.

— Eu disse que eu e Cassie iríamos amanhã, mas decidi que você vai conosco.

— Nããããããão! — protesto. — Vocês vão fazer os testes de Wade!

Wade Zimmerman, antes Wade Sergeant, é de longe a mais chata de todas as crianças do ônibus. É só um ano mais velho que eu, mas age como se fosse adulto. Tem um jeito condescendente de falar. No entanto, o que mais me incomoda em Wade é que ele não reconhece nosso passado em comum. Na verdade, ele não menciona nem uma palavra sobre o programa comigo. É muito estranho.

— Wade é um rapaz ótimo — diz Mason, balançando a cabeça para mim e fazendo alguma anotação.

Cassie espirra, e eu dou um salto, pois nem tinha notado sua presença.

— Wade é detestável — falo, ignorando as fungadas de Cassie. — E vocês sempre me deixam decidir se quero ir aos testes com vocês. Por que estão decidindo por mim desta vez?

Mason suspira.

— Não sei. Tem alguma coisa me incomodando, e eu não consigo identificar o quê. Você pode chamar de intuição ou de paranoia. Mas acho melhor mantê-la por perto este fim de semana.

Dizem que Mason é um dos discípulos preferidos de Deus, por causa de seu sexto sentido (muitas vezes assustador). Saber que Mason está preocupado faz os pelos do meu braço se arrepiarem.

— Posso pelo menos ir ao cinema com Audrey hoje à noite?

Pausa.

— Pode — responde Mason, mas sua testa franzida me diz que ele preferiria que eu não fosse.

Vou mesmo assim, porque quero ter aquela sensação de normalidade novamente.

* * *

Alegando que já planejava sair para fazer compras, Mason insiste em me levar até a casa de Audrey em vez de ela vir me buscar. No carro, ele me orienta mais uma vez a não me aproximar demais de minha nova amiga.

— Daisy, não quero que pense que estou tentando impedi-la de ter amigos — diz ele devagar. — Mas preciso lembrá-la do que está em jogo aqui.

— E *eu* quero lembrá-lo de que estou neste programa há quase tanto tempo quanto você — rebato. — Nada disso é novidade.

— Eu sei. É só que você nunca teve muito contato com outras pessoas além das crianças do ônibus ou agentes. Quero que se mantenha firme.

— Mais firme impossível.

— Acho que é o máximo que posso lhe pedir.

O modo como Mason olha pelo retrovisor quando estaciona me faz ter medo por um momento, mas eu afasto a sensação e salto do carro. Aceno para ele, mas, em vez de partir, ele fica ali parado enquanto toco a campainha e espero alguém atender. Ouço passos indo até a porta do outro lado. Audrey surge com um grande sorriso no rosto, e Mason enfim vai embora.

— Oi! — diz ela. — Você demorou!

— Foi culpa do Ma… do meu pai — minto.

Na verdade, eu estava em um dilema quanto a que roupa usar: casaco de moletom com uma calça jeans velha e tênis, para ter o máximo de conforto, ou uma calça mais bonita — e menos confortável —, de corte reto, com uma camiseta interessante e sapatilhas, só para o caso de…

— Matt também vai — diz Audrey. — Achei que devia lhe contar para você não corar como… — Ela para e examina meu rosto. — Bem, *desse* jeito na frente dele.

— Não sei do que você está falando — digo, sem graça.

— Deixe de bobeira — provoca Audrey. — Eu sei que você gosta dele.

— Gosto nada.

— Então por que está vermelha?

— Eu não estou vermelha.

— Hum, está sim. Mas relaxe. Ele não vai nem reparar.

Audrey grita para dentro da casa, dizendo a Matt para nos encontrar no carro, depois passa por mim e segue até a garagem. Quando estamos sozinhas no Mini Cooper, pergunto baixinho:

— Por que Matt não vai reparar em mim?

Confusa, Audrey olha para mim sem entender.

— Foi o que você acabou de dizer. Que ele não vai nem reparar que eu estou vermelha.

— Ah, meu Deus, não seja tão sensível, Daisy! Eu não quis dizer que ele não vai reparar em *você*. É que ele não tem reparado em quase *nada* ultimamente. Outro dia ele veio me perguntar se eu tinha visto seu boné. Estava

na cabeça dele.

— Talvez ele esteja preocupado com alguma coisa — sugiro, esperando que Audrey desenvolva a ideia.

Ela revira os olhos.

— Todo mundo se preocupa com alguma coisa.

Tenho vontade de perguntar o que *a* preocupa, e trilhões de outras coisas, mas Matt abre a porta e se senta no banco de trás.

— Oi — diz quando me viro para ele.

Matt parece um modelo da Levi's, com uma calça jeans desbotada e um casaco de capuz com listras marrom e cinza.

— Oi — respondo. — Gostei do seu casaco.

— Obrigado — agradece ele com um sorrisinho. — Camiseta maneira.

Audrey abafa uma risada e engata a ré.

— Sim, estamos todos lindos — diz ela. — Agora vamos. Não quero perder os trailers.

Volto a me virar para a frente, respiro fundo e sorrio para mim mesma. Lançando uma olhada rápida para minha camiseta, não posso deixar de me orgulhar por ter escolhido a roupa mais bonita. Mesmo que o botão da minha calça esteja quase cravado na barriga.

* * *

Embora o filme seja uma comédia, não rio muito. Em vez disso, presto atenção nas risadas de Matt. Ele só acha graça das piadas inteligentes, ignorando as idiotas que arrancam gargalhadas de toda a plateia. Mas, quando ele acha alguma coisa engraçada, é difícil eu não sorrir também. Sua risada começa baixa e vai ficando mais alta conforme se estende. Ela é tranquila e calorosa, como os cookies de chocolate da mãe dele, e tenho vontade de me aconchegar nele. É o som perfeito.

Diferentemente de Audrey, cuja respiração parece estranhamente pesada. Talvez tenha pegado algum tipo de virose e, por isso, vomitou no almoço.

— Você está bem? — sussurro no ouvido dela.

— Shh. Estou vendo o filme — responde Audrey.

Ao olhar para Matt, percebo que ele está me encarando, e é como se um choque elétrico percorresse meu corpo. Dou meu sorriso mais charmoso, depois

me ajeito na poltrona e volto a guerrear com Audrey pelo saco de pipoca que estamos dividindo.

Depois do filme nós nos dirigimos à praça de alimentação, porque, não sei como, o saco de pipoca extragrande simplesmente não foi o suficiente para Audrey. Matt e eu achamos um lugar para sentar enquanto ela vai comprar um pretzel. Olhamos para todos os lugares menos um para o outro, até que finalmente não consigo mais suportar o silêncio.

— Você gosta do Sr. Jefferson? — pergunto.

— É, acho que sim. E você?

— Ele parece bem legal.

Pausa.

— Eu não contei a Audrey que você pegou o celular dela — digo, e logo me sinto uma idiota por ter tocado no assunto. Duvido que ele se lembre disso.

Só que ele se lembra.

— Eu sei.

Ele sorri, mais com os olhos do que com a boca. Alguém na mesa ao lado grita, e ele, curioso, se vira para ver o que está acontecendo. Aproveito para observar seu perfil. A pele ainda exibe o bronzeado do verão e é perfeita, exceto por uma pequena cicatriz no queixo e uma pinta do tamanho de um pontinho de caneta perto dos lábios. Seu semblante sério é quase sombrio, mas, quando ele se vira de novo para mim e volta a sorrir, desta vez mostrando os impecáveis dentes brancos, é impossível não sentir. Eu me obrigo a desviar o olhar, para não dizer algo estúpido como *Você é muito gato.*

— Obrigado por não contar a ela — diz Matt sobre o iPhone.

— Claro — respondo.

Percebo que meu joelho está balançando debaixo da mesa, algo que só faço quando estou extremamente nervosa.

— Por que será que Audrey está demorando tanto?

Matt dá de ombros e tamborila de leve na mesa.

Quanto mais tempo fico sozinha com ele, mais agitada me sinto. Pego um guardanapo que alguém deixou na mesa e começo a torcê-lo, para ocupar as mãos. Então, graças a Deus, antes que eu faça um origami com um guardanapo usado, Audrey volta.

Pelo menos por um segundo.

— Droga! — diz ela ao se sentar. — Esqueci a bebida.

Ela pega o copo de refil vazio e balança. Noto um pouco de suor em sua testa, embora o shopping esteja com uma temperatura agradável.

— Eu pego para você — digo, me levantando depressa.

Parece que Matt é o sol e que preciso de óculos escuros: sua presença é intensa demais, preciso de um momento para me acalmar.

— Você fica aí comendo — falo para Audrey. — O que você vai beber?

— Chá gelado de limão — diz ela, jogando um pedaço de pretzel na boca.

— Ok.

Eu me viro e vou até a loja de pretzels, onde encho um copo de chá gelado sabor limão na máquina de refil. Respiro fundo e me repreendo por minha própria criancice enquanto enfio um canudo pela tampa de plástico do copo. Volto para a mesa me sentindo surpreendentemente mais calma.

— Vou ganhar uma gorjeta por isso? — pergunto a Audrey quando estou a uns cinco passos dela.

— Pode esperar sentada! — diz ela, rindo alto.

— Tudo bem, então vou devolver isto — falo e finjo me virar para ir embora.

— Ei, quero minha bebida! — grita Audrey, brincando.

A voz dela ecoa pelas paredes até a claraboia. Em toda a praça de alimentação, as pessoas tiram os olhos de seus lanches gordurosos e olham para a nossa mesa. Uma velhinha estala a língua, desaprovando a cena que estamos fazendo, e duas garotas riem.

E então eu a vejo.

Do outro lado da praça de alimentação, Nora Fitzgerald, de Frozen Hills, se vira em sua cadeira para ver o que está acontecendo.

* * *

Como um cervo ao avistar um predador, saio correndo dali. Só quando alcanço o corredor principal do shopping e me enfio em uma passagem lateral que leva a um corredor deserto é que percebo que ainda estou com o chá de Audrey. Olho em volta para ter certeza de que ninguém me seguiu, coloco o copo no chão e mando uma mensagem para ela.

Daisy: ME DESCULPE! Posso explicar. Estou em frente à loja Foot Find.

Aperto a tecla “Enviar” e espero. Audrey e Matt chegam em poucos

minutos.

— Você poderia ter me pedido um golinho, Daisy — brinca Audrey. Ela pega o copo e começa a beber. — O que houve?

Matt está de pé entre mim e o corredor principal. Por instinto, me escondo atrás dele como se fosse um escudo humano. Ele me olha de um jeito estranho.

— Parece até que você viu um fantasma — diz Matt.

Acho que Nora viu, penso.

— Eu vi uma garota da minha antiga escola que… hum… me odeia — explico. — Podemos ir embora?

Matt dá de ombros e Audrey concorda. Caminhamos até o estacionamento, Audrey tagarelando sobre garotas mesquinhas, eu olhando por cima do ombro o tempo todo, e Matt me observando como se soubesse que estou mentindo e quisesse me perguntar a verdade.

Mas parece que estou com sorte: ele não pergunta.

10

— É como um fim de semana prolongado — diz Mason, olhando para mim pelo retrovisor enquanto seguimos em alta velocidade pela rodovia interestadual 29 no meio da noite.

— Eu sei — respondo, mal-humorada. — Mas você tinha dito que só iríamos amanhã. E… Espere aí! O que você quer dizer com fim de semana *prolongado*?

— Vamos ficar até segunda à noite, eu não lhe contei? Assim teremos tempo suficiente para fazer os testes de Wade. Ligamos para a escola e conseguimos que você fosse dispensada das aulas de segunda.

— Vocês não me contaram — murmuro, virando-me para trás e vendo as luzes de Omaha sumirem na distância.

Já estou arrependida de ter contado a Cassie e Mason sobre Nora, porque isso lhes deu um motivo para deixar a cidade hoje à noite. Agora estou ainda mais chateada porque não vou ver Audrey e Matt na segunda.

— Eu nem deveria estar fazendo esta viagem.

— Você não deveria era ter sido vista, isso sim — diz Cassie, sem tirar os olhos do computador.

O tom dela me surpreende, pois Cassie não costuma ser tão ríspida. E o pior é que ela tem razão.

— Por que diabos Nora está em Omaha? — murmuro.

— Checamos o e-mail dela — responde Cassie. — Ela está na casa de uns parentes. Algo sobre um evento de família este fim de semana.

— Que coincidência — comento, balançando a cabeça. — O que vai acontecer com ela?

— Isso depende de algumas variáveis — diz Mason, coçando a cabeça.

— Tipo?

Olho para ele, ansiosa pela resposta.

— Se ela viu você ou não. E, caso tenha visto, se acha que é apenas uma pessoa muito parecida ou se de fato acha que você está viva.

— E?

— E depende do que ela vai fazer com essa informação.

— Mas se ela for a público…

— Trinta anos de pesquisa são jogados no lixo — me interrompe Cassie.

— Mas isso já aconteceu antes, não foi?

— Que eu saiba, só uma vez — responde Cassie.

— Duas vezes — corrige Mason. — Houve aquele caso em Missouri.

— Era desse que eu estava falando. Qual é o outro?

— Flórida.

— Ah, é — diz Cassie, voltando a se concentrar no computador.

Fico incomodada com o jeito dela de falar, como se já fizesse parte do programa naquela época. Cassie foi recrutada assim que se formou na faculdade, quando o programa já estava em andamento, e por isso ela é mais nova que os outros agentes. Foi originalmente contratada para trabalhar no laboratório principal, mas seu supervisor achou que ela se sairia melhor no campo. Só que às vezes Cassie fala como se estivesse no projeto Recomeço desde o início.

— Acho que o protocolo é vigiar e esperar — continua ela. — Agora mesmo temos uma equipe monitorando Nora. Se ela esquecer isso e seguir a vida dela, então também seguiremos a nossa.

— E se ela não esquecer?

— Quem sabe o que ele poderá fazer? — murmura Mason.

Cassie lança um olhar surpreso para Mason, que o faz suavizar o tom.

— Aconteça o que acontecer, vamos lidar com isso — diz ele, de um jeito que me faz pensar que está falando mais consigo mesmo do que comigo e com Cassie.

— Se Nora decidir investigar essa história, vamos ter que nos mudar de novo? — pergunto.

— Provavelmente — diz Mason, sendo honesto comigo.

Só então, ao sentir um embrulho no estômago, me dou conta de que eu não estava fingindo. Quero ficar em Omaha. Gosto de Audrey de verdade; meus sentimentos por Matt são genuínos.

Só quando me deparo com a possibilidade de mais uma mudança, percebo o quanto quero criar raízes.

Só então percebo o quanto quero ficar.

* * *

Já passa de uma da manhã quando ligo meu computador pré-histórico. Seria muito suspeito levar para a escola tecnologia de ponta em espionagem, então, ao contrário dos computadores de Mason e Cassie, eu tenho um laptop meio velho, mais pesado que chumbo e tão barulhento quanto um avião prestes a decolar.

Para completar, o sinal de internet no hotel de beira de estrada onde nos hospedamos é fraco, o que, somado ao processador da era da minha avó, me obriga a esperar uma eternidade para me conectar. Depois que finalmente consigo, faço o login com a senha que Mason me obriga a trocar todos os meses. Quando o programa de mensagens instantâneas abre, procuro o nome de usuário de Audrey — RainhaMcKean — para ver se ela está on-line, mas o pontinho não está verde.

Suspiro e abro meu e-mail. Clico em "escrever mensagem" e começo a digitar *Audrey* para o endereço dela se completar automaticamente.

Para: almckean@smail.com

Assunto: noite sem sentido

Oi, Aud,

Olhe só que estranho: estou escrevendo de um quarto de hotel em Kansas City. Meus pais planejavam passar o final de semana aqui e me deixar em Omaha, mas mudaram de ideia na última hora. Devem ter visto algum filme sobre uma adolescente que dá uma festa de arromba no minuto seguinte em que os pais saem de férias e acharam melhor me levar junto. Não que eu faça essas coisas, claro.

Desculpe mais uma vez por aquele lance da garota no shopping. Você parecia meio desligada na volta para casa: está chateada comigo por alguma coisa? Quer dizer, sei que foi por minha causa que voltamos cedo, mas achei que não tivesse sido nada de mais… Se fiz alguma coisa que ofendeu você, sinto muito mesmo.

Aliás, obrigada pela noite tão divertida, e agradeça a Matt também. E, bem… Ok, acho que com a tela do computador para me esconder posso admitir que eu meio que gosto dele. Um pouco. Não vá vomitar por causa disso. Mas, como você disse que meu pai era gato, acho que agora estamos quites.

Daisy

Aperto "enviar" e espero o e-mail sair da minha caixa de saída. Então desço da cama, pego o pijama e meu nécessaire na mala e vou ao banheiro me preparar

para dormir. Quando volto, apesar de ser madrugada, fico desapontada ao ver que não recebi nenhuma resposta. Audrey já me escreveu até mais tarde que isso, e não posso deixar de imaginar que talvez ela esteja mesmo chateada comigo por algum motivo.

Me enfio embaixo das cobertas brancas, ainda sob o efeito do refrigerante e da adrenalina, confusa.

* * *

Depois de apenas três horas de sono — que mais parecem três minutos —, o serviço de despertador toca, e eu quero atirar o telefone pela janela. Em vez disso, rolo para perto do aparelho, tiro o fone do gancho e o bato sem nem atender. Então volto a dormir. Dez minutos depois, ouço uma batida na porta que fica entre os dois quartos.

— Daisy, está acordada? — chama a voz abafada de Mason do outro lado.

— Estou — resmungo, exausta.

— Não parece — retruca ele.

— Eu estou! — grito.

Mason não responde.

Incomodada pela luz do dia, jogo as cobertas longe e saio da cama, tropeçando no fio do laptop a caminho do banheiro. Caio com um baque surdo no carpete repugnante e fico sentada ali, me perguntando o que mais pode dar errado. Por fim, consigo tomar banho e me arrumar, o que faz com que eu me sinta um pouco melhor, até eu me lembrar dos planos para hoje.

Ir à casa de Wade.

* * *

Os Zimmerman se mudaram para uma casa ainda maior — para três pessoas — desde a última vez em que fui obrigada a vir a Kansas City, então não reconheço o bairro pelo qual estamos passando agora. Comparado à vizinhança dos McKean, esta parece artificial. As casas enormes são construídas afastadas da rua e crianças brincam na calçada. Mas aqui as casas são novas e idênticas, apenas fingindo ter personalidade. Percebo que não há caixas de correio individuais nos jardins, e só então é que vejo um carteiro se aproximar de uma

grande caixa comunitária, com vários compartimentos trancados à chave. A ideia de não ter uma caixa de correio própria me incomoda por algum motivo.

Como se estivesse lendo minha mente, Megan manda uma mensagem:

Megan: Cadê você?

Daisy: Kansas City.

Megan: NÃO!!

Daisy: É. Mason me obrigou a vir.

Megan: Lamento, garota. Sei que você não suporta Wade. Aguente aí, ok? Vou escrever um post gigante em sua homenagem. Estou pensando em analisar meu próprio guarda-roupa. Que tal?

Daisy: ADOREI.

Megan: bjs.

Daisy: Tchau.

Assim que envio a última mensagem, paramos em frente a uma casa que só posso descrever como a versão não cor-de-rosa da casa dos sonhos da Barbie. O Porsche parado na garagem dá o toque final à cena. A placa é: KCHS OC.

KCHS… Kansas City High School?

— Esse é o carro do *Wade*? — pergunto bem alto.

— Deve ser — diz Mason. — Tem um adesivo do estacionamento de alunos no para-brisa.

É claro que o Sr. Observador reparou nisso.

Solto um gemido.

— Seja boazinha — sussurra Mason quando vamos até a porta e tocamos a campainha.

— Sempre sou.

* * *

Mais alto que Mason, com cabeça e queixo quadrados e ombros largos, Wade Zimmerman parece uma muralha. Tem uma pele razoável, cabelo raspado curto e dentes brancos quase perfeitos. Seu nariz é um pouco torto, o que lhe daria certo charme se ele não adorasse contar como o quebrou ao cair de um touro mecânico… após longos oito segundos, é claro. Garotas que gostam de porcos chauvinistas — ou talvez até mulheres que têm uma quedinha por rapazes mais novos — costumam achá-lo atraente. Eu discordo.

Meu radar de babaquice dispara no instante em que passamos pela porta. Wade está usando — juro que não estou de sacanagem — um pulôver. Não um pulôver sexy da J.Crew, mas sim aqueles que políticos velhos usam.

— É um prazer revê-la, Daisy — diz Wade, estendendo a mão.

Me seguro para não revirar os olhos ou fingir um sotaque britânico ao responder, de má vontade:

— Legal ver você também.

— Como está se saindo na escola nova? — pergunta ele.

Por que ele precisa falar como se tivesse quarenta e sete anos?

— Bem. Qual é a do Porsche?

— Ah, você gostou? — pergunta Wade. — Foi presente de aniversário dos meus pais. — Ele dá de ombros e acrescenta: — Eu uso para ir e voltar dos treinos.

— Maneiro — digo, embora não ache nem um pouco legal. Em vez de dizer que ele é o cara mais metido que conheço, pergunto sobre a placa: — O que é OC?

Wade dá uma risada alta — soa, literalmente, como “ha, ha, ha, ha!”, porque acho que ele é falso até quando ri — e explica qual é a graça:

— Significa “O Craque”. É o apelido que os outros jogadores me deram pelo meu desempenho como *quarterback* nesta temporada. Quer dizer que sou um membro importante do time. É só brincadeira.

Só brincadeira?

Wade tenta parecer sem graça, mas não há nada remotamente envergonhado em seu rosto. Nele, só se vê orgulho.

Excesso de confiança.

— Bacana — digo, mesmo que não pense isso; só estou tentando ser legal porque foi o que Mason me pediu.

Depois de mais bate-papo de praxe, um lanche e infinitas histórias sobre olheiros que vieram ver Wade jogar, sou levada ao escritório dos Zimmerman para me distrair na internet enquanto Mason e Cassie fazem seu trabalho. Acesso

meu e-mail: nenhuma resposta de Audrey. Tentando não ficar muito obcecada com isso, entro no *Autópsia Geral* e escrevo um post sobre carros apropriados *versus* carros sem noção para adolescentes, depois elaboro uma resposta para a crítica ferrenha de Megan à nova febre no YouTube. Quando clico em "Publicar", Mason põe a mão no meu ombro.

— Ah! — grito, pulando da cadeira.

Mason dá um passo para trás e ergue as mãos.

— Desculpe, achei que você tivesse me ouvido entrar — diz ele, contendo uma risada.

— Você é um ninja, como eu poderia ter ouvido?

Isso faz Mason rir para valer, e é impossível eu não sorrir também. Felicidade espontânea é algo raro nele, como aqueles momentos em que os comediantes riem de verdade durante um esquete: não ocorre com tanta frequência, mas, quando acontece, é contagiante.

— Vim ver se estava tudo bem por aqui — diz ele depois de se recompor, e gesticula para o computador.

— Tudo tranquilo — falo, voltando a me sentar.

— Que bom. Porque estamos prestes a começar e só faremos uma pausa daqui a três horas.

— Tudo bem.

Ele se vira para sair.

— Ei, Mason.

Ele se vira e olha para mim.

— Acho que estou gostando de Omaha.

Admitir isso é bom, como tirar um peso dos meus ombros. Me sinto ainda melhor quando Mason responde:

— Daisy, você é uma jovem que se adapta, o que é uma grande vantagem para o programa. Mas, se você não começasse a gostar dos lugares e das pessoas em algum momento, eu ficaria preocupado. Para ser sincero, ouvi-la dizer isso é um alívio.

— Tomara que não tenhamos que nos mudar de novo.

— Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que isso não seja necessário.

Sorrio, e Mason sai. Eu me sento ao computador de Wade, pensando no que Mason disse. Agradeço sua consideração, mas não sei se vai fazer diferença. Ouvi dizer que Deus gosta de Mason, mas, no fim das contas, é Deus quem manda.

Se Deus diz que vamos nos mudar, não há nada que Mason possa fazer.
Se Deus diz que vamos nos mudar, nós nos mudamos.

11

Durante o jantar, os adultos incentivam Wade e eu a sairmos juntos à noite. Pelo sorriso forçado dele e os dentes cerrados, posso ver que Wade está tão empolgado com a ideia quanto eu. Quando o Sr. e a Sra. Zimmerman se levantam para tirar os pratos da mesa e buscar a sobremesa, Wade começa a mandar mensagens do celular embaixo da mesa, e Mason aproveita para se inclinar para perto de mim e sussurrar no meu ouvido:

— Eu realmente acho que você deveria aceitar.

— Eu queria ver um filme no hotel — protesto. — E você sabe o que eu acho do…

Aponto com o polegar na direção de Wade, para que ele não ouça o próprio nome.

— Aí é que está — diz Mason. — Talvez vocês só precisem se conhecer melhor. Acho importante que você tenha amigos, e pelo menos Wade conhece seu passado. Você pode conversar sobre isso com ele.

Mason me lança um olhar incisivo, me lembrando de que não posso falar sobre o programa com Audrey ou Matt.

— Mas ele está em negação — murmuro.

— Vai ser divertido — sussurra Mason e se afasta de mim, sinalizando o fim da conversa.

A Sra. Zimmerman volta trazendo um bule de café, seguida pelo marido com uma torta.

— Quem gosta de mirtilo? — pergunta ela.

É minha torta preferida, mas neste momento, diante da perspectiva de uma noite com Wade, e com Audrey e Matt em Omaha, onde eu realmente queria estar, nem mesmo uma torta de mirtilo me deixa feliz.

* * *

Uma hora depois, estou no banco do carona de um carro que nenhum adolescente deveria ter, ouvindo uma estranha mistura entre rap e música country a todo volume e desejando ardentemente ser menos flexível ao discutir

com Mason. Quando há um intervalo na música diminuo o volume do rádio. Wade olha para mim como se eu tivesse acabado de lhe dar um tapa, mas não volta a aumentar.

— E então, o que vamos fazer? — pergunto.

— Tipo, pensei que a gente podia dar um rolé com meus amigos e minha gata no campo e depois curtir uma festa.

Mordo a língua para não rir de sua personalidade bipolar. Wade seria um grande discípulo um dia se não tivesse tanta vergonha do programa. Como já faz um tempo que não falo com ele sobre isso, decido tentar mais uma vez.

— E então, como estão indo os testes?

— Bem. Sabe como é…

— Sei. Avançaram muito hoje?

— Só fiz a parte física — responde Wade.

Seu tom não é exatamente encorajador, mas também não é um sinal vermelho. Decido arriscar com uma pergunta mais ousada:

— Wade, o que você se lembra do dia do acidente?

Sua cabeça se vira de súbito na minha direção, e ele me encara por tanto tempo que tenho medo de que ele bata com o Porsche. Então ele volta a olhar para a frente.

— Não me lembro de nada — responde ele, sem emoção alguma na voz, antes de aumentar o volume do rádio.

Ele me ignora pelo resto do caminho.

* * *

Aparentemente, o campo não é um ponto de encontro hipster no centro da cidade — um trocadilho com “jogar nos dois times” —, tampouco um incrível espaço com uma bela paisagem. É um campo de futebol.

Uma coisa horrorosa.

Estamos sentados com a namorada de Wade, Brittney, e seus amigos Colin e Nate nos bancos mais altos da arquibancada de um campo de futebol público. Apesar de usar uma calça jeans leve, camiseta sem manga e já estar anoitecendo, sinto calor.

— Como foi mesmo que você conheceu meu namorado? — pergunta Brittney, desconfiada, e toma um gole de alguma coisa que a faz estremecer.

— Meu pai é amigo do dela — responde Wade depressa.

Ele olha para mim e sorri, mas posso ver um aviso implícito: *Não abra o bico.*

— Ah, entendi — diz Brittney, sentada ao meu lado, e acerta meu rosto ao jogar o cabelo preto e sedoso para trás.

Wade e Colin estão à nossa frente. Nate, um pouco tenso demais para o meu gosto, permanece quatro fileiras abaixo, sozinho e afastado.

Colin se vira para mim e sorri. Musculoso, louro e de olhos azuis, ele é bonito, mas nem chega aos pés de Matt. É aquele vizinho que você não acredita que mora na sua cidade; Matt é tão impressionante que não dá para acreditar que ele viva no mesmo planeta.

O modo descarado como Colin dá em cima de mim me deixa enjoada.

— Eu não vinha hoje — diz ele em uma voz grave que parece forçada demais.

Ao desviar o olhar, vejo que Wade e Brittney estão se agarrando. Aqui do lado. Me viro depressa.

— Mas que bom que eu vim — continua Colin, me olhando de cima a baixo. — Adorei conhecer você.

— Obrigada — digo, me afastando discretamente dele.

Tento olhar para qualquer coisa que não a demonstração pública de afeto à minha direita, então observo Colin tomando um gole de seu copo. Não gosto nem do jeito como ele bebe.

Finalmente Brittney e Wade param para respirar, e, embora eu me sinta feliz por não ter que ouvir mais os beijos barulhentos e babados, o silêncio é constrangedor. Para ser sincera, a noite está sendo bem chata.

Observo o líquido vermelho-sangue dentro do meu copo. Mason diria que o copo está cheio de danos cerebrais, mas ficar com Wade e seus amigos deve estar me causando mais danos que o álcool. E, de todo modo, foi Mason quem me obrigou a vir. Dando de ombros, bebo tudo em um único gole.

— Quer mais? — oferece Brittney, parecendo gostar um pouco mais de mim agora. Ela levanta uma garrafa térmica e a sacode.

— Claro. Manda ver.

* * *

Sabe-se lá quanto tempo depois, acordo deitada em um carpete nojento, dentro

de um quarto escuro com paredes finas e pintadas de vermelho que deixam vazar o som de um baixo. Não tenho a menor ideia de onde estou e, durante os primeiros minutos, não me importo. Não me importo com nada além de como me sinto agora. E me sinto mal.

Péssima.

Estou morrendo de frio e suando ao mesmo tempo. Se conseguisse me mexer, procuraria um cobertor. Eu cortaria fora minha própria cabeça, que dói horrores. Eu ficaria aqui deitada e morreria, se é que já não morri. Belisco meu braço para ter certeza de que estou viva.

Então, em flashes, começo a me lembrar de tudo.

Correndo em volta do campo de futebol com Brittney.

Bebendo de ponta-cabeça, direto de um barril, em um desafio proposto por Nate.

Cantando no caraoquê — nada menos que “No Air” — com Colin.

Confrontando Wade na pista de dança sobre nosso passado.

“Por que você não fala sobre o programa?”, perguntei, minha voz saindo meio arrastada.

Ele limpou o rosto antes de se afastar, e agora tenho vontade de enfiar a cabeça em um buraco ao perceber que devo ter cuspido nele.

Solto um gemido aqui no chão do quarto de alguém. Passo a língua pelos dentes, que parecem ásperos, cobertos de açúcar, álcool e mais alguma coisa — talvez cachorro-quente. Sinto cheiro de vômito por perto, mas não quero me virar para ver onde está. Então o som do baixo vai às alturas, como se alguém tivesse aberto a porta.

— Acho que está por aqui — diz um garoto. — Só um minuto.

Ouço passos no carpete quando o rapaz cruza o minúsculo quarto. Prendo a respiração, porque não sei se eu deveria estar aqui. O garoto pisa tão perto da minha mão direita que meus dedos esbarram em seu sapato. Ele quase engasga ao me ver.

— Cacete! Que susto!

— Desculpe — murmuro; minha boca está mais seca que um deserto.

— O que está fazendo aí?

— Descansando.

— Há quanto tempo?

Dou de ombros.

— Hum… ok. Bem, fique quanto tempo quiser — diz o garoto. — Ou quer

que eu ligue para alguém?

— Está tudo bem. Já liguei para minha amiga Audrey.

Liguei? Não me lembro de ter falado com ela.

— Ah, que bom — diz ele, se afastando bem lentamente, para não pisar no meu corpo letárgico, e indo na direção da porta. — Vou falar com o porteiro para ficar de olho e avisar à sua amiga onde você está.

Não respondo porque meus olhos estão fechados.

Três minutos ou três horas depois, alguém balança meu ombro. Quero protestar, virar para o outro lado e chutar a pessoa que perturbou meu coma, mas minha boca não funciona. Meu corpo não responde. Então, sem que eu possa fazer nada, sou carregada para fora do quarto, enfiada em um carro e levada para muito, muito longe.

12

— Daisy? Está acordada? — pergunta Mason do outro lado da praça de alimentação do shopping.

Ele está sentado a uma mesa com Cassie e Nora Fitzgerald, os três me encarando. Ele bate duas vezes na mesa, como se fosse algum tipo de código. Ao bater uma terceira vez, ele olha para mim com expectativa, como se eu devesse entender o que ele está tentando dizer.

— Daisy — chama ele de novo.

Confusa, olho para o lado. Matt está aqui.

— Ei — sussurra ele. — Responda ao seu pai.

E então sinto alguém segurar meu ombro com firmeza, me arrancando do sonho.

Abro os olhos e me deparo com uma visão surpreendente, mas ótima: Matt está deitado ao meu lado, olhando para mim, na vida real. Prendo o ar ao vê-lo.

— Responda ao seu pai — sussurra ele calmamente.

Franzo as sobrancelhas, sem entender.

— Responda ou ele vai querer entrar — explica Matt.

Entendendo a situação, tento responder, mas nada sai. Solto um pigarro, o que me faz lembrar o Sr. Jefferson. Talvez o problema dele seja a bebida. Então, encontro minha voz.

— Estou acordada — exclamo, me encolhendo.

Olho nos olhos escuros de Matt; ele me encara de volta. Eu perguntaria o que ele está fazendo aqui se falar não doesse.

— Ótimo — diz Mason do outro lado da porta. — Cassie e eu vamos comer omelete no restaurante do hotel e depois voltaremos para a casa dos Zimmerman. Temos que estar lá às oito. Você vai com a gente?

Por um momento imagino se Matt não acha esquisito meu pai se referir a minha mãe como “Cassie” em vez de “sua mãe”, mas ele parece não notar. Então meu estômago se revira de um jeito tão horrível que desisto de pensar.

— Pergunte se você pode ficar aqui hoje — sussurra Matt, e eu assinto.

Temendo o bafo de dragão, viro a cabeça para longe dele e digo para a parede:

— Tudo bem se eu ficar por aqui hoje? — Silêncio do outro lado da porta. — Queria pôr a leitura em dia — acrescento, tentando parecer normal, embora seja o oposto de como me sinto.

Mason não responde na hora, como se estivesse considerando o meu pedido. Por fim, ele diz:

— Não saia do hotel.

— Pode deixar — grito. — Obrigada.

Meu estômago se revira de novo, e eu me encolho na cama.

— Você vai vomitar de novo? — sussurra Matt.

— Não sei — respondo, também aos sussurros.

— Estaremos de volta às sete — diz Mason do outro lado da porta. — Vamos jantar juntos.

Louca para que Mason pare de falar de comida, reúno todas as minhas forças para responder:

— Boa ideia.

Meu estômago se revira de novo.

— Precisa ir ao banheiro? — pergunta Matt, baixinho.

— Não quero me mexer — murmuro.

Ele abre um pequeno sorriso e afasta uma mecha de cabelo da minha testa.

— Então não se mexa.

* * *

Acordo engasgando, o coração acelerado e os olhos arregalados. Matt ainda está deitado ao meu lado na cama. Está de costas agora, olhando para o teto. Ele se vira para mim, preocupado.

— Pesadelo? — pergunta.

— Não sei — digo, porque, seja lá o que tenha me arrancado do sono, já não consigo me lembrar.

Sem me mexer, sinto que já estou um pouco melhor. Umedeço os lábios e inspiro fundo.

— Então… eu liguei para você ontem à noite?

Matt se vira para o lado de novo, ficando de frente para mim, e dá um meio sorriso.

— Você estava bêbada e me mandou uma mensagem.

— Dizendo o quê? — pergunto, envergonhada.

— Algo como “me salve dos playboys”.

Percebo que ele parece um pouco aborrecido. Ciúmes?

— O que mais?

— Eu liguei quando recebi sua mensagem e você disse que tinha saído com um cara gay, Wade, e…

— Eu disse que Wade era gay? — interrompo, surpresa.

— Bem, você repetia sem parar que ele precisava sair do armário.

Rio alto, fungando.

— Acho que estava me referindo a outra coisa… Mas enfim, continue.

— Ok. Depois você me deu uma descrição bem enigmática de onde estava. Disse que estava no Freckler com os alces.

— O que diabos significa isso? — pergunto, constrangida por minha linguagem estranha e, claro, por ter ficado bêbada. Não sou assim.

— Depois de um tempo, deduzi que você estava falando do *Specter* Hall — explica ele. — Eles têm renas de Natal no gramado, com pisca-piscas e tudo mais. Uma é enorme, poderia facilmente ser confundida com um alce.

— Mas estamos em setembro.

— É, seu sei. Bom, isso facilitou as coisas.

— Me desculpe.

— Não se preocupe… até que foi divertido — diz Matt. — Eu fingi que estava em um reality show… como se tivesse apenas três horas para encontrar você ou perderia um milhão de dólares.

— Você ganhou?

— Não — admite ele. — Mas foi por pouco.

— Fico imaginando que tipo de besteira eu estava fazendo enquanto você vinha de Omaha para cá.

— Acho que você se virou bem. A gente se falou algumas vezes no caminho. Você ficou sozinha naquele quarto vermelho a maior parte do tempo, menos quando estava no banheiro, vomitando.

Meio constrangida e meio lisonjeada por ele ter cuidado de mim, fico em silêncio.

— Você teve sorte de seus pais reservarem um quarto só para você.

— É — concordo debilmente.

— Senão você estaria muito ferrada — continua ele. — Mas que burrice, hein? Encher a cara com uns sujeitos estranhos em uma cidade que você não

conhece. Você poderia ter sido…

— Eu sei — digo baixinho.

— Pior, poderia até…

— Eu sei! — falo mais alto desta vez. — Já entendi!

Matt olha para mim surpreso, e não conseguimos conter uma gargalhada. Depois ficamos quietos, apenas olhando um para o outro.

— De qualquer forma, obrigada.

— Tranquilo — diz ele. — Mas você realmente deveria me agradecer por limpar o vômito do seu cabelo.

Arregalo os olhos e cubro a cabeça com a coberta. Ouço Matt rir, e então ele cutuca meu braço.

— Vou pedir comida. O que você quer?

— Um cheesebúrguer — respondo rapidamente.

De dentro do meu casulo, ouço Matt ligar e pedir dois cheesebúrgueres com fritas e refrigerantes.

— Você nem perguntou se eu queria diet ou normal — digo depois que ele desliga.

— E daí? — pergunta Matt. — Você gosta do normal.

— Como você sabe?

— Foi o que você pediu no cinema.

Sinto um frio na barriga pelo simples fato de Matt prestar atenção em mim. Ele puxa a coberta de sobre meu rosto.

— Por que não toma um banho? — sugere. — Você vai se sentir melhor.

Seu rosto está a poucos centímetros do meu, e o frio na minha barriga aumenta ainda mais. Nós nos encaramos por um momento, mas então a arrumadeira bate à porta e me arranca do mundo dos sonhos. Vou com as pernas trêmulas até a porta e digo a ela que está tudo limpo no quarto. Depois sigo para o banheiro e me enfio debaixo do chuveiro, o tempo todo sentindo que minha cabeça vai explodir. Apesar de ter acordado me sentindo um trapo, o dia até que está indo bem. Não só consegui me livrar de encontrar Wade, como Matt está aqui comigo.

Não posso negar que gosto muito dele. E, se o resgate de ontem à noite e o detalhe do refrigerante servem de indicativo, talvez ele goste de mim também.

* * *

À uma da tarde estou limpa, alimentada e sou quase humana outra vez. Matt encontra um filme na tevê e nos recostamos na cabeceira da cama para assistir. Abraço um travesseiro e tento prestar atenção pelos primeiros cinco, depois dez e depois quinze minutos. Mas alguma coisa está me incomodando.

— Por que sua irmã não me ligou? — pergunto, os olhos ainda na tevê.

— Shh — faz Matt, balançando a mão.

Fico em silêncio por mais cinco minutos, o tempo todo imaginando se arruinei mesmo minha amizade com Audrey. Mas não consigo entender *como*.

— Sério, Matt, ela está chateada comigo?

— Não — responde ele, sem olhar na minha direção.

— Como você sabe?

— Sabendo.

Tento me concentrar na história do filme, mas meus pensamentos voltam para a noite no shopping. Foi há apenas dois dias, mas parece uma eternidade. Penso na volta para casa e na distração de Audrey. Se ela não está chateada comigo, então o que pode ser?

Então me lembro do incidente no restaurante mexicano, de ela fingir que não tinha vomitado. E de sua respiração pesada no cinema. E de como sua testa estava suada após o filme.

— Audrey está doente? — pergunto, começando a entender tudo.

Matt vira o rosto para mim depressa.

— Como assim? — pergunta ele, mais me confrontando do que perguntando de fato.

Sua reação defensiva me diz que toquei em um assunto delicado.

— É que Audrey parece estar sempre rouca, e ela se cansa com facilidade, e na sexta, depois do cinema, ela parecia tão distraída e…

Minha voz falha. Parece bobagem quando digo essas coisas em voz alta. Exceto pelo fato de que Matt está olhando para mim como se eu tivesse acabado de atropelar seu cachorro.

— Qual é o problema? — pergunto baixinho.

Sem pensar muito, estendo o braço e toco de leve a mão dele. Minha confiança me surpreende, mas não solto a mão de Matt. Ele vira a cabeça para o outro lado, mas não me afasta.

— Eu não deveria lhe contar… — diz ele, sério.

— Contar o quê? — pergunto, irritada. — Odeio quando escondem segredos de mim. Eu…

E então ele conta.
— Audrey tem câncer.

13

Às três da tarde, deixo um bilhete sob a porta do quarto de Mason no hotel de Kansas City. Matt e eu já estamos na metade do caminho para Omaha.

Não falamos nada por quilômetros. É um silêncio confortável, bem diferente daqueles constrangedores em que procuramos desesperadamente algo para dizer. Não sei explicar como, mas em algum ponto entre o momento em que acordei com Matt em minha cama e agora, no banco do carona de seu carro, o nervosismo que eu sentia desapareceu. Não chega a ser algo automático, como acontece quando estou com Audrey ou Megan, mas ficou mais fácil conversar com Matt agora. Até mesmo quando não falamos nada. Embora eu sinta um aperto no peito, minha perna está paradinha, e minha respiração, controlada. Apesar dos pensamentos sombrios, a presença de Matt me acalma.

Este trecho da estrada tem a pavimentação estranha: o som dos pneus no asfalto lembra o de um zíper subindo e descendo depressa, repetidamente. O ritmo estranho me deixa em um estado de entorpecimento no qual tudo que posso fazer é ouvir meu diálogo interior.

Audrey está morrendo.

Morrendo de verdade.

Saí correndo do hotel sem avisar Mason.

Quero ajudar Audrey.

Não posso fazer nada por ela.

Nossa… tudo faz sentido agora. O vômito. Sua mãe deixá-la fazer tudo o que quer. Os olhares tristes na escola.

Será que é terminal?

Só pode ser. Sim, pela expressão de Matt, sei que é.

Vou ter problemas por ter ido embora assim.

Meus problemas são insignificantes perto do que Audrey está passando.

Nunca tive problemas de verdade.

Pare de agir como uma criança. Audrey está MORRENDO!

Sim, mas…

Uau. Tenho uma visão bem distorcida da morte.

E, por fim:

Quero contar a Matt sobre o Recomeço.

O último pensamento me assusta. Solto um suspiro alto, mas o som do carro acelerando pela estrada impede que Matt ouça. Nunca ousei nem mesmo pensar em contar a alguém sobre o programa, mas seria tão fácil abrir a boca e falar tudo agora mesmo. Eu poderia dizer a ele que não sou exatamente normal quando se trata da morte. Poderia explicar que fazer parte de um programa que torna a morte opcional é meio como usar uma armadura vitalícia. Que isso me dá confiança em momentos nos quais as outras pessoas não têm. Como quando eu era mais nova e fazia aula de natação, eu não chorava na beira da piscina como as outras crianças porque não tinha medo de me afogar. Claro, eu não *queria* me afogar — já sabia como era —, mas para mim a morte não era o fim.

Não querer morrer é bem diferente de ficar paralisado por medo da morte.

Eu poderia falar a Matt sobre o conflito que sinto neste exato momento, que não consigo acreditar que minha única amiga fora do programa tem câncer. Que meu impulso é tentar salvá-la, mas sei que é inútil: mesmo se Mason concordasse em usar o Recomeço em alguém de fora do programa, o medicamento não funciona em vítimas de armas de fogo e pacientes com câncer. Mas talvez…

Fico com o estômago embrulhado só de pensar na ideia de revelar meus segredos para alguém. Minha boca fica seca quando tento pensar nas palavras certas. Matt e eu estamos sozinhos, ainda temos vários quilômetros para percorrer até Omaha; é claro que gosto dele e acho que ele gosta de mim. Eu poderia fazer isso. Meu coração dispara quando considero seriamente…

Tum!

Como se planejada para me impedir, a estrada de repente se suaviza quando chegamos à pavimentação nova e lisa, e agora, sem o barulho dos pneus no asfalto, posso ouvir minha consciência. E percebo que expor o programa não é só errado — é também uma estupidez. Mal conheço Matt; como posso confiar a ele algo assim tão grandioso?

Me sinto envergonhada por ter pensado nisso.

Para me impedir de voltar a considerar essa ideia, quebro o silêncio.

— Matt, me conte o que aconteceu — peço com delicadeza. — Como Audrey descobriu o câncer?

Ele leva um minuto para responder.

— Tem certeza de que quer saber os detalhes?

— Tenho.

— Tudo bem.

Olho para ele por tempo suficiente para vê-lo tirar o cabelo da frente dos olhos com o polegar e diminuir o volume da música. Então ele conta a história.

— Há dois anos, estávamos passando o fim de semana em Fremont Lakes com nossos pais. Comemos uns tacos muito apimentados, e Audrey ficou com dor de barriga. Mas aí ela vomitou muito e mal conseguia ficar de pé, então nossos pais se desesperaram. Acharam que ela devia estar com algum tipo de intoxicação alimentar séria. Meu pai a levou para o hospital. O médico a examinou e, no fim, não tinha nada a ver com os tacos. Ele achou que talvez ela tivesse uma úlcera ou algo assim. Ele quis fazer uma cirurgia de emergência.

Olho para Matt e o vejo trincar os dentes. Não há lágrimas em seus olhos escuros enquanto ele fala, mas há dor, pura e simples. Estendo a mão e toco a dele para encorajá-lo. Ele continua:

— Quando Audrey entrou em cirurgia, minha mãe e eu fomos ficar com meu pai no hospital. Então, depois que acabou, o médico pediu para conversar com meus pais a sós. Fiquei na sala de espera até eles voltarem. Minha mãe não parava de chorar. Foi… — Sua voz falha. Ele toma fôlego para conseguir terminar. — Meu pai me contou que eles encontraram tumores no estômago e no fígado de Audrey.

— Ah, meu Deus — digo, cobrindo a boca.

— Eu sei. Foi muito inesperado.

Fico em silêncio, então Matt prossegue:

— Audrey ficou no hospital por uns cinco ou seis dias. No início a colocaram em ventilação mecânica. Foi muito estranho, porque, quando ela acordava, não lembrava onde estava nem como tinha ido parar ali.

— Tipo eu bêbada ontem à noite — brinco, mas logo me arrependo por fazer graça da situação.

Matt dá uma risada fraca.

— É. Enfim, logo Audrey voltava a dormir e acordava confusa de novo. Tínhamos que contar a ela o que aconteceu diversas vezes. Até que finalmente a mente dela compreendeu o que estava acontecendo. Quando acordou novamente, ela se lembrou e simplesmente começou a chorar. Foi horrível.

— Não posso nem imaginar — digo, o que me parece inútil.

— Quando se recuperou um pouco, ela pôde sair do hospital. Voltamos para casa. Aí Audrey começou a ir a um monte de médicos diferentes, que deram um monte de opiniões diferentes.

Matt bufa.

— O que foi?

— Médicos. Não existe resposta certa. Só um bando de opiniões. E algumas são ridículas.

Penso no único médico que conheço: Mason. Ele fez faculdade de medicina, mas sua residência foi de um tipo bem diferente, como parte de uma equipe secreta sob a proteção da FDA, a agência americana que regula remédios e alimentos. Tirando Mason da cabeça, pergunto sobre a única terapia que conheço para tratamento de câncer:

— E químio?

— Acho que não funciona para o que ela tem — diz Matt. — O tratamento dela é basicamente tomar algumas drogas experimentais, esperar e observar. Uma palhaçada.

Isso me lembra a postura do programa com relação a Nora. Não me parece uma linha de ação sólida.

— Não há mais nada que eles possam fazer? — pergunto, instantaneamente irritada com os médicos de Audrey. — Cirurgia, sei lá?

— Acho que o fígado dela tem tantos tumores que não dá para extraí-los — responde Matt, baixinho.

— E um transplante?

Ele olha para mim com um sorriso triste.

— Daisy, eles não dão um fígado saudável a pacientes com câncer.

Me sinto infantil por ter sugerido isso e fico aliviada quando os olhos de Matt voltam para a estrada.

— Quanto tempo de vida deram a ela?

— Três anos. E isso já faz dois anos e meio. Ela ficou bem por um tempo, mas agora está sempre com dor. Toda hora volta para o hospital.

— É onde ela está agora? — sussurro.

— Estava. Foi por isso que ela não ligou para você. Depois do cinema na sexta, ela não parecia muito bem, então meus pais ficaram com medo e a levaram para a emergência. Depois de alguns exames, ela foi liberada, como sempre. Mas lhe deram uns analgésicos, e ela apagou. Dormiu o fim de semana todo.

Olho para as placas de quilometragem e as observo passarem zunindo por um tempo. De algum modo, a paisagem aumenta minha tristeza, raiva e impotência. Mais uma vez, penso no Recomeço. Mais uma vez me lembro de suas limitações.

* * *

Quando eu tinha sete anos, Mason me deu uma coelha. Eu tinha caído de uma árvore e quebrado o braço, e ele queria me consolar de alguma forma. Dei à bichinha o nome de Ginger e cuidei muito bem dela. Ela ficava em uma gaiola muito limpa no meu quarto, e eu a deixava sair algumas horas por dia para brincar dentro de casa e, às vezes, no quintal cercado. Não falo coelhês, mas acho que ela era feliz.

Mas então Ginger teve câncer.

No início era só um pequeno caroço. No fim, ela mal ficava de pé, porque o tumor que a comia por dentro era muito grande. Ela rolava pela gaiola como uma bolinha de pelo sem patas, o que teria sido engraçado se não fosse tão triste. E então ela morreu.

Implorei a Mason que a salvasse.

"Dê o remédio a ela", pedi, chorando, o rosto enterrado no travesseiro para não ter que ver a coelha morta na gaiola ao lado da porta.

Mason estava sentado ao meu lado, dando tapinhas nas minhas costas.

"Shh", murmurou ele. "Sei que você está chateada. Sei que amava Ginger. Mas, infelizmente, não posso fazer isso, Daisy."

"Por quê?", choraminguei.

"Porque não vai funcionar nela", disse ele.

"Como você sabe? Já tentou, por acaso?", gritei.

Mason acariciou meu cabelo bagunçado e suspirou.

"Daisy, a coelha tinha câncer. Você sabe o que isso significa?"

"Sei!"

"Bem, estamos descobrindo que o Recomeço tem algumas limitações", disse Mason, como se estivesse se reportando a um de seus superiores em vez de consolando sua pseudofilha.

"O que são *limitações*?", perguntei, ainda com o rosto escondido.

"Significa que o remédio só funciona em determinados tipos de corpos."

"Corpos de pessoas?"

"Sim, e de ratos também, mas esse não é o problema. A questão é que o remédio só funciona em corpos que eram saudáveis antes da morte. Corpos que morrem de repente… e não por consequência de uma enfermidade."

"O que é uma enfermidade?", perguntei, me virando na cama e olhando para Mason.

As lágrimas secaram quando minha natureza curiosa assumiu o controle. Mason ficou em silêncio por um tempo, provavelmente pensando como explicar aquilo para uma menina de sete anos.

“Uma enfermidade é uma doença grave que…”

“Como uma gripe?”

“Shh, me deixe terminar.” Ele tocou minha mão de leve. “É como uma gripe, mas muito pior, e normalmente não é algo que se pegue de outra pessoa ou se possa curar com remédios.”

“Eu vou ter uma enfermidade?”, perguntei, sentando-me ereta na cama. “Não quero morrer de novo. Morrer dói!”

“Não”, respondeu Mason, com segurança. “Você não vai ter nenhuma enfermidade nem vai morrer de novo. Mas, Daisy, me escute. Ginger tinha câncer. Isso é uma enfermidade. E não tem cura. O problema dela é do tipo que não pode ser solucionado com o Recomeço. Entendeu?”

Olhei para a gaiola perto da porta, para a coelha imóvel lá dentro, e não disse nada.

“Ginger teve uma vida boa, Daisy. Talvez isso ajude você a se sentir melhor.”

“Não ajuda”, falei, com sinceridade.

Mason abriu um leve sorriso.

“Um dia vai ajudar”, disse ele, e nisso saiu do meu quarto, levando Ginger, a coelha morta, embora.

* * *

Depois de cerca de cinquenta quilômetros, Matt e eu paramos em um posto de gasolina. Ele abastece e paga, depois diz que vai à loja de conveniência comprar algo para comermos. Do carro, eu o observo andando pelos corredores, observando os pacotes de salgadinhos. Ele ergue um pacotinho de Twizzlers, e eu nego com a cabeça. Ele pega alguns chocolates; eu faço careta. Por fim, ele mostra um pacote de batatas fritas. Ergo o polegar em um sinal positivo e falo sem emitir som *Coca também*, mas ele não entende, então mando uma mensagem. Ele lê, olha para mim, e nós dois caímos na gargalhada, ambos nos agarrando a algo sem importância, como trocar mensagens sobre comida, porque o que é importante é pesado demais.

Por volta das cinco da tarde, estamos novamente na estrada. Quando abro o

pacote de batatinhas, meu celular toca. Embora ainda deva estar longe de terminar os testes de Wade, sei que é Mason ligando para saber se está tudo bem. Não estou pronta para falar com ele agora. Não quero mentir sobre onde estou, e, se eu lhe contar a verdade, ele vai tentar me convencer a voltar.

— Você deveria dizer a seus pais onde está — diz Matt, lendo minha mente.

— Eles vão acabar descobrindo. Deixei um bilhete.

— Sim, mas você deveria falar para eles que está bem. Os pais se preocupam.

— É mesmo? — pergunto. — Onde seus pais acham que *você* está neste exato momento?

Matt olha para mim e depois de volta para a estrada.

— Com você — diz ele simplesmente. — Eles confiam em mim.

— Sorte a sua — falo, e Matt dá uma risadinha abafada. — Você disse "Pai, mãe, sei que Audrey está doente e tudo mais, mas vou sair para salvar a bêbada da Daisy de uma situação idiota"?

— Mais ou menos isso — responde ele, com um sorriso largo.

Agora, sabendo tudo o que sei sobre Audrey e sobre como a vida dele é triste, seu sorriso parece precioso.

— O que exatamente você disse a eles? — pergunto, observando seu perfil.

A luz dourada do pôr do sol ilumina seu rosto, tornando todo o resto indistinto. É como se eu olhasse para ele através de um desses filtros que fazem as fotos parecerem antigas. Admiro seus cílios grossos e pretos e seu nariz reto. Sento sobre minha mão esquerda, para evitar estendê-la e tocar a cicatriz em seu queixo perfeito.

— Falei que você não está acostumada com a cidade grande e acabou se perdendo — responde Matt, me arrancando de meu devaneio. — Falei que você estava assustada, precisando de ajuda, e que eu iria ajudá-la.

— Só isso?

— Só isso.

— Eles não ficaram chateados por você não ficar em casa com Audrey?

— Eles entendem — diz Matt, sério. — Não há nada que eu possa fazer além de ficar olhando para ela. E Audrey fica muito irritada. Ela pediu que a deixássemos em paz.

— Não acredito que ela não me contou que tem câncer. É um segredo grande demais para se esconder dos amigos.

Tenho plena consciência da ironia do que estou dizendo.

Matt olha para mim de novo, afetuosamente.

— Não é bem assim, Daisy. Não é como uma grande fofoca que ela não queria compartilhar. Mas os antigos amigos dela meio que se assustaram e pararam de falar com ela quando descobriram.

— Isso é horrível.

— Não todos de uma vez, mas aos poucos. No início, todo mundo deu apoio. Mas depois Audrey saiu da equipe de corrida e de alguns clubes da escola, e também parou de ir às festas. As pessoas deixaram de ligar. Você é amiga dela. Na verdade, acho que deve ser a única amiga — diz Matt.

— Ela também é minha única amiga — falo baixinho, imaginando que Megan é mais como uma irmã, então não é mentira.

Olho para o lado e vejo o centro de Omaha se aproximando.

— Ei, e eu? — brinca Matt. — Também sou seu amigo.

Sorrio, mas não olho para ele.

— Ah, verdade — digo, para provocá-lo. — Tinha me esquecido de você.

14

Faz apenas dois dias desde a última vez que vi Audrey e, nesse tempo, ela envelheceu bastante. Matt e seus pais me deixam ir vê-la sozinha. Quando entro em seu quarto, tenho que me segurar para conter as lágrimas. Audrey está deitada na cama, os olhos fechados e os braços estendidos ao lado do corpo. Seu rosto parece fantasmagórico, mesmo junto ao edredom branco, e não tenho ideia se devo ficar parada ali ou ir embora. Enquanto considero minhas opções, dou uma olhada nas palavras escritas na parede de quadro-negro. Há uma frase nova; um provérbio:

Caia sete vezes, levante-se oito.

Dou um sorriso triste; o resto do meu corpo é uma estátua. Olho para o rosto de Audrey no momento em que ela abre os olhos.

— Oi — sussurro.

— Por que você está falando tão baixo? — pergunta ela, bem alto, e dá uma risada alegre, mesmo ali aninhada na cama.

— Sinto muito por ter acordado você — falo em um tom de voz normal.

— Não me acordou. Eu não estava dormindo. Estava meditando.

— Ah — digo, assentindo, sem saber se é uma brincadeira.

Mudo o peso de um pé para o outro. Não consigo chegar a uma conclusão, então decido ir direto ao assunto:

— Bom, obrigada por me contar que tem câncer.

Audrey ri de novo. Embora ela pareça fraca, sua risada soa normal. Me aproximo um pouco mais da cama e me sento no chão.

— Ops — diz ela.

— Ops?

Audrey dá de ombros.

— Por não ter contado.

— Tudo bem. Eu entendo. Mas não se preocupe. Não tenho medo de você.

— Obrigada, Daisy — diz ela, baixinho.

— Está se sentindo bem?

— Na verdade, sim. Estou muito melhor agora. Tomei alguns analgésicos

no hospital e ontem dormi quase o dia inteiro. Remédios fortes. Mas é claro que, mesmo me sentindo melhor, meus pais me fizeram prometer que vou ficar descansando por mais alguns dias.

Assinto, pois não sei o que dizer.

— Li seu e-mail hoje — fala Audrey. — Desculpe não ter respondido antes. Que droga seus pais terem arrastado você para Kansas City. E é *claro* que eu não estava chateada com você. Como pôde pensar uma coisa dessas?

— Não sei. Eu só… — Minha voz falha. — Enfim, já estou de volta.

— Que bom. Por falar nisso, meu irmão foi buscar você? O que está rolando?

Me sento ao lado dela na cama e me recosto na cabeceira, como fiz com Matt mais cedo hoje.

— Temos muito o que conversar — digo, com um sorriso largo, apesar das circunstâncias.

Audrey se senta e então olha para mim, animada.

— Ok, me conte tudo.

* * *

Por fim, quando não posso mais adiar, ligo para Mason. Sinto um embrulho no estômago, de tão nervosa que estou. Deve ser isso que os outros adolescentes sentem quando desobedecem às regras. Ouço-o atender e espero pelo pior. Mas não é o que acontece.

— Você está bem? — pergunta ele, preocupado.

A surpresa me deixa sem palavras.

— Daisy, você está me ouvindo?

Pigarreio.

— Sim — respondo, com a voz fraca. Pigarreio de novo. — Estou ouvindo.

— Você está bem? — repete Mason.

— Estou — digo. — Eu queria…

Minha voz falha.

— Você queria ver sua amiga — responde ele por mim.

— Sim.

— Eu entendo — diz Mason. Depois, com um tom mais suave: — Você podia ter conversado comigo sobre isso.

— Eu sei, mas você estava na casa do Wade, e eu tinha acabado de descobrir e senti que precisava encontrá-la.

— Como você chegou aí?

— Matt, o irmão dela, foi me buscar.

Pensando bem, é a verdade; só estou alterando a ordem dos acontecimentos.

— Hum… — murmura Mason, como se fosse me perguntar mais sobre Matt.

— É muito triste — comento, mudando rapidamente de assunto.

— Eu sei, Daisy — diz Mason, baixinho. — Se eu puder fazer alguma coisa, me avise.

— Qualquer coisa?

— Desde que seja razoável — responde Mason, hesitante.

Olho em torno para me certificar de que ainda estou sozinha na cozinha dos McKean.

— Dê o Recomeço a ela — sussurro. — Quando acontecer, traga-a de volta.

Mason ri.

— Você sabe que não posso fazer isso, Daisy. Por mais que eu quisesse, você sabe que não posso.

— Pode, sim. Quando ela morrer, você enfia a agulha na veia dela. Ela vai voltar — digo, as lágrimas ameaçando escorrer novamente. — Como acontece comigo.

— O caso dela não é como o seu. Quando eu soube aonde você tinha ido e por quê, dei uma olhada no histórico médico da sua amiga. Daisy, o corpo dela está debilitado. E é irreparável. Não posso dar um tratamento de dois milhões de dólares a alguém sabendo que não existe nenhuma chance de funcionar.

— Então a questão é o dinheiro? — sussurro de um modo ácido.

— Não apenas isso — responde Mason, assumindo um tom profissional. Às vezes eu gostaria que ele não fosse tão honesto comigo. — As coisas seriam diferentes se ela fosse saudável, mas ela não é. Acrescente a isso o alto custo, e você já tem duas grandes razões para não realizar o procedimento. E ela nem *faz parte* do programa!

— Talvez Deus abrisse uma exceção — murmuro.

— Você sabe que Deus não abre exceções. Ninguém entra, ninguém sai.

— Isso é tão… errado — protesto. — O Recomeço ajuda as pessoas. Não deveria estar ajudando mais gente?

— Talvez — diz Mason, pensativo. — Mas, independentemente disso, você

bem sabe que o remédio não funciona em pacientes com câncer.

— Mas quando essa teoria foi testada pela última vez? — pergunto, tentando controlar minha voz. — O laboratório está sempre aperfeiçoando a fórmula. Talvez a versão mais nova funcione. Vale a pena…

— Daisy.

Paro de falar, mas não respondo.

— Daisy, não vai funcionar — diz ele, com calma.

Ele não precisa falar mais nada; sei o que quer dizer. Fico um pouco enjoada, então mudo de assunto:

— Quando vocês vão voltar?

— Tudo bem para você se mantivermos nossos planos de voltar segunda à noite?

— Claro — murmuro.

— Quer que eu pergunte aos McKean se você pode dormir aí? Para não ficar sozinha em casa?

— Claro — digo, sem muito entusiasmo.

— Tudo bem. Vou fazer isso. Mas me ligue amanhã à tarde, ok?

— Vou ligar — prometo.

— Ah, e Daisy.

— O quê? — pergunto, desejando apenas poder desligar o celular.

— Se você sair assim de novo sem falar comigo, vai ficar de castigo pelo resto da vida.

15

Quando Audrey vai dormir, às oito da noite, primeiro fico feliz e depois me sinto culpada por ficar feliz. Dou um pulo no sofá quando ela se levanta de repente e se despede teatralmente de mim e de Matt, um segundo após o primeiro filme terminar. Depois que ela sai, olhamos um para o outro de lados opostos do sofá.

— Quer ir a algum lugar? — pergunta ele, como se tivesse esperado a tarde inteira para sugerir isso.

Ele está de calça jeans; eu, calça de ginástica.

— Tarde assim? — pergunto, embora internamente esteja dando saltinhos diante da ideia de ir a algum lugar, *qualquer lugar*, com Matt.

— Não está tão tarde, vovó — diz ele, com um brilho no olhar. Então se levanta. — Vou avisar à minha mãe que vamos dar uma saída. Troque de roupa e me encontre aqui, a menos que queira sair de pijama.

— Não estou de pijama — corrijo-o. — É uma roupa bem elegante para ficar em casa.

— Quer sair com sua roupa elegante de ficar em casa?

— Melhor não — admito.

Matt vai falar com a mãe, e eu corro para o quarto de hóspedes — onde vou dormir, para não incomodar Audrey. Visto depressa a calça jeans e jogo um casaco leve sobre minha camisa vermelha. Então tiro o casaco e a camisa vermelha e visto uma roxa de babados. É uma blusa que peguei emprestada de Audrey porque, segundo ela, “a cor ressalta meus olhos”. Passo brilho labial, solto o cabelo, visto o casaco de novo e encontro Matt no primeiro andar.

— Oi — diz ele.

— Oi.

— Você está bonita — comenta ele, abrindo a porta da frente.

— Obrigada — digo baixinho, saindo logo atrás dele para a agradável noite de outono.

Sento no banco do carona. Me sinto confortável aqui dentro, familiarizada com o carro graças à nossa viagem de volta a Omaha. Matt gira a chave na ignição, conecta seu iPhone — ou o de Audrey — e imediatamente abaixa o volume da música para uma altura normal. Abro minha janela até a metade, para deixar entrar ar fresco. Matt faz o mesmo.

Minha música preferida de todos os tempos começa a tocar no momento em que Matt sai da garagem. Uma brisa sopra na minha direção o cheiro suave do xampu dele, que, misturado ao aroma do outono, me faz ter vontade de inspirar e prender o ar até não aguentar mais. Olho mais uma vez o perfil de Matt, e ele parece notar, pois sorri, embora seus olhos continuem na rua à sua frente.

A perfeição do momento me faz pensar em Audrey e em todos os instantes como este que ela não terá.

Fico zangada com Mason, até que percebo que ele não tem culpa.

A culpa é do programa.

— No que está pensando? — pergunta ele.

Mais uma vez penso em quebrar a promessa e a confiança de Mason e contar a Matt tudo sobre o programa Recomeço. Mas então me lembro da sensação de desconforto de Mason; da estranha ligação para Sydney e da antecipação dos testes por ordens de Deus. Alguma coisa está acontecendo, e revelar nossos segredos definitivamente não vai ajudar em nada.

— Nada — respondo. — É só que eu amo esta música.

* * *

Paramos em um estacionamento público, e Matt desliga o carro.

— Que bom que você trouxe um casaco — diz ele. — Pode estar ventando um pouco aonde vamos.

— Vim preparada.

— Então vamos andando.

Sem pensar muito, dou a mão a Matt ao sairmos do estacionamento e atravessarmos uma rua larga. Há árvores, uma trilha e água.

— O que é aquilo? — pergunto, apontando.

— O rio Missouri — responde Matt. — Vamos atravessá-lo.

Decidindo deixar minhas preocupações de lado por enquanto, sorrio enquanto nos aproximamos de uma ponte para pedestres que cruza o rio. Mesmo à noite, consigo ver com clareza os enormes pilares saindo da água e se erguendo na direção do céu, com uma rede de cabos estendidos a partir do topo para suportar o peso da ponte. Daqui posso ver tanto as luzes do centro de Omaha quanto as estrelas brilhando acima de nós. É lindo.

— Bem legal, não? — diz Matt.

— É! — respondo com entusiasmo. — Obrigada por me trazer aqui. Nunca vi nada parecido com isto.

— Sério? Não havia rios onde você morava antes? Onde era mesmo?

Por toda parte, penso, mas não digo.

— Frozen Hills, no Michigan.

— Era frio lá?

— Era.

Ainda estamos de mãos dadas. Fico maravilhada por não haver nada nem minimamente estranho nisso. Nada de mãos suadas. Nem ele nem eu seguramos com muita ou pouca força: nossas mãos sabem, por instinto, como ficar juntas.

— Ah, obrigada por ter ido me buscar em Kansas City. Foi muito legal da sua parte.

Matt dá de ombros, mas não diz nada.

— É sério. Nenhuma outra pessoa que eu conheço teria feito isso.

— Tenho certeza de que isso não é verdade — diz Matt.

Andamos em silêncio por alguns minutos. Uma brisa fria vinda do rio me deixa arrepiada. Quero abotoar o casaco, mas não desejo soltar a mão de Matt. Então me aproximo um pouco mais dele.

— Seus pais ficaram bravos por você ter ido embora de Kansas City?

— Na verdade, não. Meu pai entendeu.

— Você nunca fala da sua mãe — observa Matt.

— Falo sim. O que você quer saber?

— Qual o nome dela?

— Cassie.

— O que ela faz?

— É mãe em tempo integral.

— A minha também — diz Matt. — Isso é bom. E seu pai?

— Psicólogo.

Sinto uma pontada de culpa por mentir.

— Terapeuta?

— Tipo isso — respondo.

— Ele sempre tenta analisar você?

— Às vezes — digo, rindo.

— E você não fica irritada com isso?

Dou de ombros.

— Na verdade, não. Ele é legal.

Sinto que Matt vai continuar fazendo perguntas sobre os meus pais, então mudo de assunto abruptamente:

— Ei, você sabia que eu sou uma excelente ginasta?

Solto a mão dele e vou até a balaustrada da ponte.

— Hum, não — diz Matt, curioso e um pouco confuso.

— É verdade — falo, tirando um sapato, depois o outro.

— E minha especialidade é a trave de equilíbrio.

Antes que ele possa dizer qualquer coisa, subo na balaustrada, primeiro agachada, depois, quando me equilibro, fico de pé. Estendo os braços para os lados e começo a andar, os pés virados para fora, como um macaco, para me segurar.

— O que você está *fazendo*? — grita Matt.

Olho para ele por um instante, sem virar a cabeça. Ele parece assustado de verdade.

— Estou lhe mostrando meus talentos na trave, ora — respondo, dando mais dois passos. — Quer ver meu giro?

— Não! — diz ele, áspero. — Quero que você desça daí. Vai acabar caindo.

— Que nada — digo, sem olhar nos olhos dele. — E mesmo que eu caísse, que problema teria? Não é tão alto aqui em cima. Eu só ficaria um pouco molhada. Até parece que eu vou morrer.

Percebo quando ele para de andar. Com cuidado, eu me viro: ele não está impressionado com a minha habilidade. Na verdade, parece muito irritado. Acho que até vejo um traço de repulsa. Eu me agacho e desço para o chão.

— O que foi? — pergunto, indo até meus sapatos e os calçando novamente. Ele balança a cabeça. — O que foi? — insisto.

— Você é sempre assim, tão inconsequente?

As palavras dele me deixam com vergonha, e me sinto idiota por ter tentado me exibir. Eu só queria mudar de assunto, deixar o clima mais leve. Não pensei que ele encararia dessa forma. Só agora percebo como foi uma coisa estúpida.

— Ah, Matt, me desculpe. Eu fico aqui agindo como uma idiota, enquanto Audrey está doente. Não foi minha intenção… me desculpe. — Ele continua me encarando, zangado. — Quer ir para casa?

Ele me encara por mais algum tempo, até que finalmente responde:

— Se você conseguir ficar com os pés no chão, gostaria de ficar um pouco mais; se você quiser.

O alívio me inunda por dentro, mas tento brincar um pouco:

— Acho que consigo.

Volto a caminhar ao lado dele em direção à outra margem do rio. Após alguns instantes, ele volta a falar, com a voz mais suave desta vez:

— Desculpe, eu fiquei nervoso.

— Não, eu que tenho que pedir desculpas, sério. Não pensei em como você poderia estar se sentindo por causa de tudo o que está acontecendo com Audrey. Sou uma idiota.

Ele não responde, o que só faz com que eu me sinta pior.

— Aliás, como você está lidando com tudo isso? Está tudo bem?

Ele dá de ombros.

— Na medida do possível, acho que estou bem. — Ele passa a mão pelo cabelo escuro e despenteado. — Se quer saber a verdade, estou um pouco cansado da doença dela. É uma coisa horrível de se dizer, eu sei.

— Não, não é. Deve ser mesmo difícil cuidar de alguém.

— Nem é por isso. Na verdade, eu nem cuido muito dela. Ela não deixa. Quer ser tratada normalmente. É mais por todo esse suspense. No começo, era só drama, tristeza e pensar no que fazer, agora sinto que estou pronto. Tipo, vou ficar arrasado quando acontecer, mas até lá vou aproveitar ao máximo o tempo que me resta com minha irmã.

— É uma forma positiva de encarar a situação.

— Não é algo que eu planejei. É só como me sinto.

— Diferente de mim.

— Você não tem uma atitude positiva? — pergunta Matt.

— Não mesmo. Tudo bem, isso tudo ainda é muito novo para mim, então acabo sendo um pouco ingênua, mas, para ser sincera, quero que ela fique boa.

— Isso não vai acontecer — diz Matt, como se fosse algo irrefutável, o que me chateia de verdade.

Ele fecha o zíper do casaco, e percebo que também estou com frio. Abotoo o meu, depois deixo os braços pendendo ao lado do corpo, para que ele pegue minha mão de novo, mas, em vez disso, ele enfia as mãos no bolso do casaco. Tento não me sentir desapontada.

— Podemos mudar de assunto? — pergunto.

— Claro.

— Está bem… me fale mais sobre você. Sei que você é bom em inglês, que detesta demonstrações públicas de idiotice e que salva donzelas bêbadas em

perigo. O que mais gosta de fazer? Quem são seus amigos? O que pretende fazer quando terminar o colégio?

— Uau! — exclama Matt, com uma risada. — Por que esse interrogatório?

— Tudo bem. Vamos começar com uma fácil. Você provavelmente já sabe que Audrey é minha melhor amiga… E o seu melhor amigo, quem é?

Matt faz uma pausa e, justo quando acho que ele vai dar uma de *blasé* e dizer alguma coisa típica de garotos sobre não ter um melhor amigo, se abre um pouco:

— Drew. Ele é da nossa turma de inglês.

— O cara que se senta na sua frente?

— É. Somos amigos desde o jardim de infância. A pessoa mais divertida que conheço — diz ele, com uma risadinha. — Também toca guitarra muito bem. Ele tem uma banda com uns caras da Omaha South. Vive tentando me convencer a me juntar a eles.

— E o que você toca? — pergunto.

— A campainha, quando vou visitar alguém — brinca Matt.

— Não, sério — digo, dando um empurrãozinho nele.

Tento lembrar se vi algum instrumento musical na casa dele. Estou quase apostando em uma bateria escondida na garagem quando me recordo do…

— Piano — diz ele, baixinho. — Eu seria o tecladista da banda.

— Que legal. Você deveria aceitar.

— Talvez — diz ele, dando de ombros. — E você, o que gosta de fazer além de se embebedar com playboys?

— Engraçadinho — digo, tentando ganhar tempo enquanto penso nas respostas possíveis. O que eu gosto de fazer? Nada tão interessante quanto tocar em uma banda. Mas o silêncio começa a ficar desconfortável depois de um tempo, então respondo com sinceridade: — Gosto de ler. Sou bem rápida, às vezes leio quatro livros ao mesmo tempo. Sei que é meio nerd.

— Não, é legal. Eu queria ler mais.

— E também tenho um blog.

Matt desvia o olhar, sorrindo.

— O que foi? — pergunto.

— Nada, é só que… eu sei. Aud me mostrou. Tenho lido os seus posts. São divertidos.

Prendo a respiração: *Matt lê o meu blog?*

— Acha estranho eu ler? Uma invasão de…

— Privacidade? — completo, rindo. — Não tem nada de privado em um blog. É só que eu nunca conheci nenhum dos meus leitores.

— Sério? E os seus amigos de Frozen Hills?

Fico em silêncio por alguns instantes, depois digo:

— Matt, quer saber um segredo?

Ele olha para mim, curioso.

— Eu não tinha nenhum amigo de verdade em Frozen Hills.

Em vez de me chamar de mentirosa ou — pior — perguntar por quê, ele apenas murmura “Azar o deles” e muda de assunto:

— Ouvi dizer que você gosta de Arcade Fire — diz ele, então segura minha mão de novo, o que me faz pensar que não há nenhum outro lugar onde eu gostaria de estar.

* * *

Infelizmente, chegamos ao outro lado do rio poucos minutos depois. Paramos, refletimos sobre o que faríamos em seguida e então decidimos voltar. Ao refazermos nosso caminho pela ponte, a vista é ainda mais bonita. Com a cidade à nossa frente e a imensidão do céu sobre nossa cabeça, sinto-me livre para dizer qualquer coisa. E Matt também, pelo visto.

— Fico feliz que você tenha se mudado para cá — diz ele, olhando para o céu.

— Eu também — consigo falar calmamente.

— Eu gosto de você — continua ele. — Você é, tipo, uma coisa boa que apareceu no meio das ruins. Está me ajudando a lembrar que ainda existem coisas positivas no mundo.

Sinto como se houvesse um balão de ar se inflando dentro do meu peito.

— Ninguém nunca me disse algo tão bacana.

— Bem, é verdade.

Matt aperta minha mão. Penso que ele vai parar e me beijar, mas não. Fico decepcionada, mas decido me concentrar na mão firme que segura a minha e em como isso faz com que eu me sinta forte, energizada, como se estivesse ligada na tomada.

Me sinto completamente satisfeita até chegarmos ao fim da ponte: é quando tenho medo de que nosso primeiro encontro improvisado termine. Como se

sentisse a mesma coisa, Matt diminui o ritmo e então para. Nós dois nos apoiamos na balaustrada e admiramos a vista.

— Vamos voltar? — pergunta ele depois de um tempo.

— Que tal um lanchinho? — proponho.

— Ótima ideia — diz ele, parecendo um pouco aliviado.

Ele pega minha mão e atravessamos a rua larga, de volta ao estacionamento e ao familiar banco do carona de seu carro.

* * *

— Como você não tem uma namorada? — falo sem pensar, no caminho para a lanchonete que Matt diz ser sua preferida, sem me tocar que pareço uma *stalker*.

— Quem disse que eu não tenho?

Viro o rosto para ele de súbito, chocada e imediatamente com ciúme.

— O quê? — falo, um pouco alto demais, o que o faz rir.

— Brincadeira — diz ele. — Eu tinha uma namorada no ano passado, mas ela foi para a faculdade. Achamos que um relacionamento a distância não ia funcionar. Bem, eu achei. Ela queria continuar o namoro.

Agora, além do ciúme, me sinto inferiorizada. Eu, uma garotinha boba de quinze anos, não sou páreo para uma universitária. Talvez percebendo meu desconforto, Matt acrescenta:

— Ela é uma vaca.

Rimos juntos, e isso me deixa mais tranquila. Olho pela janela, vendo os prédios novos e antigos, e penso que essa conversa terminou. Mas, quando paramos em um sinal vermelho, Matt se vira para mim:

— Mesmo se ela não tivesse ido para a faculdade, não estaríamos mais juntos. Eu gosto de outra pessoa agora.

Preciso me virar para o outro lado, para que Matt não veja o sorriso se abrindo em meu rosto.

Alguns minutos depois, quando chegamos à lanchonete, percebemos que, embora seja domingo à noite, não somos os únicos que tiveram a ideia de fazer um lanchinho barato e pouco saudável. Somos obrigados a dar a volta no quarteirão e estacionar a algumas ruas de distância, e, quando saímos do carro, sugiro cortarmos caminho por um beco.

— Aqui não é uma parte legal da cidade — protesta Matt.

— Nada vai acontecer — digo, dando de ombros e entrando no beco.

Ele tem duas opções: me deixar ir sozinha ou me seguir. Ele dá uma corridinha para me alcançar. Fora um momento tenso com uma ratazana, chegamos à lanchonete sãos e salvos. Quando entramos, ele se vira e olha bem fundo nos meus olhos.

— Você não tem medo de nada?

A pergunta me pega de surpresa e me faz sentir vulnerável. Engulo em seco e tento compensar esse sentimento com uma mentira. Então, dando de ombros, digo:

— Não.

Matt me encara do mesmo jeito que me olhou após minha sessão de exibicionismo na ponte.

— Tudo bem — digo, com um suspiro. — Abelhas. Tenho medo de abelhas.

* * *

Duas horas e muitas batatas fritas com milk-shake depois, faço de tudo para encolher a barriga enquanto Matt me acompanha até a porta do quarto de hóspedes.

— Foi muito divertido — sussurro, bastante consciente da presença dos pais deles a apenas três portas de distância.

— Foi — sussurra ele de volta, sorrindo.

Ele se aproxima de mim do jeito que os caras fazem nos filmes quando querem um beijo de boa-noite, e sinto um frio na barriga, como se estivesse em queda livre. Levanto um pouquinho o rosto, para mostrar a ele que tudo bem.

Sua boca tem gosto de baunilha. Seu peito quente roça no meu. Seus braços continuam ao lado do corpo, mas o dedo indicador esquerdo dele se enrosca no meu direito. É um beijo longo, mas sem língua — só uma maciez doce. E então, rápido demais, acaba.

Olho para cima e admiro seu rosto bem perto do meu. À luz fraca, seus olhos escuros estão pretos, mas não há nada de sombrio neles. Nossos dedos ainda estão enroscados, mas nosso corpo já se afastou. Que bom, porque meu coração está disparado. Ele solta o ar; eu respiro fundo.

— É melhor eu ir para o meu quarto — sussurra ele.

— Tudo bem — respondo, também em voz baixa.

Mas não saímos do lugar.

— Eu não quero ir, na verdade.

— Nem eu.

Imóveis, permanecemos parados, nos encarando. A casa desperta. A descarga ressoa.

— Ok, agora eu vou — diz ele.

— Ok.

— Até amanhã — sussurra ele.

— Até.

Ele dá um passo para trás, e nossos dedos se separam. Tenho uma rápida sensação de pânico, como naqueles momentos em que estamos prestes a derrubar um copo cheio: um impulso de estender a mão para impedir que aconteça. Ele recua mais um passo, ainda com os olhos nos meus. Mais dois, e eu tenho vontade de segui-lo, mas consigo me segurar.

Ele percorre de costas todo o corredor até chegar a seu quarto, seu olhar jamais desviando do meu. Quando chega à porta, ele sorri e acena. Aceno também. Ele faz uma breve reverência antes de entrar; a porta se fecha atrás dele com um clique quase imperceptível.

E então — só então — eu volto a respirar.

16

Segunda-feira é dia de matar aula. Por causa da viagem, Cassie já tinha pedido autorização para que eu faltasse, e Audrey tecnicamente ainda está de repouso, embora já tenha saído da cama e esteja se sentindo melhor. Matt é o único que tem que ir à escola hoje. Durante o café da manhã, tenho que reprimir um sorriso insistente, que tenta surgir toda vez que olho para ele. Seu cabelo ainda está molhado, pingando e colado ao pescoço; quero estender a mão e secar as mechas, só para ter uma desculpa para tocá-lo. A noite passada está fresca em minha mente; ainda posso sentir os lábios dele nos meus e tenho que me segurar para não ficar encarando a boca dele.

Pelo menos ele também parece gostar de mim.

Toda vez que olho para Matt, ou ele já está me encarando ou sente meu olhar e ergue o rosto. Seus movimentos estão um pouco mais rápidos que o normal, e seus olhos escuros estão brilhando. Mal consigo comer.

E só piora.

Audrey começa a cantarolar para sua tigela de cereal, e imediatamente reconheço a melodia da música “The Way I Am”, da Ingrid Michaelson. A princípio, acho que é só uma cantoria distraída, mas logo percebo suas verdadeiras intenções.

— *If you are chilly, here take my sweater* — começa ela, agora cantando de verdade e balançando a cabeça de modo exagerado.

Matt olha para ela, confuso.

— Você tomou analgésicos demais esta manhã? — pergunta ele. — Por que está cantando para sua comida?

Audrey olha para ele com um sorriso estranho no rosto. Então revira os olhos e me encara, aparentemente se divertindo. Ela inclina a cabeça para o lado e canta ainda mais alto outros dois versos da música, a mão apoiada dramaticamente no peito.

Justo quando Matt entende que é uma serenata para nós dois, a mãe deles intervém:

— Que música bonita!

Graças a Deus, o ritual de humilhação é interrompido.

— Ah, é, linda — retruca Matt, bufando. Ele parece constrangido, mas

disfarça. — Você podia entrar para o coral.

Corando, enfio um pedaço de torrada na boca. Mastigo até que Matt se levanta de repente para sair. Olho para ele, surpresa.

— Tenho que encontrar o Drew — explica ele, embora esteja olhando para a mãe, não para mim. Então seus olhos encontram os meus e ficamos assim por um momento, nos despedindo em silêncio. Por fim, ele se vira para Audrey: — Tchau, Thelma.

Audrey revira os olhos para ele de novo. Matt se aproxima e dá um abraço na mãe, depois vai embora.

— Daisy, me desculpe — diz Audrey depois que ele sai. — Mas não resisti. Vocês são insuportavelmente fofos.

— Tudo bem — respondo, dando outra mordida na torrada. — Mas por que "Thelma"?

Ela balança a cabeça.

— Era como meu pai queria me batizar. Matt acha que é o nome mais nerd de todos os tempos, então, quando eu o irrito, ele me chama de Thelma.

Audrey e eu nos olhamos por um instante antes de cairmos na gargalhada. O nome não é *tão* engraçado assim, mas é um daqueles momentos em que a risada da outra pessoa faz a nossa aumentar. Acho que ainda estou delirando por ver Matt hoje de manhã, depois de ontem à noite, e Audrey é sempre boba desse jeito. Após cinco minutos, nós duas estamos chorando de rir. Depois de tentar, em vão, conversar conosco, a mãe dela sai da cozinha balançando a cabeça, o que só nos faz rir ainda mais. Me sinto um pouco mal, mas não o suficiente para me acalmar. Em vez disso, abraço a barriga e continuo rolando de rir.

Porque, às vezes, é só disso que precisamos.

* * *

Audrey e eu passamos a manhã inteira assistindo a programas de auditório na tevê e pintando as unhas do pé de azul-turquesa. Depois do almoço, apesar de eu não gostar muito de pegar sol, ela me arrasta para a piscina comunitária do bairro. Já estamos no final de setembro, mas mesmo assim o calor é forte o bastante para ficarmos ali. Minha pele clara está besuntada de protetor solar fator 50, enquanto Audrey opta por ficar totalmente à mercê do sol.

— Prefiro morrer bronzeada — diz ela, deitada preguiçosamente, um braço cobrindo os olhos.

— Não fale assim — repreendo-a sem encará-la.

— Por que não? Estou falando a verdade.

— Eu odeio a verdade — murmuro. — Além disso, nunca se sabe… Vai que alguém descobre a cura para o câncer amanhã?

— Não seja ridícula, Daisy — rebate Audrey. Ela tira o braço do rosto e me encara, estreitando os olhos por causa do sol. Quando sua visão se adapta à claridade, seu olhar se torna afiado. — Olhe para mim.

Obedeço.

— Não estou com medo, Daisy.

Pois deveria, penso, mas não falo nada. Sei por experiência própria que morrer não é nada legal.

— Que bom — respondo, porque não tenho ideia do que mais posso dizer.

— Não, sério, é bom mesmo. Quer dizer, não é bom ter câncer. Quando eu descobri, me senti traída. Estava convencida de que tinha que haver algum jeito.

— E deve ter — digo, com uma falsa segurança. — Você ainda devia pensar assim.

— Aí é que está, Daisy: não, eu não deveria. Em algum momento você tem que aceitar que vai morrer e agradecer por tudo que teve, em vez de se revoltar pelo que vai perder.

— Mas você não tem nem dezoito anos — protesto. — É muito jovem para desistir.

— Não estou desistindo. Estou aceitando meu destino.

— Isso é fraqueza — murmuro.

Estou irritada com Audrey, e também comigo mesma, por me sentir assim. O que eu espero conseguir discutindo com ela? Será que eu quero *mesmo* que ela fique tão chateada com o câncer quanto eu estou?

Queria poder voltar algumas horas no tempo e rir com ela de novo. Em vez disso, porém, fico quieta. Audrey desvia o olhar e volta a colocar o braço sobre os olhos.

— Na verdade, acho que a aceitação é uma demonstração de força, Daisy. Todo mundo morre um dia. Talvez essa seja a minha hora.

A calma dela me irrita. Depois me pergunto: *E se fosse eu?* Mason me disse que teve problemas para me trazer de volta da última vez. Será que, no lugar dela, eu estaria tão calma?

Duvido muito.

— Vamos demorar muito aqui? — pergunto, para mudar de assunto. —

Estou ficando vermelha.

— Você está é preocupada com a hora — provoca Audrey, me deixando mais à vontade depois de nossa conversa tensa. — Só porque daqui a pouco meu irmão vai chegar da escola.

Reviro os olhos e balanço a cabeça, mas, no fundo, sei que ela tem razão.

E talvez não apenas em relação a Matt.

17

Matt deve ter saído correndo da escola depois do último sinal, às 2h50, porque ele entra em casa às 3h07. Mas, é claro, nem parece esbaforido nem nada; está relaxado, como sempre.

— Oi! — digo, talvez um pouco entusiasmada demais, quando ele entra na sala, onde Audrey e eu estamos distraídas com outro programa de auditório.

Tento me controlar, mas sei que estou com uma expressão idiota. Antes de ele chegar, eu me encontrava em estado vegetativo; agora, ao vê-lo atravessar a sala, estou vibrando.

— Ei — diz Matt, sorrindo para mim. — Oi, Aud — acrescenta para a irmã, com um aceno rápido.

Ele larga a mochila no chão e se joga na poltrona macia, arqueando as sobrancelhas escuras ao olhar para a tevê. Adolescentes estão confrontando os pais sobre os maus hábitos dos adultos, como fumar, usar drogas e sair com jovens de vinte anos.

— Que *porcaria* é essa? — pergunta ele.

— Programação de alto nível — murmura Audrey. — Assista por cinco minutos e você não vai conseguir desgrudar os olhos da tela.

A Sra. McKean entra na sala vestida com um daqueles conjuntos de moletom típicos das mães, que servem tanto para ir à ginástica quanto ao mercado. Está esfregando as mãos, como se tivesse acabado de passar hidratante. Sinto cheiro de limão.

— Audrey, você se esqueceu da consulta? — pergunta ela.

— Hein? — murmura Audrey, tendo dificuldade para desviar sua atenção do barraco que acontece na tevê, e finalmente se vira para a mãe.

— A sua consulta é às quatro, e temos que sair às três e meia para chegarmos a tempo — diz a Sra. McKean. Ela olha o horário no visor do aparelho de DVD e então me encara. — Daisy, podemos aproveitar e deixá-la em casa, se quiser.

— Eu posso levá-la — diz Matt, os olhos ainda na tevê.

Prendo a respiração.

— Ótimo. Obrigada, Mattie — diz a mãe dele. — Audrey, por favor, vá se arrumar.

Audrey olha para sua roupa. Às três da tarde, ela está de pijama. Foi o que ela decidiu vestir depois que voltamos da piscina.

— Ok — diz ela. — Mas estou me sentindo ótima. Não sei por que temos que ir hoje.

— Você sabe que o Dr. Albright faz questão de ver como você está depois de uma visita à emergência.

Audrey revira os olhos e se levanta.

— Ligo para você mais tarde — diz para mim antes de sair da sala.

A Sra. McKean segue a filha. Matt se levanta e desliga a tevê.

— Quer ir agora?

— Claro — respondo, mas fico um pouco chateada por ele querer se livrar de mim tão rápido.

* * *

Durante todo o caminho fico tão perdida em meus pensamentos que quando chegamos à minha casa tenho a impressão de que acabamos de sair. Estou com a mão na maçaneta e abrindo a boca para me despedir quando Matt me surpreende:

— Posso entrar?

— Hã… pode.

— Tem certeza?

— Tenho — digo, me recuperando. — É claro que você pode entrar.

Minha melancolia evapora: talvez ele só queira passar um tempo na minha casa para variar.

Estacionamos, e Matt pega minha mala no banco de trás. Vamos até o pórtico, e eu destranco a porta. A casa está abafada após alguns dias vazia. Imediatamente atravesso o corredor e abro as janelas da sala de jantar. Matt deixa minha mala junto à porta.

— Quando seus pais vão voltar? — pergunta Matt, observando as salas de estar, de jantar e de visitas, visíveis de onde ele está.

— Só depois das dez. Talvez mais tarde.

Percebo que ele está analisando tudo ao redor e tento enxergar a casa através dos olhos dele. A sala de estar possui cinco móveis que parecem novos, embora devam ter mais de onze anos. Há um sofá de couro marrom, uma

namoradeira de dois lugares, algumas cadeiras e uma mesinha de centro e de canto no mesmo tom. No chão, há um tapete com uma estampa discreta. Um rack para tevê foi colocado próximo a uma das paredes, e um espelho com moldura ornamentada está pendurado acima da lareira. O papel de parede florido provavelmente estava na moda quando foi comprado, mas agora, dependendo do gosto pelo estilo vintage, pode ser tanto fofo quanto horripilante.

A pequena sala de visitas não tem nada além de três paredes encobertas por estantes de livros, duas poltronas de lona enormes com apoio para os pés e uma mesinha separando as duas. A única parede visível é pintada de verde-musgo e, somando-se às estantes marrons, o cômodo é escuro demais para alguém conseguir ler ali.

A sala de jantar tem móveis antigos: uma mesa de oito lugares, que acho que nunca recebeu mais de quatro pessoas, um aparador e uma enorme cristaleira na qual eu tinha medo de esbarrar quando era criança, achando que aquilo fosse cair e me esmagar. Acima da mesa, a uma altura baixa, há um lindo lustre, que já estava na casa quando viemos para cá; embaixo da mesa, um tapete persa.

Quando olho ao redor agora, percebo como a equipe foi cuidadosa ao arrumar a mobília. A decoração foi pensada para ser agradável, mas não chamativa; deve parecer acolhedora, mas não a ponto de a visita ter vontade de sair correndo para reproduzir tudo na própria casa. A única coisa que falta é…

— Não há fotos suas — observa Matt.

— É. Bem, nos mudamos há apenas algumas semanas. Minha mãe ainda não teve tempo de colocá-las.

— Achei que talvez seus pais não ligassem para isso. Você sabe, aquelas fotos humilhantes de bebê e tal. Eu ia dizer que você tem sorte.

— Não — digo, tentando disfarçar. — Infelizmente não.

Faço uma nota mental para lembrar a Mason que precisamos espalhar algumas fotos minhas de quando era criança pela casa imediatamente; depois, me ofereço para fazer um tour. Passamos pela cozinha — finjo não ver a porta que leva ao porão, porque Cassie teria um ataque se eu levasse alguém ao covil dela — e vamos para o andar de cima. Só quando chego ao degrau que range no topo da escada é que penso no que está acontecendo: estou levando um garoto — talvez um namorado — ao meu quarto.

Meu quarto não tem um espaço para bater papo como o de Audrey, então Matt se acomoda na ponta da cama. Vou até o meio do quarto e considero minhas opções, então me sento ao lado dele, deixando um pequeno espaço entre nós dois.

— Quarto maneiro — diz ele, olhando as paredes.

Ele aponta para um pôster do Arcade Fire e sorri, mas não comenta nada.

— Obrigada. Gosto de decoração.

— Você e minha irmã — diz ele com uma risada. — Mas você até que é boa nisso.

Embora eu tenha certeza de que Matt não está prestando atenção, estou bem consciente de cada pequeno movimento que faço. Meu corpo inteiro se vira na direção dele, como se eu fosse uma planta em um vaso no parapeito da janela, mudando de posição para receber os raios de sol mais intensos. O lado direito — que está perto de Matt — chega a parecer mais quente que o esquerdo.

— E aí, o que eu perdi hoje na aula de inglês? — pergunto, puxando assunto.

— Nada de mais. O Sr. Jefferson fez uma lista de vocábulos para pesquisarmos no dicionário, então passamos a aula toda fazendo esse trabalho inútil.

— Quais eram as palavras? Quero ver se conheço alguma.

— Está bem, hum… Se eu conseguir lembrar…

Matt se deita na cama e olha para o teto. É estranho continuar sentada enquanto ele está deitado, então me deito também. Tomo cuidado ao apoiar o braço, totalmente consciente da proximidade de Matt.

— Tinha *gracejar*.

— Que é o que estamos fazendo neste momento — respondo, cruzando os braços sobre a barriga.

— E *exotérico*.

— *Esotérico*? — pergunto. — Isso lá é palavra de vocabulário?

— Não, não é esotérico tipo horóscopos, mas exotérico com x, no sentido de para um público maior.

— Ah, ok. Manda outra.

— *Inculpar*.

— Não faço ideia.

— Acho que é incriminar alguém por alguma coisa — diz Matt. — Ou é ensinar? Ou talvez ensinar seja *inculcar*.

— Que mais?

— Havia algumas sobre livros — continua Matt. — *Prólogo* e *tomo*.

— Muito fácil. Qual era a palavra desafio?

O Sr. Jefferson sempre nos dá uma palavra desafio. Se acertarmos,

ganhamos pontos. Quando alcançamos um determinado número de pontos, podemos faltar a uma aula.

— *Abonança*.

— *Abonança* — repito. — Palavra legal, mas não tenho ideia do que significa.

— Também não sei — diz Matt. — Acho que vamos descobrir amanhã, quando virmos a resposta no quadro.

— Ou podemos pesquisar.

Me levanto da cama e vou até a estante. Meus livros são organizados pela cor, e meu dicionário está na seção vermelha, junto com uma espécie de guia de decoração no estilo "faça você mesmo", dois romances, um suspense e *O Senhor dos Anéis*. Pego o dicionário e o folheio até encontrar o vocábulo.

— É um substantivo e significa calmo, ameno, tranquilo.

— Boa palavra — diz Matt. — Nunca mais vou esquecer.

— Sério? — pergunto, fechando o dicionário e voltando para perto dele na cama. Desta vez deito de lado, e ou estou mais perto de Matt ou é apenas impressão, porque posso vê-lo melhor. — Por quê?

— Porque *calmo* e *tranquilo*… me lembram você — responde ele, sem hesitar, me surpreendendo com sua sinceridade. Ele tira os olhos do teto e os crava nos meus. Seu olhar parece um raio. — É assim que me sinto quando estou ao seu lado.

Em um segundo, percebo algo que não sabia até agora. As palavras dele são mais do que um elogio: são as respostas para as perguntas que me fiz durante dias.

Será que ele gosta de mim tanto quanto eu gosto dele?

Será que posso confiar nele?

Será que devo contar a ele?

Agora eu sei. Tenho a resposta.

Sim. Sim. Sim.

Definitivamente, sem sombra de dúvidas, sim.

18

— Hum… — murmura Matt alguns minutos depois, já no escritório de Mason, olhando em volta. — O que estamos fazendo aqui?

— Sente-se — digo, fazendo um gesto para as cadeiras em frente à enorme escrivaninha. — Por favor — acrescento, para não parecer mandona.

Enquanto me acomodo na cadeira ao lado da dele, engulo minha ansiedade e respiro fundo para me acalmar. Tento me concentrar no lado positivo da situação — que me sinto tão segura com Matt que estou disposta a arriscar tudo —, mas o lado negativo se aloja em minha mente. Estou prestes a revelar um segredo de Estado que pode ter implicações para praticamente todo mundo que conheço. Estou me preparando para contar ao cara de quem gosto que eu estava mentindo para ele. E, por fim, estou prestes a dizer ao irmão de uma garota à beira da morte que existe um remédio que revive pessoas… ah, mas que não serve para a irmã dele.

É tanta pressão que, por uma fração de segundo, penso em desistir. Mas então me lembro do que Matt disse:

Calmo e *tranquilo… me lembram você.*

Ele tem o direito de saber quem eu sou de verdade.

— Matt, tem uma coisa que eu quero lhe contar — começo. — É sobre mim. Sobre minha vida.

— Tudo bem — diz ele, me olhando com curiosidade. — E temos que falar sobre isso no escritório do seu pai? — brinca ele, indicando com um gesto as paredes brancas sem graça e a mobília marrom.

— Mais ou menos. Quer dizer, sim, mas vou chegar nessa parte daqui a pouco.

— Ok.

Pausa.

— Não sei por onde começar.

— Pelo começo? — sugere ele, ainda sorrindo.

Respiro fundo e decido ir em frente.

— Eu jurei não contar a ninguém o que estou prestes a lhe dizer — começo.

Matt se endireita um pouco na cadeira, interessado. Ele assente, como se estivesse concordando em não revelar meu segredo para ninguém.

— Então: antes de um remédio ser aprovado e poder ser vendido nas farmácias, ele passa por um monte de testes. Normalmente as pessoas são informadas sobre a medicação enquanto ela ainda está na fase dos testes, mas às vezes, em casos de substâncias muito controversas, esses testes são feitos em segredo. Eles podem durar anos, até décadas. — Faço uma pequena pausa, para me dar uma última chance de desistir. Então, simplesmente digo: — Eu faço parte de um desses programas.

— Legal. E para que tipo de remédio? — pergunta Matt na mesma hora.

Sua expressão é de pura… pura empolgação. Espero um momento antes de prosseguir, sustentando seu olhar pelo máximo de tempo possível. Sinto como se estivesse prestes a magoá-lo, mas como posso continuar saindo com Matt se ele não souber a verdade sobre mim?

— É um remédio chamado Recomeço — digo enfim. — Ele revive as pessoas. — Matt arqueia as sobrancelhas, confuso. — Eu morri quando tinha quatro anos — esclareço. — Esse medicamento me trouxe de volta à vida.

— Isso… Você está de sacanagem? — pergunta ele.

— Não — respondo, séria.

Os olhos de Matt procuram nos meus por alguma indicação de que estou brincando. Como não encontra nenhuma, sua expressão se torna sombria.

— Como você morreu? — pergunta ele, preocupado.

— Eu sofri um acidente de ônibus em Iowa. O ônibus escolar caiu de uma ponte, dentro de um lago.

Quase posso ver as engrenagens girando dentro da cabeça de Matt.

— Não teve uma minissérie sobre esse acidente? — pergunta Matt, relembrando.

Confirmo.

— Então… — começa ele, as peças enfim se encaixando.

Ele franze a testa e se remexe um pouco na cadeira. Após alguns instantes de atordoamento, Matt faz a pergunta que eu já esperava:

— Audrey?

Ele pronuncia apenas o nome, sem ousar dizer o resto.

Definitivamente não quero entrar nesse assunto. Mas percebo que preciso falar sobre isso.

— Não é… — Minha voz falha. Me recupero e tento outra vez: — Não funciona em pacientes doentes ou com ferimentos muito graves. O medicamento não é capaz de recuperar os tecidos danificados. É como um choque elétrico em todo o organismo de uma vez só, trazendo a pessoa de volta à vida de dentro

para fora. O Recomeço não pode reanimar corpos que não eram saudáveis antes da morte.

Claramente processando a informação, Matt diz:

— É a coisa mais estranha que eu já ouvi.

Ele está sério, distraído, olhando de mim para a mesa, para as paredes e de volta para mim, procurando respostas. Ele engole em seco; acho que está em choque.

— Eu sei.

— Eu… eu não… quer dizer, nem sei se eu quero saber sobre isso — admite ele. Matt começa a se remexer, inquieto; esfrega as palmas das mãos na calça. — Afinal, o que vou fazer agora com essa informação? Se não posso ajudar Audrey, de que vai me adiantar saber disso? Não é justo.

Matt então para de falar e baixa os olhos para as mãos. Vendo a tristeza em seus olhos, eu me pergunto se fiz a coisa certa.

— Sinto muito por lhe contar — digo, um pouco magoada por ele não entender meus motivos. — Só achei… Bem, eu queria lhe dar alguma coisa. Uma parte de mim, talvez. Queria que você me conhecesse de verdade. Mas entendo que você não queira saber sobre o Recomeço.

— Não, isso tudo bem — diz Matt, seu olhar mais calmo ao encontrar o meu. — Só estou um pouco em conflito, entende? Quero conhecer você, mas é difícil ouvir uma coisa dessas sem pensar em Audrey. Sem me sentir um lixo porque esse remédio também não serve para ela.

— Entendo. Acredite em mim, eu concordo com você — digo, me levantando. — É melhor a gente voltar para o meu quarto e ficar lá mais um pouco. Sinto muito por ter tocado nesse assunto.

Matt me vê levantar, mas continua sentado.

— Daisy.

— Hum?

Ele faz uma pausa, depois força um meio sorriso, que faz meu peito doer.

— Quero saber. Me conte sobre a sua vida.

* * *

Sem saber por onde começar, minha história é uma confusão no início, pulando de nossa mudança para Omaha ao fato de a FDA ser responsável pelo programa, depois comentando sobre os rigorosos testes anuais e voltando ao início. Pela

expressão de Matt, percebo que ele está tendo dificuldades em acompanhar tudo, mas, quando começo a descrever as equipes e suas funções, as barreiras somem, e parece que ele não só está entendendo como também ficou interessado.

— O programa foi criado cerca de um ano antes do acidente de ônibus — digo. — Basicamente, estavam esperando que alguma coisa acontecesse, para que tivessem cobaias humanas. Os agentes foram selecionados de acordo com suas especialidades, e tenho certeza de que estavam ansiosos para começar.

— De onde eles vieram?

— De outros segmentos do governo — respondo, dando de ombros. — Ou de empresas privadas. Alguns foram recrutados logo após se formarem — acrescento, pensando em Cassie.

— O que eles fazem? — pergunta Matt. — Hoje em dia, quer dizer.

— Alguns trabalham como cientistas no laboratório principal, na Virgínia. A função deles é aperfeiçoar a fórmula. Outros são como guarda-costas, cuidam das crianças do programa. O agente responsável pela minha amiga Megan também é especializado em informática. Ele vasculha a internet em busca de qualquer referência ao programa. Tem a personalidade de um computador com internet discada, mas é um gênio. Ele invadiu o servidor central do FBI quando era adolescente, e outra vez mandou uma mensagem pelo e-mail de um ex-presidente, só para mostrar que era capaz. Se ele não fizesse parte do Recomeço, aposto que seria preso…

— Espere. Sua amiga Megan… você está falando da Fascinante? Aquela do blog? Ela também morreu no acidente?

— Sim.

Ele balança a cabeça.

— Isso é loucura.

— Eu sei — digo baixinho. — Deve ser bem estranho para você. Mas é o que eu sou. Só estou sendo honesta.

— Que bom — diz ele, mas sua expressão mostra desconforto. Ele respira fundo. — Continue.

— Certo. Então, como eu disse, cada agente tem uma função. Tanto Mason quanto Cassie são formados em medicina, então o trabalho deles é monitorar a saúde e o bem-estar das crianças do ônibus…

— Mason e Cassie? — Matt me interrompe. — Tipo… os seus *pais*? Seus pais são agentes do governo?

Faço uma careta.

— Desculpe. Pulei essa parte.

Ele balança a cabeça de novo, depois passa a mão pelo cabelo. Espero que ele diga alguma coisa, mas ele não fala nada, então continuo. Digo a ele que sou adotada, e ele comenta que já sabia porque Audrey lhe contou, e que eu morava com freiras antes do acidente. Explico que nenhuma outra criança do ônibus mora com agentes, mas, como não havia família para a qual me devolver, eles tinham que me pôr sob a responsabilidade de alguém.

— Espere aí, eles disseram às *freiras* que você tinha morrido?

Não me importo com mais uma interrupção; é bom que ele esteja prestando atenção.

— Toda a cidade de Bern foi informada de que não houve sobreviventes. O programa é absolutamente confidencial.

— Mas para freiras? Isso me parece particularmente errado.

— É, mentir para freiras não é legal. O engraçado é que foi Deus que mentiu para elas.

Matt parece confuso, e me lembro de que não contei essa parte ainda.

— Ah, me desculpe. Eu me esqueci dos apelidos. Como o Recomeço revive as pessoas, e como isso é uma habilidade divina, o grupo principal de agentes começou a chamar o programa de Projeto Deus. Secretamente, eles chamam o cara que está à frente de tudo de Deus; a si mesmos, de discípulos; e, por fim, quando começaram os testes com humanos, nos apelidaram de convertidos. Os apelidos pegaram.

— Que coisa mais bizarra.

— Pois é — digo, dando de ombros. — Você é religioso?

— Acredito em um poder superior, se é isso que quer saber. Mas não necessariamente em religião.

Assinto, mas não faço nenhum comentário. Grande parte da questão religiosa parece girar em torno da morte e do que acontece quando alguém morre, e, como faço parte de um programa como o Recomeço, a religião sempre me pareceu desnecessária. Aliás, não há muitos religiosos entre os agentes do programa, todos obcecados pela ciência. Mas ainda tenho fé. Nesse sentido, Matt e eu somos bem parecidos.

— Ok. Chega de falar de Deus — digo, sentindo que estou perdendo a atenção de Matt. — Eu trouxe você aqui para poder lhe mostrar alguns dos documentos secretos do programa e coisas do tipo. Para que você tenha uma ideia melhor de como é. Para ser sincera, achei que talvez você não fosse acreditar em mim, a menos que eu tivesse provas.

Ele me olha, surpreso.

— Achou que eu não fosse acreditar em você?

— Eu… é, achei — respondo, um pouco constrangida.

— É claro que eu acredito em você.

Ele me fita com intensidade e sustenta meu olhar por alguns instantes. Parece que correntes elétricas passam entre nós durante esses poucos segundos, e, não sei por quê, o calor que me invade faz toda essa situação parecer razoável.

— Mas eu ainda quero ver as coisas maneiras — diz Matt por fim, com um sorriso. E é assim que a tensão se desfaz.

Rio um pouco, depois o chamo para perto com um gesto.

— Arraste a cadeira para cá. Vou deixar você de queixo caído.

19

Agito a mão para tirar o computador do modo de espera, depois toco no monitor para que reconheça minha impressão digital. Ele me pede uma senha. Digo o primeiro polissílabo que me vem à mente: *xenófobo*. Matt ri; deve achar que é mesmo uma senha, quando na verdade o computador só precisa que eu fale uma palavra com mais de três sílabas para que o programa de reconhecimento de voz confirme minha identidade.

— Abaixe-se por um segundo — peço a Matt.

Ele olha para mim de um jeito engraçado, mas se encolhe um pouco, o suficiente para que o scanner do computador não detecte ninguém além de mim. Quando consigo convencê-lo de que sou mesmo Daisy e não uma impostora, recebo permissão para acessar o diretório do Programa F-339145.

O Projeto Deus.

— Todas as crianças do programa podem mexer à vontade nos arquivos? — pergunta Matt.

— Não — murmuro, avançando pelas telas de boas-vindas com as mãos em vez de usar um mouse. — Como disse, sou a única que mora com agentes. Mason é tranquilo. Ele diz que eu sou quase uma agente e que, por isso, tenho o direito de acessar as informações se quiser. Ele confia em mim.

— Maneiro — diz Matt, fascinado.

Não respondo, engasgada com a ironia de minhas próprias palavras.

Abro a pasta com o clipping das matérias que saíram nos jornais sobre o acidente em Iowa. Depois de escolher a reportagem mais longa e completa, chego a cadeira para o lado, para que Matt possa ler.

Vejo seus olhos cor de chocolate percorrerem a tela de um lado para o outro. A princípio, estão arregalados e brilhantes: ele está entretido com a história. Depois se estreitam, dando-lhe um ar pensativo. Por fim, quando ele se encolhe e seu rosto congela em uma expressão de desconforto, eu me obrigo a desviar o olhar. Sem ter mais para onde olhar, releio o texto.

ACIDENTE DE ÔNIBUS NA AUTOESTRADA 13 MATA VINTE CRIANÇAS E MOTORISTA

Por Jolie Papadopolis
Quinta-feira, 6 de dezembro de 2001

A Polícia Rodoviária de Iowa ainda não divulgou os nomes das crianças mortas no acidente de ontem, quando um ônibus escolar da Brown Academy despencou de uma ponte na autoestrada 13, caindo no lago Confident e matando todos os ocupantes. A polícia não descobriu o que provocou o acidente. A motorista Peggy Miller, 22 anos, de Briarwoods, também morreu na hora.

Embora os paramédicos tenham chegado ao local em menos de quinze minutos, nenhuma das vinte crianças, todas entre quatro e onze anos, nem Miller puderam ser reanimadas.

"É a pior tragédia que esta cidade já viu", disse Phillip D. Grobens, chefe de polícia de Bern, onde fica a Brown Academy. "Estou arrasado pelos pais dessas crianças e também pela Sra. Miller."

De acordo com uma testemunha, o ônibus tentou desviar de um veículo que vinha na contramão. A testemunha desconfia de que o gelo na pista possa ter contribuído para que Peggy Miller perdesse o controle do ônibus. Macy Pine, 18 anos, moradora de Bern, relatou: "O ônibus deu uma guinada e nessa hora parecia que ela havia recuperado o controle, mas aí a parte de trás derrapou com força para a esquerda, e o ônibus estava rápido demais, até que caiu da ponte. Passou direto, quebrando a balaustrada. Foi horrível. O gelo o engoliu, e não havia nada que pudesse ser feito. Afundou no lago."

Apesar dessa declaração e das de outras testemunhas que a corroboram, Grobens diz que o condado fará uma autópsia no corpo da motorista para descobrir se houve abuso de alguma substância ou se ela era portadora de alguma doença que possa ter ajudado a causar o acidente. Peggy Miller dirigia o ônibus havia apenas seis meses.

"Com tantas famílias destruídas, temos que investigar todas as possibilidades", declarou Grobens.

Os nomes das vítimas serão divulgados assim que todas as famílias tiverem sido avisadas. Segundo Grobens, os pais de uma das crianças estavam fora do país no momento do acidente e ainda não puderam ser contatados.

Uma das principais escolas particulares do estado, a Brown Academy recebe crianças desde a pré-escola até o ensino médio e foi muito elogiada tanto pelas notas nas avaliações escolares do estado quanto pelo programa de bolsa para famílias de baixa renda. Em sua declaração, a diretora da escola, Elizabeth Friend, afirmou: "Nossos sentimentos estão com as famílias e os amigos, cujas

vidas foram abaladas por essa terrível tragédia. Cada uma daquelas crianças era especial e merece um lugar especial em nosso coração para sempre.”

A Brown Academy ficará fechada durante esta semana e está oferecendo aconselhamento gratuito para alunos e pais, assim como serviço de alimentação para as famílias diretamente envolvidas.

A polícia pede que qualquer um que tenha testemunhado o acidente entre em contato com a Polícia Rodoviária de Iowa no número 555-2301.

— Uau! — exclama Matt quando termina de ler. — Pesado, hein?

— Eu sei, mas no fim quase todo mundo ficou bem.

— Quantos não ficaram?

— Hum… — Jogo o arquivo do jornal para um lado e abro um documento com a lista das pessoas que estavam no ônibus. — Seis crianças morreram de verdade. E a motorista. Então, sete no total.

Matt lê os nomes das crianças; eu faço o mesmo.

Tia Abernathy, Michael Dekas (X), Andrew Evans (X), Timothy Evans (X), Nathan Francis (X), Cody Frost, Marissa Frost, Joshua Hill, Tyler Hill, David Katz, Daisy McDaniel, Elizabeth Monroe, Anne Marie Patterson (X), Marcus Pitts, Chase Rogers, David Salazar, Wade Sergeant, Gavin Silva, Kelsey Stroud (X), Nicole Yang.

Olho para Matt e vejo que ele ainda está observando os nomes.

— Seu verdadeiro sobrenome é McDaniel?

— É.

— Então nos sentaríamos perto um do outro na formatura se você não tivesse mudado de nome — diz ele, com a cabeça nas nuvens.

Vejo que ele está fascinado com a lista, então não a tiro da tela ainda.

— Você é um ano mais velho que eu. Não vamos nos formar juntos.

— Ah, é verdade. Eu me esqueço porque você está na minha turma de inglês.

— E, se eu não tivesse mudado de nome, se eu não tivesse morrido, não estaria em Omaha.

Ficamos em silêncio por um tempo. O que eu queria mesmo era perguntar a Matt o que ele está pensando, embora essa seja a pergunta mais clichê que se pode fazer a um garoto. Como ele continua com os olhos fixos na lista de nomes, abro a boca para perguntar se ele tem alguma dúvida. Mas ele fala primeiro:

— Cadê a Megan?

— Ah, ela era Marcus Pitts na época. Nasceu menino. O pai dela aproveitou

o acidente para sair de casa, principalmente porque não conseguia aceitar que o filho é transgênero. Depois que ela se mudou com a mãe, Megan passou a usar o que quisesse, ser o que e quem quisesse. Desde então ela se veste como garota.

— Mas ela só tinha… o quê, cinco anos?

— Acho que quando é para ser, você já sabe desde cedo — digo, dando de ombros.

— Ah. Então os X ao lado dos nomes são…

— Os que morreram — completo, assentindo.

— Esses garotos eram irmãos? Os Evans?

— Sim.

— E os dois morreram? — pergunta Matt, horrorizado.

— Sim.

— É tão cruel. Os pais deles devem ter ficado arrasados.

— Ficaram sim, com certeza.

— Tenho certeza de que ainda estão.

Olho para Matt: ele está com o rosto apoiado na mão direita e a testa franzida. Seus olhos escuros estão sombrios como um dia de tempestade. Ele está tocado por essas pessoas que nunca conheceu. Talvez seja por causa de Audrey ou talvez ele tenha um lado sensível, mas a reação de Matt faz com que eu questione a minha. Preciso ser honesta: de todas as vezes que acessei os arquivos e pesquisei sobre o programa, raramente pensei naqueles que morreram de verdade. Neste momento, percebo que nunca pensei muito neles.

Será que absorvi algumas tendências robóticas de Cassie depois de tantos anos morando com ela? Ou é apenas minha mente mais lógica que me faz olhar para o programa de modo tão frio? Ou é o programa em si? Será que, ao me ensinar que a morte é opcional, o programa me tornou insensível à morte *de verdade*?

Como será minha reação se Audrey morrer?

Ou eu deveria dizer *quando* ela morrer?

Afastando esse pensamento mórbido, fecho a lista. Ouço Matt inspirar ao meu lado, como se tivesse prendido a respiração durante todo aquele tempo. Penso em parar por aqui, mas decido ir em frente, já que Matt está tão interessado. Abro a pasta onde eles guardam os arquivos de todas as vítimas: um para cada criança, viva ou morta. Não são numerados — todos começam com F-339145 e têm uma letra aleatória depois da identificação do programa —, então é difícil saber qual arquivo é de que pessoa. Matt observa enquanto faço um uni-duni-tê mental.

Ao abrir o arquivo escolhido, imediatamente reconheço a letra de Mason. A página tem a data de cinco de dezembro de 2001: o dia do acidente.

Quando o programa começou, acho que Deus era paranoico com a internet, por isso fazia os agentes anotarem tudo no papel. Mas o tempo passou, ele superou sua tecnofobia, mandou escanear todos os arquivos manuscritos e depois os destruiu. As anotações feitas à mão são as mais reais. Ao olhar os garranchos apressados de Mason, realmente *sinto* quão terrível era a situação dos agentes naquele dia, muito mais do que lendo um relatório digitado.

— Uau — murmuro.

— O que foi? — pergunta Matt.

— Nada, é só a letra. É de Mason; parece tão… perturbada.

Matt assente, mas ainda parece muito confuso. Aponto para a data.

— Esse foi o dia do acidente — explico. — Os agentes tinham que fazer anotações rápidas entre um paciente e outro. Sem dúvida foi caótico. E deve ter sido frustrante para eles. Mason e os outros tinham a missão de trazer vinte e uma pessoas de volta à vida só com uma seringa.

Matt passa alguns segundos absorvendo minhas palavras.

— Mas se o remédio não funcionava, eles tentavam outras formas de reanimar vocês, não é?

— Não, essa é a questão — digo. — Para testar o medicamento de verdade, eles podiam usar *só* o Recomeço. Não podiam fazer nem reanimação cardiorrespiratória.

— Mas… — Suas palavras ficam no ar.

— Já imaginou como deve ter sido para um médico saber todas aquelas técnicas para salvar vidas e não poder usá-las? — pergunto.

— É tipo ter uma irmã com câncer e saber que existe um remédio que revive pessoas, mas que ele não serve para ela — diz Matt, me encarando.

— Acho que sim — falo baixinho.

— Desculpe.

— Não se desculpe. Você tem razão.

Matt leva a conversa de volta para a tela. Ou melhor, ele olha as anotações e começa a ler. Sem saber mais o que dizer, leio também.

CASO NÚMERO: 16
NOME: KELSEY STROUD

IDADE: 6

PAIS: JONATHAN E NANCY STROUD

(CONSENTIMENTO DADO ÀS 9H17)

LOCALIZAÇÃO DO CORPO: DEBAIXO DO ASSENTO 8 (À ESQUERDA DO CORREDOR)

PROVÁVEL CAUSA DA MORTE: TRAUMATISMO CRANIANO GRAVE (OBJETO DE METAL PERFUROU A CABEÇA LOGO ACIMA DA TÊMPORA ESQUERDA; CONSEQUENTE PERDA DE GRANDE VOLUME DE SANGUE; ESCALA DE COMA DE GLASGOW 1 PARA ABERTURA OCULAR, RESPOSTA VERBAL E RESPOSTA MOTORA)

PRIMEIRA DOSAGEM: UM FRASCO, 9H18.

REAÇÃO: NENHUMA

DOSE DE REFORÇO: NENHUMA

RECOMENDAÇÃO: AUTÓPSIA PARA CONFIRMAR CAUSA DA MORTE E COMPARAR COM OUTRAS REAÇÕES AO MEDICAMENTO. TESTAR AMOSTRAS DE PELE E DE CABELO PARA VERIFICAR RESISTÊNCIA AO MEDICAMENTO, APESAR DE CLARAS EVIDÊNCIAS DE QUE A CAUSA DA MORTE FOI O FERIMENTO NA CABEÇA. REALOCAR OS PAIS APESAR DA TENTATIVA FRUSTRADA?

— Caramba — diz Matt, baixinho, balançando a cabeça.

— Sinto muito — repito. — Eu estava tentando encontrar algum dos casos que deram certo. Não sei dizer de qual criança é cada arquivo.

— O que aconteceu com os pais da menina? — pergunta ele, ignorando meu pedido de desculpas.

Afasto as notas da tela e abro outro arquivo na pasta de Kelsey. É um termo de confidencialidade assinado. Fecho-o e abro a planilha de realocação: o Sr. e a Sra. Stroud, que não tinham por que mudar de nome, agora moram na Dakota do Norte. No último contato, em 2011, eles estavam “normais”.

Tirando o fato de que a filha deles está morta.

Matt não diz mais nada, então abro outra pasta. O primeiro arquivo é parecido com a página de Kelsey, mas é relativo a outra criança do ônibus, escrito por outro agente.

CASO NÚMERO: 20
NOME: NATHAN FRANCIS
IDADE: 9

Provável causa da morte: fratura no pescoço (raio x confirmou fratura da vértebra cervical, compatível com acidente veicular; arreflexivo)

Primeira dosagem: nenhuma

Reação: nenhuma

Dosagem de reforço: nenhuma

— *Caramba!* — repete Matt, desta vez com mais ênfase.

— Eu sei — digo, fechando rapidamente o arquivo, então dou um tapinha no ar para abrir outro.

Felizmente é sobre alguém que reagiu ao Recomeço: Gavin Silva, agora Gavin Villarreal. Expiro ruidosamente enquanto passo pelos detalhes de sua reanimação e sua realocação para Nova York.

— Eu conheço esse garoto — digo. — Ele é bem legal.

— Ah, é? — pergunta Matt em voz baixa.

É evidente que ele precisa ouvir algumas boas notícias tanto quanto eu, se não mais.

— É — digo. — O Recomeço funcionou para muitos de nós. Ganhamos uma nova vida.

Sinto como se tivesse acabado de sair de uma casa mal-assombrada: meus nervos estão em frangalhos e me sinto exausta de tanta tensão. Faço uma pausa para me recuperar. Depois tento explicar a Matt os pontos positivos do programa.

— Gavin tem vinte e dois anos hoje — digo, em tom comedido. — Você ia gostar dele. Ele é muito engraçado. Estuda belas-artes e desenha bem. Ele me mandou uma ilustração de aniversário no ano passado… É aquela do rosto, no meu quarto…

— É, eu vi.

— Enfim, a vida de Gavin está *muito* melhor agora. Mason me disse, faz alguns anos, que o pai de Gavin abusava dele. Batia nele, queimava o filho com a ponta do cigarro…

Faço uma pausa, pois sinto arrepios.

— Isso é doentio — diz Matt, com uma faísca de raiva nos olhos.

— É sim — concordo. — É horrível. Não era fácil para ele, mas o programa Recomeço o salvou disso.

Matt arqueia as sobrancelhas, como se quisesse ouvir mais, então continuo:

— O melhor amigo de Gavin era um dos garotos que morreram. Ele se chamava Michael Dekas. Bom, acho que antes do acidente os pais de Michael começaram a desconfiar de que havia alguma coisa errada na casa de Gavin, mas nunca conseguiram fazer com que ele admitisse. Mason disse que eles falaram com a mãe de Gavin, mas ela também negou tudo e depois não o deixou mais ir à casa dos Dekas por um tempo.

"Então aconteceu o acidente. Michael definitivamente não reagiu ao medicamento, e os pais dele, é óbvio, ficaram arrasados. Então, quando os agentes foram tentar reanimar Gavin, encontraram todas aquelas queimaduras no corpo dele. Não havia nenhum parente na cidade, e os pais dele estavam no Canadá, eu acho, então os agentes recorreram às famílias das outras crianças. Os Dekas se apresentaram e, quando viram as queimaduras, logo se oferecerem como voluntários para realocar Gavin… como filho deles."

— Jura? — diz Matt.

— Juro. O programa salvou a vida de Gavin duas vezes, de certo modo.

— É — concorda Matt. — Mas, sabe, também é meio que um sequestro. É pior do que mentir para as freiras.

— Talvez — digo, nunca tendo pensado por esse ângulo.

— Mas ainda acho que era a coisa certa a fazer — ele se apressa em esclarecer. — Afinal, como eles poderiam mandar uma criança de volta para um cara que a estava usando como cinzeiro?

— Exatamente — respondo, mas me falta convicção.

Ficamos perdidos em pensamentos por alguns minutos. Pensamentos sombrios começam a se infiltrar em minha mente. Muitas vezes pensei em como a vida de Gavin está melhor agora, mas nunca tinha pensado em sua mãe verdadeira e em como era a vida dela naquela época e em hoje. Pela primeira vez, percebo que, do ponto de vista moral, a situação pode não ter sido tão clara como sempre achei.

Talvez eles devessem tê-la procurado e lhe oferecido uma saída também.

Sinto um tormento que parece culpa: por criticar o programa que me deu uma vida e um lar. Deixo de lado a história de Gavin, pelo menos por hora.

— Outras pessoas também se beneficiaram com o Recomeço — digo a Matt. — Já lhe falei como a vida de Megan melhorou. E Tyler e Joshua Hill, que são gêmeos idênticos. Os dois foram reanimados. Moram em Utah. Seria terrível

se só um sobrevivesse, mas os dois conseguiram. Ah, e a irmã mais nova de Elizabeth Monroe deveria estar no ônibus naquela manhã, mas acabou ficando em casa porque estava doente. Mas Elizabeth foi reanimada, então a irmã dela nunca vai sentir a culpa de ser a sortuda. Quer dizer, você consegue imaginar como seria viver todos os dias sabendo que sua irmã não…

Estou tão preocupada em fugir de dilemas morais e tentar defender o programa que só percebo o que estou dizendo quando as palavras já saíram. Então aquilo me atinge, como uma marreta no coração. Chocada com minhas próprias palavras, encaro Matt depressa, os olhos arregalados.

Ele é o sortudo; Audrey não é.

— Ai, meu Deus, Matt. Não acredito que falei isso.

— Tudo bem — diz ele baixinho.

Ele desvia o olhar para o teto. Não há nada de interessante lá em cima, mas ele fica olhando mesmo assim.

— Não, não está.

O quarto está quieto, congelado.

— Na verdade, Daisy, você tem razão — diz Matt por fim, suspirando alto. Ele volta a me encarar, seus olhos escuros soltando faíscas. — Não está tudo bem que um remédio desses exista e não possa ajudar minha irmã. Não está nada bem.

Não sei o que fazer. Viro-me ansiosa para a tela e começo a fechar os arquivos. Ouço um relógio soar no primeiro andar; minha respiração é barulhenta como um vendaval.

— Nunca poderemos contar a Aud sobre isso — diz Matt, sem rodeios.

— Você nunca vai poder contar a *ninguém* sobre isso.

— Já disse que não vou contar — dispara ele. — Mas acho que você vai ter que confiar em mim quanto a isso.

— Eu confio em você — digo suavemente. — É só que nunca dividi essas coisas com ninguém. Nunca me senti próxima de ninguém a ponto de *considerar* contar. E seria um grande problema se isso vazasse. Quer dizer, haveria um levante. Todo mundo iria querer o remédio. Mas não funciona com qualquer um.

— É o caso de Audrey — fala Matt, desanimado.

A raiva de Matt se esvai tão rapidamente quanto surgiu, e percebo que prefiro vê-lo com raiva a vê-lo triste. Com a raiva eu consigo lidar; sua tristeza é de partir o coração.

— É o caso de Audrey — repito.

Mesmo sabendo que Audrey nunca fará parte do Recomeço, imagino ler o

nome dela em um arquivo relatando seu caso. Ou as tentativas frustradas de reanimá-la rabiscadas no papel. A hora de sua morte anotada como se não fosse nada.

Não consigo ignorar o embrulho que estou sentindo no estômago agora.

Essa minha pequena viagem pelo mundo do Projeto Recomeço era para Matt, mas só serviu para me fazer questionar tudo. O Recomeço me trouxe de volta, mas roubou uma criança de sua mãe e não tentou outros métodos para salvar sete pessoas. Quem sabe o que mais teria funcionado com Michael Dekas ou Kelsey Stroud? Talvez eles precisassem de cirurgia, não de uma injeção.

Além disso, embora eu soubesse que contar a Matt sobre o Recomeço pudesse ser difícil para ele por causa da situação de Audrey, não pensei que também pudesse ser difícil para mim. Mas, sentada aqui, é isso que me põe mais para baixo.

O Recomeço me deu uma vida — esta é a minha vida —, mas não vai dar a Audrey uma segunda chance. E Matt tem direito de ficar irritado por isso.

Assim como eu.

20

O barulho da porta da garagem se abrindo lá embaixo nos faz pular de susto em nossas cadeiras. Rapidamente fecho tudo no computador e sigo todos os passos para desligá-lo. Saímos do escritório e entramos no meu quarto. Não sei até que ponto estar com Matt no meu quarto é melhor do que estar bisbilhotando arquivos secretos do governo, e neste momento ouço alguém subindo as escadas.

— Sente-se no pufe — digo.

Matt dispara para o outro lado do quarto. Eu me sento no chão, recostada à cama. Respiro fundo, e alguns segundos depois ouço uma batida à minha porta.

— Daisy?

— Oi, pai.

O "pai" deve tê-lo alertado da presença de mais alguém no quarto — em casa, eu só o chamo de "Mason" —, porque, quando ele abre a porta, está todo paternal. Ouço armários se abrindo e fechando na cozinha; Cassie provavelmente está preparando o jantar depois de ver o carro de Matt parado na rua.

— Oi, querida — diz Mason. — Olá, Matt.

Matt acena.

— Oi. Estamos estudando inglês — explico.

Todo mundo no quarto sabe que isso é mentira — não há nenhum livro por perto —, mas Mason não sabe que contei a Matt sobre o programa, e estou determinada a manter as coisas assim.

— Entendo — diz Mason. — Espero que tenham estudado bastante, mas está ficando tarde para um dia de semana. Acho que é hora de o Matt ir para casa.

Olho para o relógio e percebo que já são quase nove horas. Seis horas com Matt pareceram seis minutos.

Ele então começa a se levantar do pufe, e Mason se vira para sair.

— É um prazer ver você, rapaz — diz meu falso pai. — Espero que sua irmã esteja se sentindo melhor.

— Obrigado — responde Matt antes de Mason sair.

— Sinto muito — sussurro. — Eles chegaram mais cedo.

Matt atravessa o quarto e para a uns trinta centímetros de mim.

— É tão estranho saber que ele não é seu pai de verdade. Ele realmente age como um pai. Merece um Oscar.

— Espere até conhecer minha mãe — digo, revirando os olhos.

Matt dá sua risada perfeita, e neste momento, apesar de minhas dúvidas em relação ao programa, estou feliz por ter lhe contado tudo. Sinto que estamos mais próximos que nunca.

Desta vez, quando ele se inclina para me beijar, há algo novo entre nós. Em vez da vertigem do "primeiro-beijo-com-um-cara-gato", há algo mais profundo. Sinto isso nos dedos dos pés e no umbigo.

E no coração.

* * *

Quando Matt vai embora, ligo meu computador normal e vejo se Megan está on-line. Mando uma mensagem para ela, falando em código sobre o que aconteceu hoje. Pelo menos a parte que envolve Matt.

Megan: Você fez O QUÊ????

Daisy: Eu sei.

Megan: M vai matar você.

Daisy: Talvez.

Megan: Valeu a pena?

Daisy: Sim, no mínimo pelo beijo que ganhei no fim do dia.

Megan: Quero saber tudo…

Conversamos durante uma hora, até que ela precisa fazer o dever de casa e eu, atualizar o blog. Antes de desconectar, ela escreve:

Megan: Não se esqueça de comentar meu último post. ☺

Curiosa, digito o endereço do *Autópsia Geral*. Sob o título de "A análise de

uma fila", o post dela fala sobre os diferentes tipos de pessoas em uma fila (os fura-filas espertinhos *versus* as pessoas que esperam e também os distraídos que deveriam ter ficado em casa, porque sempre parecem muito surpresos quando o caixa grita "PRÓXIMO!"). Megan defende os fura-filas, dizendo que estão apenas tentando fazer seu dia render o máximo possível. Passo uma hora preparando argumentos a favor dos que não adotam a prática e saem prejudicados, me baseando na ideia de carma. Pratique a paciência e seja recompensado com manteiga extra na sua pipoca; fure fila e se veja sentado na única poltrona do cinema com chocolate grudado no assento.

Publico minha resposta e me preparo para ir dormir. Quando volto ao meu quarto, há uma mensagem de Matt.

Matt: Pode falar?

Sorrindo, digito a resposta:

Daisy: Ligo em cinco minutos, ok?

Matt: Vou esperar.

Disco o número no escuro. Matt atende no primeiro toque.

— Fiquei pensando sobre uma coisa a caminho de casa — diz ele em vez de "alô".

— O quê?

— Não entendi por que vocês se mudaram para cá.

Sinto um frio na barriga. Não sei por que a ideia de dizer a ele que fui reanimada pelo Recomeço mais de uma vez parece tão ruim, mas parece. Acho que ele confunde meu silêncio com mágoa.

— Quer dizer, estou realmente feliz por vocês terem vindo. Não foi isso que eu quis dizer, não mesmo. Eu só…

— Ah, eu entendo — interrompo-o. — Mas estou um pouco sem graça de explicar o porquê. Mas acho que já me abri tanto hoje, por que não contar tudo?

— Sim…

— Eu morri cinco vezes.

Agora é Matt que fica em silêncio.

— Você ainda está aí? — pergunto.

— Sim. Uau.

— Eu sei — digo, envergonhada. — Bem, na verdade, podemos considerar

que foram só quatro. Tive que ser reanimada duas vezes depois do acidente de ônibus. Mas, tecnicamente, cinco doses significam cinco mortes. Depois daquele primeiro dia… bem, eu sou muito alérgica a abelhas e acho que sou propensa a acidentes.

— Caramba — diz Matt. — Mas… tipo, *como* é?

— Como é o quê?

— Morrer.

— Ah.

— Se você não se importar de falar sobre isso — acrescenta ele.

— Não, tudo bem. Hum… para ser sincera, não lembro muito bem.

É mentira: me lembro de muitos detalhes, mas não quero causar a Matt mais dor do que já causei. Agora ele pode achar fascinante falar de morte, mas depois, quando chegar a hora de Audrey, vai ser assombrado pelas minhas histórias de medo e dor.

— Ah, entendo — diz Matt, parecendo um pouco desapontado. De qualquer forma, ele não insiste no assunto. — Você vai à escola amanhã?

— Vou.

— Audrey também.

— É mesmo? — pergunto, animada.

— É, o médico a liberou — diz ele, alegre. — Só que ele não quer que ela fique sozinha em momento algum, para o caso de acontecer alguma coisa, então minha mãe não quer que ela vá dirigindo. Vou levá-la amanhã de manhã. — Ele faz uma pausa. — Quer que eu passe aí para buscar você?

Sorrio ao perceber que estamos tendo uma conversa totalmente normal agora, embora Matt saiba de uma parte nada convencional da minha vida.

— Quero.

— Ok. 7h20, então.

— Perfeito.

Está tarde, e esse é o fim lógico da conversa, mas tenho a sensação de que Matt quer dizer mais alguma coisa. Espero pacientemente, meu nervosismo crescendo a cada segundo. Por fim, ele fala:

— Daisy…

— Sim?

— O dia de hoje foi bem esquisito — comenta ele. Seu tom de voz é baixo, íntimo, provoca arrepios nos meus braços.

— Eu sei.

— Mas foi bom.

— Foi?

— Sim. Foi esquisito, mas bom, por sua causa. Porque sinto que a conheço muito melhor agora. Me sinto meio honrado por você ter decidido me contar tudo aquilo, me mostrar aqueles arquivos secretos.

— Mesmo que… — digo, incapaz de pronunciar o nome de Audrey.

— Sim, Daisy. Mesmo assim.

21

Não consigo dormir de jeito nenhum, então às três da manhã, depois de ir ao banheiro pela terceira vez, me encontro no escritório de Mason no escuro. Sinto-me atraída para o arquivo de Gavin, como uma viciada. Não quero pensar nisso, mas, de certa forma, é preciso.

Faço o login por biometria. Quando o pedido de reconhecimento por voz aparece, vou na ponta dos pés até a porta e a fecho com cuidado, para não acordar Mason e Cassie. De volta à cadeira, digo *abonança* tão baixo que nem sei se o computador vai conseguir detectar minha voz, mas funciona. Entrei.

Quero abrir o relatório de Gavin, mas, por causa do sistema numérico, não sei qual é. Passo a mão esquerda pelo ícone de arquivos recentes e amplio a tela para ver os detalhes. Classifico as pastas pela hora em que os arquivos foram acessados pela última vez e encontro o que estou buscando. Mas então vejo algo estranho: uma nova pasta foi criada ontem. Mais estranho ainda é que, embora a pasta seja nomeada como as outras, está marcada como "oculta", de forma que, ao acessar o diretório principal, o usuário não a encontre a menos que saiba que ela está lá.

— O que é isso? — sussurro para mim mesma, selecionando a pasta oculta e abrindo o primeiro arquivo da lista.

Este é digitado em vez de escrito à mão, mas tem a mesma formatação. Tenho medo de que seja mais um Chase — que outra criança do ônibus tenha morrido de novo ou algo assim. Procuro a linha com o nome, e então inclino a cabeça, confusa, ao ver que consta como "Confidencial".

Um nome confidencial?

Leio até o fim da página e descubro que o remédio funcionou: o sujeito foi reanimado e realocado em Franklin, Nevada, depois do acidente. Só que há menção a um "carro", não a um "ônibus". Será que uma das crianças do ônibus se envolveu em outro acidente?

Vou até o topo da página para ver qual é o número do caso, de modo que eu possa descobrir quem é o convertido secreto. Demoro alguns segundos frustrantes para localizá-lo antes de enfim ver que o arquivo é do caso…

O quê?

Prendo a respiração. Levo a mão à boca e, embora eu esteja sozinha,

murmuro por entre os dedos:

— Não é possível.

Sei que estou totalmente segura, em uma casa trancada e com dois agentes do governo com porte de arma dormindo no fim do corredor, mas mesmo assim fico com medo. O quarto está muito escuro. A noite está muito silenciosa. O que está na tela à minha frente é chocante demais. Estou tão assustada que começo a considerar a possibilidade de estar sendo vigiada. Desligo o computador às pressas, saio correndo do escritório para o meu quarto e me jogo na cama.

Só então, quando estou bem escondida debaixo das cobertas, é que penso no que vi.

Havia vinte e uma pessoas no ônibus.

Acabo de descobrir o caso 22.

22

A buzina de um carro me acorda.

Completamente zonza, olho para o relógio na mesinha de cabeceira. Não sei como, mas, mesmo em meu estupor, meu cérebro registra que são 7h32. Levanto na mesma hora. Saio às pressas de sob as cobertas, corro para a janela e vejo o carro de Matt parado em frente à casa com Audrey sentada no banco do carona. Nesse mesmo instante recebo uma mensagem de texto dela.

Audrey: Está pronta? Estamos aqui.

Daisy: Eu ouvi… Cinco minutinhos?

Audrey: Sem problema.

Corro até a cômoda e pego, na primeira gaveta, uma calcinha limpa e um sutiã. Tiro o pijama, visto uma camisete e depois pego do chão a mesma calça jeans que usei ontem. Vou até o guarda-roupa e arranco do cabide a primeira peça que vejo: é uma blusa azul estilo camponesa que fica meio larga em mim. Não amo esta roupa, mas é a que vou usar.

Olho para o relógio: 7h34.

Enfio os pés em sapatilhas pretas e voo para o banheiro, onde faço xixi e escovo os dentes ao mesmo tempo, depois prendo o cabelo em um rabo de cavalo alto que, por incrível que pareça, fica direito. Passo blush nas bochechas e nas pálpebras e então quase arranco meu olho tentando passar rímel depressa. Depois de uma parada no quarto para pegar minha mochila, chego ao carro às 7h38, sem fôlego e um pouco suada.

— Desculpe — digo para os irmãos McKean, sentando-me no banco de trás. É estranho estar aqui e não no banco da frente.

— Não tem problema — diz Audrey com um sorriso. Matt me olha pelo retrovisor e dá partida.

— Perdeu a hora? — pergunta ele.

— É — confesso. — Tive insônia. Devo ter dormido só umas duas horas.

— Ah, nem dá para notar — diz ele, carinhoso, o que faz tanto Audrey quanto eu sorrirmos.

— Obrigada — digo, sentindo meu rosto corar.

Matt liga o rádio: está tocando uma canção romântica e alegre, ou seja, não tem como eu não sorrir durante todo o percurso até a escola. Pelo menos ele também está sorrindo.

* * *

Passo o dia inteiro alternando entre sentimentos conflitantes. Estou otimista com a disposição de Audrey e extremamente alegre quando penso nos beijos e nas palavras gentis de Matt. Por outro lado, estou assustada com o caso 22 e, ao mesmo tempo, exasperada por não saber exatamente do que estou com medo. Para completar, me sinto aliviada por ter compartilhado meu segredo com Matt, mas envergonhada por saber que Mason ficaria desapontado se soubesse.

Acima de tudo, porém, estou nas nuvens por Matt e eu termos uma nova conexão tão forte.

Na aula de inglês, posso sentir nossa conexão cruzar a sala. Nos corredores, estamos coloridos enquanto todos os outros estão em preto e branco. No refeitório barulhento, ouço tudo o que ele diz tão claramente como se estivesse com fones de ouvidos, e ele fosse minha playlist.

Audrey também percebe isso.

— Não quero ser chata nem nada, mas por acaso você e meu irmão fizeram *aquilo*? — sussurra ela no corredor, entre o quinto e o sexto tempos.

— O quê? — pergunto, chocada. — Não! Meu Deus, não!

— Tudo bem — diz ela, rindo e erguendo as mãos. — Já entendi. Não fizeram. É que hoje vocês dois parecem bem íntimos.

— Ah — murmuro, virando o rosto para o armário, sem graça. — É que conversamos bastante ontem.

Me sinto mal por mentir para Audrey, mas Matt tem razão: não é justo contar a ela sobre o Recomeço.

— Entendo — diz ela, me olhando meio cética. — Conversaram sobre fazer…

— Audrey! — grito, rindo. — Pare com isso!

— Tudo bem, tudo bem. Mas vamos deixar bem claro que eu acho que você está mentindo.

— E vamos deixar bem claro que você é louca.

— Bem, nisso você deve ter razão — diz ela, jogando seus lindos cabelos

sobre os ombros e sorrindo para mim.

Seus dentes estão reluzentes, e os olhos escuros estão brilhando; a pele parece combinar perfeitamente com a blusa lilás que ela está usando. Neste pequeno momento do cotidiano, ela é a mais perfeita versão dela mesma.

Sinto uma náusea ao pensar que talvez não lhe reste muito tempo.

* * *

Quando Matt e Audrey me deixam em casa depois da aula, pego alguma coisinha para comer e vou ao porão dar um oi a Mason e Cassie. Por causa da viagem e por eu ter saído de casa às pressas hoje de manhã, não falo direito com Mason há dias. Mas, quando abro a porta no topo da escada, encontro as luzes apagadas: não tem ninguém em casa. Com uma maçã e uma barra de cereais na mão, eu me viro e corro para o escritório no segundo andar: é a minha chance de dar uma boa olhada no caso 22.

Embora Mason me dê acesso aos arquivos do Recomeço e Cassie seja obrigada a tolerar isso, estou em alerta máximo, como se estivesse fazendo algo errado. Ainda assim, refaço os passos de ontem à noite, buscando os documentos modificados recentemente.

Dou uma olhada nos números de casos e abro o último documento acessado, mas é de Gavin, não o caso 22. Volto e tento de novo.

Sinto um frio na barriga antes mesmo de meu cérebro registrar o que está acontecendo.

Atualizo a tela.

Atualizo de novo.

Vou para outra tela e volto.

Como um hacker em uma missão, tento diferentes opções até ouvir uma porta bater no primeiro andar, me obrigando a desligar o computador depressa. Saio do escritório e vou para o meu quarto, confusa.

Eu sei o que vi ontem.

Sei como me senti inquieta hoje.

Mas, por mais que eu procure, não consigo encontrá-lo agora.

O caso 22 desapareceu.

23

Já são duas semanas sem resposta alguma ou mesmo pistas, e consegui empurrar minhas preocupações sobre o caso 22 para um canto do cérebro. Não que eu não esteja me coçando de curiosidade, mas sei que, se quiser saber mais, terei que perguntar a Mason. E ele não é nenhum idiota. Se eu falar com Mason sobre o caso 22, ele vai querer que eu revele todos os detalhes.

O que havia no arquivo?

Como você o encontrou?

Quando foi a última vez que o viu?

"Quando" é o que mais me assusta. Terei que dizer a ele que foi na noite em que ele voltou de Kansas City e encontrou Matt aqui em casa. Então, sendo Mason sem dúvida a pessoa mais inteligente que conheço, ele vai deduzir o que fiz: vai saber que eu contei a Matt sobre o Recomeço. Então, em vez de me complicar, decido aceitar minha nova vida e tentar não pensar no programa até encontrar um jeito de pesquisar o caso 22 *sem* a ajuda de Mason.

Nesse meio-tempo, começo a sentir que morei em Omaha desde sempre e que os McKean são meus amigos de infância. Matt, Audrey e eu vamos juntos para a escola todos os dias de manhã e também passamos as tardes juntos. Audrey e eu conseguimos completar as frases uma da outra, e ela até me ajuda a criar ótimos tópicos de discussão para o blog, como "O que é pior: domingo à noite ou segunda de manhã?" e "Professores de educação física: amigos ou inimigos?".

E o que é ainda melhor: Audrey parece estar se sentindo bem, o que de certo modo torna aceitável o fato de eu estar me sentindo *incrível*. Embora Matt e eu não falemos do Recomeço, vejo que ele fica atento se há abelhas por perto quando comemos ao ar livre, o que indica que o assunto permanece em sua mente. Andamos de mãos dadas pelos corredores da escola e trocamos mensagens ou conversamos on-line até tarde da noite, e cada vez mais sei que nossa relação é mais do que uma paixonite boba de adolescentes.

Arrumei uma melhor amiga e um namorado, e por mim tudo bem eles terem o mesmo sobrenome.

Na quinta-feira antes do meu aniversário, Audrey e eu almoçamos no refeitório porque Matt teve que ir ao dentista.

— Eu amo meu irmão, mas é bom ter um descanso dele de vez em quando — diz Audrey, pegando uma colherada de iogurte.

— É, é legal ter algum tempo só para papo de meninas — concordo, sorrindo para ela.

— E você, Daisy, *você* ama meu irmão? — pergunta ela, os olhos brilhando.

— Você e suas perguntas! Ai, meu Deus! — Eu coro, enquanto Audrey ri. — E, que fique claro: eu só amo meu outro namorado. Você não o conhece. Ele mora perto das Cataratas do Niágara — brinco, usando uma fala de *Clube dos Cinco*, que Audrey e eu baixamos no último fim de semana. Implicamos com Matt por ter o cabelo parecido com o de Judd Nelson. Mas é claro que o de Matt é muito melhor.

— Ah, é? — Audrey entra na brincadeira. — E ele é gato?

— O *mais* gato de todos! — falo, quase guinchando.

Um grupo de garotas em outra mesa se vira para ver o que está acontecendo. Quando elas voltam a se concentrar no próprio almoço, retomamos a conversa.

— E quanto a você? — pergunto, séria. — Você nunca fala de nenhum garoto que não seja ator de cinema ou cantor.

— Por que me envolver com alguém? — diz Audrey, em um raro momento de derrotismo. Depois rebate: — Além disso, os caras que eram realmente gatos já se formaram. Bear Williams, por exemplo. Minha nossa. Ele parecia uma versão mais nova do Jake.

— Você é obcecada pelo Jake Gyllenhaal. E *Bear*? *Não é possível* que esse seja o nome verdadeiro dele.

— É sim. Eu juro.

— Não sei como alguém pode levar a sério um cara com esse nome.

— Isso porque você nunca viu Bear Williams. Acho que vou convidá-lo para o seu aniversário.

Engasgo com um pedaço de cenoura.

— Como é que é? — pergunto. — *Meu o quê*?

— O seu aniversário. Não tente fingir que não faz dezesseis belos aninhos no sábado, Daisy West.

— O que está pretendendo fazer? — pergunto, extremamente lisonjeada, embora também um pouco temerosa.

— Você vai ver — diz Audrey, enigmática. — Quer dizer, não chega a ser uma festa nem nada, mas acho que você vai gostar.

— Isso é muito legal da sua parte.

— Não só da minha parte — admite Audrey. — Digamos que essa história de meu irmão ter ido ao dentista não seja lá muito confiável.

Sinto um frio na barriga quando começo a imaginar o que os irmãos McKean podem estar preparando para mim.

* * *

No sábado de manhã, Mason me serve panquecas com velas em cima e me dá um vale-presente do iTunes e um formulário de inscrição na autoescola. Cassie me entrega um cartão de aniversário de papelaria com vinte dólares dentro.

— Obrigada, pessoal. Vocês são uns fofos.

— Bem, só se faz dezesseis anos uma vez — diz Mason, com um sorriso sincero.

— Feliz aniversário — fala Cassie, antes de se recolher no porão para trabalhar.

Mason grita para avisar a ela que já vai descer também.

— E então, como vão as coisas? — pergunta ele quando estamos sozinhos.

— Bem — digo.

— Você tem passado muito tempo com Audrey. — Ele dá uma tossidinha. — E com o irmão dela.

— É — respondo, corando.

Mason parece um pouco desconfortável, mas insiste:

— Ele é um bom rapaz? Trata você bem?

— É sim — digo, contendo um sorriso. — Ele me trata bem. Você iria gostar dele. Deveria conhecê-lo melhor.

— E Audrey? — pergunta Mason, mudando de assunto.

Sei que Mason vê as pessoas de fora do programa como plateia para sua elaborada encenação, não como amigos. Dá para perceber que ele ainda tem medo de que eu fale demais. Me sinto um pouco culpada por já ter feito isso.

— Audrey parece estar melhor — digo, dando de ombros. — Pelo menos por fora ela melhorou bastante e tem tido mais energia.

Sorrio, tentando convencer a mim mesma.

— Que bom.

Ele abre a boca para dizer alguma coisa, mas desiste. Conhecendo-o há

tanto tempo, posso ler seus pensamentos: sei que ele quer me dizer para não ser ingênua em relação ao câncer de Audrey. Mas, como é meu aniversário, ele se contém. Em vez disso, acaba dizendo:

— Bem, é melhor eu descer, antes que Cassie dê um ataque.

Bufo para meu copo d'água ao ouvi-lo falar de Cassie, a máquina.

— Boa sorte — digo.

— Obrigado. — Ele sorri e dá um passo em direção à porta do porão, mas então se vira: — Ei, menina, feliz aniversário mais uma vez. Você cresceu e… Bem, estou orgulhoso de você.

Mason se aproxima e me dá um beijo na testa antes de descer às pressas, deixando-me cheia de amor e admiração pelo pai que eu teria escolhido de qualquer modo. Mesmo que ele não tivesse sido designado para mim.

* * *

Com todos ocupados, vou ao escritório e procuro pela enésima vez o misterioso arquivo do caso 22, seguindo a lógica de que, por hoje ser um dia especial, talvez eu o encontre.

Mas não tenho sorte.

Então tomo banho, me arrumo e ligo para Audrey.

— Quando é que o tal evento vai começar? — pergunto.

— Quando você estiver pronta.

— Estou pronta.

* * *

Como é meu aniversário, a mãe de Audrey a deixa dirigir sozinha, para que possamos ter algum tempo só nós duas. Ela me busca em seu carro amarelo e me leva ao shopping para tomarmos um café, fazermos as unhas e me dar de presente a roupa que eu quiser (escolho uma blusa de tecido supermacio com a foto de Einstein em estilo pop art — e que é muito mais legal do que parece). Depois vamos até a casa de Audrey para nos arrumarmos para o que ela chama de o presente *de verdade*.

— Vista isso — diz Audrey, acertando meu rosto com uma peça de roupa

que não consigo identificar.

Estou penteando o cabelo na penteadeira; ela está enfiada no closet, tentando encontrar a roupa perfeita.

— Hum… — murmuro, observando o vestido azul-royal sem mangas.

— O que foi? — pergunta ela. — Vai ressaltar seus olhos. Nada de jeans hoje, é uma ocasião especial!

— Talvez… — respondo, olhando para o vestido com ar duvidoso.

— Não gostou? É um dos meus preferidos.

— Não é isso. É lindo. É só que eu não sou muito de usar vestidos.

— Pois deveria — diz Audrey, de um jeito carinhoso, jogando para mim também uma legging cinza e uma jaqueta preta curta.

Eu me rendo e vou me vestir. Ela aparece segurando um par de botas de cano curto que, graças a Deus, não joga na minha direção.

— Viu? — grita Audrey quando estou pronta. — O azul combinou perfeitamente com os seus olhos. — Segurando-me pelos ombros, ela me gira para o espelho. — Você está parecendo uma modelo. Matt vai ficar impressionado.

— Obrigada, Aud.

— De nada — diz ela. — Já volto. Vou pegar emprestado um cordão da minha mãe.

Sento-me de novo na penteadeira dela para colocar a maquiagem. Bem na hora que estou passando um pouco de blush, ouço um movimento no corredor. Ao me virar, vejo Matt passando a caminho do banho. Ele carrega uma toalha e está descalço, como sempre fica em casa.

Nossos olhares se encontram.

— Uau — diz ele, baixinho.

Ficamos assim nos encarando até que começa a surgir um clima meio sexy, mas sem ser vulgar. Nenhum dos dois diz mais nada, o que só torna o momento ainda mais intenso. Os olhos dele acariciam meu cabelo, depois meu ombro nu, que a jaqueta deixou exposto ao escorregar. Estamos separados por toda a extensão do quarto, mas sinto o olhar dele em mim como se fosse um toque.

— Com licença — ouço Audrey dizer a ele do corredor. — Depois você pode babar à vontade.

A bolha de magia estoura. Matt dá um sorriso envergonhado e se afasta pelo corredor.

* * *

O presente “de verdade” são ingressos na terceira fileira para o show do Arcade Fire.

— É como um eclipse — digo, comparando a probabilidade de minha banda preferida tocar na cidade no dia do meu aniversário. — Ou uma chuva de meteoros.

— É mesmo incrível — diz Matt, acompanhando a movimentação no palco.

Embora eu achasse que ela estivesse apenas brincando, Audrey realmente convidou Bear para o show. Dou uma olhada nos dois e admito para mim mesma que, ok, ele se *parece* um pouco com Jake Gyllenhaal.

Ainda assim, não é tão bonito quanto Matt.

— Este é o aniversário mais incrível de todos os tempos — digo no ouvido dele.

— Você merece — responde Matt, e depois me dá um beijo no pescoço que faz meu corpo inteiro ficar arrepiado.

Quando a música de abertura começa a tocar, quando o baixo, a bateria, a guitarra e a gritaria tornam impossível ouvir um berro, muito menos um sussurro, digo:

— Amo você.

Sei que ele não pode me ouvir, mas me exponho para o universo mesmo assim.

E, por ora, é o suficiente.

24

Na sexta-feira seguinte, percebo que nada pode ficar perfeito para sempre.

Audrey passa mal na escola e vai embora mais cedo. Falo com ela ao telefone depois do quarto tempo, e ela me parece bem, mas mesmo assim continuo preocupada.

No mesmo dia, Matt e eu temos nossa primeira briga.

Acontece depois da aula, quando estou fazendo a mala para passar quatro dias em Seattle. Vou com Mason e Cassie em sua peregrinação anual pelo noroeste do país, para os testes de Megan. Durante o dia, eles vão examiná-la até não dar mais, e à noite Megan e eu poderemos passar um tempo juntas. Por mais que eu adore ficar com Matt e Audrey, mal posso esperar para apenas "estar" com Megan. Há algo de especial na companhia de alguém que você conhece desde que se entende por gente. Tudo é mais simples.

Matt está sentado na cama enquanto arrumo minhas coisas.

— Que chato você ter que viajar este fim de semana — diz ele.

— Eu sei. Mas estou muito animada para encontrar Megan. Não nos vemos faz um ano.

— Vou ficar com saudades — declara ele, com um sorriso charmoso que mexe com todo o meu corpo.

Sorrindo, volto a me concentrar na camiseta que estou dobrando. Ele pega outra e começa a dobrar também.

— Daisy.

— Hum? — murmuro, dobrando alegremente as roupas, como se fôssemos casados há muito tempo e estivéssemos guardando a roupa limpa.

— Eu queria lhe pedir uma coisa.

— Ah, é? O quê?

— Um favor.

Matt desvia o olhar, mas, por mais estranho que pareça, não percebo nisso um alerta. Estou muito absorvida em minha fantasia de brincar de casinha.

— O que você quiser — respondo. — Pode pedir.

E então minha fantasia desmorona.

— Quero que você roube o Recomeço.

* * *

Dizer que fui pega desprevenida é o eufemismo do século: é mais como se eu tivesse ganhado na loteria sem jogar. Só que, nesse caso, seria uma surpresa boa.

Esta não é.

Fico completamente muda por pelo menos três minutos. Seria uma situação mais do que constrangedora se minha cabeça não estivesse a mil, sendo que uma das principais perguntas era: durante essas últimas semanas, quando Matt parecia interessado em mim, será que foi mesmo de verdade? Ou ele estava apenas me amaciando para pedir este *favor*?

Por fim, encontro minha voz:

— Não tem como… — As palavras ficam entaladas na garganta. Matt está olhando para mim como se esperasse alguma coisa. Quase exige. Tento mais algumas palavras: — Eu não posso.

Ele se levanta da cama e se aproxima. Agora estamos tão perto que poderíamos nos beijar.

— Sei que vai ser difícil, mas acho que se você…

— Não — digo em tom decisivo, dando um passo para trás. — Não. Não posso fazer isso. Eu assinei um termo de compromisso.

— Mas é por Audrey — diz ele, tocando de leve no meu braço.

Ele me olha do mesmo jeito que no dia do meu aniversário. Chego a ficar nauseada.

— Não — repito.

Ele afasta a mão e vira de costas por um instante.

— Você não se importa com a minha irmã?

— É claro que me importo!

— Você *quer* que ela morra?

— Claro que não! — digo, erguendo a voz. — Mas não vai funcionar para ela. Não se lembra do que eu falei? Essa não é a solução.

— Isso é o que você foi instruída a dizer — murmura Matt, cruzando os braços.

— Matt, sério, não adianta. Não funciona com câncer. Eles já tentaram.

— Isso foi o que disseram a você. No que eles testaram? Em ratos?

— Bem, foi, mas os ratos são bons indicadores…

— Daisy, isso é ridículo — interrompe Matt. — Quer dizer então que só você pode ter acesso ao remédio? Ninguém é bom o bastante para esse

programa, mas você pode voltar à vida *cinco vezes*? Sorte sua morar com os fornecedores.

— Ei! — grito. — Já chega.

Encaro seus olhos escuros e me pergunto: onde foi parar toda aquela gentileza? Era fingimento?

Sentindo as lágrimas brotarem, olho para a cama.

— É melhor você ir embora — digo, sem encará-lo.

— Boa ideia — responde ele, áspero, e então sai do quarto e bate a porta.

25

Como não vamos levar o Recomeço nesta viagem, podemos ir a Seattle de avião. Isso é ótimo, mas, por alguma razão, ver as pessoas se despedindo no aeroporto me inquieta. Mordo o lábio para tentar conter as lágrimas, cada vez mais frustrada por causa do que aconteceu com Matt, mais preocupada com Audrey e mais apreensiva com o caso 22 e o programa como um todo. Assim que passo pelo detector de metais, combino com Mason e Cassie de encontrá-los no portão de embarque. Então passo algum tempo na privacidade do banheiro fedorento do aeroporto, debulhando-me em lágrimas e depois me recompondo.

No avião, seleciono a playlist com as músicas mais tristes do meu iPod e não falo com ninguém o voo inteiro. Na verdade, finjo dormir assim que o avião decola, e continuo fingindo quando o serviço de bordo passa e durante uma turbulência. Pouco antes de aterrissarmos, finalmente tiro os fones de ouvido e desligo o iPod. A comissária autoriza ligarmos os celulares, e fico feliz ao encontrar uma mensagem de texto de Audrey.

Audrey: Matt me contou que vocês brigaram. Está tudo bem?

Lágrimas brotam em meus olhos, e respondo:

Daisy: Não sei. Espero que sim.

Audrey: Eu também.

Daisy: Como está se sentindo hoje?

Audrey: Ah, bem. Só um pouco cansada.

Após alguns minutos Audrey manda outra mensagem:

Audrey: Não quero diminuir o que está acontecendo com você, mas tenho boas notícias. Quer saber?

Sorrindo, digito:

Daisy: QUERO!

Enfim algo que possa me animar.

Audrey: Então, acabei de descobrir que vou ser operada!!

Daisy: Ah, meu Deus! Isso é maravilhoso!!!

Mas algo me incomoda, então digito:

Daisy: Mas, Aud, você não disse que não dava para operar?

Audrey: Médico novo = mais otimista. Talvez ele consiga me curar.

Quero desesperadamente ficar feliz por Audrey, mas estou meio desconfiada de uma cirurgia que até agora nunca foi uma opção. No entanto, não quero ser desmancha-prazeres.

Daisy: Vai conseguir, sim! Pense positivo!

Audrey: Estou tentando.

Daisy: Estou de dedos cruzados, os das mãos e os dos pés.

Audrey: Obrigada, Daisy. Divirta-se em Seattle. Já estou com saudades!

Daisy: Também estou.

Quando deixo o telefone de lado, Mason me lança um olhar inquisidor. Ele está espremido no assento do corredor. Já Cassie, apesar de sua altura, tem espaço de sobra para se esticar no meio.

— Está tudo bem? — pergunta Mason.

— Não sei — respondo, encostando a cabeça na janela enquanto o avião se aproxima do portão de desembarque.

Me sinto incrivelmente grata por meus companheiros de viagem serem um robô desinteressado e um cara que nunca foi de bisbilhotar.

* * *

Fazemos o check-in no hotel, jantamos e então nos despedimos. Depois de postar uma resposta para o comentário de Megan sobre minha teoria de que segunda de manhã é *obviamente* melhor que domingo à noite, acesso meu e-mail.

Nenhuma mensagem de Matt.

Começo a ver um filme, mas é uma comédia romântica, e só serve para me fazer ver como minha vida não é nada divertida. Desligo a tevê e vou para a cama, torcendo para que amanhã seja um dia melhor. Antes de apagar as luzes, mando uma mensagem para Megan:

Daisy: Que semana horrível. Mal posso esperar para ver você.

Megan: Pode contar comigo. Durma que amanhã resolvemos tudo.

Daisy: Amo você.

Megan: Eu amo mais.

* * *

Pela manhã, ao descer para o lobby do hotel, encontro Mason lendo um e-mail no celular. Ele franze a testa ao ver a mensagem na tela, depois a mostra a Cassie.

— Interessante — diz ela enquanto caminhamos para o carro.

— Para dizer o mínimo — murmura Mason.

Quando estamos todos instalados no veículo, pergunto o que está acontecendo.

— Parece que Deus vai abrir outro laboratório.

— Por quê? — pergunto. — Tem algum problema com o de Virgínia?

— Não — responde Mason. — Ele foi feito sob medida para os procedimentos atuais do programa. O único motivo que vejo para quererem outro é…

Ele não termina a frase, como se estivesse escolhendo as palavras com cuidado.

— O quê? — insisto.

Cassie bufa. Às vezes acho que ela fica aborrecida pelo tanto que Mason

me conta. Mas ele fala mesmo assim:

— Expansão.

* * *

Ainda estou pensando no que Mason quis dizer quando Cassie bate duas vezes na porta dos Holloway. Quando ela se abre e revela Alicia, mãe de Megan, me adianto e pulo para a frente querendo abraçá-la. O apartamento cheira aos melhores muffins de banana do mundo; imediatamente me sinto mais calma.

Os muffins são uma abonança.

Sorrio ao lembrar a palavra desafio, sabendo que Matt riria. Então penso na briga e o expulso dos meus pensamentos.

— Entrem — diz Alicia para nós três. — Como vocês estão?

Ela é uma daquelas pessoas tão agradáveis que faz as pessoas se apaixonarem na mesma hora. Mason abre um sorriso enorme — às vezes acho que ele tem uma quedinha por Alicia —, e até Cassie retribui o abraço.

— Bom, mas onde está Megan? — pergunta Alicia, olhando ao redor o espaçoso loft.

— Eu ouvi meu nome? — diz uma voz baixa, e Megan aparece de trás de uma das poucas paredes do apartamento.

De vestido florido, um invejável cabelo louro claríssimo e com os cílios mais longos que já vi, minha irmã de coração, originalmente irmão, está linda. Seguro uma gargalhada ao vê-la simular uma caminhada sexy; me faz pensar em um daqueles brinquedos de mola. Corro até ela e lhe dou um abraço apertado.

— Oi — digo, o rosto enfiado em seu lindo cabelo.

— Oi — diz ela, me abraçando também. — Como está a minha menina?

— Bem — respondo, sem soltá-la.

Começo a chorar, pois o abraço forte de Megan me lembra um pouco o de Matt. De repente, estou rindo e chorando ao mesmo tempo.

Megan me solta e dá um passo para trás, a fim de me olhar direito.

— Eu diria que temos alguns assuntos para pôr em dia.

Sorrio, muito feliz por estar aqui.

26

Depois do primeiro dia de testes de Megan, nós duas vamos passear no mercado Pike Place. Como passei a vida inteira em cidades pequenas, a multidão ao nosso redor me deixa um pouco desorientada, mas adoro. Megan e eu temos o costume de comprar caramelos com flor de sal no Fran’s, assistir aos peixeiros arremessando os peixes até cansarmos e depois comer bolinhos de caranguejo em um dos restaurantes com vista para o mar.

— Podemos pular a parte dos bolinhos de caranguejo hoje? — pergunto quando estamos nos afastando das barracas de peixe fresco. — Estou meio enjoada.

Megan segura minha mão e me arrasta para fora do mercado, em direção ao centro da cidade. Andamos um quarteirão e meio até a Starbucks e não falamos nada até estarmos munidas de cafeína e sentadas a uma confortável mesa junto à janela.

— Você nunca recusou bolinhos de caranguejo na vida — diz Megan. — O que está acontecendo?

— Matt me pediu para roubar o Recomeço para Audrey.

Ela fica boquiaberta.

— Não!

— Pois é.

— E você vai fazer isso?

— Megan!

Ela dá de ombros.

— Ora, por que não?

— Porque é totalmente contra as regras? Imagine a confusão se descobrissem. Eu poderia parar na cadeia.

— Eles nunca fariam isso — diz Megan, tomando um gole de café com leite. — Morreriam de medo de que você denunciasse o programa todo.

— Eu não tinha pensado nisso — confesso.

— Escute, Daisy, não estou criticando o Recomeço nem reclamando do que o programa fez por mim e minha mãe. Na verdade, sou grata por tudo. Mas isso não significa que vou deixar que façam uma lavagem cerebral em mim, me fazendo acreditar que tudo o que eles fazem é certo. Não significa que eu preciso

deixar que me controlem. — Ela sustenta meu olhar por alguns segundos. — Você também não deveria se deixar ser controlada.

— Então… você acha que eu deveria roubar o remédio? — pergunto, nervosa.

— Acho que você deve fazer o que *você* acha que é certo, não o que Deus a manda fazer.

A menção a Deus me faz pensar no novo laboratório. O que me lembra o caso 22.

— Tenho mais uma coisa para lhe contar — sussurro.

— Oba! — diz Megan, inclinando-se para mais perto.

Minutos depois, ela sabe todos os meus segredos.

* * *

— Temos que investigar o caso 22 — diz Megan quando termino. — E o único modo de conseguir os detalhes é falar diretamente com o convertido.

— E como é que vamos conseguir fazer isso? — pergunto.

Meu café acabou, e me sinto triste por isso. Ao ver meus olhos infelizes fitando o copo vazio, Megan sugere:

— Peça mais um, você é visita.

Compro um segundo copo e um pãozinho e volto para a mesa.

— E então, o que você propõe para descobrirmos quem é a pessoa? — pergunto.

— O que mais você se lembra do arquivo?

— Quase nada. Eu só conseguia pensar que era o vigésimo segundo caso. Não prestei muita atenção no resto. Ah… dizia o nome da cidade de realocação. Era Franklin, Nevada. Não tenho ideia de onde fica.

Megan faz uma busca no celular.

— É porque mal chega a ser uma cidade. Pobre criança… ter que crescer em uma população de… ai, meu Deus, três mil habitantes. Daisy, essa é nossa chance. Só precisamos perguntar a alguém. É um lugar tão minúsculo que todo mundo deve notar quando uma família nova se muda para lá.

Em poucos minutos, minha amiga genial elabora um plano de ligar para o jornal local de Franklin. Ela vai dizer que precisa escrever uma matéria sobre a família que acabou de se mudar, mas que é uma jornalista tão ruim que já

esqueceu o sobrenome deles.

É tão ridículo que funciona.

— Isso mesmo: Emerson! — diz Megan ao telefone, animada. — Ah, Bill, muito obrigada. Uma ótima noite para você também.

— E agora? — pergunto. — O que faremos com apenas um sobrenome?

— Vamos procurar no Facebook — diz Megan, como se fosse a resposta mais óbvia do mundo.

— Você deveria ser agente.

— É o que David diz — fala Megan, encabulada. Sei que ela gosta do agente designado para ela pelo programa.

— Bem, ele tem razão. Vamos lá.

* * *

Não há ninguém de Franklin com o sobrenome Emerson no Facebook, e, quando procuramos em todo o estado de Nevada, aparecem resultados demais. Estou pronta para desistir quando Megan liga para David.

— Você me faria um favor? — ronrona ela ao telefone.

Estou um pouco constrangida, mas muito curiosa para saber o que ela vai perguntar.

Megan faz uma pausa.

— Claro, mas não é nada de mais. Sabe, eu conheci uma pessoa em um fórum on-line semana passada. Passamos um tempo conversando, e eu fiquei de manter contato pelo Facebook. O único problema é que eu não lembro o nome.

Pausa.

— Sim, claro. O sobrenome é Emerson, e a cidade é Franklin, Nevada.

Pausa.

— Jura? Você sabe de cada coisa! Bom, a família dessa pessoa acabou de se mudar para lá, então será que você poderia descobrir o registro de alguma nova conexão com a internet ou algo assim?

Pausa.

— Invadir o sistema do fornecedor de água da cidade? Melhor ainda! Você é um gênio!

Pausa. Risadinha.

— Claro, claro, sei que você é muito ocupado. Mas vou fazer de tudo para

compensar e…

Pausa.

— Quer saber? Nem tenho certeza!

Megan dá uma gargalhada, e posso ouvir David rindo do outro lado também. Quando eles param, ouço a voz abafada de David falando.

— Ok. Ótimo. Obrigada pela ajuda.

Pausa.

— Para você também. Tchau.

— O que foi tão engraçado? — pergunto depois que Megan desliga.

Ela abre um sorriso largo.

— Ele percebeu que eu não disse se era “ele” ou “ela”. Perguntou se estava procurando uma garota ou um garoto.

Eu rio, entendendo assim que ela fala.

— Ele sabe que entrei em um fórum para jovens transgênero na semana passada, então acreditou piamente quando falei que não tinha a menor ideia.

— Você é brilhante — digo, abraçando minha amiga.

— Idem, Srta. D.

* * *

Vou passar a noite na casa de Megan, como sempre faço quando estamos em Seattle. Em nossos pijamas de flanela com dizeres sarcásticos, nós nos esparramamos em seu tapete felpudo cor-de-rosa com tigelas de pipoca na barriga e vemos tevê, depois discutimos por meia hora sobre os prós e os contras das fantasias vulgares de Halloween.

— Guarde para o blog! — grito para ela, indo ao banheiro.

Quando volto, ela está sentada à escrivaninha, digitando furiosamente.

— Eu não quis dizer que você tinha que postar *agora* — digo, me jogando na cama.

Fico de costas e rio do pôster de Jake Gyllenhaal colado no teto. Parece que todas as minhas amigas fazem parte do fã-clube dele. Juro que não entendo. Convenhamos, ele é meio *velho*.

— David me respondeu — diz Megan, animada.

— Ele ligou? — pergunto, os olhos ainda no teto.

— Sim, ligou! Descobriu o nome. E acabei de encontrar a nossa *garota*!

Pulo da cama e corro para a escrivaninha. Olho por cima do ombro de Megan: ela está no Facebook, digitando uma mensagem descolada para enviar junto com a solicitação de amizade. Leio a mensagem e rio, até que meus olhos encontram a foto do perfil e meu sorriso desaparece.

O cabelo está mais curto e de cor diferente, mas o rosto é o mesmo.

O caso 22 é…

Ai, meu Deus.

Ai, meu DEUS.

— Qual é o nome dela? — pergunto, séria.

Os nomes nunca mudam. Terei minha confirmação.

Megan tira os olhos do notebook e sorri.

— Ah, olhe que fofa: é uma mocinha irlandesa. Ela se chama Nora.

* * *

Dou três voltas no quarto de Megan antes de ela conseguir me fazer sentar.

— Menina, você está louca? — pergunta ela, sentando de frente para mim. — Agora me diga: o que foi?

Suspiro alto, pego um dos travesseiros de Megan e o abraço junto ao peito.

— Eu estudei com essa garota em Frozen Hills — digo, apontando para o computador de um jeito acusatório. — Foi ela que me viu no shopping.

— Daisy! — diz Megan, revirando os olhos. — Essa foto do perfil é tão pequenininha… poderia ser eu. Você está se descabelando por nada.

— Não estou — respondo com firmeza. — Eu me lembro muito bem dela. Morávamos na mesma rua.

— Peraí. Como é que é? Por que eu nunca ouvi falar dela antes?

— Porque não éramos amigas — explico. — Não éramos nada. Ela era popular e eu… bem, você sabe.

— Calma — diz Megan. — Estou confusa. Quero que me conte a história toda. Fale devagar; faça de conta que eu sou Wade.

Megan dá uma piscadela, conseguindo me fazer rir, o que dissipa um pouco a minha ansiedade.

— Ok — digo, abraçando o travesseiro com mais força. — Nora Fitzgerald morava na minha rua em Frozen Hills. Ela me convidou para a festa de aniversário dela assim que nos mudamos para lá, mas eu não fui.

— Por que não?

— Isso é irrelevante.

— Por que não?

— Eu me sentia inferior. Ela era rica e só vestia roupas que combinavam da cabeça aos pés. A mãe dela usava avental e tudo.

Megan assente, como se entendesse.

— Então: acontece que Nora, com o tempo, ficou popular, e eu continuei na minha. Então fui picada pelas abelhas e nos mudamos. — Faço uma pausa para tomar fôlego. Sinto-me como se tivesse corrido uma maratona. — Aí teve aquela noite em Omaha que saí com Matt e Audrey e encontrei Nora. Ela estava na cidade visitando algum parente, algo assim. E acho que ela me viu… ou talvez não. De qualquer forma, naquela mesma noite Mason me sequestrou para irmos a Kansas City…

— Pobre Wade.

— Cale a boca — digo, jogando o travesseiro no rosto de Megan, que o pega no ar. — No caminho, perguntei a ele o que Deus iria fazer a respeito de Nora, e ele disse que iam esperar e manter vigilância para ver o que *ela* faria.

— O que isso significa? — pergunta Megan.

— Não sei — confesso. — Na verdade, não voltamos a falar disso. Fiquei sabendo da doença de Audrey, voltei para Omaha e não pensei mais no assunto.

— E então você ficou toda apaixonadinha pelo Matt e *realmente* esqueceu — provoca Megan.

— É, mas faz sentido — digo, ignorando o comentário sobre Matt. — E se ela me viu e contou a alguém? E se Deus realocou Nora e toda sua família para impedir que ela abrisse a boca?

— É um pouco absurdo, mas digamos, hipoteticamente, que foi isso o que aconteceu. Por que eles concordariam em ser realocados?

— Talvez não tenham concordado — digo. — Eles podem ter sido ameaçados.

— Ou subornados — sugere Megan, animada. — Talvez Deus tenha comprado o silêncio dele com milhões de dólares em dinheiro vivo.

— Pode ser — digo, considerando mesmo a hipótese. — Mas você está se esquecendo do arquivo.

— Que você diz ter visto às três da manhã depois de um momento superintenso com o cara de quem você gosta, e que depois disso desapareceu misteriosamente.

— Está sugerindo que eu imaginei esse arquivo? — pergunto, séria.

— Ou sonhou que o viu — responde Megan no mesmo tom.

— Eu vi — falo em tom frio, chateada por ela desconfiar de mim.

— Tá, tá, eu acredito — retruca ela às pressas, o que é ainda mais irritante.

— Se você ia ceder tão facilmente, por que começar uma discussão? — pergunto, revirando os olhos. Megan não responde, então continuo: — *De qualquer forma*, o arquivo do caso 22 dizia que a pessoa foi reanimada. Ou seja, morreu e foi trazida de volta à vida.

— Mesmo que o arquivo de fato exista, essa informação pode ser falsa, para justificar o dinheiro.

— Ou pode ser verdadeira.

Megan balança a cabeça.

— Então vamos ver se eu entendi, porque meu cérebro deve ser do tamanho do de Wade: você acha que essa garota reconheceu você no shopping e contou isso a alguém, ameaçando expor o programa. E aí Deus descobriu e resolveu matar Nora apenas para poder reanimá-la e realocá-la, evitando que ela desse com a língua nos dentes? — Megan ergue suas sobrancelhas perfeitamente delineadas. — *Essa* é a sua teoria?

— Sim — digo com firmeza. — Essa é a minha teoria.

Megan fica em silêncio por alguns instantes, pensando. Ela estreita os olhos e fita o teto, mordendo a unha cor-de-rosa. Por fim, diz:

— Talvez ela tenha um fundo de verdade.

— Você é tão irritante.

— Mas você me ama.

— Amo.

— O que vamos fazer agora? — pergunta Megan. — Quer dizer, se sua teoria estiver certa e Deus estiver matando todo mundo que sabe sobre o projeto…

De repente inspiro o ar com tanta força que acho que meus pulmões podem explodir. Megan dá um pulo de susto.

— O que foi? — pergunta ela, de olhos arregalados.

— Você acha que Matt corre perigo? — indago, percebendo o que posso ter feito com o garoto de quem eu gosto.

— Não — responde Megan na mesma hora para tentar me tranquilizar. Mas seu olhar preocupado me diz o contrário. — A diferença é que, se sua teoria for verdadeira, Nora estava ameaçando o programa. Ninguém sabe que Matt sabe, e ele não vai contar a ninguém. — Ela faz uma pausa. — Não vai, né?

— Não — digo, desconfortável. — Pelo menos eu achava que não.

— Ele não vai — diz ela baixinho, como se o conhecesse. — Você tem bons instintos em relação às pessoas. Tenho certeza de que ainda pode confiar nele, mesmo que ele esteja agindo como uma criança agora.

— Espero que sim — digo, ainda preocupada. — Mas e Nora, caramba? Se for verdade, a vida dela foi destruída só porque ela me viu naquele shopping.

— Você não pode ficar se culpando. As pessoas tomam as próprias decisões. Talvez ela tenha visto você. Mas podia ter continuado a vida dela e ficado muito bem lá em Michigan. Além disso, ainda não estou completamente convencida.

— Procure por Nora Fitzgerald no Facebook — peço, cheia dessa discussão com Megan.

Ela sai da cama e começa a digitar no computador.

— Nenhum perfil — relata ela. — Mas talvez ela seja um desses idiotas que são contra as redes sociais. Aliás, ótimo assunto para o blog.

— Ela não é desse tipo. Mas, por via das dúvidas, procure Gina Geiger. É a melhor amiga de Nora.

— Ok. Aqui está Gina. Uau! Olhe só esse batom vermelho! Ela é travesti?

— Foco, Megan. Dê uma olhada na lista de amigos dela.

— Eu adoraria, mas teria que adicioná-la. Quer que eu faça isso?

— Não. Vamos encontrar outro jeito.

— Devo voltar ao plano original e adicionar logo Nora? — pergunta Megan.

— Shh — sussurro, erguendo uma das mãos. — Estou pensando.

Tudo fica em suspenso no quarto por alguns instantes.

— Mais fácil buscar Nora Fitzgerald no Google e ver se aparece alguma coisa — digo, como último recurso.

Ouço as unhas de Megan batendo no teclado.

— Achei — diz ela, clicando em um link.

Levanto da cama e fico atrás de Megan enquanto a página carrega. Percebo que estamos lendo o jornal de Frozen Hills, então corro os olhos pelo resto da página. Megan e eu engasgamos quando lemos a manchete:

ADOLESCENTE MORRE EM ACIDENTE DE CARRO PROVOCADO POR ABUSO DE ÁLCOOL

— Acho que você tem razão — diz Megan, baixinho.

— Também acho.

27

Sofrendo com a insônia, ainda estou acordada quando escuto uma batida na porta da casa de Megan às cinco da manhã. Ouço Alicia se arrastar pelo apartamento para ir atender; talvez ela esteja esperando alguém. Tem início uma conversa sussurrada, e, para minha surpresa, uma das vozes é de Mason. Percebo o som de passos se aproximando, e logo a porta do quarto de Megan é entreaberta, deixando passar uma fresta de luz.

— Daisy? — sussurra Alicia. — Mason está aqui.

— Ok — respondo no mesmo tom.

Passo por cima de uma Megan adormecida e cruzo o quarto na ponta dos pés, fechando a porta ao sair. Alicia me leva até Mason e depois nos deixa a sós. Estreito os olhos, ainda sensíveis à luz, os braços cruzados sobre o peito e as mãos nas axilas, porque ainda estou sem sutiã.

— Vou levá-la de volta a Omaha — diz Mason de um modo suave. — Cassie vai terminar os testes sozinha. Lamento ter que dizer isso, mas Audrey está em coma. Provavelmente vai morrer em breve.

Fico boquiaberta. Pisco. Pisco de novo.

Como ele pode me dizer uma coisa dessas enquanto ainda estou de pijama?

Nem sei por que eu esperava que ele filtrasse a notícia. Mason trabalha com a morte: é analítico e impessoal. Não sei por que esperava uma espécie de aviso de Audrey. Não sei por que esperava alguma coisa. É assim que a vida das pessoas que não têm acesso ao Recomeço termina: sem nenhum tipo de preparação ou aviso.

Elas entram em coma.

E morrem.

28

Estou tão preocupada com Audrey — fico repassando mentalmente nosso último encontro várias vezes — que mal percebo o voo de volta para casa. Quando aterrissamos, retiramos nossa bagagem e pegamos o carro, então vamos direto do aeroporto para o hospital. No caminho, porém, Mason tenta me fazer desistir de ir.

— Daisy, eu a trouxe de volta para que pudesse se despedir de sua amiga, mas gostaria que você pensasse em uma coisa. — Não falo nada, então ele prossegue: — Você não precisa ir ao hospital. Audrey entenderia.

— Do que você está falando? — pergunto, minha voz rouca por eu ter passado muito tempo sem falar.

— Pensei muito sobre isso no avião. As pessoas se amontoam em volta de leitos de morte porque acham que se sentirão melhor por terem se despedido, segurado a mão de seus entes queridos. Mas às vezes isso não é melhor. A imagem daqueles últimos momentos da pessoa fica com você. E ainda assim fazemos isso. Posso levá-la se quiser, é claro. Só estou dizendo que ninguém vai julgá-la se você quiser guardar a imagem de Audrey rindo e se lembrar dela assim. Porque ela não está rindo agora. Não está acordada. Mal está viva. Está respirando com auxílio de aparelhos. Você entende?

Não respondo na hora. Penso em Audrey no corredor da escola naquela dia em que ela estava perfeita. Por um momento penso em aceitar a sugestão de Mason. Mas fugir dos momentos difíceis para me lembrar dos bons não me parece correto. Na verdade, nem sei se Mason acredita no próprio conselho.

— Eu vou — digo, firme.

— Não sei se é a decisão certa.

— Mas a decisão é minha, certo?

— É.

— Então eu vou.

* * *

Ao cruzar o portal arqueado do hospital, fico com o estômago embrulhado.

Estou surpresa por ter medo de ver Audrey, como se a irreversibilidade de sua morte iminente fosse contagiosa. Mas, no fundo do coração, sei que preciso estar aqui.

Cruzamos o portal e atravessamos o grande saguão. Com suas paredes em tom pastel e seus três andares cheios de janelas, o hospital iluminado e brilhante parece me dizer para ter esperança. Mas não consigo.

Vamos até a sala de espera da UTI. Há mesas dispostas como em um lounge, cadeiras ao redor de uma tevê e sofás encostados às paredes. Toda a mobília tem um tom irreconhecível de azul — como aquele papel de parede que vem na área de trabalho do computador —, ou algo entre o pêssego e o salmão. A sala é maior que nosso porão, mas há apenas cinco pessoas ali: os McKean — menos Audrey —, Mason e eu.

Quando entramos, Matt desvia os olhos da janela para me encarar. Seu rosto parece indiferente, mas posso ver o sofrimento profundo em seus olhos. Apesar de seu comportamento da última vez que nos vimos, quero correr e fazer o que puder para salvá-lo. Mas ele desvia o olhar antes mesmo que eu tenha a chance de fazer algo.

A Sra. McKean está mexendo seu copinho de chá; o Sr. McKean anda de um lado para outro. Eu me pergunto quem está com Audrey, até que ele explica para Mason que o horário de visita já acabou.

— Que droga — diz Mason. Ele olha de relance para mim e murmura: — Quando seria uma boa hora para voltarmos? Daisy gostaria de ver Audrey.

O Sr. McKean me olha com tristeza. Ele abre um sorriso fraco, depois dá o golpe fatal:

— Infelizmente ela não pode — diz a Mason. — Só a família tem permissão para entrar na UTI.

— Entendo — diz Mason, todo profissional.

É irracional, mas penso se por acaso ele não ligou antes e pediu que o Sr. McKean contasse essa mentira, embora no fundo eu saiba que Mason nunca faria isso. Ele só sugeriu que eu não me despedisse porque queria me proteger.

Me sentindo impotente, eu me arrasto até um sofá junto à parede, o mais distante possível de Matt, e me sento nele.

Os homens conversam em voz baixa por um tempo que me parece longo demais. Tento ignorar quando Mason gentilmente se oferece para ajudar no que puder. Ele chega até a oferecer conselhos a Matt, o que me irrita, embora eu saiba que ele só está tentando manter o disfarce. Começo a roer a unha do polegar. Matt olha pela janela de forma fixa. Os homens trocam um aperto de

mãos. A Sra. McKean encara seu chá. Mason se aproxima de mim.

— Vamos para casa.

— Só isso?

— Só isso.

* * *

Exausta e com ódio da política do hospital, corro para o meu quarto e me enfio debaixo das cobertas no instante em que entro em casa. Não demora muito para Mason aparecer. Ele se senta na ponta da cama e toca de leve meu pé, por cima do edredom. Depois põe as mãos no colo.

— Daisy, você quer voltar para Seattle e ficar mais alguns dias com Megan?

— Quero ficar aqui. Vai que eles mudam de ideia…

— É muito improvável.

— Mesmo assim.

— Achei que Megan talvez pudesse animar você — diz Mason. — Vocês pareciam estar se divertindo. E eu poderia ajudar Cassie…

— Então o que você quer mesmo é voltar para os testes terminarem mais rápido?

— Não, mas isso seria bom — responde ele, com honestidade.

— Então vá.

— Não posso deixar você sozinha aqui.

— Você já me deixou sozinha um milhão de vezes. Arrume alguém para ficar de olho em mim, se está tão preocupado.

— Eu…

Ele não termina a frase. Sei que está pensando no assunto.

— Não tem problema, Mason, de verdade. Vou ficar bem. Além do mais, acho que quero mesmo ficar sozinha.

Mason assente. Assim como eu, ele também gosta de ficar sozinho.

— Bem, se você não se importa mesmo, acho que vou chamar James.

Duas horas depois, estou sozinha em uma casa vazia no pior dia da minha vida.

* * *

Acordo assustada e achando que dormi por vinte e quatro horas. Depois percebo que ainda é o mesmo dia horrível: o dia em que vim de Seattle para ficar sozinha em uma casa vazia, proibida de ver minha amiga à beira da morte no hospital.

Fico deitada imóvel por um minuto, pensando em tudo que aconteceu e tudo que deu errado. Então me sento na cama e esfrego os olhos, cada vez mais agitada. Por fim, quando não consigo mais ficar parada, a raiva e a adrenalina me lançam para fora da cama e escada abaixo. No corredor entre a cozinha e a sala de estar, eu olho em volta, sem saber o que fazer.

Porque preciso fazer alguma coisa.

É quando a resposta me atinge como uma tempestade de granizo.

Corro para o porão. Acendo as luzes e, enquanto desço, tenho ânsias de vômito por causa do cheiro de cocô de rato. No pé da escada, me certifico de que todas as lâmpadas estão acesas. Quero ver tudo: o equipamento médico; as gaiolas dos ratos, com suas cobaias peludas e estridentes; o pequeno armário onde as armas ficam guardadas.

Preciso do estojo preto.

Me lembro da voz de Mason dizendo *Em caso de emergência*.

Se isto não é uma emergência, não sei o que mais pode ser.

Pego o estojo, mas hesito antes de abri-lo. No fundo, sei que o que estou fazendo é errado. Mas então penso em Audrey. Penso em Matt. Penso em Deus, no programa e em Nora. Em como Deus a manipulou. E como, com suas regras e termos de confidencialidade, está controlando a minha vida também.

Penso em Megan.

Penso em assumir o controle.

Então, sem mais hesitar, digito o código.

* * *

Às seis e meia da noite, estou sozinha na ponte para pedestres que cruza o rio, vendo as pessoas caminhando pelo centro da cidade como formigas após um longo dia de trabalho. Mason e os outros agentes as chamam — as pessoas normais — de não iluminados. Acho que estão mais para intocados.

Ouço o som ritmado de passos vindo em minha direção, mas não me viro

para olhar. O ritmo diminui quando se aproxima, e então para. Uma respiração ofegante soa ao meu lado, mas é só isso.

— Quero que saiba que não estou fazendo isso por você — digo, os olhos fixos no horizonte.

— Você tem seus motivos — responde Matt, ríspido. — Podemos acabar logo com isso? Preciso voltar ao hospital.

Eu me viro para encará-lo. Nossos olhos se encontram pela segunda vez hoje. E, pela segunda vez, apesar de odiá-lo, quero abraçá-lo. Mas não o faço. Em vez disso, enfio a mão no bolso e pego uma pequena seringa cheia de líquido, com um protetor de plástico na agulha.

— Queime a seringa depois de usar — digo.

— Ok.

— Eu nunca vi o procedimento ser feito em um humano — continuo. — Mas acho que é só injetar toda a dose.

— Como? — pergunta ele.

A brisa noturna sopra mechas de seu cabelo em seu rosto. Ele balança a cabeça como se isso o irritasse.

— Não sei. — Tento me lembrar. Uma vez eu acordei com um cateter intravenoso no braço. Acho que duas vezes. — Eles colocaram um intravenoso nela? Você poderia usar isso. Ou simplesmente injetar no braço dela.

— Ok — concorda Matt, parecendo inseguro.

— Matt, você não precisa fazer isso se…

— Preciso, sim — diz ele. — Mal não vai fazer. Afinal, ela já vai estar…

— Eu sei — interrompo, pois não quero ouvir a palavra. — Mas quero que saiba como isso é sério — falo, pensando na situação de Nora.

— Não vou criar encrenca para você — dispara Matt.

— Não é disso que estou falando — respondo com calma. — Há consequências piores do que eu ficar encrencada.

Matt olha para mim à espera de uma explicação, mas não digo nada, apenas enfio as mãos nos bolsos da calça jeans. Não quero assustá-lo, ainda mais agora. Porque, no fundo, sei que ele vai fazer isso de qualquer jeito.

— Apenas tome cuidado, ok? — falo, como um apelo final, e posso ver, quando seu olhar suaviza, que ele entendeu.

— Pode deixar — diz ele, baixinho. Matt se afasta um passo. — Obrigado por fazer isso.

— Tudo bem — falo, mas sai como um sussurro.

Por favor, isso tem que funcionar, penso.

Fico observando-o ir embora. Ele olha para trás uma vez, e, ao fazer isso, noto um traço de doçura em seus olhos. Mas então ele se vira de novo e, rápido demais, vai embora.

29

No meio da noite seguinte, alguma coisa me acorda. Olho para o relógio: são 2h38. Sem saber o que me despertou, fico atenta aos sons noturnos. O galho de uma árvore lá fora bate no vidro da janela; pneus de carro guincham a distância. Tento ouvir o ronco de Mason, mas então me lembro de que ele não está em casa.

Me sinto sozinha, mas não com medo. Relaxo e escuto o mundo até que os ruídos da casa e os latidos do cachorro do vizinho se misturam e consigo voltar a dormir.

Quando acordo de novo, minha mente está confusa. É dia, mas o mundo está muito quieto. O sol está do lado errado da casa. Mas não é só isso.

De algum modo, bem no fundo, eu sei.

Pego o telefone na mesinha de cabeceira. Mando uma mensagem para Matt e confirmo.

Aconteceu no meio da noite.

Audrey está morta.

30

Mason está voltando de Seattle, de novo, mas por enquanto estou sozinha. Para ser sincera, sinto que foi assim esse tempo todo. Se James apareceu, foi muito discreto. Deve ser isso que o torna bom em seu trabalho.

Escovo os dentes, lembro que Audrey morreu e vomito. Então escovo os dentes de novo. Observo meu reflexo no espelho por um tempão, sem realmente me enxergar. Começo a me sentir aprisionada, como se precisasse me mexer ou fosse enlouquecer. Saio correndo de casa, sem saber para onde. Depois de caminhar alguns quarteirões, mando uma mensagem para Matt.

Daisy: Onde você está?

Matt: Em casa.

Daisy: Estou indo aí.

Nenhuma resposta.

Talvez eu tenha chamado um táxi ou talvez ele simplesmente tenha aparecido. Não me lembro. Dou ao motorista o endereço dos McKean e me obrigo a respirar durante todo o caminho. Olho para baixo e percebo que estou usando uma calça jeans de Audrey. Me inclino para a frente e choro em silêncio durante toda a viagem. Para sorte dele, o motorista não olha para mim nem pergunta se estou bem.

O Mini está parado na frente da casa dos McKean, como se à espera para sair buzinando pela cidade com Audrey ao volante. Tenho vontade de chutar o carro ou riscar a pintura com minha chave: ele é feliz demais.

Matt atende quando bato, mas não diz nada. Ele abre mais a porta para me deixar passar, e então eu entro, embora eu tenha certeza de que ele não me quer aqui. Sigo-o até o quarto, sem ligar para quem está em casa ou se vão se importar.

— Não sei por que você veio — diz ele quando nos sentamos em sua cama desarrumada.

É a primeira vez que entro no quarto dele.

— Não queria ficar sozinha — respondo com sinceridade. Não controlo

mais o que estou dizendo. — E queria saber o que aconteceu. Você fez?

— Sim.

Ele está olhando para o outro lado do quarto, o olhar vago e inexpressivo.

— E?

— E nada. Injetei no acesso intravenoso menos de cinco minutos depois que declararam o óbito.

— E? — pergunto de novo, do modo mais gentil que posso.

Ele vira a cabeça na minha direção tão depressa que me dá um susto.

— E o quê, Daisy? O que você acha, caramba? Está vendo Audrey sentada ao meu lado agora?

Ele está apertando a colcha como se tivesse medo de cair.

— Sinto muito por ter vindo — digo, me levantando. — E por não ter funcionado.

— Tenho certeza de que sente — murmura Matt.

Meu sangue ferve, e tudo o que eu quero é gritar com ele. Dizer que amava sua irmã, que o amo. Sacudi-lo e falar que talvez ele tenha feito algo errado na hora de injetar o Recomeço. Abraçá-lo, deitar em sua cama e chorar junto com ele.

Em vez disso, vou embora.

* * *

Uma hora depois, Matt aparece à minha porta. Está suando. Será que ele veio correndo até aqui?, me pergunto. Deixo-o entrar, e subimos para o meu quarto. Tudo acontece exatamente igual a hoje mais cedo quando fui à casa dele, só invertemos os papéis.

Mas não, não é igual.

Não dizemos nada um ao outro. Entro no meu quarto primeiro, e ele me segue; no meio do cômodo, ele pega minha mão e me vira. Segura meu rosto e me beija, inseguro por um momento, depois com força, agressivo, mas nada que eu não queira. Sinto como se estivesse sugando sua dor, como se suga o veneno de uma mordida de cobra, e por alguns minutos esqueço meu próprio sofrimento.

Caímos na cama e nos abraçamos tão apertado que nossas mãos nem podem se mexer para explorar outras partes do corpo um do outro. Além do mais, o que nos interessa neste momento não é avançar. É muito mais que isso.

De algum modo, tentamos tirar nossas roupas, e estamos tão próximos que…

De repente Matt se afasta e levanta. Sua calça está desabotoada e a camiseta, amarrotada e torta. O cabelo está despenteado, cobrindo completamente seu olho esquerdo. Só no direito vejo as lágrimas escorrendo.

— Não sei o que estou fazendo. — Sua voz está tão cheia de dor que me queima. — Não sei se devo abraçar você ou odiá-la.

O choque me deixa em silêncio. Matt anda em direção à porta.

— Tenho que ir.

E ele sai assim, desgrenhado, mas não digo nada. É capaz de esbarrar em Mason na entrada — quem sabe quando ele vai chegar? — ou assustar mães que empurram carrinhos de bebê na rua. Mas, neste momento, não me importo com a aparência de Matt e sei que ele também não. Porque quando alguém morre — morre de verdade —, coisas como a sua aparência não importam mais.

Na verdade, o que ninguém nunca me contou é que nada mais importa.

31

Fico olhando para o teto do quarto, pensando em tudo ou em nada, viajando ou apenas deitada aqui. Pode ter sido há três dias ou três horas que fui à casa de Matt: o tempo passa em intervalos estranhos. A lâmpada do abajur na minha mesinha de cabeceira zumbe tão alto que tenho vontade de destruí-lo, mas meu corpo está paralisado. Meus braços estão colados à cama. Olho para o telefone e vejo as horas; no instante em que me viro para o outro lado, a informação saiu da minha cabeça.

Mason voltou.

Cassie voltou.

Alguém me traz comida, mas não sinto fome. Apenas a examino como a um fóssil, tirando conclusões com base em seu conteúdo. É o café da manhã: um novo dia deve ter começado. Há panquecas de mirtilo: acho que Mason está preocupado. Ele acrescentou uma vitamina na bandeja: está preocupado *mesmo*.

No momento em que começo a me entreter com minha pesquisa arqueológica, lembro que Audrey morreu. Estou aqui contando o número de uvas no meu prato, e Audrey nunca mais vai tomar café da manhã.

As panquecas de mirtilo se tornam um insulto.

Empurro a bandeja para a ponta da cama. Deito de lado, abraço as pernas e me encolho em posição fetal, porque tudo isso é demais para mim. Ela não vai mais passar aqui para irmos juntas para a escola. Não vai me encontrar para o almoço. Não vai implicar comigo por gostar de seu irmão ou por causa do meu gosto musical nem vai me emprestar roupas e falar de Bear, Jake ou de quem quer que seja.

Ela morreu.

Meu celular toca; é o toque de Megan. Não atendo. Nem olho para o aparelho. A raiva toma conta de mim: eu não deveria estar em Seattle quando Audrey estava morrendo. Eu deveria ter imaginado que alguma coisa ia acontecer. Eu deveria ter ficado.

Meu peito dói; meu coração está partido. Tento pedir a Matt, telepaticamente, que venha ficar aqui deitado ao meu lado. Mas que não me beije nem nada. Apenas fique aqui. Imagino-o olhando nos meus olhos como em Kansas City, mas tudo o que vejo são suas lágrimas.

Cubro a cabeça com o travesseiro, mas os pensamentos continuam.

Eu me pergunto se algum dia eles irão embora.

* * *

Fico na cama até de noite, e então começo a vagar pela casa no escuro. Passo horas à janela da sala, olhando para a rua vazia, esperando ver o fantasma de Audrey por ali, acenando para mim. Volto para meu quarto abafado antes que alguém acorde. Até que ouço o barulho da água do chuveiro. O café da manhã sendo preparado. Meu celular toca tantas vezes que o desligo. Mason traz mais comida; a greve de fome continua.

— Você precisa se levantar.

Ele atravessa o quarto e abre as cortinas, depois a janela. O ar fresco que vem lá de fora faz minhas narinas arderem.

— Não — murmuro.

— Você vai se sentir melhor depois de um banho.

Dou uma risada amarga. Como se um banho pudesse diminuir a dor de perder Audrey.

— Duvido muito.

— Você que sabe — diz Mason, dirigindo-se à porta. — Vamos sair para o velório em uma hora.

Eu me levanto, é claro.

* * *

Sobre pernas trêmulas como as de um filhotinho de cervo, eu me arrasto pelo quarto. Sinto que meu corpo está sem energia, mas só de pensar em comer tenho vontade de vomitar. Pego uma calcinha limpa na cômoda e depois dou uma olhada no celular, que está carregando na escrivaninha. Há várias chamadas perdidas de Megan e uma mensagem de texto de Matt:

Matt: Sinto muito.

Apenas duas palavras, mas nem por isso menos importante.

É o que me dá impulso para me mexer.

Tomo banho e seco o cabelo, então o escovo e prendo a franja para trás com grampos. Passo muito tempo fitando meus olhos azuis no espelho, tentando reconhecer a menina do reflexo. Meu rosto não parece mais o mesmo.

Volto para o meu quarto e visto uma saia preta de Audrey.

Pode parecer estranho usar as roupas de uma garota morta para ir ao enterro dela, mas não vejo problema. Ela não era apegada às coisas, e provavelmente metade das roupas no meu armário é dela. Além disso, tem a carta.

O Sr. McKean veio trazê-la na noite em que ela morreu. Na hora me pareceu estranho ele se dar esse trabalho — por que não ficar com sua família? —, mas depois entendi que ele provavelmente precisava se manter ocupado, para não ter que pensar em Audrey. Ele é como um daqueles tubarões que morrem se param de nadar. Então ele me trouxe a carta.

Eu a pego da mesa de cabeceira e corro os dedos pela letra perfeita de Audrey. É algo bem típico dela. Releio a primeira parte.

Daisy,

Prometa que fará duas coisas por mim.

A primeira é fácil: pegue minhas roupas. TODAS. Mesmo que seja para jogá-las fora, tire-as da minha casa (mas eu tenho muito bom gosto — haha! —, então sugiro que fique com elas).

Você sabe como são as pessoas apegadas. Elas choram agarradas a camisas velhas que não valem nada. Minha mãe guarda tudo: ela vai ficar obcecada. Meus pijamas mais feios vão partir o coração dela. Pegue as roupas, Daisy. Faça isso por mim (e pelo seu guarda-roupa ☺).

Alguém bate à porta.

— Está pronta? — pergunta Cassie, baixinho.

Seu tom de voz é menos robótico, mais parecido com o personagem que ela assume em público.

— Estou — respondo.

Dobro a carta e a guardo no bolso, calço as sapatilhas e abro a porta.

— Você está bonita — diz Cassie.

Não me importo.

* * *

Para uma garota que, de acordo com seu irmão, não tinha muitos amigos, o velório de Audrey está lotado. Não consigo deixar de me perguntar se os alunos só compareceram para poderem sair mais cedo da escola. Na mesma hora, imagino o fantasma de Audrey lendo minha mente e me sinto um lixo por ter pensado isso.

Inspiro fundo o ar estagnado da velha igreja. É *bastante gente*, digo a Audrey mentalmente, como se ela pudesse me ouvir. *Todo mundo gostava de você.*

Nunca fui a um enterro, então não sei dizer se este é típico. Não choro, porque as dezenas de colegas de turma de Audrey, ao se aproximarem e falarem dela, choram o suficiente por todos nós. Soluçam e debulham-se em lágrimas. Proclamam aos céus dramaticamente que sentirão saudades de sua melhor amiga. Enquanto isso, me lembro do quarto de Audrey. Penso nas pessoas nas fotos em sua escrivaninha. Reconheço pouquíssimos rostos dentre os presentes aqui.

Mais uma vez, me sinto péssima por pensar isso.

Depois do serviço religioso, seguimos em caravana para o cemitério. O dia está claro, radiante como Audrey. As árvores, com seus tons vibrantes de laranja e vermelho característicos do outono, e as grandes esculturas parecem, ao mesmo tempo, simples e elegantes, exatamente como minha amiga era. Todos se reúnem em volta de seu túmulo; tento ouvir e sentir alguma coisa sem desmaiar por falta de comida. É um dia agradável, não muito quente, mas ainda assim estou suando, desejando que Audrey estivesse aqui para zombar de mim, me perguntando se eu me esqueci de passar o desodorante.

Todos se dispersam depois do enterro, e logo as únicas pessoas que restam são o pastor, os McKean e nós. Matt está afastado dos pais, olhando para o túmulo da irmã. Mason e Cassie esperam o Sr. e a Sra. McKean agradecerem ao pastor e então prestam suas condolências. Vejo Mason pôr as mãos nas costas de Cassie, como um marido carinhoso, e tenho vontade de gritar para que ele pare de fingir. Porque isso aqui é real.

Ao olhar para Matt, julgo poder ver um halo de dor emanando dele. Apesar de tudo, sei que o amo.

Sem nem pensar, eu me aproximo dele, paro ao seu lado e pego sua mão.

Não desvio o olhar da sepultura de Audrey. Acho que Matt também não, mas não me viro para ter certeza. Ele fica ao meu lado, segurando minha mão com firmeza. Precisamos um do outro.

Ficamos ali assim, os olhos fixos no mesmo ponto por uma eternidade. Ao lado do irmão dela, e sem os falsos chorões fingindo que eram amigos, permito-

me realmente sentir a perda. Sinto-a com todo o meu ser: do cabelo aos dedos dos pés. Sinto a dor como algo criando raízes dentro de mim, liberando amargura, raiva e tristeza pura em minhas veias.

Ali de pé, de mãos dadas com Matt, tenho vontade de dizer muitas coisas. Quero lhe dizer que sinto muito. Que me sinto péssima por o Recomeço não ter funcionado. Que o amo e quero fazer desaparecer toda a sua dor.

Mas não posso. Não consigo falar. E não posso acabar com a dor de Matt, porque a minha também é intensa e não cabe no meu coração.

Como um reflexo das minhas emoções, o céu da tarde é tomado por nuvens. Sinto cheiro de chuva. Saio do transe e olho para as nuvens.

Você está aí em cima?, pergunto a Audrey mentalmente. Nada acontece.

Porque ela está morta.

Morta.

Penso no real significado disso.

Não é como ter partido — como meus pais verdadeiros, as freiras ou as pessoas nas cidades que tivemos que deixar para trás —, porque partir significa que você pode voltar se quiser. Ao contrário do que aprendi, a morte não tem volta. Não de verdade. Algum dia eu também vou morrer definitivamente. E então serei como Audrey.

Não alguém que partiu.

Morta.

Estremeço diante dessa ideia, e Matt aperta mais forte minha mão.

Volto a observar a terra e o túmulo. Só então percebo que Matt e eu estamos sozinhos. Olho para ele.

Seus olhos estão cravados em mim.

— Oi — cumprimenta ele, como se me visse pela primeira vez.

Ele baixa os olhos para nossas mãos unidas e sorri, depois volta a me encarar.

— Oi — respondo para o garoto que não pretendo abandonar nunca.

— Sinto muito — diz Matt.

— Eu também.

* * *

Depois de um tempo, deixamos o cemitério. Vamos para a casa dele em silêncio.

Há veículos estacionados por toda parte: na entrada da garagem, em frente à casa, do outro lado da rua e virando a esquina. Matt para o carro com facilidade em uma vaga pequena mais à frente na rua, e, quando caminhamos até a casa, tento não olhar para o carro alegre de Audrey.

Lá dentro há travessas de comida espalhadas por todos os lugares, e os cômodos estão repletos de pessoas usando preto ou azul-marinho, todas conversando em respeitosos sussurros, como se tivessem medo de acordar os mortos. Parece que estou com chumaços de algodão nos ouvidos: quando as pessoas falam comigo, tenho que pedir que repitam.

— O quê? — pergunto a Mason depois de ele murmurar algo para mim.

— Quer comer? — diz ele, cheio de preocupação.

— Hum…

Me distraio com um pensamento que cinco segundos depois já não lembro o que era, e, quando volto a olhar para Mason, ele não está mais lá. Não sei se respondi a sua pergunta. Talvez ele tenha ido buscar algo para eu comer; talvez apenas tenha ido embora.

Fico parada no lugar até que começo a me sentir paralisada, então me mexo só para ter certeza de que ainda consigo. Percebo que Matt e eu nunca estamos mais do que alguns metros afastados. Nós nos separamos ao entrar, mas em nenhum momento ficamos realmente distantes. Como se estivéssemos unidos por uma corrente invisível, vou até a cozinha pegar um copo d’água e ele já está lá, procurando algo na geladeira. Matt fica sentado no sofá enquanto eu olho as fotos pela sala. Eu me recosto no piano, desesperada para que este dia termine, e ele esbarra de leve no meu ombro ao passar. Percebo que estamos dando força um ao outro, usando tudo o que nos restou: nossa presença.

* * *

Matt está sentado em frente à lareira, do outro lado da sala, quando Mason se aproxima e me diz que é hora de irmos. Estou mais do que exausta e aceitaria perfeitamente se me dissessem que são oito da manhã ou meia-noite: ambos fariam sentido em meu novo e estranho mundo.

Separados por cerca de cinco metros, Matt e eu nos encaramos. Nenhum dos dois se mexe, mas nós sabemos que as coisas vão ficar ainda mais difíceis antes de melhorarem.

— Ok — digo, ainda olhando para Matt.

Eu o verei na escola quando ele voltar às aulas. Mas será diferente. Tenho a sensação de que partir agora é como dar adeus a quem éramos, a tudo que era leve e despreocupado.

Adeus, abonança.

Meus olhos se enchem de lágrimas e ficam presos aos de Matt até que chego à entrada da sala e sou obrigada a ir para o corredor. Mesmo quando me viro, posso sentir que ele ainda me observa. Não sei como meus pés conseguem me carregar para fora da casa, mas de alguma forma chego ao carro, onde me jogo no banco de trás e pego no sono instantaneamente. Quando chegamos em casa, Mason me guia para dentro como uma sonâmbula, e eu durmo com as roupas com que fui ao enterro, inclusive os sapatos.

32

Quatro dias depois, levanto às quatro da manhã com um sobressalto. Com o coração disparado, procuro descobrir o que pode ter me acordado. Há movimento no andar de baixo: ouço dois pares de pés se movendo, apressados, pela casa.

Pulo da cama e corro até o laboratório para ver o que está acontecendo.

— Volte para a cama — comenta Mason ao me ver. — Está tudo bem.

— O que vocês estão fazendo? — pergunto.

Meu coração gela quando o vejo parado ao lado do estojo preto.

— Deus nos pediu que fizéssemos uma experiência — responde ele.

Mason parece extremamente incomodado. Cassie balança a cabeça enquanto folheia um arquivo.

— Cadê aqueles formulários? — pergunta ela.

— Não sei se serão necessários — diz Mason. — Quantos frascos acha que devemos levar?

— O máximo que podemos usar são três, mas leve cinco, só para garantir.

— Que experiência é essa? — pergunto.

— Um acidente de carro. Um homem voltando do trabalho. À noite — explica Mason, em frases curtas, como quando ele está preocupado. — Um zelador. Perda total do carro. Deus quer que a gente tente reanimá-lo.

— Mas o medicamento nunca funcionou em adultos — digo, chocada.

— Eu sei. Até hoje não. Mas aperfeiçoaram a fórmula.

Não o suficiente, penso.

— E estamos no meio da noite — continuo.

— Eu sei.

— E o grupo de teste são só as crianças do ônibus, e…

— Eu sei! — grita Mason. Ele se vira e me encara. Parece zangado, mas de algum modo sei que não é comigo. — Acha que não sei de tudo isso? Os testes deveriam ser *controlados*. Não era para ser assim. Agora ele quer que… — Ele para no meio da frase e respira fundo. — Vai ficar tudo bem, Daisy. Ouvimos que a ambulância já está a caminho. Se não chegarmos antes, não poderemos fazer o teste.

Fico olhando enquanto Mason abre o estojo do Recomeço e escolhe cinco dentre os cinquenta frascos ali guardados. Meus olhos saltam de um frasco para o outro freneticamente. Quarenta e nove deles podem salvar aquele homem; o que está cheio de água definitivamente não pode. Minha temperatura sobe. Não lembro qual é. Acho que era um da…

— Não pegue esse! — digo sem pensar.

A mão de Mason congela no ar. Ele e Cassie se viram para mim, as expressões mudando de confusas para chocadas e, então, para furiosas.

— Por que não? — pergunta Mason.

Não falo nada.

— Por que não deveríamos pegar esse? — insiste ele.

Estou paralisada.

— O que você fez? — acusa Mason.

Eu me encolho. Ele nunca falou assim comigo.

Por mais estranho que seja, é Cassie que me ajuda.

— Daisy, como você sabe, o tempo é fundamental agora — diz ela, calma. — Podemos conversar sobre isso depois. — Ela lança um olhar para Mason. — Mas, se precisássemos de três frascos imediatamente, de que parte do estojo deveríamos pegá-los?

Aponto para a fileira de baixo, mais à esquerda.

— Tem certeza de que não há nada de errado com esses? — pergunta Cassie, enquanto Mason começa a pegar os frascos.

Assinto: não quero falar para não me trair. Na verdade, tenho *quase* certeza. Não cem por cento. Não apostaria minha vida nisso.

Apostaria a de outra pessoa?

— Agora vá para o seu quarto — ordena Mason enquanto fecha o estojo de viagem.

Ele não me fita nos olhos ao passar por mim. Eu o ouço sair em disparada para o carro. Em silêncio, Cassie também sai.

33

Algumas horas depois, atravesso os portões da Victory High School como uma pessoa completamente diferente da que eu era há apenas algumas semanas. Não tomei banho e estou usando a mesma camisa com que dormi. Meu cabelo ondulado, sujo e despenteado está preso em um nó. Nem coloquei maquiagem, e não porque eu posso chorar e borrar tudo, mas porque é preciso muita energia para passá-la. Meu café da manhã foram três mordidas em uma banana e uma Coca. Não lembro se escovei os dentes.

Dentro da escola está barulhento demais. Claro demais. As pessoas me encaram, sussurram pelas minhas costas. Parecem o fundo desfocado de uma fotografia. Estão ali para fazer contraste, nada mais.

Subo um lance de escadas até o segundo andar e sigo para o meu armário. Algumas garotas conversam descontraidamente junto ao armário ao lado do meu. Param de falar quando me aproximo e abrem caminho para eu passar.

— Oi, Daisy — diz uma delas, baixinho.

— Oi — respondo. Não sei seu nome.

Pego meus livros e me esforço para não olhar para o armário de Audrey quando me afasto, mas não adianta. Eu o vejo, e a imagino parada ali, sorrindo para mim como no primeiro dia de aula. Elogiando meu sapato. Convidando-me para almoçar.

Respirando.

Vivendo.

Como uma intoxicação emocional, todas as minhas lágrimas, coriza e até um grito explodem ao mesmo tempo. Todo mundo no corredor para e fica olhando. Corro para a enfermaria e sou dispensada das aulas.

Na minha caderneta está o motivo da dispensa: “Estresse”.

* * *

Eu me escondo do mundo por dois dias, ou pelo menos é o que eu acho. Quando Mason acha que já chega, arromba a fechadura do meu quarto.

— Você tem visita — anuncia ele.

Estou com um travesseiro pressionado no rosto, por isso não posso ver nem Mason nem ninguém.

— Seja quem for, mande embora.

— Você mesma vai ter que fazer isso.

Ouço-o sair do quarto. Outra pessoa entra. Seja quem for, ela senta no pé da cama, mas não diz nada. O travesseiro continua cobrindo minha cabeça: respiro para dentro da fronha e espero alguns minutos. A umidade da minha respiração, presa entre mim e o tecido, faz com que eu me sinta em uma sauna, mas mesmo assim não me mexo. Há apenas o silêncio. Por fim, começo a ficar incomodada. Por que entrar no meu quarto e só ficar sentado ali sem falar nada? Frustrada, jogo o travesseiro para o lado. E então vejo alguém que nunca achei que fosse ver de novo.

— Sydney?

— Oi, querida — diz ela, com aquela voz que sempre faz tudo ficar melhor. — Ouvi dizer que você está passando por um momento difícil.

O reconhecimento da minha dor faz tudo vir à tona de novo; começo a chorar. Sydney se aproxima de mim e me abraça. Tenho quase certeza de que arruinei seu casaco cinza com minha coriza, mas ela parece não se importar. Ficamos sentadas assim, ela afagando meu cabelo bagunçado e eu chorando no seu ombro, até que minhas lágrimas secam.

Então passamos horas conversando. Conto a ela tudo sobre Audrey — cada minuto de que me lembro. Também falo muito sobre Matt, mas não tudo. Digo que me sinto culpada por estar com Megan enquanto Audrey morria. Que acho que tem algo acontecendo com o programa e que isso está deixando Mason muito estressado. E que há muito mais coisas, mas não quero falar sobre elas agora.

— Você está carregando o peso do mundo nas costas — diz Sydney. — Entendo por que precisava de um tempo sozinha.

— Eu queria que Mason fosse tão compreensivo quanto você.

— Ah, Daisy, você tem que reconhecer que, embora não soubesse o que fazer, Mason chamou alguém que saberia. Acho que ele entende pelo que você está passando mais do que imagina.

— Talvez… — digo, sem acreditar de verdade. Mason não é nada sentimental. — Só não sei o que fazer agora. Não sei como *existir* sem Audrey. O que eu devo fazer?

— Daisy, eu queria poder resolver seus problemas — diz Sydney. — Fico triste por vê-la sofrendo. Mas a verdade é que só o tempo pode consertar as

feridas do coração.

Fico em silêncio, a testa franzida, porque isso mais parece frase de livro de autoajuda. Digo isso a ela.

— Bem, é um bom conselho — diz Sydney. — Às vezes os livros de autoajuda sabem do que estão falando.

Dou um sorrisinho; ela pega minha mão.

— Há pequenas coisas que você pode fazer.

— Como o quê? — pergunto, suplicando por um remédio que cure meu coração.

— Bem, assim que acordar de manhã, quando lembrar que Audrey se foi, em vez de lamentar por tudo o que ela não terá a chance de fazer, pense em algo muito legal que ela *fez*. Um pequeno tributo a ela. E então siga em frente.

— Falar é fácil. O que mais?

Sydney dá de ombros.

— Tome um banho. Vá para a escola. Preste atenção. Faça as coisas que gostava de fazer; com o tempo você vai voltar a achá-las divertidas. Ligue para Megan e converse com ela sobre o que está sentindo. Quando ele estiver pronto, tente se reaproximar de Matt.

Fico em silêncio, então ela continua:

— Infelizmente não existe uma fórmula para fazer a dor do luto acabar mais depressa. Não importa o que aconteça, você vai carregá-la pelo resto da vida. A questão é como vai lidar com isso. Você pode escolher mergulhar na tristeza por ter perdido Audrey ou celebrar o tempo que passou com ela.

— Você está falando igual a ela.

— Ela devia ser uma garota esperta — brinca Sydney.

Pela primeira vez em dias, dou uma risadinha.

— Você vai ter problemas com Deus por ter vindo aqui? — pergunto.

— O que os olhos não veem o coração não sente — diz Sydney. — Além disso, minha menina precisava de mim. Talvez você não saiba, mas estou sempre aqui para você, Daisy.

* * *

Sydney vai embora depois do jantar, e é como se levasse consigo um pouco da minha angústia. Depois de falar abertamente sobre Audrey, percebo que me

livrei de um peso. Sinto-me um pouquinho mais leve. Um pouquinho melhor.

Vou me deitar às nove horas e durmo como um bebê. De manhã, quando acordo, a lembrança do enterro de Audrey invade minha mente. Eu afasto a memória, escolhendo, em vez disso, pensar naquela vez em que ela achou que tivesse visto Jake Gyllenhaal na Starbucks. Lágrimas de alegria e tristeza escorrem pelo meu rosto, e rio alto ao me lembrar da reação dela: Audrey achou *mesmo* que fosse ele.

— Você é obcecada por Jake Gyllenhaal — falo em voz alta para que Audrey me ouça onde quer que ela esteja.

E então vou tomar banho.

* * *

Vou a pé para a escola, na esperança de que o ar fresco e a vitamina D me animem um pouco mais. No caminho, ligo para Megan.

— Sinto muito por não ter ligado antes — digo.

— Não me peça desculpas — responde ela. — Sua melhor amiga acabou de morrer. Não sei nem como você ainda consegue ficar de pé.

— Eu passei alguns dias sem conseguir ficar de pé.

— Eu sei — comenta Megan, baixinho. — Mason ligou para a minha mãe, pedindo conselhos sobre o que fazer.

— Às vezes eu acho que eles se amam — falo, sorrindo.

— Eu também.

— Que bom que também nos amamos. Vai que algum dia eles assumem e se casam?

— Já somos irmãs mesmo — diz Megan.

Ficamos em silêncio por alguns segundos.

— Ei, Megs?

— O que foi?

— Eu me sinto… culpada.

Megan não fala nada, me incentivando a prosseguir.

— Já me deram tantas chances… e Audrey não teve nenhuma. E me sinto péssima por isso.

— A culpa do sobrevivente — afirma ela, com suavidade. — É normal.

— Sim, só que é mais que isso — falo. — Sinto como se devesse ter feito

mais por ela. Me sinto culpada porque estava em Seattle quando ela piorou. Como se eu a tivesse abandonado. Na verdade, me sinto mal porque estava com você.

Megan passa tanto tempo em silêncio que chego a me questionar se a ligação caiu.

— Eu entendo como você se sente — diz ela, por fim.

— Entende?

— É claro. Mas pare de se preocupar com esse tipo de coisa. Não foi você que fez Audrey ter câncer nem podia curá-la. Audrey sabia que você a amava. Ninguém podia prever quando isso iria acontecer. Não é culpa sua.

Quando Megan diz essas últimas quatro palavras, meu coração implode. Até este momento eu não tinha percebido que estava me culpando. Quer dizer, claro, Audrey tinha câncer, e isso estava completamente fora do meu controle. Mas de certo modo eu achei — esperei — que minha amizade a estivesse ajudando a ficar viva.

— Você tem razão — digo baixinho. — A culpa não é minha.

— Eu vou lhe dizer o que é culpa sua — diz Megan, com um leve traço de diversão na voz.

— Ah, é? — pergunto, me sentindo bem por pensar em algo além de morte por um tempo.

— A culpa é toda sua por nosso blog estar desatualizado, graças ao sumiço de nossa redatora de Omaha.

— Acho que posso resolver esse problema.

— Mal posso esperar para ver o que Florzinha tem a dizer.

* * *

Chego à escola em cima da hora, mas pelo menos me sinto mais leve após conversar com Megan. Ao passar pelas portas do prédio, tenho uma ideia. Antes da aula, vou ao laboratório de informática e imprimo a letra de “The Way I Am”. É a música que Audrey cantou para provocar Matt e a mim quando começamos a sair. Mas percebo que ela também resume nossa amizade.

Sob vários olhares curiosos, colo a letra da música na porta do armário de Audrey. Então, sorrindo, vou sozinha para a aula de inglês. A carteira de Matt ainda está vazia, mas sei que em breve ele vai voltar.

Antes do almoço, quando passo pelo meu armário, percebo mais papéis

com letras de música colados no de Audrey. No fim do dia, a porta de seu armário está coberta de bilhetes impressos ou escritos à mão. Ao lê-los, finalmente me dou conta.

Todos sentem falta de Audrey; eles não estavam fingindo.

Não estou sozinha.

34

Pouco mais de uma semana depois, em resposta ao post em que Megan descreve como seria seu discurso caso ganhasse um Grammy, posto as belas frases que diria ao aceitar o Oscar. Então, de volta à Terra, entro no Facebook. Não é algo que eu faça com frequência. Como sou obrigada a criar um novo perfil toda vez que mudo de nome, nunca tive muitos amigos, então não há muita atividade na minha timeline. Da última vez que entrei, ainda em Seattle, eu tinha apenas dezesseis amigos, sendo a maioria crianças do ônibus.

É por isso que, depois de pôr a senha e verificar minhas notificações, fico surpresa ao ver trinta e duas solicitações de amizade à minha espera, todas de alunos da Victory. A maioria apenas me adicionou, mas alguns também mandaram mensagens gentis sobre Audrey, dizendo o quanto ela era incrível e como foi legal eu ter começado a homenagem das letras de música.

Aceito todas as solicitações sem hesitar, e então dou uma olhada na minha página. Nicole Anderson, antes Nicole Yang, uma criança do ônibus que mora em Atlanta, publicou uma mensagem dizendo que soube da morte da Audrey e me desejando “energias positivas”. Sorrio, tanto por causa da mensagem quanto por perceber que Megan está obviamente cuidando de mim. Uma garota da minha turma de história me mandou um abraço virtual. Descendo a página, me surpreendo ao ver uma mensagem de Matt.

Estou com saudades.

Não sei por que, mas não respondo. Prefiro ligar para ele. Ou melhor, encontrá-lo pessoalmente. Olhar em seus olhos e ter um momento de verdadeira conexão.

Por enquanto, sigo em frente.

Percebo que Megan está on-line um segundo antes de ela me mandar uma sugestão de amizade: Nora Emerson.

Respiro fundo, pensando no que fazer. A noite em que Megan e eu descobrimos sobre Nora parece ter sido há anos, mas se passaram apenas duas semanas. Fiquei tão sobrecarregada e exausta por causa de Audrey que acabei deixando de lado qualquer pensamento sobre Nora. Mas agora tenho que enfrentar isso. De repente, a necessidade de saber o que aconteceu com ela —

descobrir mais sobre o caso 22 — volta com toda a força.

Clico para adicioná-la como amiga e mando uma mensagem privada: “Quero ouvir sua história. Sou como você.” Como se estivesse de prontidão no computador, Nora aceita minha solicitação de imediato. Vejo que ela está on-line, então abro o bate-papo.

Nora, aqui é a Daisy, de Frozen Hills. Se quiser conversar, me ligue.

Digito o número do meu celular e clico em enviar, e então olho o relógio. O telefone toca menos de dois minutos depois.

— Alô?

— É a Nora — diz a voz do outro lado da linha. Insegura, ela acrescenta: — Emerson.

Sua voz é a mesma de quando foi à minha casa entregar o convite para sua festa de aniversário, só que naquela época parecia mais confiante.

— Nora, está tudo bem — digo. — Aqui é a Daisy. Você me conheceu como Appleby. Provavelmente achava que eu estivesse morta até me ver naquele shopping.

— Ah, meu Deus, achei que eu estivesse ficando louca! — Suas palavras saem em um rompante, seguidas de um suspiro. — Eles me mostraram fotos da sua autópsia.

— Eles o quê? — pergunto, chocada. É nisso que o programa está se transformando? Em uma grande rede de mentiras? Nora não responde, então esclareço: — Não sei que fotos são essas, mas eram falsas. Estou bem viva.

— Eu sabia — admite ela. — Mesmo quando eles me mostraram as fotos. Sabia que era você no shopping. Você está igualzinha, só que… melhor.

— Obrigada — digo baixinho. Nenhuma de nós duas fala por alguns segundos. — Então, quem lhe mostrou as fotos? — pergunto, em tom ameno.

— Dois policiais — responde ela. — Eu contei à minha mãe que tinha visto você, e ela ligou para a polícia. No dia seguinte, dois policiais foram lá em casa.

— Entendo.

Claro que esses “policiais” eram agentes, mas não sei por que Nora ainda acha que eram policiais mesmo depois de ter sido realocada. Será que ela pensa que o acidente de carro foi realmente um acidente? Ou será que foi um acidente, e os agentes estavam apenas seguindo-a, por minha causa, e aproveitaram a oportunidade para salvar Nora e silenciá-la ao mesmo tempo?

— Mas, como eu disse, não acreditei neles — continua ela, interrompendo

meus pensamentos confusos. — Eu sentia que aquilo era mentira. Sabia que tinha visto você. Falei com a minha mãe e, mesmo ela dizendo que eu deveria deixar isso para lá, a fiz prometer que iríamos à delegacia no dia seguinte conversar com o delegado. Mas naquela noite eu saí com Gina e, na volta para casa, sofri o acidente de carro. Isso meio que ofuscou todo o resto.

Sua voz treme, como se ela fosse chorar, mas Nora funga alto e consegue segurar. Fico quieta, lembrando-me da teoria de Mason de que as pessoas têm aversão a silêncios constrangedores. Segundo ele, a melhor forma de fazer alguém falar é segurar a própria língua. A estratégia funciona.

— Acordei nesta cidade minúscula com meus pais agradecendo a Deus por ter salvado minha vida e me contando histórias de um bom samaritano que me tirou do carro. Mas então disseram que teríamos que morar em Franklin, mudar de sobrenome e não contar a ninguém quem éramos antes, e no início eles se recusavam a responder qualquer pergunta minha. Achei que eu estivesse ficando maluca…

— Você está bem?

Não consigo deixar de ter pena de Nora. Ser reanimada a esta altura e ter pais tão fechados que não lhe contam nada deve ser terrível.

— Fiquei com alguns hematomas — responde ela. — Mas já sumiram.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Eu sei — responde ela, mas mesmo assim não responde à minha pergunta. — É que… sei lá. Não quero falar do acidente. É muito recente ainda.

— Tudo bem, então vamos falar sobre o medicamento.

— Que medicamento? — pergunta Nora, e ela parece realmente surpresa.

Franzo a testa, confusa. Será que não lhe contaram nada? Sentindo que posso fazer Nora enlouquecer completamente se revelar tudo sobre o programa Recomeço de uma vez, decido deixar que ela controle o rumo da conversa.

— Hum… Eles não usaram nenhum tipo de substância para salvar você? — pergunto.

— Hein? Ah, não. O bom samaritano fez reanimação cardiorrespiratória por, sei lá, uns vinte minutos, até a ambulância chegar.

— Você se lembra de alguma coisa?

— Não — responde ela. — Desmaiei ainda no carro.

Ou morreu, penso, mas não digo nada. Isso é tudo muito estranho.

— Então por que você acha que teve que se mudar para Franklin? — pergunto.

— Ah, eu *sei* por que estamos em Franklin — diz Nora. — Meus pais

depois acabaram me contando essa parte.

— E o que eles contaram?

— Daisy, não precisa ficar envergonhada — diz ela, deixando-me ainda mais confusa. — Sei que nossos pais trabalhavam com a mesma família em Frozen Hills. O seu era psicólogo do filho deles, e o meu cuidava da contabilidade. O chefe deles está sendo julgado por extorsão e um monte de crimes muito piores.

— Sei — falo, quando ela faz uma pausa.

Minha cabeça gira. Do que ela está falando? Então, sem que eu precise perguntar, ela preenche as lacunas:

— Foi por isso que você disse que "somos iguais" na sua mensagem. Dã, nós duas estamos no programa de proteção à testemunha. E, vou lhe dizer uma coisa, esta minha nova cidade é um saco.

* * *

Incapaz de me conter, finjo que estão me chamando para jantar, prometo entrar em contato no dia seguinte ou no próximo e desligo para falar com Megan. Conto a ela toda a conversa, palavra por palavra.

— *Como é que é?* — pergunta ela quando termino.

— Eu sei! Quer dizer… Isso é tão… O que diabos está acontecendo?

— Ok, vamos pensar — diz Megan.

— Ok.

— Então Nora vê você, e agentes disfarçados de policiais tentam impedir que ela comente isso com alguém…

— E talvez tenham grampeado a casa dela no processo?

— Sim — concorda Megan. — Isso explica como eles souberam que a estratégia não funcionou.

— E por que ainda a estavam seguindo naquela noite.

— Tão conveniente…

— Conveniente demais — murmuro.

— Aí aconteceu a batida de carro que matou Nora — continua Megan, tentando ver uma lógica em tudo aquilo. — Se foi acidental, os agentes aproveitaram a oportunidade; se foi intencional, então…

— O programa está fora de controle.

— É — diz Megan. — Bom, independentemente do que aconteceu, os agentes procuraram os pais de Nora, como fizeram com os pais das crianças do ônibus, e disseram que iam tentar trazê-la de volta se eles concordassem em serem realocados.

— Então eles aceitaram o acordo, mas decidiram mentir para Nora sobre o verdadeiro motivo de estarem lá?

— Mas eles não tiraram essa história do nada — supõe Megan. — Os agentes devem ter inventado essa versão.

— Mas por que não contar sobre o programa, agora que eles fazem parte dele?

— Essa é a pergunta que não quer calar — diz Megan. — Talvez ainda tivessem medo de que Nora contasse a alguém, então não revelaram tudo. Talvez eles estejam escondendo a verdade dos pais dela, obrigando-os assim a mentir para Nora, para que ela *realmente* não desconfie de nada e não possa causar mais problemas.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, tentando ordenar nossos pensamentos.

— Acho que faz sentido — digo. — Eu meio que entendo por que eles iriam querer manter Nora na ignorância. Mas ainda me sinto mal por ela. Ela não conhece outras pessoas que passaram pela mesma coisa.

— Só você, a companheira do programa de proteção à testemunha.

Megan ri.

— Ha, ha — digo, sem achar graça.

— Você está levando isso muito a sério.

— Não estou, não.

— Está sim — insiste ela. — Quer saber se foi um acidente ou não.

— Você não?

— Sinceramente? Não faço questão. Acho que o programa já tem um lado obscuro como as coisas estão. Não preciso ficar nervosa imaginando que agora há agentes assassinos envolvidos.

— Lado obscuro?

— Claro, Daisy — diz Megan. — Você sabe disso melhor que ninguém.

— É — admito.

— Só estou dizendo que, se você decidir procurar chifre em cabeça de cavalo, é melhor tomar cuidado.

* * *

Discretamente, enquanto comemos purê de batatas com alho e bolo de carne recheado de bacon, pergunto a Mason o que acabou acontecendo com Nora. A princípio, ele me olha de um jeito estranho, mas depois se lembra do que estou falando.

— Ah, nada. — Ele pousa o garfo e toma um gole d'água. — Se bem me lembro, o relatório disse que ela ignorou o assunto, então fizemos o mesmo. Os agentes foram colocados em outros casos.

— Ah — murmuro, empurrando a comida de um lado para o outro no prato.

— Me esqueci de comentar com você, desculpe.

— Não tem problema — digo no tom mais casual que consigo.

Mesmo que Megan não esteja disposta a investigar, sei que vou mergulhar de cabeça nisso.

35

Matt volta à escola na quinta-feira.

E eu só descubro isso quando ele entra na sala para a aula de inglês. Dói um pouco ele não ter me avisado — não querer vir junto comigo nem me encontrar antes da aula —, mas eu sabia que as coisas seriam diferentes.

Só espero que não continuem diferentes para sempre.

Nos corredores, as pessoas olham de mim para Matt e de volta para mim com expressões estranhas que não consigo decifrar. Parece que terminamos, embora nunca tenhamos tido nada oficial, mas, quando nos olhamos nos olhos, conversamos sem precisar falar.

Queria que eles parassem de nos encarar.

Vai ficar tudo bem.

Ainda gosto de você.

Estamos a menos de um metro de distância, mas há um muro entre nós, e nenhum dos dois é capaz de lidar com a enormidade de nossos sentimentos agora. De algum modo, sei que vamos nos entender de novo em algum momento, então minha dor é o sussurro baixo de uma separação, e não o grito estridente da partida.

Tento me ocupar com outros assuntos, ou seja, com Nora.

No mesmo dia em que Matt volta às aulas, ligo para ela, como já fiz três vezes esta semana, mas desta vez preciso descobrir mais. Conversamos sobre a escola, ela fala sobre garotos. É como se fôssemos velhas amigas, só que não somos. Não de verdade. Falar com Nora me faz sentir falta dos meus amigos *verdadeiros*. Megan. Matt.

Audrey.

Quase na hora de dormir, decido tentar mais uma vez abordar a questão do acidente.

— Uma garota lá da escola sofreu um acidente de carro — minto. — Ela disse que é a coisa mais assustadora do mundo.

— Concordo. Eu achei que fosse morrer.

— Sério?

— É. Eu já estava assustada com a estrada escura. Alguns postes de luz quebraram por causa de uma tempestade elétrica mais cedo naquele dia. Então,

quando o caminhão apareceu na curva, com os faróis altos, eu tive uma sensação ruim, como se eu soubesse que íamos nos chocar na pista antes mesmo que o motorista perdesse o controle.

Prendo a respiração. Isso é mais do que ela me contou em todas as nossas conversas. Não quero chamar atenção para sua história, então não falo nada, à espera de que ela continue. Por ora, funciona.

— Joguei o carro para o lado, para desviar do caminhão. Metade dele saiu da estrada, então, quando eu freei, o cascalho solto e molhado do acostamento meio que agarrou os pneus e me levou mais ainda para fora da pista, mas como o volante ainda estava virado, o carro… — Pausa. — Capotou.

— Ah, Nora — digo baixinho. — Que coisa horrível.

— Eu sei.

Sinto que ela vai mudar de assunto, então faço uma pergunta para continuar a conversa:

— Como foi?

Eu me encolho por obrigá-la a reviver aquilo. Nora demora a responder, e me pergunto se não fui longe demais. Mas então…

— Um inferno. Aconteceu muito rápido, mas foi como se tivesse vivenciado tudo em câmera lenta. Meu estojo de CDs estava no banco do carona: eu me lembro de ver aquilo flutuando pelo carro como se não existisse gravidade. A água no porta-copos caiu toda em mim. Eu bati a cabeça, mas não senti dor alguma. Aí o carro parou de cabeça para baixo. Eu ainda estava com o cinto, então fiquei pendurada ali. Sangrando.

— Deve ter sido tão absurdamente apavorante… — digo, com sinceridade. — Digo, ficar ali sozinha, achando que fosse morrer.

— Mas eu não estava sozinha — diz Nora. — Eu vi o motorista do caminhão antes de desmaiar. Ele foi o bom samaritano. Vi quando ele apareceu na frente do meu carro, iluminado pelos faróis, depois se agachou ao lado da janela, que estava aberta porque todos os vidros tinham quebrado.

— E ele tirou você de lá?

— Sim — diz Nora. — Mas não de imediato. Primeiro ele foi ver como eu estava. Então ligou para alguém.

— Para a emergência?

— Talvez, mas me pareceu uma conversa normal. Talvez estivesse perguntando a um amigo o que fazer. Tenho certeza de que ele não sabia se devia ou não me mover.

— Com certeza. — Tenho vontade de sacudi-la por ser tão ingênua. —

Como ele era? — pergunto, incorporando Mason e Cassie.

— Hum… normal — diz Nora, incerta. Não insisto; na verdade, não digo nada. — Bom, depois ele se aproximou de novo e disse: “Já chamei ajuda.” E eu desmaiei alguns segundos depois disso.

Mais uma vez, percebo que Nora não sabe que morreu.

— Uau! — exclamo, porque me parece algo normal a dizer.

Nora fica em silêncio, mas posso ouvi-la respirar fundo, como se estivesse tentando eliminar o trauma. Por fim, ela dá uma breve risada.

— O que foi?

— São estranhas as coisas que a gente guarda na memória.

— Tipo o quê?

— Tipo o cara. É feio eu dizer isso, já que ele me salvou e tudo mais, mas ele me lembrou um pouco o Patolino.

— Hein? Ele parecia um pato?

— Não. — Nora explica: — Só fazia eu me lembrar dele. O jeito de falar. O homem tinha a língua presa. Não tanto quanto o Patolino, mas…

Nora continua falando sobre personagens de desenhos animados, mas não escuto. Estou perdida em meus pensamentos, viajando no tempo, voltando aos meus primeiros dias em Omaha, quando fui visitar o aquário. Lembro-me do estranho perturbador que falou comigo e depois desapareceu.

O estranho indescritível, exceto por ter a língua presa.

Embora muitas pessoas tenham a língua presa, sinto que é mais do que uma coincidência. Mas por que o mesmo agente que estava lá para reanimar Nora — e que possivelmente provocou a morte dela — estaria no aquário? E por que um agente falaria comigo de um jeito tão discreto? Somos uma grande rede, todos trabalhando juntos. Todos se conhecem. Todos menos…

Os pelos do meu braço se arrepiam; um calafrio percorre minha espinha.

— Você está aí, Daisy?

— Nora, me desculpe. Preciso desligar.

Desligo antes que ela se despeça, e então fico sentada, em choque.

Tenho que contar para alguém, então ligo para Megan. Assim que ela atende, antes que possa dizer qualquer coisa, despejo:

— Megs — minha voz é puro medo —, acho que vi Deus.

* * *

As tábuas do piso rangem no corredor, portanto paro de falar um minuto para prestar atenção. Como ninguém entra, continuo, em um sussurro:

— Mesmo que Nora não tenha confirmado que alguém a matou, eu sinto que foi isso o que aconteceu — digo. — É tão… tão insano. Depois eles a esconderam, mas não lhe contaram sobre o programa, e agora estão reanimando novos convertidos? É demais para mim. Se é nesse pé que as coisas estão, fico ainda mais preocupada com Matt. Vou juntar tudo o que sei e falar com Mason amanhã. Ele vai saber o que fazer.

— Acho que é a decisão certa — fala Megan. — Você está assumindo o controle.

— Amo você, Megs.

— Eu amo mais.

* * *

Quando finalmente me deito, imagino o carro de Matt sendo jogado para fora da estrada e preciso balançar a cabeça para afastar essa imagem. Fico me revirando na cama por horas, pensando, imaginando uma coisa mais terrível que a outra. Viro para a esquerda, e os pensamentos estão ali. Viro para a direita — não há saída.

Por fim, obrigo-me a lembrar que Matt não é Nora: ele não vai contar a ninguém.

Quando me viro de bruços, volto a pensar que Deus me fez uma visita, então talvez ele esteja me observando. E, se estiver me observando, talvez já saiba de qualquer modo.

36

De manhã, acordo muito ansiosa. Então me lembro de Audrey cantando para Matt e para mim à mesa do café da manhã e sorrio. Saio da cama, tomo banho e vou falar com Mason antes da aula.

Infelizmente, ele e Cassie estão de saída.

— Precisamos fazer compras — diz ele. — Estamos indo ao mercado. Quer vir também?

— Hum, não — admito.

— Deixo você dirigir — propõe Mason.

— Fechado.

Cassie se senta no banco de trás, e eu me instalo ao volante. Só fiz duas aulas até agora, mas já tenho minha carteira provisória, então meio que sei o que estou fazendo. Mesmo assim, não é fácil tirar aquela banheira da garagem: passo por cima de um canteiro.

Me saio melhor nas ruas principais, e de algum modo consigo fazer com que cheguemos inteiros ao supermercado. Mason e Cassie assumem seus papéis de pais no momento em que entramos, e eu vou atrás deles saltitando, animada por ter dirigido.

O mercado está estranhamente cheio, e as filas, tão longas que começo a achar que vou me atrasar para a escola. Nós nos dividimos para pegar tudo e por isso conseguimos terminar bem rápido. Depois, mesmo sem muito tempo e sabendo que chegaríamos antes com Mason dirigindo, não abro mão da oportunidade de levar o carro de volta para casa.

Mais confiante desta vez, não tenho problema algum, nem mesmo com a curva fechada para pegar nossa rua. Mas bem na hora em que ligo a seta para entrar na garagem, a mão de Mason voa para o meu joelho.

— Pare — ordena ele.

— O que foi? — pergunto, pisando fundo no freio.

Olho para a rua, à frente e atrás. Tenho medo de ter atropelado alguma coisa ou alguém.

— Shh — diz ele.

Confusa, olho para ele. E é então que tenho vontade de gritar.

Mason parece outra pessoa, alguém que nunca vi. Cada músculo de seu

corpo está contraído. Seus olhos estão estreitados, ferozes; os dentes, cerrados. E, embora eu não tenha visto em que momento a pegou — nem sabia que a estava carregando —, ele segura sua arma.

— Dê ré e volte — ordena Mason.

De repente não consigo me lembrar de como engatar a ré. Eu me atrapalho com o câmbio, até que Cassie surge do banco de trás e o coloca na posição R. Lentamente, consigo fazer o carro recuar alguns metros da casa.

— Eu vou — diz Cassie a Mason. — Você fica com ela.

— Não. Eu cuido disso — rebate ele. — Se afastem daqui. Ligo em dez minutos.

Cassie assente.

Em segundos, Mason está dentro da casa, eu estou agachada no banco traseiro do carro, e Cassie está dirigindo um pouco rápido demais para ruas residenciais. Só quando dou uma espiada pela janela ao nos afastarmos depressa é que percebo o que deixou Mason tão assustado.

A porta está escancarada.

37

— Vamos nos *mudar* para cá?

— Não, é só um esconderijo — diz Mason.

Estou em Hayes, no Texas, olhando incrédula para a sala de estar suja à minha volta. Parece que fui teleportada para cá, quando na verdade foram treze horas de carro. Ainda assim, não sei o que está acontecendo. Mason e Cassie passaram o caminho inteiro concentrados em uma conversa sussurrada entre eles ou ao telefone com outros discípulos. Sem ninguém com quem falar, sinto o peso de tantas noites maldormidas. A única paisagem que eu vi durante a viagem foi o preto das minhas pálpebras fechadas.

— Por que Deus nos mandaria vir para *cá*? — questiono, tentando não ter um ataque de tosse por causa da grossa camada de poeira sobre o chão.

— Ele não mandou — confessa Mason.

Eu me viro na mesma hora. Cassie ergue os olhos de seu minúsculo computador, mas logo volta a baixá-los.

— Mason, o que estamos fazendo aqui? — pergunto, começando a ficar nervosa.

— Estamos nos escondendo — diz ele. — Não sabemos ao certo o que aconteceu hoje, quem invadiu nossa casa ou por quê, por isso vamos nos afastar por um tempo. Esperar e vigiar.

— Mas… a ordem não veio de Deus?

— Não, foi ordem minha — diz Mason, com autoridade. — Deus tem agido de um jeito estranho ultimamente. Não sabemos quem invadiu a casa. Pode ter sido ele.

— O QUÊ?! — exclamo. — Você acha que Deus invadiu a nossa casa?

— É possível. Mas também pode ter sido uma pessoa que não tem nenhuma ligação com o programa. É por isso que estamos nos escondendo.

— E vigiando — completo.

— Isso.

O que me lembra o plano de ação que Deus recomendou para Nora. Embora Mason não faça ideia, eu sei muito bem como essa estratégia terminou.

— E então, como vamos vigiar? — indago.

— De várias maneiras — diz Mason, tirando o computador da capa. — Agora mesmo, enquanto conversamos, James e David estão em um voo com destino a Omaha para vasculhar a casa em busca de grampos e ver se falta alguma coisa. Como você sabe, eu estava com um pouco de pressa.

— Por falar nisso, cadê minha mochila? Você trouxe, né?

Minhas anotações sobre o caso 22 estão na mochila, enfiadas dentro do livro de matemática.

— Lamento, Daisy… Só peguei suas roupas e o computador. Não trouxe o material da escola.

Droga.

— Você pode pedir para alguém mandá-la amanhã?

— Você quer que um agente do governo envie a sua mochila por FedEx? — pergunta ele, com um sorrisinho debochado.

— Sim — digo, séria.

— Vou tentar — responde ele. — Vamos ver se algum deles consegue resolver isso.

Em vez de fazer um comentário irônico, mudo de assunto:

— Quanto tempo vamos ficar aqui?

— Uma semana — responde Mason. — Provavelmente não mais do que isso.

— Provavelmente? E a escola? Vou acabar repetindo por ter perdido tantas aulas entre o que aconteceu com Audrey e isso.

A menção ao nome de Audrey é como um soco no estômago.

Mason para o que está fazendo e me olha de um jeito que me deixa nervosa. Chega a se virar para ficar inteiramente de frente para mim; sua expressão é sombria, mas compassiva. A mesma de um pai que está prestes a contar a uma criança inocente a verdade sobre o Papai Noel. Quase acho que ele vai se agachar para ficar na minha altura.

— Eu queria mesmo conversar com você sobre isso — diz ele, baixinho. E então manda mais um dos tantos golpes de hoje: — Estamos pensando em lhe dar aulas em casa por um tempo.

Revoltada, abro a boca para protestar, mas neste momento o celular de Mason toca de novo. Ele ergue o indicador esquerdo — *só um minuto* — enquanto atende com a outra mão. Frustrada, suspiro e passo as mãos pelo cabelo; paro no meio do movimento e considero arrancar alguns fios. Olho para Cassie, que continua digitando. Então observo Mason, que, animado pela conversa, fala alto, dá opiniões e discute com gestos amplos que a pessoa do

outro lado da linha não pode ver.

E eu?

Fico aqui, parada no meio da sala de uma casa estranha, desejando poder voltar no tempo e recomeçar tudo em Omaha.

Mas será que eu poderia mudar alguma coisa?

Quando Mason sente que o estou encarando, ele tapa o telefone com a mão e sussurra para mim:

— Comece a arrumar suas coisas. É temporário, mas mesmo assim pode deixar o quarto do jeito que quiser.

Ele pisca para mim, como se toda essa situação fosse uma grande piada. Isso só me deixa com mais raiva; não tem ninguém interessado no que penso a respeito de ter aulas em casa, ficar em esconderijos e tudo o mais. Saio da sala soltando fogo pelas ventas. Enquanto ando pelo corredor à procura de um quarto, tão furiosa que nem gritar e bater portas ajuda, percebo que pela primeira vez na vida tenho vontade de mostrar o dedo médio para meu pai.

* * *

Pela manhã, saímos para fazer compras e abastecer a casa. Ainda sinto resquícios de raiva e falo com Mason apenas o estritamente necessário. Me concentro em observar nossa cidade temporária.

Logo percebo que não há nada de legal, atraente ou remotamente interessante em Hayes. Embora seja novembro, faz calor. A cidade é pequena. E parece ainda pior para mim, considerando que me forçaram a vir para cá. Mulheres com bobes no cabelo nos olham de um jeito estranho na loja de utilidades domésticas. Fazem cara feia para Cassie, porque ela é bonita, ao passo que as recalcadas vestem algo que parece um camisolão. O homem da mercearia nos pergunta para onde estamos indo, como se houvesse uma placa de NÃO HÁ VAGAS na entrada da cidade e ele quisesse que nossa estadia aqui fosse a mais breve possível.

Fazemos nossas compras e voltamos para casa. Mason e Cassie retomam o trabalho, e tudo o que tenho para fazer é perambular de um quarto a outro. Impotente. Na cozinha, sento-me à mesa comprada no Exército da Salvação e fito a parede acima do fogão. Depois de um tempo, noto as manchas de gordura. No chão, percebo que a cor embaixo da mesa é diferente da do resto da cozinha.

Me levanto de repente, missão aceita. Talvez eu não seja capaz de controlar

muita coisa, mas faxina eu posso fazer. E o que eu concluo, depois de quatro horas esfregando o chão, lavando janelas e — eca! — limpando privadas, é que minha raiva evaporou. Ao passarem por mim, Cassie e Mason me olham como se eu tivesse ficado completamente louca. Mas, quando começo a arrumar o último quarto, estou bem tranquila. Sem preocupação ou qualquer emoção, ensaio em minha mente o que vou dizer a Mason sobre o caso 22 assim que minha mochila chegar.

Planejo o que vou fazer para convencê-lo a ir atrás de Deus.

* * *

Mais tarde, à noite, Cassie passa uma hora “arrumando” meu computador. Sei que ela está tentando ajudar, mas, sério, só quero que ela me deixe em paz. Agora que não estou mais zangada e tenho um plano bem traçado em minha cabeça, não há muito mais em que pensar além de Matt. Quero entrar em contato com ele, mas a mulher robô está monopolizando meu computador.

— O que você está fazendo? — pergunto, debruçando-me no ombro dela enquanto Cassie digita os códigos mais depressa do que sou capaz de falar.

— São precauções para que ninguém possa rastreá-la — diz Cassie.

O som de seus dedos batendo nas teclas é surpreendentemente tranquilizador.

— Então vou poder usar quando você terminar?

Estou um pouco inquieta, pensando no que vou dizer a Matt.

— Vai — responde Cassie, sem olhar para mim.

Passo por trás dela e me sento na beirada da cama. As molas rangem sob meu peso. Do outro lado do quarto, vejo o brilho da tela refletido nos óculos de Cassie, dando a impressão de que ela não tem olhos.

Levo um susto quando ela enfim se levanta da mesa.

— Prontinho — diz ela, com seu sotaque fofo.

— Obrigada — agradeço para suas costas, pois ela já está na porta.

Depois que Cassie deixa o quarto, eu me obrigo a escrever um post para o blog e falar com Megan antes de mandar um e-mail para Matt.

Quando enfim — *enfim* — começo a escrever, as palavras fluem de dentro de mim sem resistência, como se estivessem esperando ansiosamente para saltar para a página em branco.

Matt,

Embora possa parecer que estamos em planetas diferentes agora, penso muito em você. Só espero que nossas órbitas voltem a se cruzar em breve. Sinto sua falta como jamais imaginei que sentiria falta de alguém.

Beijos,

Daisy

Clico em enviar e espero um tempinho por uma resposta que não chega. Então caio no sono em uma cama provavelmente infestada de pulgas, pensando que não me importaria com isso se Matt estivesse ao meu lado.

38

— Com quem você está falando? — pergunto a Mason quando entro na cozinha, no dia seguinte.

Com o telefone grudado na orelha e uma xícara de café na mão esquerda, ele faz cara feia para mim por causa da interrupção e balança a cabeça.

— Se for David, por favor, pergunte sobre a minha mochila — sussurro.

Mason é especialista na arte de fazer várias coisas ao mesmo tempo: ele me ouve e faz um sinal de positivo. Ponho pão na torradeira e espero. Depois de pronto, como não temos geleia, passo uma substância parecida com manteiga; espero que não me mate. Eu me sento à mesa e começo a comer, de olho em Mason, tentando usar a força do pensamento para fazê-lo perguntar sobre a minha mochila. Logo quando eu estava achando que ele tinha esquecido, ele aborda o assunto.

— Obrigado pelo inventário do laboratório — diz Mason. — Posso pedir mais um favorzinho? — Ele faz uma pausa para ouvir. — Ótimo. Daisy precisa da mochila dela da escola. É vermelha, com uma estampa preta e branca na frente. Acho que está no quarto dela… vou confirmar.

Ele olha para mim.

— Isso, do lado direito da minha escrivaninha, no chão — digo.

Mason repete as instruções e concorda em esperar enquanto David vai dar uma olhada.

— Não, do lado direito. — Mais uma pausa. — Sim, faça isso.

Dou outra mordida na torrada, esperando a confirmação de que a mochila está a caminho. Em vez disso, Mason olha para mim enquanto fala com David.

— Não acredito — diz ele. — A única coisa que desapareceu da casa inteira foi a mochila de uma adolescente? Acho que isso exclui a possibilidade de o programa estar envolvido com o arrombamento.

Não exclui nada, penso, sentindo um frio na barriga. Largo a torrada; não estou mais com fome.

Sei que isso tem a ver com o caso 22.

E *isso* tem tudo a ver com o programa.

Na verdade, tem a ver com o próprio Deus.

* * *

Quando Mason desliga, eu o alcanço antes que ele saia da cozinha.

— Preciso conversar com você — digo, séria. Isso chama a atenção dele. — E com Cassie também.

— Ok — responde ele, com um olhar preocupado. — Está tudo bem?

— Não. Vamos chamar Cassie que eu explico tudo.

Quando os dois estão sentados à mesa, de frente para mim, começo o discurso que preparei.

— Acredito que Deus tenha matado Nora Fitzgerald — disparo sem rodeios, olhando no fundo dos olhos de Mason, depois nos de Cassie.

Ele ergue as sobrancelhas, confuso; Cassie parece tão surpresa quanto consegue deixar transparecer.

— Isso é uma acusação e tanto, Daisy — diz Mason. — Por que você acha isso?

— Bom, alguns dias depois que Nora me viu no shopping, eu entrei no sistema e deparei com uma pasta sobre um vigésimo segundo caso.

Deixo de lado a parte sobre Matt.

Mason olha para mim como se eu tivesse acabado de afirmar que a Terra é plana.

— Mas existem apenas vinte e um casos.

— Eu sei — falo. — Mas aquele era o número 22. Fiquei curiosa, é claro, então abri o arquivo, mas o nome era confidencial. O local de realocação era Franklin, em Nevada.

— Ok… — diz Mason.

Distraída, Cassie olha o relógio e se remexe na cadeira. Sei que ela preferiria estar trabalhando.

— Eu comentei sobre isso com Megan.

De repente, Cassie lança um olhar furioso a Mason, provavelmente irritada por ele ter me dado tanto acesso aos arquivos desde o início.

— Daisy, daqui para a frente você vai precisar guardar para você as coisas que vir — diz Mason.

— Que seja. Mas a questão não é Megan. Eu e ela vasculhamos na internet e encontramos um artigo de um jornal de Frozen Hills dizendo que Nora Fitzgerald tinha morrido em um acidente de carro. Mas depois a encontramos viva, no Facebook.

Agora Cassie parece confusa: tenho a impressão de que ela vai questionar o que estou dizendo. Estou misturando a ordem dos acontecimentos para deixar de fora o envolvimento de David, mas basicamente foi isso mesmo o que aconteceu. Falo rápido, para que ela não me interrompa.

— Enfim, eu andei conversando com Nora.

Mason fica de queixo caído. Cassie respira fundo, irritada.

— Você andou conversando com uma garota que acha que você está morta? — pergunta Mason, se endireitando na cadeira.

— Está vendo? — dispara Cassie para ele. — Você dá muita liberdade a ela. Agora veja o que ela fez.

— Vocês não estão entendendo — digo, com veemência. — A questão é que Nora foi morta de propósito e depois realocada porque sabia que eu estava viva. Só que não disseram a verdade a ela. Nora acredita que sua família está no programa de proteção à testemunha.

Cassie revira os olhos e se levanta abruptamente.

— Tenho trabalho de verdade a fazer — anuncia ela. — Você resolve essa confusão, Mason.

Ela sai da sala, e Mason olha para mim por um bom tempo antes de falar:

— Daisy, pelo visto isso está mesmo incomodando você. Então eu quero entender o que está acontecendo. Acho que os agentes que estavam seguindo Nora por causa do incidente no shopping tiraram vantagem do acidente de carro que ela sofreu. Resolveram o problema reanimando-a e realocando sua família. É razoável que eles não quisessem divulgar os segredos do programa, por isso esconderam a verdade dela. Não vejo como Deus entra nessa história.

— Já vou chegar lá — digo. Respiro fundo e tento explicar a Mason minha desconfiança: — Quando fomos ao aquário, assim que nos mudamos para Omaha, um homem puxou assunto comigo na exposição das grandes criaturas do oceano. Ele me fez algumas perguntas e então sumiu. Eu não conseguia me lembrar de nada sobre ele, só que tinha a língua presa.

Paro e tomo fôlego.

— Enfim, quando Nora me contou sobre o acidente, ela disse que o bom samaritano que a salvou falava como o Patolino. Ele tinha a língua presa. E a história que ela me contou me pareceu muito estranha. Tipo, o cara não tomou providências imediatamente e ainda ligou para um “amigo” em vez de chamar a emergência. Isso dá o que pensar…

“Fiquei me perguntando se não seria o mesmo cara. A princípio achei que fosse um agente, mas, nesse caso, por que ele não se identificou no dia do

aquário? A única pessoa em que consigo pensar que teria falado comigo anonimamente e depois matado Nora é…”

— Deus — completa Mason, pensativo.

— Isso mesmo.

Vejo nos olhos dele uma fagulha de reconhecimento.

— O que foi? — pergunto.

— Nada. É que essa coisa de ter a língua presa me fez pensar em… deixa para lá. — Ele balança a cabeça. — Por que Deus estaria em Omaha? Não tem ninguém do programa lá além de mim e Cassie, e ele nunca se encontra pessoalmente com os agentes. Não tinha motivo para estar lá.

— Quem sabe aonde Deus vai ou o que faz?

— Bem, ele não mata pessoas — comenta Mason, de um jeito que é como se estivesse tentando convencer a si mesmo.

— Não matava — corrijo-o. — Mas você mesmo disse que houve mudanças estranhas no programa. Como o novo laboratório, Deus pedindo que vocês reanimem novas pessoas…

— Sim. Mas isso ultrapassa todos os limites. Estamos testando um medicamento para dar vida às pessoas… não tirá-la. É impossível que o acidente de Nora tenha sido coisa de Deus.

— Então como você explica que o único item roubado da nossa casa foi minha mochila, onde eu guardei minhas anotações sobre tudo isso e muito mais?

Mason desvia o olhar e dá um sorrisinho.

— Talvez você tenha esquecido na escola — sugere ele.

— Eu não esqueci — respondo com frieza.

O telefone de Mason toca de novo. Ele atende, e a conversa dura tanto tempo que penso em subir para meu quarto e desistir. Mas já cheguei muito longe. Quando ele desliga, tento de novo:

— Mason, do que você se lembrou quando falei do cara da língua presa?

Ele suspira.

— Do acidente de ônibus. O jornal local entrevistou um frentista de um posto de gasolina a menos de um quilômetro da ponte. A polícia estava procurando por um caminhão vermelho velho que, segundo as testemunhas, fez o ônibus cair no lago. O cara do posto disse ter visto o caminhão dez minutos antes do ocorrido. Disse que o motorista parou para comprar um bilhete de loteria. E que comentou: “Acho que hoje é meu dia de sorte.”

Mason faz uma pausa; olho para ele com expectativa.

— O frentista não conseguiu descrever o motorista, só lembrava que ele tinha a língua presa.

Inspiro o ar com tanta força que Mason dá um pulo.

— Está falando sério?! — pergunto, quase gritando.

— Daisy, calma.

— Não é uma coincidência. E se Deus também tiver provocado o acidente de ônibus?

— Pare — diz ele, me surpreendendo. — Se isso for verdade, então todo o meu trabalho de onze anos foi em vão. Deus jamais mataria vinte e uma pessoas de propósito. Ele não seria capaz. Vinte *crianças*. Não foi isso que aconteceu.

— Que seja, então. Mas você pode me fazer um favor?

— O quê?

— Peça a David que procure o arquivo do caso 22. Se o arquivo existe, ele vai encontrar. E, se ele encontrar…

Deixo as palavras pairando no ar.

— Você jura que vai esquecer tudo isso se David não encontrar nada?

— Só se você prometer fazer algo a respeito caso ele encontre.

* * *

Mason liga para David, e eu vou para o meu quarto. Lá em cima, ansiosa, pego a carta de Audrey. Não sei por quê, mas sua caligrafia perfeita me acalma: agora leio sua carta toda vez que me sinto chateada.

Daisy,

Prometa que fará duas coisas por mim.

A primeira é fácil: pegue minhas roupas. TODAS. Mesmo que seja para jogá-las fora, tire-as da minha casa (mas eu tenho muito bom gosto — haha! —, então sugiro que fique com elas).

Você sabe como são as pessoas apegadas. Elas choram agarradas a camisas velhas que não valem nada. Minha mãe guarda tudo: ela vai ficar obcecada. Meus pijamas mais feios vão partir o coração dela. Pegue as roupas, Daisy. Faça isso por mim (e pelo seu guarda-roupa ☺).

A segunda coisa: cuide do meu irmão.

Ele tenta ser um cara forte, durão, porque deve ser o que ele acredita

que esperam dele. Mas nós dois somos tão próximos… O mundo dele vai desabar. Sei que ele gosta de você; quero que cuide dele por mim.

Tenho tantas outras coisas a dizer, mas preciso ir para o hospital agora. Espero que você nunca leia isto, mas, em todo caso, quero que saiba que é única, linda, divertida e que me sinto honrada por ter sido sua amiga. Você é minha melhor amiga.

Beijos,

Audrey.

Fora as roupas, não posso deixar de pensar que não estou me saindo muito bem com o outro pedido de Audrey. Mando uma mensagem para Matt. Meia hora depois, sem ainda ter recebido resposta, pergunto-me se esperei muito tempo para me reaproximar dele. Talvez seja tarde demais.

* * *

Menos de seis horas depois, Mason bate à minha porta e diz que irá a Washington, D.C., amanhã. Cassie ficará aqui comigo enquanto ele investiga as últimas façanhas de Deus.

Quando apago a luz, imagino Matt deitado ao meu lado, e pensar nele me deixa um pouco menos nervosa. Mesmo assim, com acidentes de ônibus e homens sem rosto em minha mente, levo uma eternidade para pegar no sono, e é por isso que durmo até as onze da manhã.

Quando acordo, a casa está silenciosa.

Estou sozinha.

39

Enquanto como uma tigela de cereal sem gosto, fico cada vez mais tensa com essa história de Mason ir a Washington. Tamborilo os dedos na mesa, considerando as possíveis consequências.

No pior dos casos, Deus será condenado por crimes hediondos, ninguém vai querer dirigir um programa problemático em andamento e meu mundo vai ruir. O Projeto Deus morrerá; o Recomeço servirá de base para um novo estudo, com outras pessoas, desta vez *voluntárias*. As crianças do ônibus, decepcionadas, vão pôr a boca no trombone; os jornais acusarão o governo de esconder o medicamento; o governo negará tudo. O Recomeço se transformará em nada mais que um mito; ninguém terá acesso a ele.

Nem mesmo eu.

E, sem o programa para nos unir, o que acontecerá comigo e com Megan? Ou comigo e com Mason, por exemplo? Onde vou morar?

Afastando a ideia de que eu possa acabar virando uma sem-teto, considero uma possibilidade mais positiva.

No melhor dos casos, as ações de Deus serão facilmente explicadas, e o programa continuará como sempre foi. Eu e as outras crianças do ônibus continuaremos no Projeto Deus por mais dezenove anos e depois desse tempo — presumindo que não tenha havido maiores problemas — a FDA aprovará o Recomeço e o disponibilizará em pequena escala, com distribuição altamente controlada. Talvez apenas para uso militar, a princípio. Discreta e cuidadosamente, o medicamento virá a público, e novas vidas serão salvas.

Só que não consigo afastar a sensação de que esse cenário positivo não é tão bom assim. Os últimos meses me fizeram abrir os olhos. Sabendo o que sei agora sobre o programa, será que tudo vai mesmo voltar ao normal? Quando eu olhar os arquivos daqueles que não reagiram ao Recomeço, vou questionar o fato de eles não terem recebido outras técnicas de reanimação? Quando visitar Garvin em Nova York, conseguirei gostar tanto de seus pais agora que sei que eles o tiraram de sua mãe biológica? Será que sempre que me lembrar de Audrey vou sentir que escondi algo muito importante dela?

Quando fitar os olhos de Matt, será que sentirei que ele está fora de perigo?

Inconsolada pela falta de respostas, tremo dentro do meu pijama, apesar de

fazer um calor absurdo aqui na cidade de Inferno, no Texas. Vou até a pia para lavar a tigela e decido tentar não pensar na viagem de Mason. Ele ainda nem embarcou no avião; sua reunião é só amanhã. Terei muito tempo para me preocupar com ele.

Por ora, decido me concentrar em Matt.

* * *

Dou uma olhada no e-mail e no celular para confirmar que ele realmente não me respondeu, e então ligo.

— Oi — diz ele, como se estivesse esperando o telefonema.

— Hum… oi — respondo, surpresa.

Achei que fosse cair na caixa postal; olho para o relógio e vejo que está no início do intervalo para o almoço na escola.

Ambos ficamos em silêncio por um minuto. Será que ele está pensando na última vez que nos vimos? Porque eu estou.

— Onde você está? — pergunto. Não ouço nenhum barulho ao fundo.

— Na minha cozinha — responde ele. — E você? Não tenho visto você na aula.

— Estou no Texas.

— *O quê?* Por quê?

— É uma longa história. Está acontecendo alguma coisa com o programa. Não quero falar sobre isso agora.

— Tudo bem.

Pausa.

— Matt, eu queria… — Não termino a frase, porque não sei direito *o que* eu queria. Em vez disso, pergunto: — Você recebeu meu e-mail?

— Recebi — diz ele, baixinho. — E a mensagem de texto também. — Penso que ele vai dar uma desculpa por não ter respondido, mas ele apenas diz: — Obrigado.

— De nada.

— Obrigado também pelo que fez por Audrey — continua ele. — As letras de música.

— Eu não tinha a intenção de lançar uma moda. Só queria dar algo a ela.

— Eu sei. Entendo o que você quer dizer.

— Sinto falta dela — sussurro.
Ele não responde. Sua mãe fala algo com ele ao fundo.
— Olha, eu tenho que ir. Posso ligar para você depois?
— Claro — respondo, o desapontamento evidente em minha voz.
— Ok, eu ligo. Tchau.
Matt desliga antes que eu diga um “tchau” em resposta.

40

Vejo as horas no celular: o voo de Mason parte em alguns minutos. Pelo menos Cassie estará de volta do aeroporto para me salvar da solidão. Se bem que a presença dela não faz muita diferença em termos de companhia.

Frustrada com a sensação de que estou perdendo Matt um pouco mais a cada dia, pego um livro e corro para o andar de baixo. Por um momento, considero me jogar no sofá sujo da sala, mas em vez disso vou em direção aos fundos da casa. Pela janela panorâmica, vejo uma fileira de árvores que serve como cerca no perímetro da propriedade. A do meio tem um lugar adorável para a leitura. O ar fresco me atrai.

Pego um cobertor, bato a porta dos fundos e disparo pela grama do quintal. Está nevando em outras partes do país, mas aqui ainda faz vinte e um graus. É estranho estar em um lugar tão fora de estação. À medida que me afasto da casa, a grama vai ficando mais alta, até bater no meio da minha canela, pouco antes da fileira de árvores. Estendo o cobertor no chão e me sento, apoiando as costas no tronco.

Abro meu livro e tento ler, mas tudo me distrai: as palavras não fazem sentido. Depois de reler três vezes a mesma página, desisto. Largo o livro ao meu lado no cobertor, jogo a cabeça para trás e fecho os olhos. Justo quando estou começando a relaxar, o toque do meu celular me faz dar um pulo. Tiro o aparelho do bolso e sinto um frio na barriga ao ver que é Matt.

— Você ligou.

— Eu disse que ligaria — responde ele, baixinho. — Você achou que eu não fosse telefonar?

— Eu… achei — confesso.

— Sinto muito. Por não ter respondido nem ligado. Esses dias têm sido difíceis. Só que mais cedo, quando nos falamos, percebi que você é a única pessoa que torna tudo melhor.

Cubro a boca e falo por trás dos meus dedos:

— Uau.

— O que você disse?

— Desculpe — falo, tirando a mão da boca. — Eu disse “uau”. Quer dizer… é assim que me sinto em relação a você. Sinto que, se pudéssemos ficar

juntos o tempo todo, as coisas seriam mais fáceis.

— Eu sei — diz Matt. — Quer dizer, você tem a vida mais louca de que eu já ouvi falar, mas é a única pessoa que me faz sentir calmo e equilibrado.

Ficamos alguns instantes apenas ouvindo a respiração um do outro.

— Quer falar sobre Audrey? — pergunto.

— Hum, não. Meus pais estão me obrigando a ir ao psicólogo. Não faço outra coisa a não ser falar sobre ela.

— Entendo. — Tento mudar de assunto: — E então… Já terminou de almoçar e está voltando para a escola?

— Ainda não. Passei em casa para levar minha mãe a um compromisso. O carro dela está na oficina. Vou buscá-la e então volto para a escola. Vou perder uma parte do primeiro tempo, nada de mais. Depois de tantas faltas, perder metade de uma aula não faz diferença.

— É — concordo baixinho.

Há uma pausa na conversa, antes de ele acrescentar:

— Quando minha mãe ligar, vou ter que desligar.

— Tudo bem, sem problema — me apresso em dizer.

— Mas prometo ligar de volta — diz ele, um traço de humor na voz.

— Acho bom.

Pausa.

— Olhe, sei que você disse que não queria falar sobre isso, mas está tudo bem? — pergunta Matt. — Vocês foram embora do nada, e agora estão… Onde é que vocês estão mesmo?

— No Texas — resmungo. — E, sim, estou bem. Está tudo bem. É uma coisa complicada, mas logo tudo vai se resolver. Obrigada por perguntar.

— De nada — diz Matt. Acho que noto um leve desapontamento em sua voz, como se ele quisesse que eu falasse mais. Mas ele não insiste. — E como é aí no Texas?

— Uma porcaria. Pelo menos esta cidade.

— Achei que o Texas fosse legal.

— Algumas partes são. Mas Hayes? É tudo menos legal.

— Que inferno — brinca Matt.

Enxugo o suor da testa com as costas da mão.

— Inferno até demais! — concordo, com uma risada. — Neste exato momento, estou suando como uma porca!

Matt também ri, aquela risada que amo tanto que chega a doer, e, pelo

menos por enquanto, o astral melhora um pouco. Discutimos se porcos realmente suam tanto assim, e tudo é tão simples e *normal* que digo o que de fato desejo dizer:

— Eu quero ser sua namorada.

— E eu quero ser seu namorado — responde ele, sem hesitar.

— Como vamos resolver isso?

Matt faz uma pausa, pensando.

— Acho que já resolvemos. Quer dizer, se queremos ficar juntos, então já estamos. Mesmo que você esteja no Texas.

— Então estamos namorando — digo, testando a palavra.

— Para ser sincero, acho que já estamos há um tempo — responde Matt. — Pelo menos desde aquele primeiro beijo.

Meu estômago dá cambalhotas, e abro um sorriso que faz minhas bochechas doerem.

— Sinto saudade daquele beijo. E dos outros também.

— Eu também.

— Mas… Matt?

— O quê?

— Fico feliz que a gente não tenha… você sabe…

— Eu sei — diz ele. — Claro que seria incrível — acrescenta ele depressa. — Só fico feliz que não tenhamos feito algo tão importante em um dia tão ruim. A experiência ficaria para sempre um pouco… manchada.

Isso era exatamente o que eu precisava ouvir. Quero correr para ele, mas não tenho como chegar lá. Em vez disso, me contento em dizer que o amo, porque, de repente, preciso falar isso em voz alta — para que desta vez ele possa me ouvir.

Assim que abro a boca, o telefone de Matt apita.

— Espere um segundo — pede ele. — Aposto que é minha mãe.

— Ok.

Ele me põe em espera e atende a outra ligação. Fico indecisa em como deveria dizer — *Matt, eu amo você* ou *eu amo você, Matt?* —, enquanto mexo os pés no ritmo da música de espera. Uma mosca zumbe perto da minha orelha, e eu a espanto com a mão. Alegre, canto junto com a música, imaginando o que ele e a mãe estão falando neste exato momento. Já se passaram alguns segundos, mas não me importo. Esperarei o dia inteiro por ele.

Neste momento meu celular também indica que há uma chamada em

espera. Atendo toda animada, achando que é Megan. Quero atualizá-la logo sobre as boas notícias com relação a Matt, antes de voltar a falar com ele.

— Alô? — digo, entusiasmada.

— Você deveria manter seu quarto mais arrumado, Daisy.

Reparo na língua presa imediatamente; sinto um frio na espinha.

— Quem é? — pergunto, fingindo coragem apesar do terror que me invade.

— Pense um pouco, Daisy — diz ele. — Tenho certeza de que você sabe.

— É você… — Paro. — É você, Deus?

Ele dá uma risadinha baixa e fraca. Inspiro fundo.

De repente me sinto grata pelos ótimos instintos de Mason: ele nos tirou de Omaha e nos escondeu aqui, no Texas, longe de todos, até de Deus. E estava certo em fazer isso, porque Deus definitivamente perdeu a cabeça se está vasculhando meu quarto neste exato momento.

Me permito relaxar só um pouquinho… até que ele volta a falar:

— Acabei de ler a carta tocante da sua amiga morta. Tão cafona, mas tão emocionante.

Meu mundinho seguro começa a desmoronar.

— Você está no Texas? — pergunto.

— Ah, não, não — diz Deus, rindo. — Não gosto do calor. Mas tenho olhos em todos os lugares, Daisy. — Seu tom muda para um sussurro diabólico: — Não pense, nem por um segundo, que está sozinha.

Me levanto de um salto, em pânico. Espanto a mosca, que zumbe próxima à minha cabeça de novo. Então ergo os olhos para a casa e fico aterrorizada ao ver uma silhueta em uma das janelas. A do meu quarto.

— Quem é esse? — pergunto, sem tirar os olhos da pessoa.

— Acho que se poderia dizer que é Jesus — diz Deus, simplesmente.

— O que está acontecendo?

— Sua menina bobinha, acho que você já sabe. Mason foi a Washington para arruinar minha vida, em grande parte graças a você. Estamos a caminho, mas primeiro achei que deveria fazer umas compras. E, é claro, retribuir o favor.

Não quero saber o que ele quer dizer com isso, então me concentro em outra coisa: Mason não está aqui para me proteger, mas Cassie logo voltará do aeroporto. Só preciso prolongar esta conversa o máximo possível.

— Aonde você está indo?

— Daisy, você não é burra. Por que faz perguntas tão estúpidas? Mas você sabe, eu poderia estar em qualquer lugar. Poderia ser qualquer um.

— Eu sei quem você é — digo, para ver se ele morde a isca.

— Que mentira. Você não faz ideia de quem eu sou.

— Faço sim. Falei com você no aquário de Omaha.

A linha fica tanto tempo em silêncio que começo a tremer de medo. Ele pode mandar *Jesus* vir até aqui e me matar agora mesmo.

— Boa tentativa — diz a voz.

Sei que é um blefe. Ele pode usar todos os disfarces do mundo, mas não pode esconder a língua presa. Ouço-o com clareza, exatamente como naquele dia. Mas não o provoco. Na verdade, não digo nada por um momento. Tapo o telefone com a mão, respirando fundo algumas vezes, tentando acalmar meu coração disparado. Enquanto isso, observo a janela do quarto, atenta a qualquer movimento. Então corro os olhos pelo terreno, tentando desesperadamente lembrar para que lado fica a casa mais próxima. Dou um passo para a direita, pensando em sair correndo…

— Daisy?

— O que foi? — pergunto, minha voz rouca de nervosismo.

— Jesus é ótimo em muitas coisas. Tem uma mira perfeita, por exemplo.

Congelo. Há uma pausa: acho que ouço alguém digitando em um teclado.

— Muito bem — diz ele. — Assim é melhor. Agora sente-se no seu lindo cobertorzinho. Quero que você saia do sol, entre na casa e encontre meu amigo, mas não agora. Espere meu comando, está bem, querida?

— Sim — respondo.

Não tenho saída.

— E fique na linha. Estou adorando esta nossa conversinha.

Caio de joelhos e depois me sento. Penso em voltar para a chamada de Matt, gritar por socorro no telefone, mas já passou muito tempo. Não tem a menor chance de ele ainda estar me esperando. Neste momento, deve estar indo buscar a mãe.

A mosca persistente zumbe mais perto, mas desta vez, quando a espanto, acabo tocando-a com as costas da mão. É grande demais para ser uma mosca.

Congelo de novo, agora por outro motivo.

Ouço o que não tinha notado antes: um zumbido ao fundo.

Olho para cima: lá está.

Em um galho bem acima de mim, eu a vejo.

Uma colmeia.

* * *

— Tenho que sair daqui — digo ao telefone.

— O quê? — murmura Deus.

Ele parece distraído com outra coisa.

— Eu disse que não posso ficar onde estou — explico.

Não sei quais os planos dele para mim, mas talvez ele não queira me matar. Quanto às abelhas, não posso dizer o mesmo.

— Por que não? — pergunta Deus, curioso. — Só um momento.

Ouço o som dele digitando, então tudo fica silencioso por alguns segundos. Vejo a silhueta aparecer na janela, depois sumir de novo. Mais alguns segundos e o ouço apertar duas teclas e dar uma risadinha.

— Ora, ora — murmura ele, maravilhado. — Isso é bom demais. Pensando bem, é quase irônico.

— Vou sair daqui, ok? — digo, levantando-me devagar. — Vou em direção à casa. Diga ao seu amigo para não atirar em mim.

Há uma pausa prolongada. Posso ouvi-lo respirando ao telefone, o som entrando através da minha orelha e se infiltrando na parte do meu cérebro que controla o medo.

— Eu mandei você ficar sentada, quietinha.

Sua voz é fria e agora mal-humorada. Assustadora.

— Não posso — digo. — As abelhas vão me picar.

— Garanto que se você se mexer vai ser pior.

No fim das contas, a decisão é rápida. Se Deus quisesse que eu morresse, teria instruído seu lacaio a atirar em mim logo de cara, então dou um passo.

Depois outro.

Mais uma vez, escuto o som de digitação.

— Péssima escolha — diz Deus. — Que grande desperdício de Recomeço você é.

Ignorando-o, dou mais um passo. A silhueta — Jesus — aparece na janela. Ele abre o vidro e, apesar da distância, posso ver a arma apontada na minha direção. Fecho os olhos e prendo a respiração, torcendo para que seja rápido.

Ouço um barulho estranho atrás de mim, como o de uma pedra atingindo algo macio. Confusa, viro-me para olhar. Então percebo o que aconteceu.

Jesus não atirou em mim; ele mirou a colmeia.

Abelhas furiosas disparam para fora pelo buraco criado pela bala, querendo se vingar de qualquer um idiota o bastante para ficar por perto. Torno a me virar para a casa e vejo que Jesus não está mais na janela. Não sei para onde ele foi, mas não há dúvida de que tenho que ser rápida. Dou três passos antes de ouvir as abelhas se amontoando acima da minha cabeça. Lágrimas brotam em meus olhos e escorrem pelo rosto; não tento espantá-las. Na verdade, com exceção dos pés, o restante do meu corpo está imóvel. Não. Faça. Movimentos. Bruscos.

Um passo.

Inspiro.

Outro passo.

Expiro.

Não é tão longe assim.

Não é tão longe assim.

Não é tão longe assim.

Percebo que ainda estou com o telefone colado à orelha. Tenho medo de mexer o braço, mas não vou ficar ao telefone com Deus enquanto ele e seu pupilo assistem à minha morte. Com o polegar, aperto o botão de chamada; por milagre, ouço a música de espera.

Matt ainda está na linha!

A música me estimula a dar mais um passo. E mais outro.

Acho que ainda não fui picada, mas a adrenalina em meu organismo pode estar mascarando a dor. Há um único pensamento em minha mente: *Pegue a epinefrina.* A injeção está na minha bolsa, na cozinha. Tudo o que tenho que fazer é cruzar o jardim e entrar. É logo ali. Vou conseguir.

Não pense no homem dentro da casa. Ele não sabe onde a injeção está.

Posso pegá-la antes que ele perceba.

Mais e mais abelhas me cercam. Vou pisando com cuidado na grama marrom, mais curta nesta parte, em direção à cozinha. Não pode faltar mais do que quinze passos até a varanda. Depois só mais alguns até a porta.

Minha mente salta para o pensamento mórbido que estou tentando afastar: *Há muito pouco Recomeço lá dentro, e certamente Jesus já o pegou para aumentar o estoque de Deus*. E, mesmo que sobre uma dose, não há ninguém aqui para administrá-la. Estou sozinha.

Uma abelha pousa na minha testa no momento em que alcanço o piso de concreto da varanda. Posso senti-la passeando sobre minha pele, procurando o ponto perfeito para injetar seu veneno. Estou conseguindo me manter calma, mas de repente alguém aparece atrás da porta de correr. A luz do sol está refletindo

no vidro, e não consigo ver quem está do outro lado, mas mesmo assim fico apavorada. Arquejo e paro de andar.

É o sinal que elas estavam esperando.

Várias abelhas nos meus braços, no rosto, na cabeça e no pescoço começam a me picar ao mesmo tempo, como se estivessem em sincronia. No instante em que fecho os olhos, o reflexo no vidro se move e percebo que é Cassie.

Ela está em casa!

Uma onda de alívio me invade, mesmo com as abelhas acabando comigo.

— Cassie! — grito.

Uma abelha tenta se enfiar na minha boca, mas eu a fecho com força. Coberta de abelhas como um apicultor, só que sem o traje de proteção, dou mais dois passos.

Exultante por ter chegado à porta, estendo a mão para abri-la.

Cassie estende a sua para me ajudar.

Ouço o clique da fechadura.

Desnorteada, tento abrir a porta. Não há dúvida: está trancada.

Confusa, encaro Cassie com a visão embaçada. Talvez ela não esteja entendendo. Talvez ache que a destrancou. Só que…

Seu rosto está normal. Neutro. Robótico. A única novidade em sua expressão é um traço de curiosidade.

Então percebo que ela está digitando em seu telefone. Como Cassie pode trabalhar em um momento como este? Meu celular indica uma chamada em espera. Mesmo sabendo quem é, decido atender, na esperança de que Deus tenha misericórdia.

— Agora você percebe que tomou as decisões erradas — diz ele, se divertindo. Como não respondo, ele prossegue: — Bem, acho que o mistério acabou. Daisy, este é Jesus. Você deve conhecê-la como Cassie.

Arregalo os olhos, encarando, incrédula, a mulher com quem morei por seis anos. A mulher que fingi amar como a uma mãe. Agora entendo tudo: ela estava em contato com ele. Hoje. Talvez sempre.

Em vão, empurro a porta de novo. Cassie dá de ombros e sorri para mim. Então, como se não fosse nada, ela me dá as costas e se afasta, minha mochila pendurada no ombro e pequenas malas nas mãos.

— Não se sinta mal, Daisy — diz Deus no meu ouvido. — O problema é que você é esperta demais para o seu próprio bem. De qualquer maneira, você e Mason jamais sobreviveriam. As abelhas foram só um toque a mais. Divirta-se!

Deus desliga. A raiva percorre todo o meu corpo: grito o mais alto que

posso. Uma abelha pica minha língua. Dói mais que todas as outras picadas, então a mordo com força e cuspo. Desesperada, volto para a ligação de Matt, mas ele também desligou. Largo o celular e corro para a mangueira do jardim. De algum modo, mesmo com os olhos inchados, consigo ligar a água e espantar a maioria das abelhas.

Mas é tarde demais.

O estrago já foi feito.

Caio no chão, respirando com dificuldade e começando a inchar. Então, solto a mangueira perto de mim. Berro, mesmo com o rosto, a língua e o pescoço dobrando de tamanho e tornando cada vez mais difícil falar.

— Cassie! — grito. — Como pôde fazer isso?

Sei que é inútil; ela já se foi. Tento chamar por ajuda, mas o ar quase não passa pela garganta, e meus gritos se transformam em sussurros.

Então desisto, e sei que não vai demorar muito.

Segundos depois, minha garganta se fecha completamente.

E um segundo antes de o dia tão claro ficar negro, penso em Audrey.

41

Abro os olhos, mas não totalmente.

Meu campo de visão é limitado. É como se eu estivesse com as mãos fechadas em círculo sobre os olhos, simulando um binóculo. Ouço um movimento e, como estou sem visão periférica, viro a cabeça.

Mason está sentado em uma cadeira ao lado do meu leito.

Apenas olho para ele. Mason sorri e pega minha mão esquerda; na dele, a minha parece estranha. Não dormente, mas… fora do lugar. Baixo os olhos para meus braços: estão inchados, como se tivessem sido enchidos de ar, além de vermelhos e empolados. Em um deles há um acesso intravenoso — não sei como eles encontraram uma veia naquela Daisy versão boneco da Michelin. Não preciso me olhar no espelho para saber que meu rosto está com a mesma aparência; instintivamente, toco minha bochecha inchada.

Os olhos de Mason estão marejados, e ele pisca repetidas vezes, como se tentasse segurar o choro.

— Oi, Daisy — diz ele com afeto. Olho ao redor, estreitando os olhos, tentando fazer com que funcionem direito. Mason interpreta isso como se eu não soubesse onde estou. — Você está no hospital. Foi atacada por abelhas, mas agora está bem. Está segura.

Solto a mão dele e dou tapinhas na testa, pois sei que não devo usar as unhas para coçar — não quero ficar com cicatrizes. Faço a mesma coisa no braço direito, e neste momento aparece uma enfermeira para ver como estou. Ela se inclina um pouco para a frente ao andar, como se fosse tombar. Seu cabelo é meio punk rock — descolorido até um louro quase branco e bem curto —, embora ela já tenha idade para ser avó.

— Bem-vinda de volta, mocinha — diz ela, pressionando um dedo em meu pulso e olhando para o relógio.

Suas palavras são gentis, mas a expressão é séria.

— Obrigada — consigo falar, embora meus lábios estejam grudados. — Você usou… — sussurro para Mason.

Ele balança a cabeça e olha de esguelha para a enfermeira. Ela faz alguma coisa atrás de mim, depois anota não sei o quê no meu prontuário. Mason espera que ela saia antes de me responder:

— Matt salvou você. Ele ligou para a emergência. E…

— O quê?

— Ele também falou com Megan.

Encaro Mason por um segundo, percebendo que ele já sabe que contei a Matt sobre o programa. Mas ter quebrado as regras pode ter salvado nossa vida. Mason não fala mais nada sobre isso, então decido ignorar o assunto também.

— Como? — pergunto.

Tap, tap.

— Pelo blog — responde ele.

Tap, tap.

— Isso foi muito esperto.

Passo o dedo embaixo do olho direito e então percebo o que está bloqueando minha visão: pele. Minha própria pele inchada.

— Sim, ele foi esperto — diz Mason, me trazendo de volta à conversa.

— Cassie… — começo.

Balanço a cabeça, incrédula, mas ao fazer isso as marcas das ferroadas no meu couro cabeludo roçam no travesseiro. Agora, dou tapinhas na cabeça também.

— Eu sei — diz ele. — Não acredito que ela estava vigiando nossos passos todo esse tempo. Conspirando com Deus. Não entendo como nem por quê…

Sua voz falha. Por um segundo ele olha distraidamente pela janela.

— Então eu morri? — sussurro, porque não sei aonde a enfermeira foi.

— Sim — responde ele, seus olhos verdes de novo em mim.

— Mason, me conte o que aconteceu — peço, principalmente porque quero saber, mas também porque preciso me distrair.

Já fui picada por abelhas antes, mas nunca a esse ponto. É como o inchaço da TPM, só que no corpo inteiro. Volta e meia tenho que abrir e fechar os dedos das mãos para manter a circulação e impedi-los de ficarem dormentes. Isso, somado à coceira e à queimação do meu corpo rejeitando o veneno, me faz achar que vou enlouquecer.

Mason me lança um olhar cansado; ele sabe que não estou me sentindo bem.

— Você precisa descansar — diz.

— Não. Me conte o que aconteceu — exijo.

— Tudo bem, Daisy — responde ele, dando tapinhas na minha mão, mas não forte o suficiente para passar a coceira. — Tudo bem. — Ele faz uma pausa

e se inclina para mais perto de mim, para que eu possa ouvi-lo apesar de estar falando baixo. — Matt contou a Megan que ouviu você dizer alguma coisa sobre Cassie…

— Ele ouviu aquilo? — interrompo-o, lembrando-me de estar caída no chão. Morrendo.

— Parece que sim — diz Mason, baixinho. — Bom, ele contou isso a Megan, que falou com David. Então David rastreou o celular de Cassie e suas chamadas recentes, o que o levou à localização de Deus. Depois de mandar equipes atrás dos dois, ele se concentrou em salvar você.

— Mas Cassie levou todos os frascos de Recomeço — digo. — E não havia ninguém por perto para administrar o medicamento.

— David fez meu avião aterrissar no meio de um campo e providenciou um carro para me buscar — continua Mason.

— Aposto que foi assustador.

Mason faz um gesto de mais ou menos com a mão. Dou tapinhas na bochecha.

— Os civis ficaram enlouquecidos — diz ele. — Acharam que fosse um ataque terrorista. Mas eu recebi uma mensagem de David ainda no avião, por isso sabia o que estava acontecendo. Aliás, foi bom eu ter pousado antes, porque Deus já tinha algo preparado para quando eu aterrissasse em Washington.

— Quanto tempo você levou para chegar até a casa? — pergunto, mudando de posição para ficar mais confortável.

— Por sorte, a rota do voo nos levou para o leste, então eu estava a apenas uns trinta e cinco quilômetros de distância.

— É longe demais — digo, balançando a cabeça. É estranho, mas desta vez não sinto as picadas. — Não daria para me trazer de volta.

De repente me sinto desorientada, como se eu assistisse à cena de fora do meu corpo. Percebo que as picadas não me incomodam mais. Mexo a cabeça de novo para ter certeza.

— A enfermeira me deu alguma coisa? — pergunto.

Mason assente.

— Estamos recorrendo a sedativos para manter você tranquila. Foram mais de cem picadas.

Minha cabeça tomba de volta no travesseiro, mas luto contra o sono; preciso saber o que aconteceu. Balanço a cabeça com mais força, para me manter acordada.

— Por quanto tempo eu fiquei morta?

— Doze minutos — responde Mason, sério.

— O quê? Espere aí… — Minhas pálpebras estão ficando pesadas. — Mas você disse que estava…

— Shh. Descanse um pouco agora. Mais tarde eu explico tudo.

Me recuso a fechar os olhos.

— Explique agora — peço, embora me falte convicção.

— Daisy, você morreu, mas não foi o Recomeço que a trouxe de volta.

— O que trouxe, então? — pergunto, finalmente fechando os olhos. Está muito difícil manter a consciência.

— Blá-blá-blá — ouço Mason dizer, mas tenho certeza de que não foi exatamente isso que ele falou. Me obrigo a abrir os olhos uma última vez.

— O que me salvou?

Desta vez, entendo por leitura labial:

— Reanimação cardiorrespiratória.

42

Quando estou me sentindo melhor e menos parecida com o monstro do Frankenstein, Mason me leva não para Omaha, como eu gostaria, mas para a casa de Megan, no estado de Washington. No mesmo dia ele pega seu segundo avião para a capital em menos de uma semana. Embora Deus e Cassie estejam em prisão preventiva, Mason quer que eu fique sob proteção até ele ter certeza de que tudo acabou. E eu, que ando me assustando com minha própria sombra, não me importo nem um pouco de ter alguém sempre comigo.

Por duas semanas, Mason me atualiza por telefone ou e-mail sobre o que está acontecendo, mas nunca me conta muita coisa. Tento ficar calma e aproveitar meu tempo com Megan, mas preciso de respostas para algumas perguntas antes de realmente seguir em frente.

E também há coisas a serem ditas.

* * *

Em minha penúltima noite em Seattle, ligo para Matt. Falei com ele duas vezes desde o acidente, mas foram ambas conversas muito rápidas e superficiais: na primeira, Mason estava no quarto, e, na segunda, Megan estava por perto.

— Está sozinho? — pergunto.

É tarde; Megan e sua mãe estão dormindo.

— Sim. Ouvindo um pouco de música. Como está se sentindo?

— Muito bem. Voltei a usar roupas normais, e as marcas já não coçam tanto. A sensação de ter um piercing na língua também sumiu.

— Que bom.

— Mas quem me olha ainda acha que levei uma surra.

— Pelo menos você está se sentindo melhor.

Ouço a respiração dele ao telefone; fico arrepiada.

— Ei, Matt — começo. — Eu queria agradecer.

— Não foi nada… de novo — diz ele, com uma risadinha.

— É sério. Acho que nunca vou conseguir agradecer o suficiente. Você

salvou minha vida. Vou ficar lhe devendo…

— Nem. Estamos quites.

— E o que eu fiz por você?

— Você… você também me salvou.

— Como assim?

— Acho que eu não teria superado a morte de Audrey se não soubesse que você estava ao meu lado. Mesmo a gente não se falando muito, só de ter você na minha vida… foi suficiente. Isso me ajudou. Me ajudou bastante. Sei que nunca vou superar completamente a perda dela, e nem quero isso, mas agora sinto que consigo lidar com a situação. E eu devo isso a você.

Ficamos em silêncio por alguns segundos. Penso em como é estranho que, após a morte de Audrey, quando passei um tempo sem notícias de Matt, fiquei tanto tempo me perguntando se o estava perdendo. Mas ele também mal conseguia ficar de pé.

— Eu estava prestes a lhe dizer uma coisa antes de tudo aquilo acontecer em Hayes. Antes de você atender a outra chamada.

— O que era? — pergunta Matt, baixinho.

Respiro fundo e decido ir em frente.

— Eu ia dizer que amo você.

Ouço-o soltar o ar rapidamente do outro lado da linha.

— Se tivesse dito — diz Matt, sua voz forte e sexy —, eu teria dito que também amo você.

* * *

Duas semanas e um dia após ter me deixado na casa de Megan, Mason está de volta. Diz que vamos retornar para Omaha no dia seguinte. Pulo de animação, até ele me trazer de volta à realidade:

— Seremos realocados de novo.

— Mas por quê? — pergunto. — Deus e Cassie estão presos. E eu morri no Texas. Todo mundo em Omaha acha que eu só fiquei doente.

— Nem todo mundo — corrige Mason, lançando-me um olhar incisivo.

Eu o encaro, confusa.

— O diretor do programa sabe que foi Matt quem chamou a emergência — continua ele. — Que alguém da sua escola em Omaha sabe que você morreu.

— Mas Matt sabe que eu estou viva — protesto. — Ele sabe sobre o programa — assumo em voz alta.

— Eu sei disso, mas o diretor não sabe.

— Você mentiu?

— Claro que menti. Estava protegendo você.

— Mas, Mason, nem foi o Recomeço que me trouxe de volta. Eu posso voltar para a escola e dizer a qualquer um que fui milagrosamente salva pela medicina moderna *normal*, depois de um ataque de abelhas. Todos vão ficar muito impressionados.

— É isso que o diretor teme — diz Mason.

— O quê?

— Que isso chame atenção para você — esclarece ele. — Que, se você voltar e disser que foi salva de um ataque de abelhas, as pessoas vão ficar interessadas. Vão tentar descobrir sobre seu passado. Há chances de exposição.

Fico quieta, sem saber o que dizer. Mason me encara com olhos cansados.

— Daisy, sei que você não quer ouvir isso, mas é melhor assim.

— Assim como? — pergunto, a raiva crescendo dentro de mim.

— É melhor irmos embora sem muito estardalhaço.

— Melhor para *quem*? — pergunto, pronta para explodir.

E então, com poucas e simples palavras, ele muda tudo:

— Para Matt. É melhor para Matt.

43

A casa em Omaha já parece estranha; acho que meu cérebro sabe quando é hora de partir. Desta vez, porém, meu coração quer ficar.

Mason me dá três horas para empacotar tudo o que for mais importante; a equipe de limpeza vai me mandar o resto. Passo uma hora jogando, sem vontade, roupas e livros na mala, depois mando uma mensagem para Matt, pedindo que ele me encontre no fim da rua. Arrasto minha mala escada abaixo e a deixo próximo à porta de entrada, para que Mason a carregue até o carro.

Mason está no porão quando saio. Talvez eu volte antes de ele subir, talvez não. De todo modo, encontrar Matt agora não é opcional. Escapo pela porta da frente e, ao sentir o ar fresco da tarde, abotoo o casaco, surpresa com o frio do inverno. Percorro dois quarteirões e paro na esquina, apenas por tempo suficiente para esfregar as mãos uma vez antes de Matt chegar.

Os segundos que se seguem após eu entrar em seu carro e bater a porta são como o intervalo entre uma música e outra de uma playlist muito romântica: é a ação suspensa; o mundo para de girar por alguns instantes. Mas você sabe que alguma coisa vai acontecer.

E então acontece.

Matt pega meu rosto entre suas mãos. Seus olhos estão intensos como nunca vi. Encantada, não conseguiria desviar o olhar nem se quisesse. Ele segura meu rosto por um momento, me encarando. E então…

— Não morra — fala baixinho, a voz falhando um pouco.

— Não vou morrer — prometo, torcendo para que seja verdade.

— Estou falando sério — diz ele. — Não vou suportar se acontecer alguma coisa com você.

— Eu sei — respondo, segurando seus braços.

— Leve a droga da injeção de epinefrina para a escola.

Eu rio.

— Vou levar.

— E fique longe de abelhas — continua ele. — Na verdade, é só não sair ao ar livre.

— Ok — respondo, voltando a rir.

— E… — Matt se aproxima; seu rosto a poucos centímetros do meu. —

Fique.

Isso é como um soco no peito; meus olhos se enchem de lágrimas. A expressão de Matt é tão franca, tão brutalmente honesta, que quero encontrar um motivo para desviar o olhar.

— Não posso — sussurro.

— Eu sei.

Ele me puxa para um abraço apertado. Estou inclinada sobre o console central, o câmbio da marcha pressionando meu quadril, mas eu ficaria assim por horas se pudesse. Nunca me senti tão confortável. Nunca a temperatura foi tão agradável. Aqui, nos braços de Matt, sou lembrada mais uma vez de que:

Nunca pertenci a nenhum outro lugar.

44

Como sou acostumada com mudanças, tento ao máximo ver os pontos positivos de nossa nova cidade — Alameda, na Califórnia. Uma pequena ilha entre Oakland e São Francisco, ela é o tipo de lugar em que todos adorariam morar… se o coração não estivesse preso em algum lugar do Meio-oeste.

Mesmo assim, eu tento. Passeando pela cidade, faço listas mentais dos pontos positivos de Alameda:

1. O clima.
2. A rua principal, que é moderna e tem lojas com roupas da moda, uma livraria independente e uma sorveteria estilo anos 1960, tudo no mesmo quarteirão.
3. A pequena praia com uma ótima vista de São Francisco; Matt iria adorar…

É difícil manter minha cabeça neste estado. Mas Mason faz o que pode para ajudar.

Quando chegamos à nova cidade, dois dias antes de eu começar o segundo ano pelo que espero ser a última vez, ele estaciona o carro em frente a uma casa. Eu fico me perguntando de quem será.

— Está perdido? — pergunto, olhando para a construção vitoriana que poderia ser cenário de um filme.

— Não — diz ele, sorrindo e esticando o pescoço para ver o topo da casa de três andares.

— Mason, você está me zoando? — pergunto, olhando a varanda que contorna toda a casa, sem conseguir acreditar.

— Não estou zoando você — responde ele, rindo. — Ela é maior do que precisamos, mas é uma construção histórica e eu gosto. Além do mais, nunca se sabe… nossa família pode crescer um dia.

Antes que eu tenha tempo de questionar essa última frase, Mason sai do carro e caminha até os degraus da varanda. Então acena para que eu o siga.

Quando cruzo a porta de entrada, fico boquiaberta. Pelo que Mason disse, a casa tem mais de um século, mas está bem-conservada. E como não estaria? Há painéis e adornos de madeira escura ao longo da escadaria. As estantes

embutidas me dão vontade de morar na sala de visitas. A cozinha é clara e arejada, com utensílios modernos; a sala de estar, enorme. E tem *cinco* quartos.

— Eu tenho meu próprio banheiro — digo. — E veja só este closet!

— Gostou? — pergunta Mason, meio tímido, como se a casa fosse um presente para mim. Acho que, de certo modo, é mesmo.

— É incrível — digo, parando um instante para olhar cada uma das três janelas do meu quarto.

— Mesmo que não seja em Omaha? — pergunta ele.

Inspiro fundo o ar da Califórnia.

— Mesmo que não seja em Omaha.

* * *

Na noite anterior ao meu primeiro dia de aula, bato na porta do quarto de Mason. Ele está usando calça de pijama e camiseta cinza. Deixa de lado o livro que está lendo para me dar atenção.

— Eu só queria saber como anda a investigação — digo, parada à porta.

— Ah, Daisy, não tem nenhuma novidade — diz ele, esfregando os olhos. — Acho que ainda vão levar meses para solucionarem o caso. Parece que nenhum dos dois está colaborando, e ainda tem muitas coisas a serem esclarecidas.

— Então o programa está suspenso até descobrirem o que aconteceu?

— Infelizmente, sim. Todos os arquivos, equipamentos do laboratório e o próprio Recomeço ficarão sob máxima vigilância até o diretor descobrir se havia mais alguém envolvido.

— O que você acha que eles vão fazer depois disso? — pergunto. — Acabar com o programa?

— É possível, mas improvável — responde Mason. — O diretor tem um histórico científico. Meu palpite é que ele vai assumir o projeto e cumprir o compromisso de trinta anos acompanhando as crianças do ônibus. Depois disso, porém, ele pode decidir encerrá-lo.

— Por quê? — indago, surpresa. — Ele não pensa em avançar? Embora Deus tenha ficado louco, o programa é um sucesso, pelo menos por enquanto.

Mason engole em seco e desvia o olhar.

— Não é? — pergunto.

— É. Mas você tinha razão.

Penso no que acabei de dizer, ao que ele pode estar se referindo. Como não falo nada, Mason esclarece:

— Daisy, Deus causou tanto a morte de Nora quanto o acidente de ônibus original, que deu início ao programa. Ele até se gabou de ter dado ao Recomeço o empurrãozinho que faltava. Você estava certa. Na verdade, os arquivos sobre o programa que encontramos em seu computador dão a entender que ele estava procurando outro "ônibus". Uma grande quantidade de pessoas para ser o novo grupo de teste. No escritório dele havia esboços de lugares como parques de diversão e cinemas.

— Aquários — digo, me lembrando.

— Aquários — confirma Mason, dando-se conta de que eu talvez estivesse certa sobre o homem na exposição do oceano ser Deus.

— Como alguém poderia fazer *isso*?

Não que eu esteja particularmente surpresa, mas fico triste por todos nós do programa, e também pelos que não fazem parte dele.

— Só sendo um sociopata — diz Mason. — E acho que é o que ele é.

— E Cassie? — pergunto, horrorizada.

— Sempre soubemos que ela era um gênio que se formou cedo e foi recrutada assim que saiu da faculdade — explica Mason. — Mas a verdade é que ela começou muito antes disso.

— Do que você está falando?

Estou confusa.

— Daisy, quando Deus chamou Cassie de Jesus naquele dia no Texas, não foi à toa. Cassie é filha dele.

Arquejo, depois balanço a cabeça. Mason termina de explicar:

— A mãe de Cassie os abandonou quando ela ainda era pequena, e acho que Deus viu isso como uma oportunidade para moldar a filha do jeito que ele queria. Quando o diretor descobriu o parentesco deles, por meio de testes de DNA, estudou os arquivos de Cassie com mais atenção. Ela sempre estudou em casa, e o pai nunca permitiu que ela tivesse amigos. Foi treinada no uso de armas e em táticas militares ainda pré-adolescente. Foi obrigada a entrar cedo na graduação. Basicamente, foi criada para ser uma agente. — Mason faz uma pausa. — Tendo crescido com um homem daquele, ela não teve nenhuma chance. Sempre quis agradá-lo, e acho que nunca conseguiu.

— Por que você acha que ele a colocou com a gente?

Mason suspira. Sei que ele se sente mal por não ter pressentido que havia

algo muito errado com Cassie.

— Acho que nunca saberemos com certeza. Mas acho que foi por sua causa.

— Por minha causa?

— É. Acho que Deus era um pouco obcecado por você — diz Mason. Isso me provoca arrepios. — Na época, quando o ônibus caiu da ponte, ele queria encontrar outro lar para você. Não queria que um agente assumisse uma criança. Mas eu lutei para ficar com você.

— Por quê?

— Nunca lhe contei sobre a minha esposa?

— Não, mas eu sei — falo baixinho.

Não sinto orgulho disso, mas bisbilhotei o arquivo pessoal dele. Eu fazia isso regularmente, até que descobri que ele tinha uma esposa que morrera em um acidente enquanto esquiava. Depois disso, fui tomada pela culpa e nunca mais abri o arquivo.

— Que bom — diz Mason, me surpreendendo. — Falar de assuntos pessoais não é meu ponto forte, mas fico feliz que você saiba. — Ele faz uma pausa. — Você teria gostado dela. Era muito divertida. E cozinhava maravilhosamente bem.

Sorrio.

— Tenho certeza de que ela era ótima.

— Ela sempre me incentivava. Durante a faculdade de medicina, me deu muito apoio. Depois, quando o programa tentou me recrutar pela primeira vez, achei que eu era muito inexperiente para aceitar. Recusei. Ela ficou chateada, disse que eu não enxergava meu próprio potencial.

Mason fica distraído por um segundo, então volta a falar:

— Mas ela morreu, como você sabe. Estávamos de férias no Colorado. Ela perdeu o controle dos esquis e bateu em uma árvore. Morreu na hora. — Seus olhos ficam nublados. — O que não consta dos arquivos é que ela estava grávida. Era tão recente que nem ela sabia.

— Sinto muito — digo quase em um sussurro.

— Obrigado. Foi horrível. Mas sua morte me trouxe para o programa. Decidi correr atrás do que ela queria que eu fizesse. E então, quando você apareceu, uma órfã, vi minha oportunidade. Era como se eu pudesse sentir Zoe me incentivando, me dizendo para fazer aquilo.

— Fico feliz que tenha feito — admito.

— Eu também. Só espero que eu não cause nenhum impacto negativo em

você, como Deus fez com Cassie — diz Mason, preocupado. — Eu fiz o melhor que pude, mas você não cresceu em uma família normal.

— Não importa que não tenha sido normal, mas sim que fui amada. E você não é como Deus. É um pai de verdade. Sempre serei grata pela sua decisão.

Mason me encara por um momento e abre um sorriso caloroso.

— Foi a melhor decisão da minha vida.

* * *

Quando apago a luz para dormir, a conversa que tive com Mason ainda fresca na minha mente, um pensamento horrível me atormenta: se Deus estava disposto a ir tão longe a ponto de matar vinte e duas pessoas de propósito para dar início a seu querido projeto, o que mais ele pode ter feito?

Se, por exemplo, Deus quisesse Mason no programa, mas ele não estivesse interessado, será que Deus lhe daria — ou à sua esposa — um empurrãozinho?

Será que ele seria capaz de matar a esposa de Mason para atraí-lo? *Faria uma coisa dessas?*

E quanto a mim e à minha tendência a sofrer acidentes? A culpa sempre foi toda minha mesmo? Claro, sou esquecida, e, sim, faço coisas idiotas. Todo mundo faz. Mas eu estava sob o jugo de um maníaco e sua filha ambiciosa.

O pensamento que me ocorre muito mais tarde, esta noite, é:

Se ele me matou uma vez…

Será que fez isso de novo?

45

Com a calça jeans skinny de Audrey e uma blusa roxa, atravesso os portões da Alameda South High School sentindo-me, ao mesmo tempo, animada e nervosa. Todos olham para a garota nova, mas, graças ao tour que fizeram comigo logo depois da matrícula, não tenho que passar pelo constrangimento de perguntar o caminho a ninguém.

Uma menina baixinha sorri para mim do seu armário, que fica ao lado do meu. Seu cabelo é louro e comprido, e os olhos, verdes, mas não chegam aos pés dos de Mason. Sinto um frio na barriga quando me lembro de como conheci Audrey. Mas, em vez de me virar e ir embora, me obrigo a sorrir para ela antes de tentar abrir meu armário.

— Primeiro dia? — pergunta a garota, puxando conversa.

Olho para ela.

— Sim. Acabamos de nos mudar para cá.

— Meu nome é Elsie Phillips — diz ela, voltando a sorrir. — Cheguei em agosto, de Portland.

— É um prazer conhecer outra transplantada — brinco. — Vim de Omaha. Sinto falta de lá, mas fazer o quê?

— Sei como é — diz Elsie, jogando a mochila no armário. — Portland é a minha Disneyland.

Eu rio um pouco, e ela também, mas então há um silêncio constrangedor, quando parece que nenhuma das duas tem mais nada a dizer. Volto a pensar em Audrey. Nunca ficávamos sem assunto. Por outro lado, Megan e eu não trocamos mais do que cinco palavras quando nos vimos pela primeira vez.

— Bem, acho que vou para a minha aula — diz Elsie. — Você sabe onde é a sua?

Franzo a testa e olho em torno por um momento. Então aponto para a esquerda.

— Acho que é por ali.

— Não se preocupe, é fácil se achar aqui. E o pessoal é bem legal. Você vai gostar.

— Obrigada — digo.

Então nos damos as costas, mas logo a ouço me chamar.

— Ei, como é mesmo seu nome?

Sinto um embrulho no estômago. A FDA me deu uma nova identidade, e desta vez não apenas o sobrenome, para o caso de o programa ser encerrado e esta cidade se tornar meu lar definitivo. Alegaram que Daisy era um nome muito diferente.

É a primeira vez que digo meu novo nome em voz alta:

— Ah, desculpe — falo casualmente. — Acho que não me apresentei. Meu nome é Sophie. Sophie Weller.

Mason sugeriu Sophie porque era o nome de sua mãe. E eu não sabia até semana passada, mas Weller é o sobrenome verdadeiro dele.

— Muito prazer, Sophie.

Elsie se vira e vai embora, e não posso deixar de notar, enquanto vou para a primeira aula, que não me incomodo em ser Sophie Weller. Não parece uma encenação. Endireito a postura e ando um pouco mais confiante em minhas sapatilhas novas, esperando que logo a saudade de Omaha não seja tão insuportavelmente grande e que eu me sinta Sophie Weller o tempo todo.

Epílogo

É fim de maio; o ano letivo está quase acabando. Em poucas semanas, Matt viajará até a cidade de São Francisco para passar o verão no acampamento de música. Poderemos nos ver toda noite e nos fins de semana, e estou tão animada que mal posso me conter. Pensar em seus lábios nos meus me dá arrepios; e imaginar meus dedos em seu cabelo é quase suficiente para me fazer matar as provas finais e pular em um avião com destino ao Nebrasca.

Foi incrivelmente fácil como conseguimos continuar namorando mesmo a mais de dois mil e quinhentos quilômetros de distância. Conversamos ao telefone e trocamos mensagens de texto e e-mails todos os dias; nos fins de semana, quando temos mais tempo, usamos o Skype. Ele disse aos pais que ficou arrasado quando Mason foi repentinamente transferido para Alameda, e eles o deixaram passar cinco dias inteiros aqui comigo no recesso de primavera. Embora às vezes a distância desgaste muitas relações, de algum modo funciona para nós dois. Talvez porque saibamos como é realmente perder alguém, então a separação física não é tão catastrófica.

Mesmo assim, Matt só está se inscrevendo para faculdades no norte da Califórnia.

Dentro e fora da escola, ando com Elsie, Ella e Sarah. Ella e Sarah estão sempre tentando me convencer a terminar com Matt e sair com um cara do nosso fuso horário, mas Elsie me entende. Embora tenha terminado o namoro quando se mudou de Portland, Elsie ainda pensa muito no ex-namorado. Nós fomos ao baile de formatura com o namorado de Sarah e três amigos dele. Foi uma noite divertida e descontraída, mas sei que no ano que vem, a distância que se dane, irei ao meu baile de formatura com Matt.

O programa Recomeço ainda está suspenso, mas Mason acha que vai ser retomado no outono. Parece que o diretor quer continuar as pesquisas. Fiquei surpresa por temer a volta do “agente” Mason. Tenho adorado tê-lo por perto todos esses meses. Agora somos só nós dois, mas, quando o programa recomeçar, Mason sem dúvida terá uma nova parceira.

Estou tentando não pensar nisso por enquanto.

Por ora, estou habituada à vida em Alameda como estava em Omaha… ou quase. Mesmo com a escola, os amigos e a vida amorosa nos trilhos, ainda resta um buraco negro em meu coração, e parte de mim foi deixada em um quarto

com uma parede pintada com tinta de quadro-negro; em um carro amarelo como o sol; em um armário na Victory High School; em uma risada linda e radiante.

Não há um dia em que eu não pense em Audrey.

Não há um dia em que eu não sinta sua falta.

Mas sentir saudade não é o mesmo que estar paralisada, como fiquei no começo. Sei que nunca serei completa sem ela. Porém, encontrei um jeito de ser feliz com esta nova versão de mim, a versão com um pedacinho faltando, mas que também entende melhor o valor da amizade.

O valor da vida.

Audrey me ensinou isso.

Então, em vez de chorar quando penso nela, converso com ela. Ouço suas músicas preferidas. Pinto minha parede com tinta de quadro-negro e escrevo uma lista de coisas incríveis sobre ela. “Curto” Jake Gyllenhaal no Facebook.

Mas também aceito minhas novas amigas e minha nova vida.

Porque o que aprendi com o tempo maravilhoso que passamos juntas e com as palavras na carta já gasta que mantenho sempre por perto foi o seguinte: Audrey nunca quis partir o coração de ninguém.

Então, sempre vou me lembrar…

Mas também seguirei em frente.

Agradecimentos

Funciono muito melhor quando estou ocupada.

Por isso é que comecei meu segundo livro quando ainda estava no meio do processo de edição do primeiro, *Deslembrança*. Escrevi metade do segundo e então comecei um terceiro. Sem saber qual dos dois terminar, pedi conselho a meu guru editorial, Dan Lazar, da Writers House. Ele disse para eu seguir meus instintos. Foi o que fiz, e, se você gostou de *Recomeço*, deve a Dan quase tanto quanto eu (ou seja, muito… o cara é o melhor agente de todos os tempos). Por falar nisso, também agradeço aos meus outros conhecidos na Writers House: Stephen Barr, Cecilia de la Campa, Angharad Kowal, Chelsey Heller e aos agentes que negociam direitos de publicação no mundo todo.

Recomeço levou cerca de um ano para ser escrito, reescrito e então reescrito de novo. Durante esse tempo, busquei o apoio de diversas outras pessoas que me ajudaram a superar o que depois descobri ser a Síndrome do Segundo Livro. Quero agradecer a todos que me ajudaram a dar à luz este livro:

À minha simplesmente maravilhosa editora na Little, Brown, Elizabeth Bewley. Obrigada pelo seu tempo, por sua paciência e seu apoio. Sem você, Daisy talvez ainda estivesse perdida em Nova York e Cassie ainda fosse um homem indiano. Foi também graças a você que assisti ao vídeo mais engraçado de todos os tempos na internet.

A Ali Dougal, da Egmont UK, Karri Hedge, da Hardie Grant Egmont, e aos outros editores ao redor do mundo que, de modo tão entusiasmado, ajudaram a levar *Recomeço* às mãos dos leitores: obrigada.

A Nancy Conescu, que apostou neste livro antes que houvesse sequer uma palavra escrita.

Às publicitárias Jessica Bromberg, da Little, Brown; Vicki Berwick, da Egmont; e Jen Kean, da Hardie Grant Egmont, que, sejamos diretas, simplesmente arrebentam.

Ao maridão. Obrigada pelos sábados com as meninas e por abrir uma boa garrafa de vinho a cada conquista. Por dedicar-se menos ao seu hobby para que eu pudesse me dedicar mais ao meu. Pelos (uau!) dez anos.

Às minhas macaquinhas. L., obrigada por se oferecer para me ajudar a desenhar — em vez de escrever — aquela frase em que eu estava travada. C.,

obrigada por sugerir que meu próximo livro deveria ser sobre “(Tio) Ryan, um leão e a Barbie”. Vocês são tudo para mim. Simplesmente… tudo. Amo vocês.

Aos meus pais. Obrigada por terem me amado mesmo durante minha adolescência. Obrigada pelo apoio incondicional.

A minha irmã, meus irmãos, minha cunhada, meu cunhado e meus sobrinhos. Ao vovô e a toda a família de Cheyenne, Teams L.A. e CT. Amo todos vocês.

Àqueles que leram o rascunho de *Recomeço* e me ajudaram a dar forma ao mundo de Daisy: Amy, minha querida amiga, obrigada por estar sempre ao meu lado e por ter lido, apesar dos esforços do pequeno E. Kristin, minha leitora dinâmica: o que eu faria sem você? Judith, você tem superpoderes para fotografar e ninar bebês. David, lembrei: nada de abelhas ou blusas cor-de-rosa. Brad e Kim, obrigada por serem meus especialistas em Omaha.

A Christopher, minha luz. Obrigada por ser o “ele” no meu ele disse/ela disse — não apenas no livro, mas na vida também. E a Arne, porque você merece.

A Janine, a pessoa mais inteligente que conheço. Obrigada por me ensinar o que uma máquina de PCR faz e por não rir da minha cara quando lhe falei sobre a “ciência” por trás de *Recomeço*.

Aos colegas autores Jay Asher e Daisy Whitney, obrigada por oferecerem um pouco de seu tempo valioso para me aconselharem. À minha incrível rede de amigos em toda parte do mundo, que me dá apoio incondicional: obrigada por me acompanharem nesta jornada.

E, finalmente:

A Sarah, uma amiga da família que inspirou as partes mais tristes da história de Audrey. Há muitos anos que não a vejo e, mesmo assim, sempre me lembrarei da sua vivacidade… e do seu sorriso.

Sobre a autora



Cat Patrick também é autora de *Deslembrança*, seu primeiro romance. Quando não está escrevendo, Cat se veste de super-heroína, experimenta novos restaurantes e se prepara para o apocalipse zumbi. Ela mora perto de Seattle, nos Estados Unidos, com o marido e as filhas gêmeas.

Conheça outro título da autora



Deslembrança

Table of Contents

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Epígrafe
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30

Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Epílogo
Agradecimentos
Sobre o autor
Conheça outro título da autora